

João Luiz Lacerda

UAI

UM JORNAL BEM MINEIRO

NOVA
LETRA
GRÁFICA & EDITORA

Alfenas (MG)

Copyright 2014 João Luiz Lacerda

Revisão

Eloésio Paulo

Capa

Reprodução do cabeçalho do UAI

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L131u	Lacerda, João Luiz. Uai - um jornal bem mineiro / João Luiz Lacerda – Blumenau : Nova Letra, 2014. 176 p. ISBN 978-85-7682-916-4 1. Jornal Uai. 2. História do jornalismo. 3. Resistência à ditadura. 4. Alfenas, Minas Gerais. I. Título.
-------	--

CDD 070.9

As novas narrativas da América Latina das décadas de 60 a 80 do século passado surgem, agora, com o testemunho que preenche lacunas e desfaz lendas do poder. Esta é a alentadora herança que fica: qualquer que seja o desafio imposto pela força, pelo silêncio, pelo arbítrio, sempre restará a palavra que redime, a palavra que honra, a palavra que fala. Cedo ou tarde, lembramos e contamos. Palavra por palavra.

Luiz Cláudio Cunha, jornalista, Observatório da Imprensa, 31/out/2011, edição 666.

UAI – UM JORNAL...

Nas páginas do livro, um pouco da história do jornal UAI.

Surgiu em Alfenas, depois se estendeu pela região e retornou para Alfenas na sua última fase.

Foi parte de um tempo na imprensa do interior, de um período político marcado pela ditadura militar, abrangendo de 1977 a 1986 com algumas interrupções na sobrevivência.

Em alguns momentos, além de batalhar pelo retorno à democracia, de denunciar a corrupção, os abusos administrativos nas prefeituras, a prepotência do Poder e mariposas à volta, o UAI registra os preconceitos sociais e raciais de uma sociedade elitista, cultivada e cultuada pelo longo processo histórico de colonialismo político, social e comercial. E constata a hipocrisia, a covardia e mesmo a boçalidade de camadas da sociedade.

O UAI pretendeu ser também um ponto de convergência cultural, debates, divulgação de uma cultura artística e representativa.

Para que a trajetória desse JORNAL BEM MINEIRO não se perdesse em poucos exemplares, muitas vezes à disposição do abandono e alimento para traças, Domingos de Abreu Miranda e Henrique de Souza Miranda me indicaram para a tarefa da *escrevinhação* do livro.

Livro pronto. Que a leitura tenha algum alento e que estas páginas permitam um cadinho a mais de anos de sobrevivência da história de uma época.

O Autor

APRESENTAÇÃO

Quando Alfenas não era uma ilha

Tudo é recorte. Antoine Compagnon, em *O trabalho da citação*, usa uma metáfora brilhante para definir o trabalho do escritor: o livro como cerca que contorna as idéias e palavras das quais alguém quer se apropriar. E a sensação que tive ao ler este livro, além do estranhamento de me ver como personagem de outrem – pois que de nós mesmos sempre o somos –, foi deparar com um recorte da História que ao mesmo tempo é e não é o meu. Tentação de concretizar agora mesmo o projeto, adiado há bons anos, de escrever um romance sobre minhas ilusões perdidas. Mas o impulso passa, e ainda ficam para depois as recordações do escrivão. Falemos da aventura que foi o UAI, no que me coube dela participar. Advirto o leitor, no entanto, de que meu recorte não primará, como o de nosso historiador, pela busca da imparcialidade.

Era o ano de 1983, e acabava de ser criado o *Jornal dos Lagos*. Na sala de reuniões do professor Edson Velano, presidente da FETA, havia um mapa da microrregião de Furnas a que alguns de seus áulicos se referiam como “a grande Alfenas”. Soava isso, como tantas outras falas e ações, um pouco estranho para o rapaz de 18 anos que, sabendo de imprensa apenas o que conseguira captar na leitura de um livro intitulado *Noções de jornalismo aplicado*, via-se encarregado de redigir praticamente todo o texto do semanário. E que tinha topete de discutir ortografia com o patrão, na época um esboço já bem desenvolvido daquele potentado que viria a pautar por duas décadas o destino da cidade – mas não o da “grande Alfenas”, que acabou se revelando uma ficção insuficiente até para, digamos, eleger deputado estadual.

Por meio de um funcionário da FETA que estava na linha de frente do UAI, Daniel de Carvalho, fui convidado a revisar o jornal de esquerda – naturalmente, a leite de pato. Como os jovens pensam poder tudo, aceitei mais esse encargo como ainda aceitaria rádio, TV, o ativismo político e o magistério, de tudo isso sabendo praticamente nada. Minha revisão gerou insatisfação, porque, messiânico, não me contentava em corrigir a gramática e o estilo, mas dava palpites na linha editorial; lembro-me de ter chateado muito o autor de um artigo sobre a odontologia em Cuba com observações cáusticas relativas à “desimportância” do assunto. Mas o jornal precisava muito de mais um colaborador, e o aprendiz de jornalista

muito ansiava por fazer algo em que acreditasse um pouco mais do que naquele seu primeiro emprego com carteira assinada. Daí o envolvimento deste escrevinhador com o restante da história do UAI.

De todas as lembranças daquela época, a imagem mais engraçada me parece esta: o presunçoso aprendiz, havia pouco tempo vindo de Areado, de repente se vê em meio ao fogo cruzado de várias correntes que combatiam a ditadura, em Alfenas personificada por três ou quatro sujeitos deprimentes, dos quais quem não virou nome de rua é porque a morte ainda lhe voa em círculos ao redor. Havia na pacata aldeia, onde alguém poderia boemiantemente voltar para casa a pé, fossem duas ou seis da madrugada, uma “célula” do PCdoB, meia dúzia de moços barbudos tentando pôr de pé o PT, gente do Partidão e até da Libelu. Muita igreja para poucos fiéis, enfim. As reuniões do UAI, além de servirem à formulação de estratégias de sobrevivência para o jornal, resultavam em infundáveis discussões políticas sobre a ditadura nacional e a local, ambas agonizantes (mas isso nós sabemos hoje). No meio daquela algaravia ideológica que às vezes acabava no boteco, eu me sentia disputado por cinco ou seis correntes políticas e ficava perplexo, porque tinha consciência, mesmo difusa, de que precisava me livrar do catolicismo primeiro para depois pensar e sentir por conta própria.

Leitor amigo, Alfenas não era uma ilha. Esboçada nas personagens locais, repetia-se em escala provinciana a mesma luta que se travava em São Paulo, em Brasília e no Rio de Janeiro, quando ainda havia Rio de Janeiro. Não por acaso aportava por aqui, de vez em quando, Tancredo Neves em pessoa. Alfenas, “grande” ou nanica cheia de fumaças, contava alguma coisa no tabuleiro da política estadual e até da federal. E isso porque a política não tinha ainda sido exterminada em nível local ou achincalhada de vez em nível brasileiro: naquele momento era palpável a conexão entre o que diziam os políticos e o que o povo percebia no mundo real. Os políticos e a imprensa, que a gravidade do momento histórico ainda não permitia à gente imaginar como o jornalismo ia degenerar-se na prática amadorística do boato, na contrainformação profissional e na carolice fuxiqueira e pornográfica sobre as “vidas” de famosidades.

Entrevistei Tancredo naquela época, poucos meses antes de sua vitória no Colégio Eleitoral, na lendária, quase kafkiana (pois quem entrava lá?) “mansão do Sanico”, e o governador já babava um pouco no paletó – literalmente: sujou-se com o recheio de uma coxinha. Mas sua inteligência

continuava intacta perante a pretensão do foga a fazer-lhe perguntas embaraçosas. Na outra casa do Sanico, certo episódio lírico se deu na noite do comício pelas Diretas-já... mas isso é matéria para o ameaçado romance. Voltemos a Alfenas, que fica a poucos quilômetros da Fazenda do Lobo, onde o uísque corria farto e gratuito naquela noite, mas onde nada havia de mais sedutor que uma estudante de Enfermagem na EFOA, um de cujos encantos menores não era o sobrenome russo: alguma coisa da pregação pró-soviética havia, afinal, se aninhado no espírito do militante-escrevinhador em gestação.

Mas acabou o comício, Tancredo foi protagonista da tragichanchada em que os políticos transformaram a maior mobilização popular da história deste país. Não sei se o grito de “Diretas-já” foi o momento culminante do UAI, sei apenas que, frustrado o sonho de enterrar bem enterrada a ditadura, ficou nas bocas um gosto de derrota. Ainda havia algumas tarefas a cumprir, mas a fase “heroica” do jornal tinha ficado para trás. Não contávamos mais com o Henricão, “dentistando” (como ele gosta de dizer) por aí afora; nem com o Domingos, na labuta paulistana de sobreviver como jornalista, já então com família para criar. Não contávamos, principalmente, com a esperança de que se pudesse fazer de Alfenas algo diferente. Afinal, ia-se desenhando no horizonte um tempo feito de sarneys e collors, anticlímax perfeito de todas as utopias gestadas na luta contra o regime entreguista dos militares. Aqui está: meu recorte da história do UAI é melancólico. E pudera: em breve estaria de volta o avantesma político cujo miasma a inépcia de algumas lideranças políticas locais, a pusilanimidade de outras nos faria ainda respirar por duas vezes.

Nosso bravo jornal, bravo porque contava com a persistência teimosa de um Gildo, um Carlinhos, um João Luiz Lacerda, perdia sua importância, não à medida que, mas ao passo que Alfenas se tornava uma ilha. Uma ilha por sua especificidade econômica, uma ilha pelo desinteresse de sua classe endinheirada (o mais das vezes, nem tanto) em fazer política, uma ilha por sua composição social cada vez mais rarefeita, esgarçada pela invasão de forasteiros que não se integravam e não queriam integrar-se além do desfrute de uma estação de veraneio. Uma cidade descartável, e para que jornal em uma cidade descartável? Sobretudo para que um jornal sob o signo da utopia, quando a distopia se instalava ao som onipresente do axé e do pseudosertanejo com suas botas e fivelas texanas a atestar que a burrice tinha inapelavelmente vencido? Para completar, vez por outra ressurgia da tumba o velho zumbi que havíamos julgado

morto pela nova circunstância histórica do país. E a florida cultura alfenense dos anos 1980, reduzida agora à mazzaropada involuntária que nos transforma em piada no Youtube?

Depois havia as contingências pessoais, cada um dos integrantes do jornal indo pro seu lado cuidar da vida, tendo havido aqueles que perderam um moral que a rigor não lhes pertencia, pois ninguém se aventura impunemente na política. Este escriba, já nem tão inocente, mas ainda insistindo em cantar nas freguesias utópicas, em Pouso Alegre vai encontrar o Henricão “dentistando”, mas já convertido da política partidária ao ativismo ecológico. Em resumo, pode ser que o UAI ainda fosse necessário no final dos anos 1980, mas ele não era mais possível.

Trabalhando na *Folha de S. Paulo* em 1992, vim a constatar, com desgosto, que o jornalismo se tornava cada dia mais irrelevante, mesmo para muito além da pequena “grande” Alfenas; quem diria, o jornalista já não passava de um operário produzindo centímetros de coluna a serem amputados de acordo com o tamanho dos anúncios...

Pergunto-me se caberia um UAI na internet, e a resposta que me vem, de chofre, é um sonoro não. O UAI fica sendo, por meio deste livro do João Luiz, o signo de um tempo em que existiu política em Alfenas. Ela, qualquer das duas, foi asfixiada pelo sertanejo “universitário” de uma nota só, pela sublocação coletiva das meninas de boa família ao som de bahias pré-fabricadas. Daí o sentido e a importância do resgate histórico feito aqui. Uma vida inteira que podia ter sido e que não foi. Fotografia na parede, mas como dói.

Eloésio Paulo
Professor da Universidade Federal de Alfenas

SUMÁRIO

Devagar 13

Andanças 27

Existência 37

UAI 49

Caro leitor 71

Bem Mineiro 129

Balaio 163

DEVAGAR

Caro leitor, houve um tempo, sabia?, em que havia um extenso platô nos interiores do que se convencionou por força de exploração e cobiça de minas, de Minas, bem gerais, Minas Gerais. E delimitado, por facilidade de entendimento do que mormente abordamos ou queremos de, sul de Minas, Minas Gerais, perto, encostado, atado na força de um santo São Paulo. Não percamos o fio da meada do platô, elevado, tão elevado, mas tão elevado que ficava acima, bem para cima, de todas as elevações circunvizinhas. E mais ainda, caro leitor, sobre tão formoso e altaneiro cume, mais alto ainda se elevou construção e, lá em cima, no cocuruto da obra, uma cruz se colocou para mais longe se ver a natureza. Ora, diz leitor atento, ver a natureza onde ela era já então abundante no tempo lá longe? Meu caro, prossigo a prosa, também a natureza humana, uai! Por que não? Ela, essa natura, dentro de animal humano, tão reles ao chão, à terra, que os olhos só veem quando eles, a cabeça que os carrega, se alevanta para ver luz, ou escuridão. E assim el-rei autorizou, que havia rei com coroa e corte obediente, às vezes quase, naquele tempo. Então, vassallos cumpriram solenemente. E no topo então se ergueu, e a história e a poesia espalham os feitos, vicissitudes e espaçamento imobiliário do mistério que ora me fornicia interrogações, **se é Alfama, se é Alfeite, essa formosa dama... vem-me auferir Seu Zé Leite e alfaraz ao fenestrador afianço: nem Alfama, nem Alfeite, é Alfenas, pura e apenas pois s'Alfenas não fosse...**

Nos louvores poéticos, nas melosas e ufanosas prosas carpidas em conversas distantes, esparsas e sempre, e também em folhas impressas a lápis e em formas tipográficas, a ladainha enaltece e orgulha **teu vermelho sol poente, quando ao longe vai tombando, encanta, deslumbra a gente.** Também nas inconfidências nutridas de saudade, como sói ocorrer com saudosistas inconformados, olhamos, e **olho os lados do nascente, nuvens brancas sobre a serra. Saudades da minha gente! Saudades da minha terra!** Até Deus, Ele mesmo, caro leitor, que motivou erguimento de cruz e cruces por extensões de terras e além-mar antes, e dantes nunca navegados, e provocou ajuntamentos humanos de vida, morte e até mesmo morte sofrida antes de morrida, ocupa poetamente, compreensivelmente, árdua tarefa de salvamento de almas,

HINO A ALFENAS

Música: Maestro Agenor Reis

Letra: Maria Conceição Carvalho (Zinica)

És minha Alfenas querida,
Uma joia do Brasil.
Surges tão bela e amena
Sob um doce céu de anil

Tuas ruas e tuas praças
Têm encantos que seduzem,
Teus horizontes distantes
A meditar nos conduzem.

Tuas escolas são templos
Abençoados por Deus.
Nelas estudam e aprendem
Os jovens e filhos teus.

Tuas indústrias têm fama,
Tuas igrejas são belas,
A rezar o povo chama
E a piedade mora nelas.

Teu vermelho sol poente,
Quando ao longe vai tombando,
Encanta, deslumbra a gente.

Tuas noites são serenas,
São doçuras, são poemas.
Tens feitiço, minha Alfenas.

OS ANJOS DA NOITE

José de Ávila

*Um dia, Deus ocupado
Em ultimar os arranjos
Do Universo, descuidado,
Não viu saírem uns anjos*

*Com muitas tintas na mão.
Uns restos de tintas velhas
Mas, que lindas todas são.
Umaz - um fogo: vermelhas;*

*Outras - um ouro: amarelas
E mais outras de outras cores:
Azuis e brancas - singelas;
Roxas... verdes... uns amores!*

*Esses anjos - vejam só!
Iriam pintar o sete.
Pegaram em tintas em pó
De que fizeram confete.*

*Puseram elas no chão,
Molharam nelas as penas,
Saíram pela amplidão
Pintando o poente de Alfenas.*

ALFENAS

Se é Alfama, se é Alfeite
essa formosa dama
vem-me auferir Seu Zé Leite
e alfaraz ao fenestrador afianço:
nem Alfama, nem Alfeite
é Alfenas, pura e apenas
pois s'Alfenas não fosse
onde mais, Seu Zé, me diga
alfenins afobados alfenam-se
pros alfeças seus alfobres afofarem?
onde mais, Seu Zé, me diga
alfênicas alfaiadas, desaforadas
alforriam da alforra suas alfafinhas?
onde mais, Seu Zé, me diga
dos fuxicos das alfeires
fogem afoitos os d'alfurja?
onde mais, Seu Zé, me diga
os alfanjes dos alferes não ferem,
afrouxam, os alfaneques?
onde mais, Seu Zé, me diga
nos alfarrábios locais
Alfarabi Pires e Jacques Alfieri
alfinetam os alferças
à força de alféolas?
Seu Zé, onde mais se não aqui
corre/rreu o Alfeu/Sapucaí?

Jovany Sales Rey
"Possibilidades"

SAUDADE

Antônio Tibúrcio

Olho os lados da nascente,
Nuvens brancas sobre a serra.
Saudades da minha gente!
Saudades da minha terra!

A saudade é dor pungente,
Quando a gente se desterra,
Mas, que doçura se sente
Nesse amargo que ela encerra!

Viver longe é ter latente
Castigo no coração,
É ter o corpo presente
E a alma na solidão.

Fecho os olhos e medito,
Acendo a imaginação:
Vejo, em sonho, um ser bendito,
Colado ao meu coração;

Olho os lados do nascente,
Nuvens brancas sobre a serra.
Saudades da minha gente,
Saudades da minha terra!

Que, um dia, Deus, ocupado em ultimar arranjos do Universo, descuidado, não viu saírem uns anjos... Deus descuidado, e as criaturas que ele criou então? Fenomenal descuido divino que, ainda bem, esses seres imaginativos de asas e cuidares **pegaram em tintas e em pó de que fizeram confete. Puseram elas no chão, molharam nelas as penas, saíram pela amplidão pintando o poente de Alfenas.** Não importa cansativo, repetitivo, porém mais versos incluo para confirmar para incrédulos o assunto que se trata aqui e deixar claro e clareado o tempo passado, e bem distante mesmo quando **cruzou mares distantes uma semente portuguesa (com certeza) Alfena árvore frondosa. Onde estão suas sementes? Na minha terra Alfenas.**

Neste parágrafo, um pouco do que se quer, se pensa, em diante nas andanças mentais de um tempo alfenense qualquer, no silêncio avaliativo, reflexivo, de uma **canção a Alfenas...** de um poeta, poetisa, que em algum momento saberemos sabidamente - **calou dentro de um verso, o mistério do rever que acordara em mim um passado, discretamente velado, que não pensou em morrer...**

Coloquemos versos na algibeira e estiquemos pernas e lembranças por ruas e praças que o asfalto escondeu, por ruas e praças que nasceram nas terras dos Alfenas, do São José e das Dores, a esposa, e de tantas outras ruas e praças que brotaram a reboque do entulhamento humano que o tempo fez prosperar. E a formosura da vila, freguesia, cidade, cativou gentes de todos os matizes, interesses, exemplo de bem, esconderijo também de falcatrua, que assim é o mundo, de traições que livro bíblico narra, corrupção sempre mais selecionada que brota à boca-pequena e, quando atinge gritaria geral, quase sempre acaba no repouso do cala-te boca, no esquecimento. Se andar é penoso para o corpo e para a disposição, alguns passos, também fotos, levam-nos a contemplar paralelas que vão longe, somem no comprimento e acabam desfalecendo no vazio da urbe. Outras paralelas, preguiçosas, oportunistas, brotam de dentro de outras, inexplicavelmente, para, mais adiante, debruçarem-se sobre novas paralelas – as ruas são sempre paralelas que não conduzem ao infinito e se contentam apenas com pés e vozes dos humanos.

Observe, caro leitor, a rua Tiradentes se encomprida como se procurasse o personagem de tanta comemoração cívica. A São José, então, talvez se alongue para diluir maldição da rua Pedra Branca, e o santo, talvez, boníssimo, seja portador de perdões e remissão para o infortúnio. A rua

Gaspar Lopes e os gasparlopeses

Hélio Moreira
Jornal dos Lagos
16 julho 2005

Na verdade, estou mais perto da caixa d'água do que da estação, a jardineira ainda não "deu o ar da graça", facilitando, por consequente minha visão de menino.

Quem me vê falando em rua principal deve pensar, também, em muitas outras ruas secundárias. Éramos tão poucos, eram tão poucas as nossas ruas! Acho que consigo contá-las com os dedos das duas mãos. Eram nomeadas por nomes próprios? Sinceramente não sei, eu as conhecia por rua da casa do Sr. Zequinha Banhos, rua perto do latifúcio do Sr. Bernardo Piazzalunga, rua onde morava meu tio José Pereira, rua onde morava o Sr. João Corrêa etc.

A rua a que estou me referindo como "principal" refere-se àquela localizada logo acima da estação de ferro, onde existia a maioria das casas de comércio e, se continuássemos por ela, iríamos chegar à cerâmica do Sr. Calixto Lupi.

Bem na esquina, quase de frente para quem olha, vejo a casa do Rômulo Braga, com-

Sinceramente, fiquei na dúvida se não era ali a antiga casa do sr. José Chicuta; se for verdade, novamente fui traído pelas minhas reminiscências, pois sempre a imaginei muito maior!

Reminiscências são como o buquê do vinho elaborado com cepa de uva de qualidade superior e que inunda

nosso olfato. Cada vez que testamos nossa capacidade de descobrir o odor que exala do cálice, sempre iremos descobrir novo perfume.

Mesmo que o vinho seja o mesmo e da mesma safra, ele muda de aroma e de sabor com o tempo, as emoções serão sempre outras!

Correndo os olhos para a esquerda, vejo a "venda" do sr. Ângelo Agostini [?] nente, vi-me te -

Canção à Alfenas que foste

Lupia

... E eu puz saudade nos olhos
distantes do passado...

E deixei que eles vagassem
mudos pelo casario
e descambassem depois
pelas colinas,
bebendo fartamente
o rir da tarde,
no verde das campinas...

Vi então,
cheia de espanto,
a igreja antiga
da minha evocação...

Revi as magnólias,
a paineira amiga,
a casa grande
onde eu nasci...
E no coreto do jardim,
— grave — a lembrança
do meu sonho de criança...

Renascendo tudo,
de repente ficou mudo
o olhar do tempo
que m'invade...
...E calou...
Calou, dentro de um verso,
o mistério do rever
que acordara em mim um
discretamente velado, [passado,
que não pensou em morrer...

Alfenas, outubro de 1967

Jornal Indicador
15 out 1967

ALFENA

Cruzou mares distantes
Uma semente portuguesa
(Com certeza)

Alfena

Árvore frondosa
Onde estão suas sementes?

Na minha terra

Alfenas.

Ida Vieira Luppi
"Lampejo"

Juscelino Barbosa, tão alongada, até parece vinda do Cabo Verde, é a do Juscelino, simplesmente, que tanta coisa aqui construiu, benemérito, e melhor é que, além de perpetuar nome, também perdurem os fantasmas da estação ferroviária, das marias-fumaças fumacentas que um dia, lá trás, nem tanto, nos meados do século passado, transportaram alegria, festa, rega-bofe para inauguração de uma casa de espetáculos. Mais objetivos sejamos ao traduzir por cinema, só e somente, que o ilustre, acho que assim merece, Juscelino alicerçou nesta formosa dama – como quer o poeta. Há ruas que se encompridam, talvez para fugir do nome dado, não justificar homenagem e lembrança e, talvez, em busca de informações sobre de, quem é o João Pinheiro da rua, que livros, esses de história trazem na rebarba das páginas. Caso outro de outro Presidente, o Artur Bernardes, que José Paulino da Costa não deixou chegar ao trevo. Pudera, era rua Direita, de direita? (assustam-se ideólogos de esquerda...) Nada disso, não é mesmo, caro leitor? Veja se o palavrório não tem argumentação sólida, como querem dizer os causídicos, quando se nomeia uma paralela com o nome de Lincoln Westin da Silveira, tão nosso e tão extensa nos seus seis mil metros e mais, a ouvir em possíveis silêncios da madrugada vigor e beleza da oratória do homenageado. E tão nosso também, desta Alfnas dos Alfnas, quando paralelas curvam e recurvam, ligam pontos distantes, distintos, a levar nomes de Jovino Fernandes Sales e Plínio Leite da Silva. Pisar neste chão com pés que buscam sempre encosto, vivência e ponteios de existência, bom que a sola do sapato, o salto inconstante de calçados, e mesmo pés cascudos de labuta, repisem ao longo do tempo, infindável, esperamos, lembranças da calma e tranquilidade de Antônio Marcial Faria, do Alberto Vieira Romão. Que ali onde, assim se escreveu há muito tempo, carros-de-boi chiavam rodas no puxado preguiçoso das juntas de bois marrudos, as pedras para o templo a São José obreiro, João Paulino Damasceno se estica de um ponto até repousar nas paralelas do Adolfo Engel. E por que não caminhar longamente se **tuas ruas e tuas praças têm encantos que seduzem. Teus horizontes distantes a meditar nos conduzem?** E não é assim, caro leitor? Sejamos benignos e compreensivos ao caminhar entre paralelas que não aquecem nosso orgulho de nascimento ou respeito pelo acolhimento, não nos importemos com Governador Valadares que até mereceu título de avenida, e de que e para quê? A avenida esticou em busca de outro campo, Campos Gerais. E para agradar patrão com obediência e consciência servil, o esticamento juntou nome de presidente Kennedy ao tempo de morte imprevista, homenagem comovida que se entende de mentes e cultura submissa, subserviente, sub. *Of course.*

Paineira Velha

(Na Praça Dr. Frontin em Alfenas)

Ao Exmo. Snr. Dr. João Leão de Faria

*Paineira, és tão velhinha, és tão antiga,
Que ninguém sabe a tua idade, ao certo.
O chão, que a tua sombra, agóra, abriga,
Talvez quando nasceste, era um deserto.*

*Sobre a cidade, estendes, muito amiga,
O teu pallio florido, sempre aberto...
E quando o vento manso te fustiga,
De flôres fica o chão todo coberto.*

*O' soberba reliquia do passado!...
Pela lição de amor que tu tens dado,
A' sombra boa que nos vem de ti;*

*Na tua eterna floração, paineira,
E's, para mim, serena e hospitaleira,
O coração da terra onde eu nasci.*

Benedicto Cyrillo
"Estrada de rosas"
1939

De intenções e amor

Otto Lara Resende

31-01-92

RIO DE JANEIRO — Gosto de repetir que o Brasil começou com uma carta, a do Caminho. A partir daí, 1.º de maio de 1500, enjoco do gênero epistolar. Brasileiro tem ojeiza de carta e de árvore. Carta, basta a primeira, que vale como certidão de idade ou batistério. Árvore, pode ser que no inconsciente coletivo, ou até no individual, lembre compromisso com a selva. Selva, selvagem. A gente tem medo de virar índio.

Hoje em dia, até que está meio na moda. Chega a ser chique em certos círculos. Mesmo assim, depois do Juruá e do Raoni, índio, só na reserva, como esse controvertido paraíso em que passeiam, nômades, Adão e Eva ianomami. Estou entre os que simpatizam com as reivindicações dos primeiros donos da terra. Mas não espumo de ódio quando ouço alguém dizer que o ideal do índio é deixar de ser índio. Ou pergunta: quem mandou ser índio?

Deixar de ser índio, isto é, aparecer vestido nos trinquês, motorizado, equipado com tudo quanto é bugiganga eletrônica, na linha do mais apurado fascínio consumista. Copiar, em suma, o modelo do homem civilizado, chegar ao Primeiro Mundo. A partir daí, sim, dá até pra cultivar um elegante amor pelos índios, como o Sting. Um súdito

de Sua Majestade pode se dar a esse luxo. Todo inglês adora jardim. A jardinagem na ilha é um hobby. Visto por olhos britânicos, o Brasil é uma floresta, o aumentativo de um jardim. Não custa semear nela uns índios.

Em tudo por tudo, nós somos de fato um país exagerado. Vejam, por exemplo, as nossas relações com o FMI. Já passaram por todas as fases, da conversinha ao pé-do-ouvido ao bate-boca. Das juras de amor à moratória. Ai os 600 bancos credores imploram ao FMI que pegue na mão do Brasil, com jeito, o leve a escrever uma carta. Feita a minuta, a gente escreve e assina. Que é que custa? Agora saiu a 11.ª, recebida com alívio e uma salva de palmas.

Todas as cartas de amor são ridículas, diz Fernando Pessoa. E continua: não seriam cartas de amor se não fossem ridículas. O "board" do FMI se reuniu anteontem, recebeu, logo de quem?, do Kafka, a nossa cartinha de amor, cheia de boas intenções. Pronto: estamos de pazes feitas. Por via das dúvidas, o Marcelo pediu pra todo mundo no Conselho Monetário Nacional cruzar os dedos e rezar. O toque esotérico é marca registrada de um país que é sério, mas não tanto. Não vamos exagerar.

Folha de São Paulo, 31 jan 1992

Benjamin Constant também se encomprida longe em busca do proprietário do nome e ainda cruza com Afonso Pena a aumentar a pesquisa histórica. E quem sabe se 13 de Maio não gostaria de sair do calendário e se batizar com nome completo, data de nascimento e mais que tais? No cortejo das ruas, que as pequenas, menores, pequeninhas se reconfortem com ausência de citação, que a lista é longa, longuíssima, porém sempre há alguém a lembrar-se delas, e sempre um carteiro a pisar o chão para algum morador, às vezes carente de notícias, de lembranças, sorriso silencioso, papel timbrado em mão.

Houve tempo em que perambulei pelo jardim da praça Getúlio Vargas, o ditador e seus porões sangrentos, lancinantes, como são sempre masmorras escondidas e monstruosas de ditadura qualquer, em noites que pouca iluminação turvava a vista para meninas discretas, sempre de bracinhos dados, inseguras em partes mal iluminadas da praça, receosas de perigos à espreita. Claro, por sob suas árvores cruzei gentes, e nos bancos contemplei o incerto da vida, e abracei, e beijei, e pensamentos... caro leitor, cara leitora, talvez entendam as reticências se ali engataram romance, se por ali circularam no constante encontro de olhos e projetos. Se simplesmente perambularam em prosa de fácil esquecimento, e até mesmo mantiveram olhares vigilantes para filhos, filhas e sigilosos comentários alhures de quem para quem. Contudo, conversemos agora ao pé do ouvido, sem cumplicidade e conivência, meramente especulação em momento modorrento de nada para fazer: se da igreja do São José e dela, bem ali na porta da frente, diante dos contados degraus, esticamos o enxergamento, olhos serão barrados na solidez do Clube XV. E por que, então, não se estendeu a praça até aos confins do fórum, hoje, porque ali se construiu um e depois se desconstruiu facilmente, não é isso? E paralelas em paralelas, estreitas, acanhadas ruas, se interpuseram ao alongamento da Getúlio Vargas, outrora, bem lá para trás, de nome Parque Municipal. Imagine asas e um voo despreocupado sobre. E que diacho então um dia se jogou por terra árvore imensa, **dominando uma praça da cidade, ostentosa, jovial, hospitaleira – árvore heroica de avançada idade, ergue o porte robusto uma paineira...** porque avançada idade poetavam e versejavam que, **paineira, és tão velhinha, és tão antiga, que ninguém sabe a tua idade, ao certo** e impediram-na, a velha paineira, de chegar a dias atuais ao abrigo da melhor idade. Triste sina.

Almanaque Sul Mineiro

para

1874

Organizado, redigido e editado

por

Bernardo Saturnino da Veiga

CAMPANIA

Tipografia do Monitor Sul Mineiro

1874

Comarca de Três Pontas

Criada pela Lei no. 2002 de 15 de Novembro de 1873, e constituida pelos municipios da cidade de Alfenas, que é a sede da comarca, e da cidade de Três Pontas.

Município de Alfenas

Compõem-se das freguesias da cidade: Areado, Machado, Machadinho, São Joaquim da Serra Negra, Carmo da Escaramuça e Douradinho.

Freguesia da cidade

A formosa povoação de Alfenas, cuja fundação ignora-se em que tempo precisamente teve começo, acha-se colocada em um extenso platô tão elevado que a torna superior a todas as outras colinas vizinhas.

O terreno é geralmente plano e nota-se nele vegetação copiosa na estação das águas, somente tornando-se excessivamente seco durante o inverno, pela ausência

E não é só isso, caro leitor, dali da paineira se estendia o platô, cercado de discretas casas, até a porta de um colégio, e agora, de tempos idos, sabe-se e registrado está, picotaram a natureza com obras, quadricularam o espaço, encurtaram caminhadas, e o tempo, sem tempo para reflexão e ideias visionárias, cobra o aniquilamento, e desfaz-se a descrição histórica da **formosa povoação de Alfenas, cuja fundação ignora-se em que tempo precisamente teve começo, acha-se colocada em um extenso platô tão elevado que a torna superior a todas as outras colinas vizinhas.** Nessa procissão de cercados, tijolos e concreto, até sossegados e silenciosos defuntos, no desfrute merecido do repouso eterno, foram sacudidos, despertos sob a terra nos arredores do fórum, e seguiram para nova morada, bem longe, que mortos não reclamam, não participam de manifestações e nem assinam abaixo-assinados. Tardiamente, quem tem gabarito para destacar erros e pecados, acusa que **a praça da Bandeira (hoje, Dr. Emílio Silveira), acha-se reduzida à quinta parte de seu espaço primitivo. Lá se fez um grupo, uma prefeitura, uma rodoviária. O que se deveria fazer era seguir a lição dos nossos antepassados – desapropriar novas áreas para nelas executar as obras que se façam necessárias.** Na terra das escolas, aprende-se a ler e não se aprendeu a pensar. **Vi então, cheia de espanto, a igreja antiga da minha evocação... Revi as magnólias, a paineira amiga, a casa grande onde eu nasci... E no coreto do jardim – grave – a lembrança do meu sonho de criança...**

Na conta do tempo, desaparecem gentes, gritos infantis se abrem para a vida, casas, casarões brotam, somem, vão ao chão para novos tijolos e cimento abrigar novo tempo. Casas e casarões marcam vidas, refletem tempos, e muitos deveriam ser eternos. E se mortos sejam, que se coloquem próximo lápides com histórico de vida e obra do casarão que sumiu do mundo, da cidade. Foram resistentes e, como heróis de guerra, lembrança perpetuada, em paz, para interrogações das gerações futuras e lamentos saudosos de quem os vivenciou.

Deixemos lamúrias, condenações, arrependimentos, acusações que enrugam a alma e endurecem as faces. Neste momento visionário e preguiçoso, distinguimos sempre distintos e irrefutáveis nobres, o caminhar do João Leão de Faria, calmo, vagaroso. Também o Gaspar Lopes. Ambos lentos no arremesso das pernas, cuidadosos na colocação dos pés que, se chove, o barro barreira. Se seco está, o pó empoeira. Gaspar Lopes, então, mesmo com a estação da estrada-de-ferro, que empurrou o nome Pitangueiras do pacato povoado e aderiu ao seu nome,

"Ventos na Vila Formosa"

Edson Antônio Velano

Jornal dos Lagos, 07/10/2006

O professor Radamés, no longínquo ano de 1964, parece imitar São João Batista, "a voz do que clama no deserto".

Culto e de conversa agradável, o conterrâneo que dá aulas na UFMG não se conforma com falta de cuidados que norteia os avanços urbanísticos da Vila Formosa.

- Por que essa acusação?

- A praça da Bandeira (hoje Emílio Silveira) *acha-se reduzida à quinta parte de seu espaço primitivo. Lá se fez um grupo, uma prefeitura, uma rodoviária. O que se deveria fazer era seguir a lição dos nossos antepassados - desapropriar novas áreas para nelas executar as obras que se façam necessárias.*

Imagino o imenso bulevar que nasceria, a grande área pública, se tivessem seguido o desenho da urbe primitiva: não existiria o "Cel. José Bento" nesse quarteirão, nem o prédio da Prefeitura, nem a feia e desajeitada rodoviária seria ali construída. Ainda mais: as duas ruas, Cônego José Carlos e Laurindo Ribeiro, planejadas para serem largas, tiveram até há alguns anos os prédios todos recuados, inclusive o Clube XV antes da reforma. Essas ruas, aos poucos, foram se estreitando, estreitando...

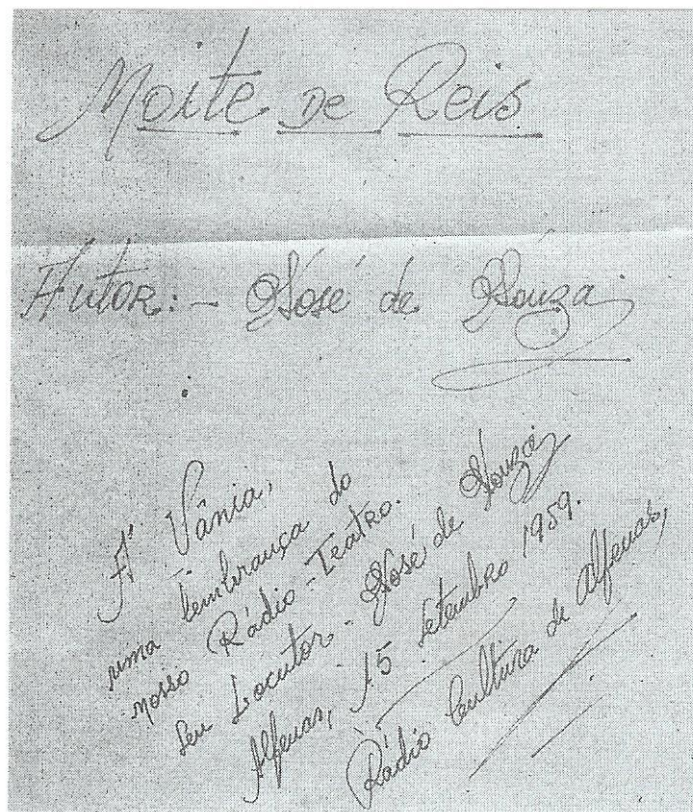
- "Na praça da caixa d'água (onde fica a Praça de Esportes e Diretoria de Saúde), também se cometeu erro idêntico" lamenta o professor Radamés. "Por que não se deixou aquela praça livre e não edificaram a Praça de Esportes em outro local?"

Os conceitos do arquiteto e urbanista sobre as décadas de 30 a 60 são duros e implacáveis: "As gerações vindouras, quando restaurarem nossa história, terão o direito de considerar o período das décadas de 30 a 60

"*heliporto*" (sim, a casa de saúde teria helicóptero) vários risinhos disfarçados de alguns da roda desacreditam porém não confessam publicamente sua descrença, buscando tapar sua visão estreita e acanhada. Hoje, quando percebem as pás voadoras que muito logo estarão transportando os transplantados para o HUAV, será que não aceitam se curvar ao visionário Mauro Paulino da Costa? Ou o sucesso alimenta sua baba raivosa por alguém que enxergava o futuro? Pensam "pequeno", sonham "pequeno", planejam "pequeno", fazem tudo "pequeno" e quando Mauro Paulino da Costa lhes mostra algo avançado, reagem com inércia "grande" mas com mentalidade "pequena".

Radamés, no ano de 64, chama a atenção para a "oportunidade de redenção" que é dada ao se preservar os terrenos da faixa da antiga linha férrea. Preservam o leito mas não nos moldes que Radamés desejava. Com visão além de seu tempo, planeja a "operação Riviera", não executada pelo Poder Público. Nessa "Operação", haveria avenida contornando a represa, às margens do imenso lago de Furnas, termina onde hoje é o Yate Clube. Retifico: a visão urbanística e o entendimento social do professor Radamés não estão além de seu tempo; os administradores públicos de seu tempo que estão *aquém*. Nos saudáveis tempos antigos o prefeito era denominado *agente do executivo*, e os vereadores "os homens bons" do município. A diferença, fundamental e sutil, dentre outras coisas, pode ser debitada à involução social, jamais às pessoas; essas quase sempre deram o melhor de si. As pessoas fo-

mesmo assim curvas e mais curvas dos trilhos acaba, por desaguar pés e corpos na terra bruta de um tempo distante, sem luz, sem água, sem Internet e campeonato brasileiro de futebol. Olhe lá, prezado leitor, como andam devagar, lentamente, morosamente, numa vagareza infinita, aflitiva para nós plugados nos celulares em falatório público, incômodo, corrupto e mal-educado. O Aprígio Carvalho Júnior também não tem pressa, que as contas matemáticas ocupam cérebro e os óculos; revelam a paz no ritmo do corpo. Olha lá quem chegou da capital, nas asas da Panair, não sei se da Nacional Transportes – cadê o jornal *O Alfenense* para sanar dúvida e interrogatório curioso? – o Emílio Soares da Silveira, que seja Rio cidade Maravilhosa ou Belo Horizonte ainda que provinciana, trazendo no moroso caminhar planos políticos. No passeio da casa, numa paralela que sai de uma praça e, poucos metros à frente, debruça-se sobre a outra, Samuel Valadão, silencioso, quase imóvel no raquítico passeio, gira o corpo para um lado e... pronto, finalmente girou para o outro. Lá na praça de nome do ditador único, Zequita Barbosa olha modorrentamente o sonolento movimento humano e consegue até terminar o balanceio da cabeça quando o cliente do banco já está de volta para a rua. Juscelino Barbosa, sei não, voltou do Rio de Janeiro porque era muito bonde a correr diante dos seus olhos. Pressa por pressa, melhor Alfenas-Atenas e prosa na praça. Antônio Marcial Faria, Deus meu! Só de falar, adormece-se. Antônio Silveira que, um dia, em aula na Efoa, lembrança da companheira ao meu lado, revelou que obra debaixo da terra não dá voto porque ninguém vê. E tranquilamente tranquilo governou cidade e cidadãos. Ah, essa praça que tanto viu e ouviu o manquitolar do José Resck e o vagar do seu magro corpo. No entanto, Maurício Lomonte, não se iludam, gordo e vagaroso no rompante da voz quando anunciava no alto-falante do bar as noitadas no “Menina-Moça”. José de Souza de há muito falava em ritmo de rotação de LP no microfone da rádio Cultura e, calmo que era, as ondas da sua rádio poderiam chegar ao Japão. Outro que arrastava o passo na gráfica e, à noite, em direção a alguma sessão de cinema, o Francisco Navarro do Prado. Roque Tamburini, fala mansa e branda, o deslocar-se como se o fizesse numa preguiçosa esteira, a deslizar os pés em piso de nuvens. Edson Antônio Velano, se pudesse, não andaria; ouviria apenas, e com os ouvidos se deslocaria Brasil e mundo afora. Fu-Manchu, também Geraldo da Silva, folclórico, popular, com cilindro de papelão nos lábios, megafone improvisado, a divulgar baixinho alguma coisa, satisfeito, orgulhoso no olhar manso, em quase largas passadas, mas... lentas, a empurrar o corpo.



ALFENAS

dos tempos idos...

Alfenense Septuagenário

Ano de 1899 — A iluminação de Alfenas, nesse tempo, era feita por lampiões de querozene de fabricação Belga.

A distância entre esses lampiões era grande, comumente de esquina a esquina das ruas. Acredito na geração atual existam muitos que conheceram os antigos lampiões, pois a iluminação elétrica da cidade foi inaugurada no ano de 1914.

No ano de 1899, os lampiões eram acesos às 6 horas da noite (às Aves Maria) e começavam a apagá-los às 9 horas da noite, isso por medida de economia.

A garotada dessa época afastada, podia estar no melhor dos brinquedos, mas, quando soavam as primeiras badaladas das 9 horas da noite, no sino da igreja nova, os meninos todos se dispersavam, porque, a cidade aos poucos tornava-se escura como breu, nas noites sem luar. Embora a igreja nova não tivesse relógio, constituía obrigação do sacristão, bater nos sinos às 6 da manhã, o meio dia, às 6 da tarde e às 9 da noite que equivalia a um toque de recolher. Também rara era a casa, nesse tempo, que não dispusesse de uma lanterna de querozene ou mesmo de vela, para sair a noite, em caso de necessidade, depois dos lampiões das ruas apagados. Mas, em compensação, nas noites de luar, claras e bonitas, saíam as moças, aos bandos dando voltas pelas ruas, conversando alto, brincando e riando, que dava um cunho muito alegre a cidade. Cinema não existia. Clube

"O Alfenense"

14/dez/1958

Assim, podemos alfenar Alfenas, formosa dama, do São José, dos Alfenas de início do povoado. A Alfenas de ruas compridas, longas, a ensejar tempo e muito tempo para percorrê-las. A Alfenas de ruas menores, todas as cidades têm ruas compridas e pequenas também, sei disso, e daí? Estamos aqui neste platô elevado, e isso para nós faz diferença. Então, continuando, de ruas menores para fácil e sossegada andança. Praças também, pequenas, para facilitar voltas e prosas em momentos de mais sossego ainda. Ah, sim, elas também são vagarosas e quase sempre elegantes no passo-a-passo, como era Maria José Leite Corrêa, de nome tão grande que melhor que seja dona Lili, magra, maçãs salientes a emoldurar um sorriso constante e o delicioso perfume da maquiagem, sempre jovem, dizia, porque vivia entre os jovens alunos. Está bem, a outra Maria, Maria da Conceição Carvalho, de dona Zinica conhecida, era um pouco mais apressada, incompreensível movimentação para quem foi vereadora e, sabemos, político não se apressa, apenas se reúne. Exemplo a confirmar que político não se apressa, Zita Ayer não me deixa mentir, acho também. Iracema Esteves outra mulher em doçura, que, se apressasse o andar, derreteria com a brisa do movimento do corpo. Assim alfenamos homens e mulheres na tranquilidade, remanso da vida. Faça sua lista do tempo, caro leitor, que a calma é constante, é descanso para as atribulações. E como se projeta projeto mais adiante, que falatório aqui, todos sabem, tem motivo para falar e escrever, figuras mais surgirão, passadas de vida passada e tantas outras de vida passando. E quem sabe se poderá, neste nosso alfenar, cantar oficialmente, que até hoje tão devagar que são nossas gentes nascidas aqui, aqui também chegadas, não se oficializou hino, versemos ao final deste modorrento monólogo que **tuas noites tão serenas, são doçuras, são poemas, tens feitiço, minha Alfenas.**

ANDANÇAS

Caro leitor, não sei se é seu caso, de uns talvez, poucos agora, de infinitas gentes nesta Alfenas d'agora, para versejar intimamente que **eu nasci na Era da Fumaça: – trenzinho/vagaroso com vagarosas/paradas/ em cada estaçãozinha pobre/ para comprar/pastéis/pés-de-moleque/sonhos/ a – principalmente sonhos!** Não sei mesmo. Andemos, porém, no trem imaginário da vivência – quem viveu –, e quem não, tem convite para pequena viagem no tempo, vagão, carro, segunda classe e... sei, sabemos, na praça Amália Engel jazem restos mortais de uma estação ferroviária sem lápide, prece e piedade. Lamento recolhido, entremos no trem, atentar para o apito do agente que a máquina vai partir, ouvir rodas de ferro sobre trilhos, o resfolegar barulhento da locomotiva, e sugar no espaço a fumaça da fornalha. Sigamos para Gaspar Lopes, vamos até Fama no roteiro imaginário deste monólogo do escrevinhador, **café com pão**

**café com pão
virge Maria que foi
isto maquinista?
agora sim
café com pão
agora sim
voa, fumaça
corre, cerca**

e, na pequena estação, descer, contemplar o rio batizado Sapucaí, a curva do rio, contar verdade de mentira do peixe lindo, grandão, que deixou escapar porque achou que ainda podia crescer mais... são os rios matreiros a escolher descidas facilímas, a empurrar grosseiramente margens, e adentrar n'outro mais abaixo. Surpreendido e outros mais, ingênuos, sentem o volume das águas agigantarem-se, brecados, represa a encobri-los, a assustar suas vísceras, amedrontar a natureza derredor, desaparecer identidade e nome, até que um dia, quem sabe, a natureza seca, águas se esvaem, ressurgem rio e rios, e riachos, desfigurados, clamantes que rio não se afoga, e depois voltam águas volumosas e o silêncio povoa a imensidão represada.

Sentado na poltrona da sala, ele corrige que, **na verdade, nasci no município de Campos Gerais, mas me considero famense porque, em frente de Fama, e do outro lado do rio, é município de Campos Gerais. Toda minha infância foi em Fama.** Mostra fotografia antiga que só pode

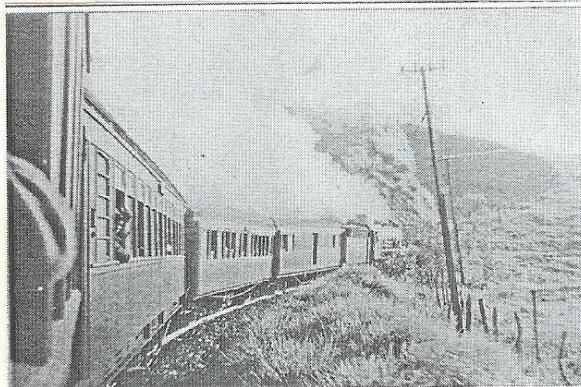
Trem de ferro

Manuel Bandeira

*Café com pão
Café com pão
Café com pão*

Virge Maria que foi isto maquinista?

*Agora sim
Café com pão
Agora sim
Voa, fumaça
Corre, cerca
Ai seu foguista
Bota fogo
Na fornalha
Que eu preciso
Muita força
Muita força
Muita força*



*Oô...
Foge, bicho
Foge, povo
Passa ponte
Passa poste*

*Passa pasto
Passa boi
Passa boiada
Passa galho
De inguzeira
Debruçada
No riacho
Que vontade
De cantar!*

POEMA TRANSITÓRIO

Eu que nasci na Era da Fumaça: — trenzinho
vagaroso com vagarosas
paradas
em cada estaçãozinha pobre
para comprar
 pastéis
 pés-de-moleque
 sonhos
— principalmente sonhos!
porque as moças da cidade vinham olhar o trem passar:
elas suspirando maravilhosas viagens
e a gente com um desejo súbito de ali ficar morando
sempre... Nisto,
o apito da locomotiva
e o trem se afastando
e o trem arquejando

é preciso partir
é preciso chegar
é preciso partir é preciso chegar... Ah, como esta vida é urgente!

... no entanto
eu gostava era mesmo de partir...
e — até hoje — quando acaso embarco
para alguma parte
acomodo-me no meu lugar
fecho os olhos e sonho:
viajar, viajar
mas para parte nenhuma...
viajar indefinidamente...
como uma nave espacial perdida entre as estrelas.

Mario Quintana

*Oô...
Quando me prendero
No canaviá
Cada pé de cana
Era um ofício
Oô...
Menina bonita
Do vestido verde
Me dá tua boca
Pra matá minha sede
Oô...
Vou mimbora vou mimbora
Não gosto daqui
Nasci no sertão
Sou de Ouricuri
Oô...*

*Vou depressa
Vou correndo
Vou na toda
Que só levo
Pouca gente
Pouca gente
Pouca gente...*

ser em preto-e-branco, o rio estático, em pose natural, com curvas, largura, e a cidade a beber água na concha da mão. O dedo aponta casa dos avós, entusiasma-se com lembranças que, à medida que o tempo deixa poeira para trás na vivência diária e andanças dos pés, mais e mais queremos agarrá-las, presente na prosa, na afirmação de que meu tempo é que era bom... na Fama, tempo de infância, marcante, inesquecível. Momentos há, surpreendemo-nos saudosos a balbuciar versos **ó, que saudades eu tenho, da aurora da minha vida, da minha infância querida que os anos não trazem mais. Camisa aberto ao peito...** Retornemos ao curso da nossa prosa, saberemos que ele estudava, trabalhava com o pai, na roça, nos fins de semana, trabalho duro, detestava o exílio da cidade, seu mundo. Perambulava nas paralelas de Alfama, e no encontro da Rui Barbosa com São José, da Pedra Branca, nos idos anos de 1960, precisamente 1968 – ano turbulento, violento, de sonhos juvenis desfeitos –, ele olhou o sobrado, União Operária, e duas portas rentes ao chão levaram-no para dentro da gráfica do Francisco Navarro do Prado, e se livrou das agruras da roça.

Perdoe-me, caro leitor, tanta indelicadeza, desatenção. Não apresentei o personagem sentado no sofá a discorrer sobre tempo de vida. Faço-o agora, com sua compreensiva paciência: Domingos de Abreu Miranda, que nos acompanhará constantemente, ele que, de 1968 a 1969, com 16 anos, trabalhou meio período, dobrando papel, compondo jornal: *Indicador*. Para não arriscar nova indelicadeza, apresento outro personagem que pontuará nosso encontro e que, um dia qualquer, sentado na cadeira na sua toca de trabalho, junto à janela, na contraluz dos meus olhos, revelou que **costumo dizer que houve duas revoluções na minha vida à época: foi a gloriosa, ditadura, o que não é bem revolução. E revolução pelo fato de eu entrar na escola já um pouco crescidinho, com 14 anos, na 5ª série, e ali começar tudo, a minha vida, a minha trajetória,** e então ele, João Batista Cruz, desfilou longamente projetos, sonhos, gentes, tempos de anos distantes, aventuras, folclore desta terra de São José e Dores, dos Alfenas, alfeneiros se é que por aqui florescem.

Se João Batista Cruz assentou sempre pés nas paralelas que cruzam a urbe, fixou olhos no conhecimento, Domingos de Abreu Miranda lavou as mãos, marcadas com tintas das letrinhas da gráfica, rumou mundo, diz melhor, campeou Brasil no sul, cruzou a imensidão da pátria amada, no Amazonas se aventurou até que saudade, novos ventos, colocaram-no na

MEUS OITO ANOS

Casimiro de Abreu

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!
Como são belos os dias
Do despontar da existência!
— Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é — lago sereno,
O céu — um manto azulado,
O mundo — um sonho dourado,
A vida — um hino d'amor!
Que aurora, que sol, que vida,
Que noites de melodia

Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d'estrelas,
A terra de aromas cheia
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!
Oh! dias da minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!
Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberta o peito,
— Pés descalços, braços nus
— Correndo pelas campinas
A roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!
Naqueles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo.
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!

ESTATUTOS

— DA —

União Operaria de Alfenas



APPROVADO EM ASSEMBLÉA GERAL
DE 16 DE SETEMBRO DE 1934, NA
SUA SÉDE PROVISÓRIA: - CLUB 15
DE NOVENO, NA CIDADE DE
ALFENAS, E. DE MINAS GERAES.



Offs. Graphicas Rosaura Vieira
ALFENAS
1934

CAPITULO I

Des fins da União

Art. 1º. — A União Operaria de Alfenas, Estado de Minas Geraes, Republica dos Estados Unidos do Brasil, fundada em 2 de setembro de 1934, será regida pelos presentes Estatutos, e, internamente, por um Regimento Especial.

Compôr-se-á de numero illimitado de socios, de ambos os sexos, sem distincção de nacionalidade, religião ou politica, mas que pertençam ás classes trabalhadoras e que acceitarem os presentes Estatutos.

Art. 2º. — A União Operaria de Alfenas se propõe ao ideal de congraçamento entre as classes trabalhadoras, defendendo-as e amparando-as nas suas aspirações e direitos, cujo objectivo colima nas melhores condições de vida.

Art. 3º. — A União terá duração indefinida; porém, uma vez que se pretenda resolver sobre a sua dissolução, será convocada a Assembléa Geral, especialmente para esse fim, pela imprensa local ou outros meios de publicidade, com trinta dias de antecedência ao designado convite. A sociedade não poderá ser dissolvida, desde que a isso se opponham, pelo menos, sete socios quites.

Art. 4º. — No caso da dissolução da União, os bens existentes, dinheiro, moveis, predios, etc.,

— 26 —

Commissão encarregada da organização dos Estatutos:

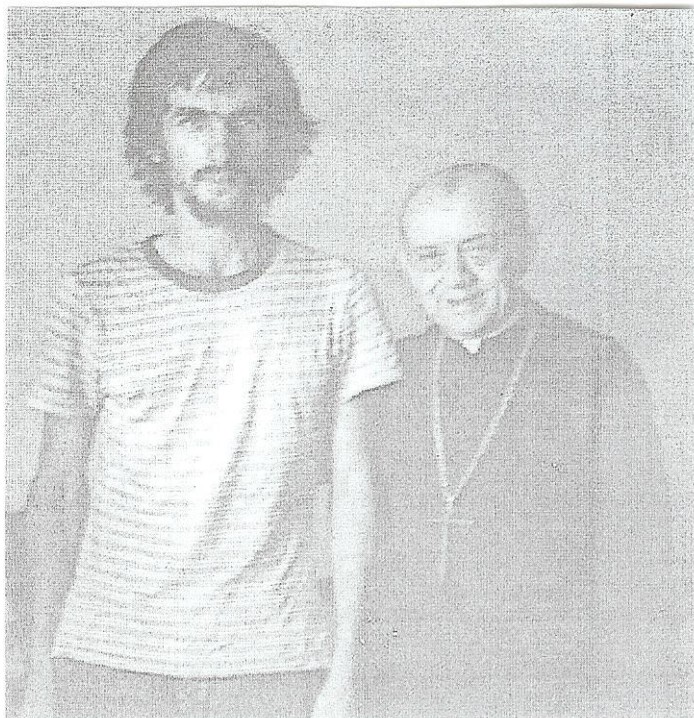
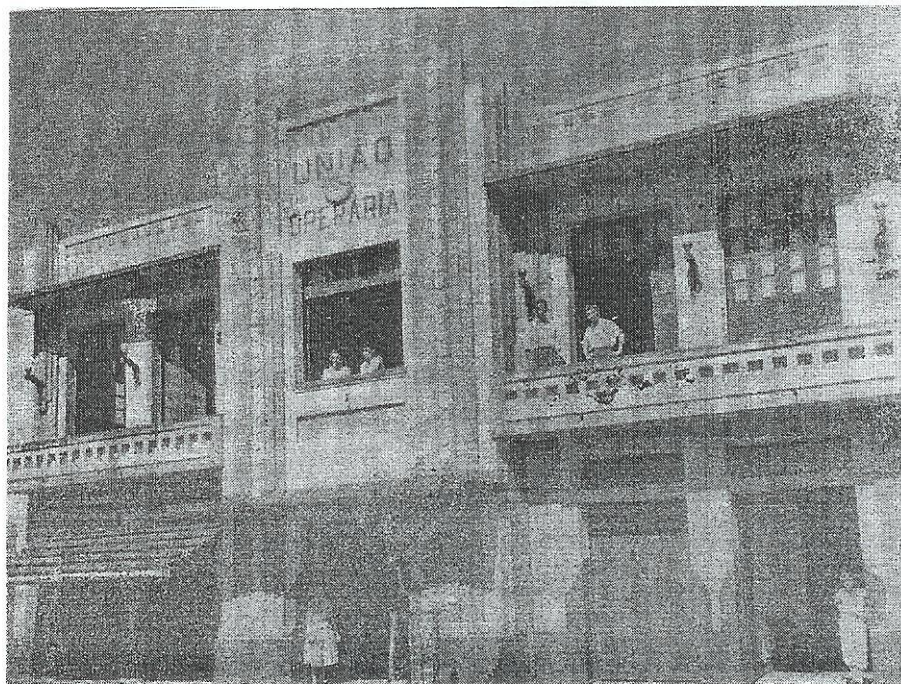
Amelio da Silva Gomes
André Padilha
Calixto Luppi
José Fernandes de Salles
Pedro A. Vieira
João Hollanda
Virgilio Pierini
José Brusadelli.

Conselheiro: Dr. Allan-Kardec Pinto de Campos.

EFOA em 1973. Em cena, caro leitor, outro personagem cujo nome apresso em declinar, avisado fica, sobrenome Miranda das bandas daqui, sem parentesco com o outro Miranda, o Domingos dos lados de Três Pontas, e que se entusiasmou com Monteiro Lobato, assina Henrique de Souza Miranda, ouvinte de rádios abominadas pela ditadura, confirmam a lista, de Havana, da BBC de Londres, Central da União Soviética, da Albânia, programas em português, feitos por exilados brasileiros, execrados pela ditadura do golpe militar de 1964. Na EFOA, os Mirandas estavam lado a lado: um, estudante de odontologia, outro também. Um, ideias socialistas, inconformado com os destemperos da ditadura militar, outro também. Um, presença constante na biblioteca municipal, outro também. Um dia, a bibliotecária confidenciou baixinho, tempo de temor, medo, que livros que liam sobre União Soviética, comunismo, socialismo, eram recolhidos pelo tenente Osvino, zeloso militar em não permitir conhecimento e informação de assuntos inconvenientes à formação patriótica, obediente, da juventude ingênua, frágil e santificada nos ensinamentos e exemplos de uma ditadura sanguinária – saberemos depois. Com largo sorriso Domingos lembra que **o tenente ia lá, na biblioteca, e como não tinha capacidade de saber qual o livro que era comunista, ele sabia que éramos esquerdistas, então os livros que pegávamos, ele ia lá e recolhia. Então, fizemos uma contraofensiva, né? Já que ele levava os livros que líamos, começamos a levar livros anticomunistas. E ele levava pra casa também.**

Ditaduras militares pipocavam nesta América dos Estados Unidos, senhores e donos do universo, tão dominadores e sangrentos quanto a União Soviética. No Chile, Salvador Allende, médico, marxista, socialista, presidente eleito, rebolava para implantar um estado socialista democrático, nacionalista. Os irmãos do Norte, situados mais para cima de todos nós no mapa-múndi, cuspiram desaprovação. Allende nacionaliza bancos, Allende toma minas de ferro, Allende na reforma agrária, e os yankees inconformados, enforcando a economia chilena, arrancaram o homem, história que conhecemos, descambada em 1964. Salvador Allende, setembro 1973, revolução inspirada, encampada pelos americanos do norte, misteriosamente morre no palácio presidencial. Mais uma ditadura militar a abrir veias da América Latina. Na EFOA, Domingos, Henrique e mais estudantes, notórios comunistas, subversivos, rótulos para quem aspira liberdade, inspirados em Allende, juntam-se, preparam um jornalzinho desprezioso no primeiro número, e o ALERTA é levado para ser impresso no mimeógrafo. Henrique de Souza Miranda se

FOLHA DE ALFENAS - 1975



Domingos - Dom Helder Câmara

recorda do jornalzinho ALERTA, o sonho abortado, **estava na minha casa, tomando banho, bateu forte na porta. Fui de short atender, era a polícia civil. É pra você ir pra delegacia, não precisa trocar de roupa. Cheguei lá, encontrei o Domingos, o Jovany, o Quintino: que coincidência! Vocês todos aqui na delegacia. Eu, crente que tinha ido pra delegacia em razão de uma briga que aconteceu no carnaval passado, que eu era testemunha. Domingos de Abreu Miranda diz que sabia, sabíamos que, na época, tinha censura, falta de liberdade, mas tinha colegas que tinham o mesmo pensamento. O jornal nem chegou a sair porque o pessoal do Dops chegou e apreendeu o jornal, e levou os envolvidos para a delegacia. Era para ser impresso em mimeógrafo.**

Logo depois, o mesmo grupo do *Alerta*, e mais outros jovens entusiastas, montou a chapa **Alavanca** para concorrer ao DALF (Diretório Acadêmico Leão de Faria), e **logo que a chapa foi levada para ser registrada pra concorrer ao D. A., todos os membros do jornal Alerta foram impugnados**, informa o Henrique. Mais lá na frente, no papo em outra poltrona, discorre sobre os temores e medo com os acontecimentos do *Alerta*, **enfrentava mais problemas na família. Tinha medo de ser preso. Na primeira vez no jornal, no próprio jornal Alerta, que me levaram para a delegacia, na hora que cheguei em casa, peguei todos os Pasquins, sem exagero, cavei o tamanho de uma fossa no fundo do quintal e enterrei todos os Pasquins lá.**

O ano de 1977 já embrenhava no segundo semestre. Um dia, batem à porta, Domingos adentra a sala da minha casa, discorre sobre o projeto de um jornal mais expressivo, **fazer um jornal independente em Alfenas, sem essa preocupação de ser da linha política a, b, ou c.** Depois, mais conversa com o Henrique, vai e vem de ideias, projetos. **Foi o Domingos que falou o nome do jornal: UAI**, afirma Henrique. Domingos explica que se inspirou no nome de batismo do jornal *100 NOME*, de entidade estudantil de Campo Belo; acrescenta acontecimentos em outra reunião lá em casa, então... por que não UAI? Surge o João Batista Cruz, que achava que **a nossa imprensa sempre foi acomodada, dependia dos poderes públicos, dependia da prefeitura, de anunciantes.** Mais dias passados, junta-se um grupo para entrevistar personagem importante de Alfenas. Era um dia, sabe-se lá qual. Era setembro. 1977 o ano.

transmissões anteriores."

LIVROS

Pelo balanço divulgado por Rogério Nunes, mais de 200 livros foram postos fora de circulação, isto é, uma média semanal de mais de quatro livros censurados. A maior parte foi considerado "atentatório a moral e aos bons costumes". Em agosto, o autor norte-americano Henry Miller teve proibido no Brasil o livro "New Haven", pelos motivos acima mencionados, enquanto Alvaro Cunhal, com o livro "Rumo a Vitória" e o ex-deputado federal Márcio Moreira Alves, com "Despertar da Revolução Brasileira" foram proibidos por "contestação ao regime vigente". Em setembro foi proibido de circular o livro de Louis Althusser "La Filosofia Como Arma de La Revolution" que estava sendo vendido na Livraria Folhetim, no Rio. Seus proprietários, Flávio Moreira da Costa e Galeno de Freitas (ambos jornalistas) foram processados com base na Lei de Segurança Nacional. O processo foi arquivado por uma Auditoria Militar. Ao apagar das luzes de 75, a censura apreendeu cerca de 2.500 exemplares de um livro da Editora Civilização Brasileira sobre a Guerra do Paraguai.

Segundo Rogério Nunes, "o número de vetos da censura não significa maior rigidez no processo censório, porque ele é feito de acordo com a lei específica, que não mudou, e que nada pode ser feito contra a Constituição. Daí não prever uma maior abertura do processo, que iria ferir o princípio constitucional".

A censura prévia para livros e periódicos existe no Brasil desde 1972. O relator do projeto encaminhado ao Congresso pelo então Ministro da Justiça, Alfredo Buzaid foi o ex-deputado federal arenista, Plínio Salgado, líder da Ação Integralista na década de 1930. Gustavo Barroso, um dos ideólogos do integralismo afirmava em 1935: "o Estado Integral exercerá a censura sobre o cinema, teatro, imprensa, rádio e todos os meios de comunicação".

MARIO AUGUSTO JAKOBSKIND

PASQUIM
década de 1970

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro - Domingo, 13 de dezembro de 1998

Tempo negro. Temperatura sufocante. O ar está irrespirável. O país está sendo varrido por fortes ventos. Máx. 38°, em Brasília. Mfm. 5°, nas Laranjeiras.

No dia 13 de dezembro de 1968 o governo do marechal Costa e Silva promulgou o AI-5, um novo golpe dentro do golpe de 1964. O Congresso foi fechado, milhares de pessoas foram presas, torturadas, mortas, cassadas, banidas e exiladas. Durante dez anos o país viveu mergulhado no obscuro império da arbitrariedade, da censura e do radicalismo político. O AI-5 seria revogado no dia 1º de janeiro de 1979. (Página 2)

de-se barato. Rua Hadda Lobo, 370-B.

DORMITÓRIO - em fim para casal, vende por 250, junto ou separado. Paissandu, 206.

LUSTRE - Vendo, at 67m, gás, 70.00. Rua São Campos, 93, apt.3.

Bolo Impera
Ingredientes: 500 gramas de farinha de trigo; 3 colheres manteiga; 1 colher de fermento inglês; 6 ovos com as gemas bem batidas; 1 copo de leite; 1 prato de diversos doces bem picados; cravos, canela

Tempo negro. Temperatura sufocante. O ar está irrespirável. O país está sendo varrido por fortes ventos. Máx. 38°, em Brasília. Mfm. 5°, nas Laranjeiras.

Go

Brasil de Castelo a Tancredo

Thomas Skidmore - pág. 180

muitos no exterior em 1971. Em razão da censura, muitas das provas divulgadas no estrangeiro não chegaram ao conhecimento dos brasileiros. Para aqueles dispostos a ouvir, contudo, não faltaram histórias arrepiantes contadas por parentes, amigos e conhecidos das vítimas. Um dos casos mais trágicos foi o de Frei Tito de Alencar Lima, um jovem frade dominicano que foi cruelmente torturado, depois exilado, tendo finalmente cometido suicídio na França. Sua história é contada em Pedro Uchoa Cavalcanti, et al., *Memórias do exílio: Brasil 1964-1977* (Lisboa, Editora Arcádia, 1976), pp. 347-69.

67. O "pau-de-arara" era um pau roliço que, depois de ser passado entre ambos os joelhos e cotovelos flexionados, ficava suspenso em dois suportes. A vítima era então espancada com um remo de cabo curto e recebia choques elétricos. Um sobrevivente disse que seus torturadores da OBAN ouviam sambas enquanto ele era supliciado. Entrevista com Paulo de Tarso Wenceslau, São Paulo, 30 de junho de 1983. A "cadeira do dragão" era a réplica de uma cadeira de dentista onde a vítima amarrada recebia choques elétricos e era submetida ao castigo da broca dentária. A "geladeira" era uma caixa tão pequena que a vítima não podia ficar nem em pé nem deitada: Uma vez lá dentro era submetida a grandes e rápidas variações de calor e luz, sendo bombardeada por sons de alta intensidade. As vítimas que experimentaram as três formas de tortura em geral disseram que a "geladeira" era a pior. Várias fontes me informaram que a idéia desta máquina foi dos ingleses.

RETRATO DO BRASIL nº 22, pág. 258

Assassinos de aluguel

Após 68, junto à fase de terror do Regime Militar, cresce a atuação dos esquadrões da morte, formados por policiais, alguns ligados à repressão política

Quando "Cara de Cavalo" matou o detetive Milton Le Cocq de Oliveira, que tentava prendê-lo, em 27

crimes atribuídos ao Esquadrão da Morte; a caçada; o grande número de tiros na vítima (o que impede a in-

penas denúncias, que se multiplicaram, de que haveria envolvimento do Esquadrão com quadrilhas de ladrões de carros e de traficantes de tóxicos.

Das "Doze Homens de Ouro"...

Em 1969, o general Luís França de Oliveira, secretário de Segurança, anunciou a formação de um grupo de elite na polícia carioca, os "Doze Homens de Ouro", como...

DIRETÓRIO ACADÊMICO «LEÃO DE FÁRIA»

Entidade de Utilidade Pública — (Lei Municipal nº 279, de 2 de outubro de 1963)

Rua Cel. Pedro Corrêa, 270 — Caixa Postal 88 — Fone 567

ESCOLA DE FARMÁCIA - BIOQUÍMICA E ODONTOLOGIA DE ALFENAS
ALFENAS - Minas

Exmo. Sr.
Prof. Iamartine de Barros Duarte
DD. Diretor da Escola de Farmácia e Odontologia de Alfenas
ALFENAS - MG

O abaixo assinado, DOMINGOS DE AMBU MIRANDA, aluno regularmente matriculado no 2º ano de odontologia nesta Escola, representando seus colegas participantes da chapa eleitoral denominada "ALAVANCA" cuja relação segue anexa solicita respeitosamente a V.Sa. que submeta a apreciação do Conselho Departamental desta Escola, a chapa eleitoral que concorrerá às eleições do "DALE", no dia 19 de outubro de 1974.

Termos em que
Fede Deferimento
Alfenas, 24 de setembro de 1974
Domingos de Ambu Miranda
-DOMINGOS DE AMBU MIRANDA-

ALERTA

setembro 1973

*Tomaremos o Brasil que herdamos de nossos antepassados e o transmitiremos engrandecido e mais belo à geração que nos sucederá.

recolhem o néctar das flores com naturalidade e sem esforço”.

A arte de viver é a arte de enfrentar todos os poderes e desafios da natureza humana. “Você se torna aquilo que imagina ser”.

Para realizar um sonho, é preciso identificar-se com ele.

Colcha de Retalhos, Ilma Manso Vieira
pág. 161

EXISTÊNCIA

Jornais são como os humanos, surgem, brilham manchetes, apontam novas abordagens de crítica e informação, nova ideologia, novos interesses, porque tudo tem que ser novo, dizer-se mensageiro de novidades, diferente, e quase sempre, sempre farinha de um mesmo saco, não é mesmo, caro leitor? Normalmente, representam interesses vários e vários grupos econômicos, culturais, políticos e outros escaninhos das atividades humanas. No Brasil, por exemplo, jornais, imprensa, a mídia enfim, estão no poder de meia dúzia de famílias, e temos de alimentar-nos com informações e notícias que atendam seus interesses e conluíus. Na imprensa do interior também é assim, nascimento, casamento, gente importante e não importam pecados e malandragens. Inaugurações, confetes, serpentinas, pierrôs, colombinas, e a história quase sempre desfocada da comunidade se registra. Claro, tem seu valor e é importante para entendimento histórico da urbe e seus moradores. E como os humanos, jornais, periódicos, revistas completam círculo da existência, desaparecem e, muitas vezes, nem deixam para a posteridade registro de óbito, lembrança, referência. Não, caro leitor e leitora também – que, nos dias de hoje, podemos ser acusados de preconceito e... não adentremos pela caverna das preocupações d’agora que o momento, acreditamos, e perdoem-nos deuses multinacionais, se nos nos enganamos, não é o espaço – não seja levado pelo pessimismo, tudo é parte da dinâmica da vida, que a imprensa pulsa vida, vibra o dia-a-dia e as intempéries dos sentimentos e consciência dos homens.

Na nossa Alfenas, também dos Alfenas dos meados de século dezenove, e de outros tantos alfeneiros que por aqui floresceram, história similar se fez e se escreveu, e só mesmo, e ainda bem com a bênção do bom Jesus das Dores, por aqui, por ora, e oremos portanto, floresceu João Batista Cruz, que garimpa, solitário e silenciosamente, resquícius da nossa imprensa alfenense. E mais ainda o garimpeiro se estende em muitos outros aspectos desta nossa Alfenas, cidade e habitantes, que fervorosamente levantamos preces ao bom Deus e, perdoem-me, deuses mais antigos que vivenciaram impérios greco-romanos, antiquíssimos e ocidentais, para que ele, o João Batista Cruz, não se despeça da vida terrena sem antes dar à luz seu cabedal de conhecimentos sobre inúmeros aspectos da Atenas sul-mineira. E, retornando aos trilhos da

POLÍTICA/IMPRESA: a história da grande imprensa

Monopólio de barões

Nascida à sombra da corte no século 19, a imprensa brasileira chega aos anos 80 concentrada em poucas mãos, restando raras fontes alternativas de informação

A história de jornais e jornalistas brasileiros é uma linha atravessada, em

RETRATO DO BRASIL nº 18, pág. 210
texto: Audálio Dantas

O papel do jornal - pág. 110

Alberto Dines

maços e puramente intelectual, sendo assim, os valores que regem sua linha de montagem são diversos daqueles aplicados na fabricação de biscoitos.

Neste sentido, a introdução do termo "instituição" é de grande valia; enquanto a empresa que detém o título de um jornal e gere sua operação é eminentemente comercial, sua atividade, comportamento e produto enquadram-se no nível institucional. O destino de um jornal não concerne apenas aos seus proprietários, mas à sociedade que representa. (V. Capítulo IV.) Sendo, ou devendo ser, o Quarto Poder, a imprensa não é o instrumento arbitrário daqueles que nominalmente detêm a posse dos veículos. Acima de número de ações (ou procurações), quem dirige jornal tem compromissos com a opinião pública. Ao reclamar a liberdade de imprensa, obriga-se a criá-la em seus próprios veículos. É por essa razão que, no regime autoritário, certos empresários de jornal movimentam-se com tanto desembaraço.

O esquema das grandes corporações americanas, em que a

Após 64, a imprensa do País concentra-se em poucas mãos

Nos 20 anos que se seguiram ao golpe, o que se observa é uma vertiginosa concentração de veículos de comunicação em poucas mãos. A mídia, incluindo a eletrônica, tem poucos donos — e a consequência mais evidente deste fato é a inexistência de instrumentos de controle democrático sobre a informação.

Nesses anos, em que os jornalistas lidaram com uma censura feroz, se destaca também a extrema dificuldade, se não impossibilidade, de qualquer empreendimento jornalístico que não conte com grande volume de capital. O que leva ao seguinte: descontando a imprensa sindical, que sobreviveu, e com exceção de alguns jornais que tiveram razoável período de vida, como *Movimento*, *Versus*, *Coojornal* e *Opinião*, não dispomos de fontes alternativas de informação. A notícia, hoje, é monopólio de cinco ou seis barões.

Audálio Dantas

"Houve um tempo em que os animais falavam. Hoje, eles também escrevem"

Apparício Torelly
o "Barão de Itararé"
(1895-1971)

História da Imprensa, 1 pag.2

P. Albert e F. Terrou
culdade de descrever ao mesmo tempo a floresta e suas árvores.

A história da imprensa é também, em mais de um sentido, uma ciência auxiliar da história moderna e contemporânea. *Arquivos do cotidiano*, os jornais são a fonte mais completa e, em sua diversidade, mais objetiva da história geral. Testemunhas e atores da vida nacional e internacional são documentos de uma riqueza considerável, mas difíceis de utilizar. À sua função principal, que consiste em restituir a vida dos jornais e especificar o papel que eles representaram na evolução das sociedades, a história da imprensa acrescenta uma espécie de função derivada: a de ajudar os historiadores a utilizar o testemunho dos jornais.

A tentativa de síntese que aqui se apresenta é forçosamente esquemática em sua relativa aridez. Ela priva o leitor de um dos interesses maiores da história da imprensa: o da retomada de contato, na monotonia das velhas cole-

A imprensa e o caos na ortografia

134

Marcos de Castro

edição de imagens (os técnicos estão sempre predispostos a prosstituir seu vocabulário pelo do colonizador, mesmo quando temos expressões correspondentes). Já ouvi gente dizendo *slow motion* até em programas de futebol, quando se recorre ao recurso da câmara lenta para tirar dúvidas de algum lance de impedimento ou de gol com a mão. É preciso ser muito colonizado culturalmente para desprezar uma expressão tão nossa, já integrada no tempo em nosso modo de dizer, em nosso modo de ser. É preciso ser muito macaquito. E muito pouco comunicador. Pois é evidente que usar o que é nosso, "câmara lenta", facilita muito para a comunicação com o telespectador ou com o leitor, de espírito evidentemente mais receptivo a uma expressão familiar do que ao pedantismo de *slow motion*.

Mas essa gente ansiosa de se mostrar sabichona em americanismos não está preocupada com uma comunicação simples e eficiente. Está preocupada apenas com sua vaidade. Vaidade besta, perdoem-me. Veja-se o que fez o dono de uma editora do Rio, por exemplo, que há alguns anos começou a lançar *songbooks*.

nossa prosa, com o caridoso perdão do prezado leitor, e da prezada leitora, podemos apontar alguns exemplos de falecidos hebdomadários, e outros tais, campeados em edições esparsas do também falecido, após tempo de agonia que passou do semanal ao mensal, **O Alfenense**, cujas edições devem, e esperamos ardentemente que assim seja, repousar intactas e saudáveis em alguma prateleira ou armário conservante de vida após morte.

Então, encontramos no dito **O Alfenense** de abril de 1931 – registre-se jubilosamente que é ano de nascimento do hebdomadário – que circula o jornal **A Ordem**, quinzenal literário e noticioso, com a direção do dr. Roque Tamburini e redação do dr. Faria Júnior. No ano seguinte, 1932, o jornal registra, na edição de fevereiro, que existe **A Cidade de Alfenas**, dr. H. Lobão Portelada, diretor, no exercício de Promotor de Justiça da comarca, jornal confeccionado na tipografia L. Melo, de Varginha – imprimir jornal também sempre foi uma via-crúcis, sabemos e saberemos todos na caminhada que ora é empreendida. E outro jornal, **A Voz de Minas**, do Allan Kardec Pinto de Campos. Passemos para o ano seguinte, 1933, e ali está registrado, no mês de abril, o **Bissexto**, na direção de José Ávila Leão, e os redatores J. O. Barbosa Costa e Danilo Corrêa de Oliveira. Saltemos para o ano de 1937 de Nosso Senhor Jesus Cristo, e aparece, em agosto, **O Monitor**, do José Geraldo Soares. Acrescentamos também que os alunos da 4ª série ginásial lançam o jornal **A voz da 4ª série**. E encerramos o ano com a informação do primeiro número do **Jornal do Alfaiate**, *primeira e única publicação do gênero existente no Brasil*, o prof. Pedro Foldi, *consumado mestre na tesoura*, diretor, e tendo o Benedicto Leite na redação. Em fevereiro de 1957, **O Alfenense** registra o **Debate**. Julho de 1963 lembra a edição 63 da **Tribuna Acadêmica**, órgão oficial do Diretório Acadêmico Leão de Faria. **O Clarim**, do Colégio de Alfenas, começa o ano de 1966, e a Associação Atlética Saliba, em fevereiro de 1969, aparece com o **A Nossa Voz**, 6 páginas de humor e esporte. Na década seguinte, 1974, Leyr Singi faz circular **O Revelador** pela ABO (Associação Brasileira de Odontologia). E encerramos este parágrafo necrológico da imprensa alfenense com mais um registro, em 1978, de outro jornal, **Ponto de Vista**, do DALF (Diretório Acadêmico Leão de Faria).

Encerrado o necrológico, afirmamos que muito há ainda sobre a nossa imprensa além da mísera relação que acima se fez. Nas reproduções deste capítulo, o caro leitor encontrará registros de outro tanto de publicações

Taxa Paga 37130-Alfenas, MG. - 11-6-1972

422 N. 1262

O ALFENENSE

Waldir de Lous Carneiro Diretor

Edição: João Amador Diretor-Geral

veja submetido que dependa, do novo Brasil que se ergue e se agiganta, basta a pena. Resolva a situação que a liberdade deve oferecer a

Luiza Paris, a qual, também, promoveu alguns outros estudos.

Vozes Vivas: Fátima de Alfenas 51

Rádio Cultura de Alfenas, Ltda.

Organização José de Sousa

Frequência - 1600 Quilociclos

Estação de São José, 604

Estação de São José, 604 - Fone. 60

Alfenas - Estado de Minas

Comunicador: Roberto Mendes Reis

Alfenas, 9 de Novembro de 1.966.

ALUNOS

para Datilografia e contabilidade - melhores informações com Ruth Vieira, à Rua Francisco Mariâng n.º 84.

INDICADOR

Imprensa do Centro de Estudos de Alfenas - Direção: Francisco Navarro Prado | Taxa Pagável: R\$ 1,00

Títulos e Mercadorias nº 2 nº 203

ANO III - ALFENAS (Est. de Minas) 3 DE SETEMBRO DE 1967 - Nº 90

RADIO-TEATRO

ALFENAS, às 15 horas, a interpretação pelos quadros do O. Teatro D'Alva, a apresentação de novela: "Fogo".

SUGESTÕES QUE NOS FAZEM.

Uma coluna destinada a política local, com notícias simples e concisas sobre as atividades do pessoal de Alfenas.

Um caderno "Qualquer dia o dia" dedicado ao "Ouro Alfenas".

Publicação de peças de teatro.

RESPONDAMOS:

A nota política fica a critério dos secretários dos partidos que "bata" orelha do "domínio" na novidade política.

Quando "a" "condição" depende o "evento", quem o

O LINGUARUDO

ORGÃO NOTICIOSO E CRÍTICO

REDAÇÃO: RUA RAUL SOARES Nº 339

Assinatura mensal 15000

ANO I ALFENAS, MINAS 2 de Agosto de 1925 NÚMERO 11

Sempre alerta (reprodução: Jornal dos Lagos, 14/maio/1994)

ANO II Nº 10 AGO/SET 1991

JORNAL

HOMEOSTASIA

DOS ALUNOS DE MEDICINA DA UNIFENAS

JORNAL DA CIDADE

ANO I ALFENAS, 1º de dezembro de 1995 Nº 01

"O LIBERAL"

ANO I Nº 04 ALFENAS, 1º DE NOVEMBRO DE 1991 C15 21

TAC

Revista do Teatro Alfenense de Comédia

Ano 1 - Nº 1 - novembro de 1981 ALFENAS - MG

que nasceram e até mesmo, como registrado no capítulo anterior sobre o *Alerta*, foram abortados antes mesmo do primeiro número, primeiro grito a ser visto e ouvido. Também reproduzimos partes de correspondência do João Batista Cruz ao **Jornal dos Lagos**, de 21 de maio de 1994, onde o João Batista, elegantemente, corrige informações e acrescenta outras tantas, saborosas, para o bem da memória dos extintos impressos.

Não poderíamos deixar de registrar publicações que, no momento, ocupam espaço de leitura na vida cotidiana dos cidadãos alfenenses, material que se encontra em página única.

Finalmente, para que o caro leitor não se perca no cipoal da biografia do jornal que dá motivo para tanta conversa e espaço, relacionamos, logo abaixo, tempo de vida, fases, interrupções e datas que poderão servir de orientação – ou seria desorientação – para quem se dispuser a caminhar os olhos por páginas mais à frente.

Primeira fase

1977

OUTUBRO (1) - NOVEMBRO (2) - DEZEMBRO (3)

1978

JANEIRO/FEVEREIRO (4) - MAIO (5)

(5 edições)

1978 - NOVEMBRO – edição especial: eleição/78

Segunda fase

1979

MAIO (1) – JUNHO (2) – JULHO (3) – AGOSTO (4) – SETEMBRO (5) – OUTUBRO (6) – NOVEMBRO (7) – DEZEMBRO (8)

1980

JANEIRO (9) – FEVEREIRO (10) – MARÇO (11) – ABRIL (12) – MAIO (13).

(13 edições)

Terceira fase

1983

RADIO ALACU

Vende-se um "PHILIPS" modelo americano, todas as peças, antigas e novas, o mais do mundo. Ver e tratar na "A. RADIO TECNICA", Praça da Bandeira, 355 - Fone. 198

ATACOU SILVA & ALMEIDA

A VERDADE

ALFENAS, 20 DE FEVEREIRO DE 1967 (SOLTA DAS MÃOS)

ALFENAS, 20 DE FEVEREIRO DE 1967 (SOLTA DAS MÃOS)

ALFENAS, 20 DE FEVEREIRO DE 1967 (SOLTA DAS MÃOS)

ANO I - Nº 4 ALFENAS, 21-3-1967

o inconfidência

ÓRGÃO DO CLUBE DE MATEMÁTICA DO COLÉGIO ESTADUAL "INCONFIDÊNCIA"

ANTÔNIO MUÑOZ GONÇALVES
Editor

OLEMBR FIGUEIREDO DA COSTA ALFREDO ANDRADE JOSE, SEBASTIÃO MARTINS
Gestor Diretor Redator Chefe

Arquivo: João Batista Cruz

HD

Habeas Data

ANO I Nº 08 Alfenas - Setembro/Outubro de 89 - NCZ\$ 1,80

FOLHA DE ALFENAS

ALFENAS, Minas das Escolas

ANO 111 Nº 008 - Alfenas (Cidade de Minas) 10 de Setembro de 1971 (Fundada em 1960) (Cidade Alfenas) Nº 118

Carta aberta

ALFENAS, 9 de Setembro de 1971.

FILMES EM CARTAZ

ALFENAS

O SUBSTITUTO

ÓRGÃO INDEPENDENTE E CRÍTICO

ALFENAS, MINAS, BRASIL, 7 DE JUNHO DE 1925 NÚMERO 5

(reprodução: Jornal dos Lagos - 14/maio/1994)

Informativo A.C.I.A.

ANO 0 MARÇO 1994 NÚMERO 1

Pesquisa realizada pela A.C.I.A. revela opinião do

Inovation

INFORMATIVO

Periódico Oficial da Classe GLS do Sul de Minas Gerais

ANO I - NÚMERO 01 - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA - OUTUBRO/2000

A VOZ de Alfenas

Alfenas, 16 de março de 1994

m solução para os pinheiros

gosto está espalhado no todo o mundo. A partir desta semana, Alfenas e a região de Alfenas, que tem uma área de 1.200 hectares, estão sendo estudados para a implantação de uma indústria de celulose. A indústria de celulose é uma das principais fontes de emprego e renda para a região. A indústria de celulose é uma das principais fontes de emprego e renda para a região. A indústria de celulose é uma das principais fontes de emprego e renda para a região.

Informativo

Órgão Informativo da Associação Brasileira de Odontologia - Regional / Alfenas-ABO

ANO I - Nº 02 - Alfenas - MG - Dezembro de 2001

Jornal Alfenas

ALFENAS - MG., 27 DE FEVEREIRO DE 2005 - ANO 02 - NÚMERO 12 - CIRCULAÇÃO MENSAL

PRIMEIRA EDIÇÃO

Ed. Nº. 024

Alfenas, Minas, 21 de Setembro de 1967

Volume Anual: R\$ 30,00 - Preço: R\$ 2,50

Diretor Superintendente: Américo Silva Fernandes

Diretor Responsável: Sérgio Ferreira de Azevedo

Diretor Administrativo: Wanderley Augusto de Almeida

ABRIL (1) – MAIO/JUNHO (2) – 25 JUNHO/JULHO (3) – AGOSTO (4) – OUTUBRO (5) – NOVEMBRO (6) – DEZEMBRO (nº 7)

1984

FEVEREIRO (8) – ABRIL (9) – JUNHO (10) – JULHO (11 - UAI Literário) – AGOSTO (12 – UAI Literário).

1985

JUNHO (13 – Literário 3) – AGOSTO (14 – Literário 4) – SETEMBRO (15 – Literário 5) – OUTUBRO (16 – Literário 6) – NOVEMBRO (17 – Literário 7)

1986

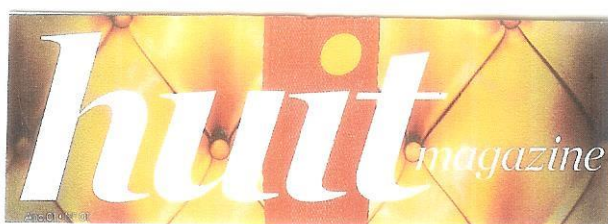
JANEIRO (18) – FEVEREIRO (19 – Literário 8) – MARÇO (20) – ABRIL (21 – Literário 9) – MAIO (22) – JUNHO (23) – JULHO/AGOSTO (24) – OUTUBRO (25) – NOVEMBRO (26) (26 edições – 9 edições do UAI Literário)

Seção Memória

noticioso".
 Até as duas primeiras décadas do século XX, Alfenas conheceu uma profusão de periódicos sob títulos como "ORDEM" (1906), "ALFENAS" (1906), "FOLHA DE ALFENAS" (1908), "CIDADE DE ALFENAS" (1909), "NOVIDADES" (1918), "A SETA" (1919), "O SUL" (1920), "VIDA ACADEMICA" (1920), "A COURACA" (1923) e "ALFENAS-JORNAL" (1924). Há ainda muitos títulos. Sem medo de errar, afirmo que Alfenas teve o primeiro jornal do país inteiramente dedicado ao futebol. Trata-se de "O Goal", de 1915, dirigido por Virgílio Rodrigues, periódico da turma que fundou o América Futebol Clube.
 O jornal "O PÔ DE ARROZ", ao contrário do que afirma o articulista, não nasceu de um grupo de estudantes liderados por Dinamérico Rocha e, muito menos, como oposição ao jornal "A Folha Alfense". Quando apareceu "O Substituto", a cidade contava com dois jornais: "FOLHA DE ALFENAS" e "ALFENAS-JORNAL". O primeiro vinha desde 1908, fundado que foi

o informativo oficial "A Folha Alfense".
 A bem da verdade, o jornalismo alfense teve início no século passado com o "Correio de Alfenas", cujos redatores foram os irmãos Cândido Mariano e Francisco Mariano. O primeiro exerceu, mais tarde importante cargo político no Acre; o segundo, chegou a Prefeito de Alfenas (é hoje, merecidamente, nome de uma de nossas ruas).
 O semanário, cujo primeiro número data

ceiro número?
 Concordo com a articulista quando diz que "O Substituto" foi precursor da gozação. Mas, nesse ponto, não fica sozinho. É "ENCRENCA" (de julho do mesmo ano), "O LIMÃO" (do mesmo ano) e "O PIOLHO" (o nº 1 é de 28 de junho de 1925).
 Prestando atenção às datas ("O SUBSTITUTO" veio à luz em 24 de maio de 1925), podemos perceber que todos surgiram quase que simultaneamente. Correspondem, portanto, a uma mesma tendência da época, ou seja, o aparecimento de um tipo de imprensa que publicava baboseiras, "conversas de namorados, infantilidade". Dirigido e escrito com falsos nomes femininos, no estilo do jornal satirizado, "Mequetrefe" teve seus 500 exemplares distribuídos na calada da noite. O escândalo foi tamanho que exigiu a presença dos "jornalistas" junto ao promotor da cidade, Dr. Vicente Racioppi. Este, bastante camarada (fundou em Alfenas o jornal "O Sul") determinou aos estudantes que destruíssem as provas do "pasquim" e desmanchassem as chapas de impressão bem como todos os números pas-



PRIMEIRA FASE

1977 - 1978

Edições 1 a 5

**UAI
POR QUE UAI?
UAI, PORQUE UAI, UAI!**

E não é assim, caro leitor, nestas nossas Minas Gerais, entre montanhas e represas também, de rios que nascem ali e logo ali se encostam em outro, e de outros que vagam pelo Brasil e levam mensagens ufanistas de união e harmonia entre irmãos como querem do São Francisco, o rio. E gentes também, de características únicas como são as gentes de todos os lugares neste imenso Brasil que Pedro Álvares Cabral não teve tino de tomar só para si e se tornar rei, proprietário e inúmeras tantas invejosas referências. Porém, melhor é deixar rios buscar leito e caminhos e o Cabral repousar tranquilo nos livros de história para apear-nos nas Alfenas, dito melhor cidade de Alfenas, no ano em que o *UAI* rodopia ou se desprega de rotativas e prensas para servir, aqui nestas páginas, algumas lembranças.

Ano de 1977, sem muitas novidades na terrinha, apenas anotar para recompensar o escrevinhador das, vejam só, humildes e despretensiosas linhas, que o Teatro Alfense de Comédia (TAC) encetava ensaios no recente Teatro Municipal inaugurado, encimado sobre parte rasteira à rua da Biblioteca Municipal. Bom que teclemos que a urbe carecia de um teatro, que o Centro Católico Cristo-Rei amparava montagens no seu pequeno palco, e nas cadeiras, cabeças e corpos se movimentavam ao longo do espetáculo em busca, às vezes aflitivas e desconfortáveis, de melhor ângulo de visão do proscênio. Perdão, gente, dezenas de anos passados, e mesmo na amplitude do progresso que salta aos olhos – mais perdão para o clichê – e o mesmo Teatro Municipal tão visto agora como inadequado, inseguro, desconfortável, também continua solitário e único, ultrapassado, a alimentar sonhos cênicos, e atestar a calma irritante das administrações públicas em desafiar progresso de São José e Dores. E também a Biblioteca espremida, limitada, e única, sufocada no labirinto de obras de papel e também de concreto em derredor. Ambos sobrevivem e deverão sobreviver únicos e limitados por anos e anos... que assim não seja, bom José.

Então, no ano de *surgimento* do *UAI*, enquanto o TAC ensaiava, fatos estranhos começaram a acontecer. De uma autoridade policial veio a

Nossa História
nov/2005 - nº 25

A frase do mês

"Democracia é paciência, tem que ser construída dia a dia. As ditaduras é que têm pressa, por isso não duram, e quando duram, passam o tempo todo se repetindo, se agravando, piorando, até acabar de vez."

Miguel Arraes, no exílio, em 1978.

Aloysio Castelo de Carvalho

autoritário que se esperava impor com a intervenção militar, mas, principalmente, as características de uma imprensa que se reafirmava como canal de debates e comunicações para obtenção de um consenso reservado às elites.

Assim, o paradoxo dos jornais *O Globo*, *O Jornal* e *Jornal do Brasil*, organizados na Rede da Democracia, consistiu no fato de que eles combateram o interven-

OS JORNAIS COMBATERAM O INTERVENCIONISMO DO GOVERNO GOULART, MAS APOIARAM A EDIFICAÇÃO DE UM ESTADO DESPÓTICO

ção de que os comunistas buscavam a unidade nacional e prejudicavam o desenvolvimento econômico capitalista.

Ao atribuir à imprensa o papel de autêntica representante da sociedade em detrimento do Legislativo, alguns de seus setores liberais não apenas conferiram ao discurso jornalístico um sentido político próprio de modo a justificar uma posição de predominância no esquema de poder que então se configurava com a conspiração civil e militar contra o governo. Mas, também, podem ter alimentado expectativas de assumir um papel de maior expressividade no campo da representação de interesses, a fim de ocupar um lugar central nas mediações da sociedade com o Estado delineado no imaginário conservador. ■

CARTACAPITAL, 31 DE MARÇO DE 2004 75

Teatro de 55 anos - pág. 183 João Luiz Lacerda

Diante destas conjecturas, "REVOLUÇÃO" pulou para o palco. O jornal de 17 de abril de 1977 anunciava que os ensaios iam a todo vapor.

Enquanto o TAC ensaiava, fatos estranhos começaram a acontecer. De uma autoridade policial veio a solicitação para que todos os integrantes do elenco da peça fossem relacionados e distinguidos em seus personagens. Era preciso fornecer os nomes dos pais e número do documento de identidade. No dia 21 de abril, esta relação tomou o caminho da ordem policial. Também durante alguns ensaios, o TAC recebia duas ou mais pessoas interessadas no trabalho que se desenvolvia e, sentadas silenciosamente nas confortáveis poltronas do teatro, acompanhavam os acontecimentos da turma. O TAC se sentia honrado e prestigiado. Passados muitos anos, a realidade assomou ao entendimento de tanta honra quando se sabe que, depois de três ou quatro meses, a Censura Federal, em Belo Horizonte, vetou o texto do Waldir.

Todo o trabalho foi perdido. Aproximadamente, quatro meses de ensaios e projetos de uma peça quase pronta para ir à cena. Mas o TAC não se deu por vencido. Imediatamente, avançou para os ensaios do outro texto já devidamente sacramentado: "NA BOCA DAS FURNAS". A "Folha de Alfenas" de 09.10.77 anunciava: "Depois do êxito de "O ZEBUZEIRO",

Jornal do Brasil - 13 dezembro 1998

de 3, 4, 5 portos
jacaramilã. Ven.

Eu fui de biscoito reaberto
de vitor a meu conteúdo

de de ovo: 2 colheres de aui-
cor para cada clara; poltice de

chá e pingue o amido para fa-
naciona; ferverdo da panela 4 e 5

condiciona) 1
Alcôim, crum, fumaça, pinto

inofensiva
(contínuo)

CRISTIAN
7, 8, 9 e 11

Numa sexta-feira 13, há exatos 30 anos, o país mergulhava num dos períodos mais obscuros de sua história. O Ato Institucional nº 5 agrediu a liberdade e os direitos civis, calou o Congresso, instalou impunidade, espalhou perplexidade e medo. A censura ocupou redações e levou os jornais — para denunciá-la — a publicar receitas culinárias, classificados ou versos de Camões no lugar dos textos vetados. É uma data a ser lembrada, na esperança de que assim não se repita um passado tenebroso.

solicitação para que todos os integrantes do elenco da peça fossem relacionados e distinguidos em seus personagens. Era preciso fornecer os nomes dos pais e número do documento de identidade. No dia 21 de abril, essa relação tomou o caminho da ordem policial. Também durante alguns ensaios, o TAC recebia duas ou mais pessoas interessadas no trabalho que se desenvolvia e, sentadas silenciosamente nas confortáveis poltronas do teatro, acompanhavam os acontecimentos da turma. O TAC se sentia honrado e prestigiado. Passados muitos anos, a realidade assomou ao entendimento de tanta honra quando se sabe que, depois de três ou quatro meses, a Censura Federal, em Belo Horizonte, vetou o texto do Waldir. Era a peça do Waldir de Luna Carneiro, já encenada em 1964, de nome *Revolução em Campina Brava*. Assim se vivia naquele tempo de medo, apreensão, prepotência, tudo mascarado por um Brasil que ninguém segurava, de amar ou deixar, quando qualquer fardado podia decidir sobre a vida e se manter acima da lei.

Tempo passado, cadinho de meses depois, um sábado de setembro, subimos dois lances de escada. No patamar defronte à janela, contemplação da praça do Getúlio Vargas com suas árvores podadas em forma de quadrado a abraçar a concha acústica, bancos, pedestres, como a proteger o interior da movimentação das ruas, na forma retangular da praça, lá no fundo torres da matriz do São José e Dores. Na pequena varanda, em semicírculo, acuado no sofá, Waldir de Luna Carneiro desfiava sua história de vida, filosofia, teatro paixão, cultura e lição. Longa e agradável entrevista, **inspirada no Pasquim, todos muito à vontade**, relembra João Batista Cruz. Depois, Luiz Antônio Novaes enfurnou no quarto e, diante de um aparelho 3 em 1, rádio, gravador, toca-discos, **bater à máquina de datilografia, portátil, bem vagabundinha, amarelinha, experiência cansativa, tenho os originais, ano 1977 decisivo na minha vida**, pacientemente debulhar gravação e...

Estamos começando um novo jornal. E não foi por falta de conselhos que nós não desistimos. Uns diziam: “Ah! vocês não sabem o abacaxi que vão entrar”. Outros, um tanto quanto ressabiados, argumentavam: “Mas o jornal de vocês não vai criticar ninguém, né? Porque se criticar, já viu o que pode acontecer!” Mas apesar desses comentários pessimistas, e outros mais, tomamos a decisão de levar o projeto em frente. (...) Entramos nesse empreendimento sabendo o que poderíamos enfrentar, pois desde as primeiras reuniões já ficou decidido que não seríamos um

O SERMÃO DO PLANALTO

Mal-aventurados os pobres de espírito
que governam dos palácios

Mal-aventurados os que choram
com as cristalinas lágrimas do povo
e pedem para ser consolados.

Mal-aventurados os mansos por conveniência.
Horas virão em que serão delatados.

Mal-aventurados os que têm fome e sede de poder.
pois jamais serão saciados.

Mal-aventurados os falsos pacificadores
que se degladiam e conspiram nos tribunais.

Mal-aventurados os que se dizem misericordiosos:
mentem e prorrogam a miséria humana.

Mal-aventurados os que, por falsa justiça,
são vis perseguidores nos corredores de Brasília.

Bem-aventurados os candangos, os oprimidos,
os famintos, os paus-de-arara, os molambos,
os bêbados, os indigentes, os débeis-mentais e desajustados,
indiferentes à concupiscência
e que não transigem com a fornicação.

Grande será a vossa recompensa nos vendavais do novo dia.

Idalécio Esteves
3a. Antologia Poética
de Alfenas - 1999

UAI

outubro 1977 - nº 1

EDITORIAL

Estamos começando um novo jornal. E não foi por falta de conselhos que nós não desistimos. Uns diziam: "Ah, vocês não sabem o abacaxi que vão entrar". Outros, um tanto quanto ressabiados, argumentavam: "Mas o jornal de vocês não vai criticar ninguém, né? Porque se criticar já viu o que pode acontecer!" Mas, apesar destes comentários pessimistas, e outros mais, tomamos a decisão de levar o projeto em frente. Acharmos que o principal em um jornal é o material humano, e este nós tínhamos, as outras barreiras nós contornaríamos.

Entramos neste empreendimento sabendo o que poderíamos enfrentar, pois desde as primeiras reuniões já ficou decidido que não seríamos um jornal neutro ou apolítico. Primeiramente achamos que não existe ninguém neutro; por mais que alguém afirme que seja apolítico só de dizer isso esta pessoa já está tomando uma posição. E além do mais ser omissos num meio em que campeia a injustiça e miséria é ser conivente com o opressor. Ao mesmo tempo que pretendemos mostrar os fatos, analisá-los e opinarmos, queremos também ser um agente atuante desta sociedade, se possível ajudando nas transformações que estão ocorrendo e nas que estão por vir.

Assim sendo, propomos questionar muitos assuntos que estão adormecidos sob a apatia de muitos. Conscientemos também que sozinhos não poderemos levar adiante este jornal, pois, desde já, com a colaboração dos leitores, para o debate, diálogo, crítica ou divulgação, porque assim estaremos levantando a poeira que atualmente vai cobrindo nossa verdadeira cultura, que a cada dia vai se transformando nessa cultura "globalizante" e enlatada, alheia às nossas melhores tradições.

O primeiro passo foi dado... De agora em diante seguiremos caminhando firmes em nossos propósitos, mesmo sofrendo alguns tropeços, mas deixando o nosso rastro no caminho.

emocional.

PIMENTEL - Você ficou na Fundação Progresso com a ópera popular *O Incrível Encontro*, não é? Quanto tempo ficaram?

ANTONIO PEDRO - Quinze meses. Esse espetáculo foi todo construído ali. *Teatro é uma arte que só existe quando tem público. A relação teatral é a do ator com o público.* Então, imagina ensinar uma pessoa a nadar sem cair na piscina: "Exercício de respiração. Agora, alongamento..." Quem cair na piscina morre afogado, tá entendendo? Você tem que botar a pessoa direto no banho. O que a gente faz? Todo mês a gente apresenta o que está fazendo ao público.

Antônio Pedro
Revista Bundas
nº 73, nov 2000

espetáculo.

ANTONIO
é a arte dele que projeta si subjetivici esse 'mei contato ator. Por espetáculo teatro de apoio, etc. Mas, no subjetivici principal assim: "I e diz: "C baixo". C dá outra totalme

jornal neutro ou apolítico. Primeiramente, achamos que não existe ninguém neutro; por mais que alguém afirme que seja apolítico, só de dizer isso a pessoa já está tomando uma posição. E além do mais ser omissos num meio em que campeia a injustiça e a miséria é ser conivente com a opressão. (...) Assim sendo, propomos questionar muitos assuntos que estão adormecidos sob a apatia de muitos. Desta maneira está no Editorial do *UAI*, outubro de 1977, nº 1, propósitos que se estenderam ao longo da existência do jornal e que a primeira edição deixou definidos. Entrevista longa e descontraída com o Waldir que consumiu 3 páginas e mais quase 3 páginas na edição seguinte; questionamento da cultura e memória de Alfenas, uso dos medicamentos lançados pela indústria farmacêutica, racismo, exploração econômica e social do nosso País e da América Latina pelas grandes potências; exploração do trabalhador e suas lutas tiveram também presença na reprodução de entrevista à revista *Isto É* do presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, Luiz Inácio da Silva, o “Lula”. Como sempre ocorria, e ainda é comum, publicação esparsa de

Poesia

e o *UAI* não fugiu à regra quando surgiu, versos ornaram sua segunda página. No entanto, nessa primeira fase de cinco edições, 1977/outubro a 1978/maio, nela encontramos análise da arte poética do Idalécio Esteves pelo João Batista Cruz na **Apresentação da Poesia Alfense - 1: Deus enquanto esculpia o/ homem da argila da terra,/ fê-lo dormir profundamente./ Este ingrato... em contra-senso/ à graça da Criação Divina,/ rebelando-se nega-se a se despertar**. Na introdução, João Batista tascou logo que **a imprensa alfense tem dado guarida, com bastante frequência, a um sem número de pseudopoetas e, raras vezes, o que se lê merece o nome de poesia. São quase sempre “versinhos” circunstanciais e ainda padecendo de um arraigado provincianismo do tipo “velha-e-inesquecível paineira”**. Pronto! Logo depois, Maria da Conceição Carvalho, conhecida por professora Zinica, mulher ativa na vida social e política, também vereadora em Alfa-Alfenas, estrilou no jornal *Folha de Alfenas* contra o teor da **Apresentação da Poesia Alfense** porque os “versinhos” da paineira eram de sua autoria, lembrou poetas respeitados e com escárnio registrou que **estou certíssima de que os poetas alfenses, com -p- minúsculo, jamais procurarão o Grande UAI**. Mais tarde, em tempos mais à frente, e se até lá chegarmos nesta molenga prosa, caro leitor, encontraremos encartes de páginas literárias

Waldir de Luna Carneiro, um homem que já escreveu 36 peças de teatro, encenadas inclusive na TV, fala para "UAI", em entrevista exclusiva.

Quem se lembra da velha praieira em Alfenas? Da Melidão da Rua da Pedra Branca? Do Trem de Fierro? Quem se lembra do passado de nossa cidade? É uma história que catamos na lista telefônica ou é uma história escondida e esquecida na teia do tempo?

"Alfenas - Cultura com tradição ou não?" É um artigo interessante, esse respeito.

Não ponha sua saúde em risco, saiba que existem remédios proibidos em outros países e que estão à venda aqui. Cuidado!

(Leia na Página 4)

Em outubro comemora-se o descobrimento da América por Colombo. Quem ganhou com isto? Nestes 485 anos nossa pobre América enriqueceu... os outros!

(Leia na Página 4)

Info e outros assuntos de seu interesse estão neste primeiro número.

Congadas e embaixadas ^{Pág.} 3

Picando fumo... ^{Pág.} 8

Mais conversa com Waldir ^{Pág.} 6

MILTON NASCIMENTO E CHICO BUARQUE ^{Pág.} 5

PÁGINA ABERTA

PARA AS BRONCAS, CRITICAS, RESSALVAS E ELOGIOS. UAI!

A poesia Alfense ^{Pág.} 3

Uma nova seção ^{Pág.} **BALAIÓ** 7 onde cabe tudo

Uma questão: O Salário-Mínimo ^{Pág.} 6

A vida dura de viver
Relato de uma família proletária

Vestibular/78

Marque com um x as questões abaixo:

- Intocável, mas não isenta - pág. 2
- Vestibular, faculdade e depois...? - pág. 3
- Quem dá mais?... - pág. 4
- Vestibular, esse monstro - pág. 8
- A constituinte, a educação e o estudante.

E mais:

- Enfeites desumamos
- O problema da terra
- O que significa G. M. I.

Baseando nos interesses e na vontade popular

O UAI - 5 DECRETA:

- Art. 1.º - Os tempos estão mudando
- Art. 2.º - E o Cineclube de Alfenas?
- Art. 3.º - Entrevista com o Deputado Tarcísio Delgado
- Art. 4.º - Carnaval no interior

Parágrafo único - É direito do povo escolher seus governantes livre e democraticamente pelo voto direto, inclusive aos analfabetos.

EXTRA: "OS PENSAMENTOS DE MAU"

no UAI. E antes da despedida deste parágrafo, temos de lembrar que João Batista Cruz, em momentos anteriores, tentou bravamente manter Página Literária no jornal *O Alfenense*, camuflado em batalhões de pseudônimos a revelar modéstia e discrição. Aliás, em termos de cultura, literatura, é difícil despregar-se do João Batista quando deparamos com suas referências ao

Cineclube

Já ouviu falar sobre o Cineclube Charlie Chaplin de Alfenas? Não? Você não está sozinho: muita gente nunca ouviu falar. E, no entanto, ele completa agora quatorze anos de existência. É isso, caro leitor, assunto dele no *UAI*-maio/1978, com histórico do cineclube em tempos de anos de 1950/1960, quando a intelectualidade classe média se reunia em debates e discussões sobre filmes, diretores, roteiristas, atores, luz, câmera, ação. E o **Charlie Chaplin** em Alfenas, lembremos agora, fez história, movimento marcante na nossa arte e cultura, também sentiu os tentáculos reacionários e parvos da ditadura como aqui agora escrevemos para reavivar memória de alguns e para conhecimento de tantos, sei lá quantos: corria o ano de 1966 em percalço de 1967 quando o cineclube **Charlie Chaplin** de Alfenas produziu o curta-metragem, em 8mm, mudo, que deveria ser batizado com nome de **O Guerrilheiro** e foi gentilmente, amavelmente, delicadamente, pressionado por razões político-militares a trocar nome batismal para **Escolhi a Morte**. Um tempo em que não se permitia escolha, exigia-se obediência. Para encompridar conversa cinematográfica, o celuloide teve a produção custeada pelo cineclube, padre José Hann, os Esteves irmãos Idalécio e Ivan. Correram alguns anos, fez-se a anexação do som à fita do filme, mal e mal, e a fita cassete do som se perdeu. Em 1982, *TAC – Revista do Teatro Alfenense de Comédia* lembrou a história que aqui se conta, Ivan Esteves conseguiu localizar o filminho de trinta minutos nos guardados do Edson Velano, que passou pelas minhas mãos e chegou às mãos do Milton Nogueira de Barros, funcionário do Banco do Brasil, entendido em aparelhos de vídeo, pesadões e contrabandeados do Paraguai, que tinha um aparelhinho capaz do milagre de passar para fita VHS a narrativa de **O Guerrilheiro**, isto é, **Escolhi a Morte**. Do trabalho do Milton Barros, brotaram três fitas VHS que repousaram nas estantes do Idalécio e do Ivan e na minha, claro. Depois, com nova opção de escolha, o **A Morte** foi para o DVD e acabou de ganhar o mundo – exagero, caro leitor: os alfenenses interessados

O ALFENENSE



Jarneiro

Lúcio Leite Amaral
Diretor-Gerente

Edson Antônio Veloso
Vice-Diretor

Francoiso Leite Amaral
Chefe-de-Redação



CINE ALFENAS
Empresa Irmãos Mourão Ltda.

SENHA Nº 451

Vale meia entrada

PROTÓTIPO DO CINECLUBE DE ALFENAS 21 - 4

- 2) O Secretariado organizando e conservação da Biblioteca e arquivo. (Histórias importantes em geral).
- 3) O Secretariado organiza o Cinefórum e as sessões de cinema. Dirigir a publicação de artigos, crítica e resenhas filmográficas.
- 4) Tesoureiro: Administra as finanças.
- 5) A duração dos cargos será de dois anos, podendo ser renovados.
- 6) Em qualquer tempo e quando houver necessidade, a Diretoria poderá modificar os presentes estatutos, submetendo as alterações à aprovação da maioria absoluta.

O CINECLUBE DE ALFENAS tem duração indeterminada e em caso de dissolução, seu patrimônio passará a pertencer à Paróquia de São José e Dórea de Alfenas.

250/.

Alfenas (MG), 11 de novembro de 1964

1) Madre Maria José
Madre Maria José - Diretora

2) Idalécio Esteves
Idalécio Esteves - Presidente

3) Edson Antônio Veloso
Edson Antônio Veloso - Vice-Presidente



CARTÓRIO DO OFÍCIO	
WANDERLEY O. MANSO	1º Tabelião do Juizado e Notas
ALFENAS - MG	12/11/64

Cine Clube realiza "O Guerrilheiro"

Com argumento e direção do Idalécio Esteves o Cine Clube de Alfenas realizou o seu primeiro filme amador: "O Guerrilheiro". Filme alfenense onde atores, diretores e câmera, foram daqui mesmo num autêntico trabalho digno dos mais coloridos atores. Acostumado a trabalhar nos meios do cinematismo pois Alfenas é das poucas, talvez a única cidade do interior de Minas, que conta com um cine clube atuante e realizador. Já está a prova. Um grupo de entusiastas aliados ao que há de melhor no nosso amadorismo teatral conseguiu uma realização, em-hora em 8 milímetros (que mais tarde poderá ser copiada em 16mm.) que está merecendo os nossos aplausos e comentários. Alfenas se mostra, mais uma vez, como pioneira na cinematografia do sul de Minas. Sem ser ainda um filme de longa metragem "O Guerrilheiro" é uma autêntica

Ata do reunião de 11 de agosto de 1964

O cine clube de Alfenas, reunido em 11 de agosto, nesta data, nos Salões de Férias, do Colégio Sagrado Coração de Jesus, em uma reunião especial, para eleição de uma diretoria, que assim ficou constituída e aprovada:

Presidente: Dna. Maria Catarina

Vice-presidente: Maria Madalena Maria José

1º secretário: Anízia de Oliveira

2º secretário: José Edson Veloso

3º secretário: Maria Maria Costa

Tesoureiro: Leivan dos Santos Teixeira

Relacionado: Dna. Catarina

Relacionado de relação pública: Anízia Gomes

Fonora e Desembolso: Dna. Catarina

Bibliotecária: Cida Ramos Faria

Marcamos para o próximo dia 18, domingo "Noite de Colinas", que por ocasião de qualificação, a Madre Maria José, mandou a vir este filme, para ser exibido para nós, e cujo cartaz ficou marcado do nome o dia 18 do corrente mês.

Nesta mais homenagem a teatro, teatro e presente obra, que depois de longa e apurada

João Batista Cruz - UAI nº5, maio 1978

E O CINECLUBE DE ALFENAS?

Já ouviu falar sobre o "Cineclub Charlie Chaplin" de Alfenas? Não? Você não está sozinho: muita gente nunca ouviu falar. E, no entanto, ele completa agora quatorze anos de existência. É certo que atualmente se encontra numa espécie de hibernação, mas não é menos certo que já teve momentos de intensa movimentação. Soube, por acaso, que já realizou uma curta-metragem e que é reconhecido pela Câmara Municipal como um órgão de utilidade pública?

Em 1964, Madre Maria José, então diretora do Colégio Sagrado Coração, promoveu um curso de cinema tendo como ministrador do mesmo o padre Edemar Massoté, pessoa possuidora de larga experiência em cineclubismo. Padre Massoté lançou a idéia da criação de um Cineclub. A idéia foi prontamente

seções de pintura e fotografia em inúmeras oportunidades.

Todas essas atividades culminariam com a realização do Curta-metragem "Escolhi a Morte", com argumento, roteiro e direção de Idalécio Esteves, fotografia de José Aprelini e Padre José Haan. Este último foi ainda o responsável pela montagem e arte final. Esta fita foi realizada exclusivamente por cineclubistas e possui cenas de inquestionável beleza plástica. Foi filmado em locações, aproveitando os cenários naturais da zona rural de Fama e o bairro Dos Santos Reis, em Alfenas. Algumas particularidades curiosas cercaram a realização do filme. Inicialmente, o título escolhido fora "O Guerrilheiro". Porém, o instrutor-chefe do T.G. local, condicionou o empréstimo de alguns fuzis e fardas

e curiosos. E para completar assunto da Sétima Arte, também no ano da graça de Nosso Senhor de 1967 surgiu projeto de fazer filme na Atenas de Alfenas, com roteiro escrito pelo Waldir de Luna para **O Cristo Submerso**, centrado na inundação provocada pela represa de Furnas, romance, misticismo. Custos elevados de produção eram exigidos pelo **Cristo**, então que venham as mulheres, jovens mulheres, em manifestação inaceitável para a época, com o levante, **Levante das Saias**, que Waldir sacou de dentro da gaveta, peça de teatro que assustara os integrantes do TAC nos albores dos anos de 1960. Adaptou rapidamente para filmagens e, no mesmo ano, o filme ganhava telas no Brasil dos militares e os cines Alfenas e Paraíso desta terra onde as águas da represa se aproximam e se assossegam para contemplar o pôr-do-sol. Acho, caro leitor, que devemos persistir com o João Batista Cruz, que nos deixará no finalmente deste capítulo, e entenderemos todos motivos e alegações do seu afastamento. E ele põe nome e nomes de propriedade no texto de novembro/77 do *UAI*, assunto de

Manifestações Populares

que comumente se diz de negros e se acrescenta pobres também, quando ele, João Batista, mais o Domingos de Abreu Miranda e mais o Henrique de Souza Miranda, ouviram memórias do Pedro Cruz e do Antônio Tobias da Costa sobre **As Congadas e “Embaixadas” em Alfenas**. Eles contaram e o papel do jornal deixou registrado que, **segundo estudiosos do folclore, Congada é uma dança de cunho dramático, misto de tradição e costume africanos com elementos de origem luso-espanhola**. E no discorrer da leitura, Pedro Cruz e Antônio Tobias registram perseguições do poder público aos congadeiros; não tinham ajuda, pagavam muitas vezes para sair pela cidade, suportavam agressões. Racismo presente ao longo da nossa história, enrustido, declarado, humilhante, **na hora da comida eles punham a comida no cocho e os diabinhos enfiavam a mão no cocho e raspavam o angu...** Carmélia, irmã do Tobias, conta a história da avó, **que veio pra cá sem saber. Ela e outras meninas estavam brincando perto do rio. Aí, chegaram uns homens e mostraram pra elas algumas coisas na mão. Quando elas se aproximaram, eles as agarraram e levaram para o navio. E nunca mais viram a família, nem sabiam pra onde vinham e nem sabiam de onde vieram**. Transcrição de textos com denúncias de abusos sociais e raciais tinham abrigo no *UAI*, como no caso do jornal *O Formigão* de abril/1977, e esse caso do **estudante negro Cardeque Soares, ocorrido**

Seção dos trabalhadores UAI nov 1977, nº 2

A VOZ DO TRABALHADOR RURAL

Para quem quiser conhecer este fenômeno do trabalhador rural, chamado volante ou mais comumente conhecido por "bóia-fria", basta dar uma volta de manhãzinha pelas saídas da cidade. Lá você encontrará diversos destes trabalhadores se dirigindo para o trabalho, amontoados nas carrocerias dos caminhões. A designação é "bóia-fria" dada ao volante, decorre das condições mais frequentes que se realiza o seu trabalho. Contrata-se para desempenhar o seu trabalho em pequenos períodos de tempo.

roca: apanha...
mando. Mas o que dá pra ganhar com a roca de café?
"Nós trabalhamos sem ter carteira assinada. Se ficar doente, tem que se virar. Se não tiver dinheiro morre à míngua. Se depender do INPS daqui tá roubado. A gente paga ele e na hora de atender é aquela coisa".
"Olha aí! Uma firma rica daqui. O café lá tá morrendo no mato, porque o homem tabelou pagar só 45 contos por dia pra capinar café. Eu mesmo apanhei café pra ele lá. Mas era aquela segurança. Apanhava aquele horror de café pra não ganhar quase nada. Tá só enriquecendo aí. Isso é uma parte que o governo não precisa dar providência. O enxadeiro tá sofrendo mesmo. Farta reunião dos trabalhadores. Aqui na cidade tá cheio de turmeiro. Chega segunda-feira sai mais de trezentos caminhão de turma pras rocas. O turmeiro trata de pagar a gente um preço e depois a gente recebe outro".
"Aqui tá cheio de fazenda onde o pessoal trabalha. A gente faz uma servicreira pra eles e ganha uma tutaméia. Enquanto você tá prestando no cabo da enxada você tá ganhando mais, mas quando a gente não pode trabalhar mais, aí eles nem se lembra mais da gente. Se juntar uma turma aí de uns trinta, pra lutar pros nossos direitos, eles falam "ah, esses aí estão loucos, manda fechar eles lá embaixo".
"Eles não tem consciência de como sofre o trabalhador. Igual essa semana, eu fui pra trabalhar uma tarefa de 500 pés de café que nós vinha tirando... o patrão falou..."

Retrato do Brasil nº 21, pag. 251

ECONOMIA/SALÁRIOS: a manipulação dos índices

Fraudes salariais

A partir de 1973, torna-se freqüente a fraude nos salários dos trabalhadores, através da manipulação, pelo Regime Militar, dos índices de inflação

UAI - novembro 1977, nº 2 As Congadas e "Embaixadas" em Alfenas

Vários "casos" interessantes sobre congadas, na memória de Pedro Cruz e Antônio Tobias da Costa

Vários "casos" interessantes sobre congadas, na memória de Pedro Cruz e Antônio Tobias da Costa.
A cultura brasileira é fruto de uma mistura de raças, crenças e costumes. Índios, brancos, negros formaram as bases de nossa História. Conquistado e muito tempo dominado pelos portugueses católicos, o Brasil tem no catolicismo um marco importante de

fugiu-se. Mas com aquela fé e suas crenças ele pede a Deus que lhe mostrasse um caminho. Então em sonho, ele vê a figura de um homem à sua frente, com uma espada e uma coroa. Lá ele pediu socorro a Carlos Manoel, que era o rei da França na época. Carlos Manoel entra em guerra com os mouros, pela reconquista de Jerusalém. O rei

tem que pagar dinheiro, se não pagar não sai. Eu, se não me engano, a última vez que eu vi pagar foi 30 cruzeiros por dia. E tinha dados iam atrás e mandaram parar... não podia fazer barulho, sendo... vi e outras coisas...

Jon-
tico,
com
con-
to-
va-
ach-
uma
rios
em-
ente
as
do
ente
ngo
Nos-
oni
vá-
par-
tici-
onio
ram
idas.
con-
ali
me-
em
que
s el
con-
nte.
con-
li-
ran-
uma
na-
s e
lém.
la a
do
quilo

nho de uma e de outra dessas passagens na-
quela guerra. Assim os congadeiros faziam
as apresentações de suas "embaixadas" em
suas coloridas vestimentas por duas ou mais
horas, representando um autêntico espetá-
culo de arte cênica popular.
"Sobe, sobe, Calapatinho,
Naquele mastro real...
Vê se avista terra,
Ou areia em Portugal!
Não avisto terra,
Não avisto nada,
Meu capitão general...
Só avisto três dozeias
Debaixo de um parreiral".
"Te darei muito dinheiro,
Que talvez não possas contar...
Te darei um cavalo seleiro
Com ferradura de ouro,
Diamante no peitoral".
Te darei três donzelas:
Uma pra te lavar,
Uma pra te engombar,
Uma pra contigo casar..."

As despesas do congado eram feitas pe-
los próprios congadeiros. Não havia ajuda de
ninguém. Segundo Pedro Cruz, "em vez de
ajuda, houve muita perseguição por parte
de vereadores, por parte de prefeitos. O dr.
Fausto Monteiro foi um que perseguiu. Hou-
ve um prefeito que apoiou maciçamente,
que foi o Pedro Siqueira. Eles perseguiram os
congadeiros por política, né? Achavam que
aquele devia acabar. Então o negócio era o
seguinte: criaram uma lei, no tempo em que
mil e quinhentos réis era muito dinheiro.
Então criaram essa lei que tinha que pagar
1.500 réis e dançar nas últimas ruas da ci-
dade. Eles não apoiam o congado por avida-
de, pra querer destruir aquilo que pariu dos
humildes. E o mundo, pode quem quiser lu-
tar, que o grande só vem pra destruir o pe-
queno".

em Alfenas, a “Atenas do Sul de Minas”, como dizem. Nesta cidade de Alfenas, Sul de Minas, um negro aluno da Escola de Farmácia local foi convidado a se retirar do clube e proibido de reentrar pelo porteiro devido a “ordens superiores que não permitem a entrada de negro nesse clube”. A existência de clubes dos negros e dos brancos é comum nas cidades do nosso interior. Nas Alfenas, até meados dos anos de 1960, a União Operária, para operários, tornou-se referência para bailes e atividades dos negros, os pobres. Sobre a reportagem das Congadas e Embaixadas, João Batista Cruz lembra a repercussão quando veio um senhor do Rio, que era da direção de uma entidade folclórica, e que estava mapeando o país sobre as Folias de Reis e Congada. Outra entrevista riquíssima de informações sobre Congada teve o Sebastião Gaspar, que, em 1978, foi convidado a ir a São Paulo fazer uma apresentação de “embaixada” no II Encontro da Festa Popular. O *UAI*, em cinco edições de 1977 a 1978, abordou assuntos esquecidos pela imprensa do interior, ou então, quase sempre maquiados, ou condenavam o pessoal do andar de baixo. Numa região apoiada na agricultura,

Trabalhadores Rurais

enchiam carrocerias de caminhões nas madrugadas frias de inverno, sentados em tábuas, protegendo-se do frio e do vento com agasalhos humildes, **boias-frias contratados para desempenhar tarefas em pequenos intervalos de tempo.** Manhãs de inverno, névoa encobre corpos amontoados e pouco alimentados, páginas do *UAI* a abrir espaços para esse pessoal sem rosto, banidos do presente, futuro sem luz e apoio, leitura de verdades desprezadas, desconhecidas, **trabalhamos sem ter carteira assinada. Se ficar doente, tem que se virar. Se não tiver dinheiro, morre à míngua.** Depoimentos assim incomodam lideranças políticas nas redondezas, desmentem a propaganda oficial, atingem mandões e prepotentes porque **eu tenho 4 meninos estudando. Tenho uma filha que teve que parar de estudar porque não deu pra comprar material da escola pra ela. Eles não perdoam um lápis nem borracha. Dizem que vem dado, mas os meninos vão buscar o caderno, aí eles falam: traz dois cruzeiros senão não leva.** Louvada seja a corrupção protegida, escamoteada, escondida na hipocrisia dos homens de bem, de paz, patriotas. Compreende-se agora a afirmação do João Batista Cruz de **que você pode reparar que, desde o começo, o jornal foi pressionado.** Caro leitor, assim era a realidade social que vinha desde tempos antigos, Brasil colônia, império, república, ditadura do Getúlio Vargas, democracia

UAI nº 3 - dezembro 1977

Seção dos trabalhadores

A VIDA DURA DE VIVER

Relato de uma família proletária

Na periferia da cidade existem inúmeras casas, sem as menores condições de habitação. São pequenas, em geral dois cômodos, chão de terra batida, paredes esburacadas, sem ventilação. São trabalhadores, que com os poucos rendimentos que recebem pelo seu trabalho são obrigados a habitarem nestas condições precárias. Assim a cada dia o problema imobiliário se agrava, ainda mais. Num final de semana chegamos numa dessas moradias, e encontramos a mulher adocentada, de cama em companhia de seus filhos, todos menores de 11 anos. Morando numa casa de dois cômodos: cozinha e quarto, com somente uma porta e uma janela e várias frestas na parede por onde o vento penetrava. Daí a pouco chegou o marido e pai das crianças, cansado e semblante triste. Ele nos contou de seus problemas. Eis o relato dos três: pai, mãe e um filho de 11 anos.

...Eu saía todo dia de manhã, pra trabalhar de ajudante de caminhão. Quatro horas da manhã eu saía, às vezes às três horas eu já tinha saído de casa. O dia que chegava

UAI nº 5 - maio 1978

Seção dos trabalhadores

Entrevista com Sebastião Gaspar

O senhor Sebastião Gaspar é uma pessoa que há mais de cinquenta anos vem exercendo o papel de capitão de congo. Desde 1925 ano após ano ele coloca seu terno de congo na rua e sai fazendo suas apresentações pela cidade, ou mesmo para fora, como neste ano em que foi convidado a ir em São Paulo fazer uma apre-

Quando terminou a festa do Rosário, parece que eu já sentia que tinha melhorado. Pela promessa que minha mãe fez, enquanto existisse o congo eu tinha que dançar o congo. E continuei a dançar. E o único filho que viveu foi eu. Os outros irmãos, todos morreram. E assim eu danço congo até hoje.

UAI — Como é que o senhor consegue trabalhar e ainda dá tempo de ler e mexer com congo?

SEBASTIÃO GASPAS — Naquele tempo eu trabalhava na roça, então quando era noite eu ficava a troco só daquilo ali. Agora esses um que dançava comigo, então eu ensinava um, ensinava outro e no dia que eu faltava, sempre tinha um que me substituiu. Agora nos dias de festa, aí não tinha patrão, não tinha ninguém, eu nem queria saber se tava fichado ou não, nesse dia eu ia mesmo.

UAI — Quais os problemas que o senhor enfrenta pra sair na rua?

SEBASTIÃO GASPAS — Olha, precisamos ir na delegacia tirar a licença. A responsabilidade da gente é muita. Se há qualquer coisa eles vão lá e breeam. Um dia tava o Sebastião Cirino com o seu terno de congo fazendo uma embalsada e aí chegou a polícia e falou: "Para com isso aí que já é dez horas". E precisou parar.

UAI — Apoio financeiro eles dão?

SEBASTIÃO GASPAS — Não, parte tudo dos congozeiros. Essa parte pra mim é a mais pesada, porque se faltar roupa eu tenho que comprar, mas nem todos, só pra alguns.

pós-Estado Novo, ditadura militar na manutenção infinita da casa-grande, da senzala. Sempre o problema da terra, **de alguns anos para cá, a agricultura em nossa região está se tornando monopólio de algumas empresas agrícolas que aqui se instalaram e que, graças a incentivos governamentais e aos bons preços para produtos exportáveis (no caso café e laranja) obteve um grande crescimento. Em contrapartida, estas empresas trouxeram um grande deslocamento da população rural para a periferia da cidade, contribuindo assim para o aumento da especulação imobiliária.** Dezenas de anos depois, Ildeu Manso Vieira escreveria que, quando Jânio tentava governar o país, usando a vassoura e os “bilhetinhos”, Alfenas retratava, com perfeição, o continente chamado Brasil – uma republiqueta latino-americana de contrastes impressionantes. **De um lado, observava-se riqueza acumulada nas mãos de fazendeiros de famílias tradicionais:..** Se usamos o caminhão, o carro-de-boi, o lombo do animal, e apertamos o passo de retorno para a cidade, a história se escreve da mesma maneira porque os

Trabalhadores

...não recebem de ordenado nem a quantidade que determina a lei, pois os seus salários relativos a jornadas de serviços, que é ilegalmente quase sempre superiores a 8 horas, não chegam nem no valor do salário mínimo. O caro leitor, neste momento, bem conhece o problema social que acompanha o trabalhador brasileiro, debates, denúncias, informações na imprensa, exercício da liberdade de imprensa nas relações democráticas do Estado. **Eu saía todo dia de manhã pra trabalhar de ajudante de caminhão. Quatro horas da manhã eu saía, às vezes às três horas eu já tinha saído de casa. O dia que chegava mais cedo em casa era sete e meia, oito horas da noite. Bão, eu não reclamava disso, eu tava precisando de trabalhar e eu não ia reclamar,** histórias da vida real no mundo irreal dos tempos de *UAI*. João Batista Cruz traz à lembrança que foram feitas reuniões na garagem da casa onde morava à época e que lhe trouxeram sabores do Adolfo Engel, vizinho, chefe político que representava o regime militar, que o censurou porque **estava recebendo, em casa, comunistas; que eu vim de baixo e queria voltar pra baixo. Por que você não faz como o Edson Velano que veio de baixo e se mantém em cima?** apesar de que a participação dele era com literatura, como está claro na Apresentação da Poesia Alfenense. Na seção **Balaio**, *UAI* apontava com veemência desmandos no Poder Executivo Municipal e problemas da

Cristovam Buarque
Revista Bundas nº 26
dezembro 1999

Luta contra a Pobreza no Senado. Essa comissão foi colocada pela senadora Marina Silva para definir programas contra a pobreza. Eu apresentei 30 medidas, com o custo de cada uma.

ZIRALDO - Dá para resumir o conteúdo do livro?

CRISTOVAM - O título do livro é *A Segunda Abolição*.

O maior engodo da elite brasileira foi dizer: "Venham vocês pobres fabricar os produtos que os ricos vão consumir que deixarão de ser pobres. Venham do Nordeste para São Paulo fabricar automóveis. Os ricos vão consumir os automóveis mas vocês terão emprego e salário". Nem houve empregos para todos nem os salários bastaram. Já pensaram se aquela

energia de produzir automóveis tivesse sido usada pra fazer escolas, postos de saúde, água e esgoto? Um grande problema hoje é como mobilizar essa mão-de-obra ociosa pra produzir aquilo de que precisa. Mais importante do que dar salários altos - o que é difícil - é possibilitar aos assalariados a solução dos seus problemas. Ai é que está o êxito do Bolsa-Escola.

RICKY - Como funciona esse projeto Bolsa-Escola?

CRISTOVAM - É um projeto que diz para uma mãe pobre: "Eu vou lhe pagar mas você não deixa seu filho faltar à aula".

Em Brasília, a gente paga um salário mínimo para cada mãe

Revista Realidade
agosto 1968
nº 29

Não ter fome é o primeiro direito do homem, afirmam os documentos da ONU — Organização das Nações Unidas. Entretanto, quase dois terços da humanidade não têm o que comer, embora o mundo esteja em condições de produzir alimentos para 50 bilhões de pessoas. Em alguns países da África e do Extremo Oriente, o problema chega a ser tragédia nacional. No Brasil, o mapa da fome organizado pela ONU mancha de negro uma região de 13 000 quilômetros quadrados, na Zona da Mata pernambucana, onde vive 1,5 milhão de brasileiros. É deles que nós vamos falar.

**ELES ESTÃO
 COM FOME**

Texto de Eurico Andrade
 Fotos de Jorge Butsuem

Mandassaia
Ideu Manso Vieira - pág.296

OS GABIRÚS DO BAGUARI

Quando Jânio tentava governar o país usando a vassoura e os "bilhetinhos", Alfenas retratava, com perfeição, o continente chamado Brasil — uma republiqueta latino-americana de contrastes impressionantes. De um lado observava-se a riqueza acumulada nas mãos dos fazendeiros de famílias tradicionais; do outro a miséria, a ignorância total. No Vale do Cabo Verde predominava o feudo dos Veiros, destacando-se a fazenda Monte Alegre, com a sua usina de açúcar; fazenda do Campinho, Campo Redondo, Fim do Campo, Vista Alegre e do Quilombo, no Muzambo, esta pertencente aos Taveiras e dentre outras as fazendas de café dos Paulinos, Leite e Ribeiros que formavam uma casta de ruralistas na Pedra Branca.

Lá nas proximidades da fonte dos Bastos, no Cabo Verde.

Veja, 23 janeiro 2002

**O PARADOXO DA
 MISÉRIA**

O Brasil é o mais rico entre os países com maior número de pessoas miseráveis. Isso torna inexplicável a pobreza extrema de 23 milhões de brasileiros, mas mostra que o problema pode ser atacado com sucesso.

Ricardo Mendonça
 Fotos de Pedro Martinelli

doença evolui, a imunidade do paciente cai e o corpo incha. Aparentemente ele está apenas gordinho. É nessa fase que

BOLSÕES DE POBREZA

Retrato do Brasil - pág. 41
 CONDIÇÕES DE VIDA/NUTRIÇÃO: as doenças da fome

As duas faces da fome

No Brasil, a desnutrição atinge milhões de pessoas: é a fome de proteínas e calorias, que provoca perda de peso e altura, doenças e pode levar até a morte



cidade. E como estamos a falar de coisas de *onti* e *antonti*, lembremos o cronista que registrou fatos e acontecidos da

EFOA

como a **parada estilo Marche aux Flambeaux, ocorrida no dia 8 (novembro de 1964) à noite. Foi um espetáculo deslumbrante e inesquecível. A iluminação pública do centro da cidade foi desligada e, do prédio da praça Dr. Emílio Silveira, nº 45, partiu a marcha, todos carregando uma tocha acesa. Aquela enorme procissão de luzes, carregadas por professores, alunos da Escola e de outros estabelecimentos, percorreu os principais lugares do centro, por ocasião da comemoração dos cinquenta anos de fundação da Escola de Farmácia e Odontologia. Cá, nos cafundós do interior de Minas, distante de tudo, no enfrentamento das estradas de terra, iluminação precária, o absurdo de um curso superior, teimosia de idealista e de sonhadores persistentes. Explicações do passado que também o cronista esclarece para dias sempre presentes na alfenança histórica quando o ministro da Justiça, dr. Rivadávia Corrêa, aboliu privilégios dos diplomas e retirou o caráter oficial dos cursos superiores no distante começo do século 20, precisamente em 1911. Dos abusos de cursos que proliferaram até 1915, quando a lei foi reformada, novamente diplomas superiores voltaram a ser expedidos por estabelecimentos legalmente constituídos. Sobreviveram então cursos e escolas que mantiveram honestos e firmes os princípios do ensino responsável. Sobreviveu a EFOA. E, até 1960, manteve-se por si só com as condições para manutenção, e mesmo assim **a EFOA era um castelo onde alguns privilegiados dirigiam aquilo ali sem prestar contas a ninguém, como se fosse um feudo deles**, condena Domingos de Abreu Miranda, que a conheceu no curso de Odontologia. Na edição de janeiro/fevereiro de 1978, nº 4, o *UAI* escancarava o escândalo do vestibular quando a cidade, atropetada de estudantes-vestibulandos, e se descobre que alguns “estrategistas” haviam arrombado a sala onde estavam guardadas as provas do vestibular da EFOA e levaram alguns exemplares dos valiosos papéis para fazer fortuna aos seus possuidores. Um “Watergatezinho” com outras nuances nas “profundas do sertão”? Os comentários boca a boca não tiveram guarida na imprensa local. **E nós tivemos a ousadia de botar o dedo na ferida**, lembra Domingos de Abreu Miranda. Eu trabalhava no cursinho. Foi preciso fazer uma prova correndo, de última hora. Aquela prova tinha de ler três romances, repercutiu bastante, estávamos num cursinho, tinha 200, 300 alunos, só**

Silsomar Massote Botelho

FESTIVIDADES DO CINQUENTENÁRIO DA ESCOLA.

Conquanto tenha ocorrido no dia 3 de abril de 1964, os cinquenta anos foram condignamente comemorados no mês de novembro do mesmo ano, de 8 a 14. As festividades programadas pela Comissão, especialmente constituída para esse fim pela Congregação, consistiram de: dia 8, missa campal, sessão de abertura e coral; dia 9, sessão litero-musical; dia 10, palestra sobre assunto odontológico; dia 11, descobrimento da placa comemorativa do Cinquentenário e teatro; dia 12, competições desportivas; dia 13, palestra sobre assunto farmacêutico e dia 14, sessão solene de encerramento, seguida de churrasco e de baile. Todas essas atividades foram realizadas de maneira a não perturbarem as aulas, compatibilizados os horários de umas e outras.

Entretanto, o que mais nos ficou marcado, pois que nessa época éramos estudantes do 1º ano do Curso de Farmácia, foi a parada estilo "Marche aux flambeaux", ocorrida no dia 8, à noite. Foi um espetáculo deslumbrante e inesquecível. A iluminação pública do centro da cidade foi desligada e, do prédio da praça Dr. Eraldo Silveira, nº 45, partiu a marcha, todos carregando uma tocha acesa. Aquela enorme procissão de luzes, carregadas por professores, alunos da Escola e de outros estabelecimentos, percorreu os principais lugares do centro, iniciando e encerrando a comemoração no mesmo local.

Efoa 1914-1985 Notas Históricas

I Jornada Científica de ALFENAS
V Semana Farmacêutica
Departamento Social

TEATRO
V Semana Odontológica
Canto

Programa
Srta Luci Prado

Convite - A Comissão Organizadora da I Jornada Científica de Alfenas, através do seu Departamento Social, tem o prazer de convidar V. Excia. e Rexas. família para assistirem a uma Sessão Teatro Musical, dia 3 de Outubro, às 21 horas, no Falcão do Centro Católico "Cristo Rei" com a participação do Teatro Universitário de Alfenas e o Coral Alfenas.

SHOW - Farmácia/67

Dias 29 e 30 — Às 19,30 hs. — No Centro Católico
(Com atraso regulamentar de 10 minutos)

PROGRAMA - 1.ª Parte:

De Waidir de Luna Carneiro, a peça: **Só o coração não muda** Venham ver Alfenas no ano 3000

2.ª Parte:

VESTIBULAR - 76

A Escola de Farmácia-Bioquímica e Odontologia de Alfenas novamente logou obter um número recorde de candidatos aos seus vestibulares. Concorrendo a 100 vagas para o curso de Odontologia e a 50 vagas para o curso de Farmácia, apresentaram-se exatamente 1.478 candidatos. O fato demonstra mais uma vez que a nossa Faculdade vem se firmando a cada ano que passa como uma das mais conceituadas do Estado e do País.

ODONTOLOGIA:

Candidatos de Alfenas - Homens	213	21,18
Mulheres	78	7,44
Outras cidades	720	74,32
Total	1.008	
FARMÁCIA:		
Candidatos de Alfenas - Homens	27	5,76
Mulheres	127	27,18
Outras cidades	314	67,00
Total	468	

0 Alfense - 11 janeiro 1976

Paulo Passos da Silveira começou a trabalhar em odontologia americana. Os livros em inglês e ele pegava o dicionário e traduzia.

A EFOA

"Naquela época, o sistema era de anuidade. Cobrava-se uma pequena anuidade, razoável. A Escola era pobre. O sistema de pagamento dos professores era por dividendos. A Escola arrecadava o que podia, o que era permitido por lei. O Governo, naquela época, exercia fiscalização sobre taxas. A Escola vivia sob fiscalização estadual, depois federal. O Estado e o Governo Federal não ajudaram em nada. A Prefeitura, em determinada ocasião, prometeu, mas também não cumpriu. O número de funcionários foi sempre muito pequeno. Tinha o secretário, que era o Prof. Antenor de Carvalho, que lavrava as atas e as reuniões da Congregação. O serviço de secretaria era feito até por estudantes em troca de anuidades, praticamente sem remuneração."

O PROFESSOR

"Formei-me em 1930 e era muito amigo do Prof. Arlindo Pereira que foi um dos fundadores da Escola. Em 1931, o Prof. Arlindo resolveu passar o mês de outubro no Rio de Janeiro no **Jornal da Efoa** abril 1999, nº 047

o Super-Super. O pessoal ficou muito revoltado. Todo mundo leu a matéria, conta João Batista Cruz. Nessa edição, o *UAI* também tornou públicas ações prepotentes de professores, depoimentos de uma realidade desconhecida, **o que eu acho mais sério na nossa escola e que acredito ser o maior responsável por muita coisa errada que acontece, é exatamente aquela situação de que muitos dos “principais” ou não, perderam, não têm ou invertem os valores do ensino que deveriam possuir, como responsáveis pela orientação de futuros profissionais, ou seja, o “ensino” fica em segundo plano, sobressaindo-se outros interesses,...**

Desde o primeiro número e até a última edição da existência, o *UAI* sempre se posicionou de maneira clara, objetiva e firme nos editoriais, **A EFOA pode ser uma instituição federal respeitada, pode ser a representação máxima desta Alfenas, mas não podemos nos omitir nos seus erros, não podemos nos calar quando as falhas se avolumam e chegam até mesmo a comprometer a sua imagem na região. Por querê-la bem é que estrilamos quando sentimos que algo não está bom. E não berramos por desejar a sua desgraça – Intocável, mas não Isenta.**

Ao discorrer sobre a primeira fase do *UAI*, João Batista Cruz revela que **foi nessa época que o tenente Osvino, que dava aula de OSPB (Organização Social e Política do Brasil) no colégio Alfenas, me pediu o endereço de cada jornalista. Ele vivia me pressionando, pedindo endereço. Interessante que o chefe político pressionava de modo mais radical, fazendo ameaças. Ele, não. Pedia apenas o endereço.**

Após a edição de maio de 1978, alguns colaboradores do *UAI* tomaram caminhos diferentes na vida, e ficaram gravadas disposições em busca do bem da coletividade, preocupação com o resgate da história e da memória daqueles que vivem e sobrevivem à margem do poder e das relações amigáveis dos poderosos ou quase lá. Naquele momento de medo, apreensão e prepotência, o *UAI* caminhou pela trilha da liberdade consciente e democrática.

Em maio de 1979, o tabloide *UAI* retornaria às bancas. E mais história se fez. E registrada permanece.

Rei das Baterias

Não luto basta para a sua propaganda.
Nossas lojas para melhor servir os amigos e freqüentes.

Rua Artur Bernardes, 245 — Fone. 691

Av. José Paulino da Costa, 470

ALPENAS — MG

UAI

Sapataria Dragão

Calçados para todos os gostos.

Praça Getúlio Vargas, 329
Rua Cônego José Carlos, 93
Alpenas — Minas Gerais

UAI

Mineirama Diversões Eletrônicas

Filipetadas e máquinas de vídeo para
o seu passatempo.

Praça Getúlio Vargas, 150
(Ao lado do Cine Alpenas)

Farmácia Centenário

Os melhores preços e um bom atendimento

Matriz: Rua Artur Bernardes, 817

ALPENAS — MG

Livraria e Papelaria Cultural

Praça Getúlio Vargas, 206/208

Alpenas — Sul de Minas

Transportadora Souza Ltda.

SEGURANÇA — RAPIDEZ

Rua Afonso Arinos, 344 (Garagem)

Rua Leão de Faria, 148 - Fone. 669

Av. Afonso Pena, 851 - Fone. 787

Alpenas - MG.

ESQUIÇA O FRIO, DURMA SOSSEGADO
TENHA SEMPRE A

«Manta Mineira Ela»

UMA FABRICAÇÃO DA TEXTIL ELA

Rua Afrânio Peixoto, 153 — Jardim S. Carlos
Fones: 685 e 456 — Alpenas (MG).

FOSFOCÁLCIO - FABINHA DE OSSOS
Fosfocálcio - Fósforo e Cálcio para seu re-
banho

A Farinha de Ossos Fosfocálcio é distribuída
pela Camig e Cooperativas Agro-Ecudárias do
Brasil.

Fosfecal Indústria e Comércio Ltda.

Rua Cel. Laurindo Ribeiro, 36 - Cx. Postal,
123 — Fones: 529 e 740 — End. Tel. FOS-
FOCAL — Alpenas (MG).

É NA PANIFICADORA ALVORADA onde você
come pãoes quentes três vezes ao dia

Panificadora Alvorada

de Nelson Eugênio de Oliveira

Rua Pres. Artur Bernardes, 509 — Fone. 206
— Alpenas (MG).

UAI

Despachante Carvalho

(FORENSE)

Escrituras, financiamentos, cadastros,
contratos, guias Guas, Xerox - Mastifi-
cação de documentos.

Av. Governador Valadares, 10 (Ao lado
do Fórum) - Alpenas-(MG).

A Moderna Móveis Ltda.

Móveis das mais afamadas marcas - Ele-
trodomésticos em geral
Praça Getúlio Vargas, 193 - Tel. 433 -
Alpenas-(MG).

BALAS — BISCOITOS — DOCES — CHOCO-
LATES — MACARRÃO
COM

Distribuidora de Doces Neusa

DISTRIBUIÇÃO POR TODA REGIÃO E
TAMBÉM OESTE DE MINAS
Rua Padre João Batista, 611 — Fone. 491 —
Alpenas (MG)

Um lugar ideal para se encontrar

BAR TIP-TOP

Proprietário: José Antonio Goulart

Rua Artur Bernardes, 1025 - Alpenas -
(MG)

Cooperativa Agro-Pecuária de Alfenas Ltda. (COAPAL)

No intuito de melhor servir aos seus associados e ao povo de Alfenas, comercializamos que está com uma completa linha de eletrodomésticos, tecidos e bicicletas. Camisas Perfectana, Natarl, Sumata e Lord Arthur. Calças US TOP. Para breve as famosas malhas Herling. Liquidificadores e ventiladores Britânia, o que há de melhor em qualidade. Ainda contamos com depladores, barbeadoras, rádios FM-OM-OC, batadeiras, etc. P/ breve: discos e filmes.
COAPAL: vendendo o melhor pelo menor preço.
Av. José Paulino da Costa, 161 — Fone: 498 — Atendimento das 8:30 horas da manhã até às 17 horas. (Atende-se à domicílio).

Casa Boczar

De Rubens Boczar
TUDO PARA CONSTRUÇÃO
Tijolos residenciais e automotivos
Materiais elétricos e ferragens em geral.
Rua Artur Bernardes 304 - Alfenas, MG

Lincoln Westin da Silveira

Advogado Criminalista
Praça Fausto Monteiro, 82 - Alfenas (MG).

SE PREOCUPE COM A CONSTRUÇÃO DA SUA CASA!

Terra & Irmãos Com. Ind. Ltda.

Você encontra todo e qualquer material de construção e o preço? o melhor da cidade e também da região.
Terra & Irmãos Com. Ind. Ltda. — Av. José Paulino da Costa, 40 — Fones: 440 e 749.

Autorama Peças Ltda.

VIVA TRANQUILO COM O SEU CARRO: MERCEDES, CHEVROLET OU VOLKSWAGEN
TEM A PEÇA PARA O SEU CARRO: MERCEDES, CHEVROLET OU VOLKSWAGEN
Rua Artur Bernardes, 527 - Fones: 308 e 309

AGUARDENTE? NEM É PRECISO ESCOLHER

EMPE - Uma pinga para um bom bate-papo

Distribuidora: M. Pereira & Cia. Ltda.
Rua Dom Silvério, 120 — Fone: 597 — Alfenas (MG).

A POPULAR

UMA LOJA ESPECIALIZADA EM ROUPAS FEITAS, ARMARINHOS E NOVIDADES DA MODA

Ao agricultor e pecuarista:

Casa das Máquinas

Máquinas e acessórios para lavoura, pecuária e indústria
de Veraldo Elias Vieira
Escritório e depósito: Av. Afonso Pena, 754, - Fone, 496 - Alfenas (MG).

Rua Cônego José Carlos, 23 — Fone: 745 — Alfenas (MG).

30 anos - 3.012 sócios

Cooperativa Alfenense de Crédito Agrícola Ltda. (C.A.C.A.L.)

Um exemplo de organização e orgulho para Alfenas

Praça Getúlio Vargas, 44

Curso Super-Super

Preparatório para vestibular

Onde você aprende com uma equipe de professores jovens que entendem do ensino, didático e eficiência.

ÁREAS DE CIÊNCIAS HUMANAS, MATEMÁTICAS E BIOLÓGICAS

O maior índice de aprovação do Sul de Minas: CURSO SUPER-SUPER Av. São José, 1200 — Cx. Postal, 122

ALFENAS — MG

ORSI NÃO FAZ PROPAGANDA COISA QUE A TRADIÇÃO DISPENSA

Oficina e Artigos Dentários

Relógios, jóias, artigos para presente.
Praça Getúlio Vargas, 104 - Fone, 305 — Alfenas (MG)

OPORTUNIDADE

CURSO OSVALDO CRUZ (COC)
Matrículas abertas para o extensivo preparatório aos VESTIBULARES de Odontologia, Enfermagem, Farmácia, Engenharia Civil e Agrônoma.
Inscrições no Colégio de Alfenas.

SEGUNDA FASE

1979 - 1980

Edições: 1 a 13

CARO LEITOR

Há perguntas que nos fazemos a nós mesmos e, desentendidos, não nos respondemos, brota justificativa simples: coisas do destino. Então, caro leitor, dou-lhe este depoimento de quem enfrentou viagem de Belo Horizonte em noite fria, tão fria, que, **na primeira parada do ônibus, entrei no bar e pedi um copo de cachaça, daqueles *lagoinha*. O balconista me olhou atravessado e os homens que estavam no bar também. Senti-me uma ré nas mãos de inquisidores. Que é isso? Uma mulher, novinha, loirinha, bonitinha, sorvendo um copo de cachaça?** Ela chegou nesta terra alfeneira, andou pela praça onde nunca andara, nem visitara somente, mas nesta Alfenas, nas suas ruas e praças e moradia alhures, a mãe dela e numerosa família foram criadas... repisar, repetir quase completo **s os versos como a ave que volta ao ninho antigo, depois de um longo e tenebroso inverno, eu quis também rever o lar paterno...** a mãe, Luisa Fazito, filha de imigrantes italianos que começaram a vida em Buenos Aires, onde nasceu o complemento da família. E por que e como vieram descobrir as Alfenas? Avó Michelina Orfanó Fazito, avô Luiz Fazito, marceneiro e, comum no tempo distante, ambos abandonaram o mundo ainda novos. **Divagando sobre minha família ainda na praça, lembro-me de ter me perguntado sobre as coincidências que ocorrem na vida da gente. Essa, por exemplo, de estar ali, onde minha mãe havia passado a infância, fazendo um trabalho para o povo daquela cidade, em um momento peculiar de minha vida profissional e política e da vida do país, era de um significado ímpar. Haveria explicação para tamanha coincidência?** Vilma Fazito matutava lembranças e mistérios, aguardava a chegada do Domingos de Abreu Miranda para reunião de pauta do jornal *UAI*. Estava, e estávamos todos, filhos de Deus, no ano da graça de 1979. Neste momento, olhemos para o trovador Zé de Ávila, que empilha versos e segreda **Se eu não tivesse ilusão**

**morreria sem remédio,
perdido na solidão,
envenenado de tédio.**

Em junho de 1978, fechei meu consultório dentário e fui para São Paulo na cara e na coragem. Fiquei alguns dias na república do Luiz Antônio

Revista IMPRENSA, março 1994, pág. 51

O golpe que a imprensa apoiou

Como os donos de jornais embarcaram na aventura militar de 1964

por Alessandra Vinhas

Neste dia 31 de março, faz três décadas que a imprensa brasileira embarcou numa canoa furada, que a mergulhou no fundo do pântano de uma ditadura. Uma viagem às manchetes dos grandes diários brasileiros naqueles primeiros dias de abril de 1964 traz à tona uma lembrança constrangedora para os donos de jornais, repórteres e redatores da época: a imprensa, que viria a sofrer uma censura feroz entre os anos de 1968 e 1976 e que hoje se apresenta como guardiã da democracia, em 1964 apoiou e aplaudiu uma quartelada militar.

A deposição de João Goulart foi comemorada como uma final de Copa de mun-

com i
prom
papcl
mirac
tica"
efusiv
S. Pa
aplau
com i
C3ms
é a 85
de Al
linhas
por di
O
vas o
també

brilhaneta e baioneta

na praça dos anos 60
as moças fiertavam em bandos
armadas com alfinetes nos decotes

nossois pais com pesadelos morais
atiravam água nas serenatas

da aurora garis resgatavam náufragos
atracados

em tábuas de qualquer janela
de qualquer amada efêmera
onde endereços colhidos

em pano de gravata
sumiam no primeiro sabão

na praça dos anos 70
a lua luzia com menor pudor

derramavam nossos pais chocolate das janelas
portas pernoitavam batidas a vento
devido à segurança nacional

a nova era prometia milagres
olhos oblíquos nas proclamações
por entre jovens de Moral e Cívica

a gente se distraía da obediência
com o Pasquim nos olhos
desentendidos,

mas que sabiam imitar a moda
norte-americana instalada
nos passos de John Travolta

nos pés, cavalos-de-aço
em trotes comportados ao redor da Matriz
todavia, depois das dez,

as moças preveniam-se em bandos
armadas com pilulas nas bolsas

no fundo de nós um grito de liberdade
sem afinação, mas agudo

havia alguma baioneta
que vez e outra inda roçava lábios
no recreio à hora do hino,
o coro a ecoar da escola à cidade

os mestres, sábios em disfarçar o burburinho
conspiratório
quando se falava de Tiradentes
e Revolução Francesa que caiu na prova

os mestres, sábios em disfarçar o burburinho
conspiratório
quando nem se sabia o que era conspiração
- definição pedida no exame comprobatório

a nós que, de coração em punho,
só pensávamos trajar boca-de-sino
e revoltar de brilhantina os cabelos

Petrônio Santos
Dedo rabisçando
vento - pág.12

Seresteiros do poder

A dança da maioria dos intelectuais brasileiros corbinou, ao longo do século, a cordialidade às elites com a padronização de idéias

ANTONIO CARLOS PRADO

Derrubado o príncipe, não o princípio, e tendidos o príncipe como o imperador e princípio como a vacação à cordialidade de intelectuais que o cercavam.

IstoÉ Senhor
15 nov 1989

EXPEDIENTE

UAI

Um jornal bem mineiro

Conselho Editorial:

Ivan Barbosa; Arthur de Mendonça; Chaves Filho; Lincoln Mendes da Silveira; Adelson Esteves; Douglas Yancira de Moraes; José Maria Chaves; Dgeny Diniz de Melo; Deodoneiro Braga; Mário Amado de Carvalho; João das Neves; Vitor Rêgo; Arregos; Sebastião Abrantes.

Director Responsável:

Domingos Abreu Miranda

Conselho de redação e colaboradores:

Yerique Souza Miranda; João Luís Lacerda; Harvey R. Magnifico; Gil Santa'Anna; Vilnor de Souza Miranda (Alfenas); João Augusto Gerônimo; José Roberto da Silva; Sérgio de Carvalho; Cassiano da Rocha; Carlos Moisés Couto; Cássio Miranda; Luís Nassis; Rita Reis; Sônia Bastos; Carlos Eduardo Pereira; Maria José de Souza; Maria Elizabeth F. Almeida (Poços de Caldas); Maria Inês Pereira (Estiva); Benedito Quintão; Marques (Cambuci); Akimã; Douglas; Edilson; Babilão; Antonio; Estiva (Caso Alegre); Sebastião Cesar; Percival Carmo (São João Nepomuceno); Leão de Oliveira Pinto (Bardonia); Colana Maria Dantas (Hajóba); Maria Aparecida Nassor (Alpinópolis); Maria Conceição de Lima Ribeiro (Formosa); Hemanan Pereira; Vitor; João Batista da Silveira (São Sebastião do Paraíso); Marcos Alexandre; Vilma Frazão; Antônio Luís Bernudes; Fernando Amarante (Belo Horizonte); Antônio Neto Barbosa; Maurício Campos (São Paulo); Fernando Lício (Rio de Janeiro); Marco Aurélio Ferreira (Mucambo); José Sales; Pinheiro; Dutra de Feres; Marcus Antônio Alves; Marco Antônio Maschi (Varginha); Regina Maria Pereira (Lavras); Sérgio Braga; Nadia Mircelio Junqueira (Campestris).

Jornalista responsável:

Vilma Frazão

UAI: jornal mensal de informação, cultura e debates, é uma publicação da Empresa Jornalística Planalto S/C Ltda., Rua Joaquim Pereira, 338 - Poços de Caldas - MG, CEP 35.000-000 - Endereço para correspondência: Rua General Carneiro, 261 - Alfenas/MG - CEP 37.130.

A Institucionalização da tortura foi o lado mais perverso do AI-5. Depois que o tenente Marcelo Paixão admitiu ter sido torturado, o JB traça seu perfil a partir dos depoimentos de seus ex-colegas da turma de 1966 do CPOR, em Belo Horizonte (Página 5).

Jornal mensal UAI S/C

Princípio Jornalística

Ltda.

- AI - 5 -

Jornal do

Brasil

13/dez/1998

Novaes, que estudava jornalismo na USP, até arrumar uma pensão no bairro Pinheiros. Naquela época, o jornal *Movimento* era um dos ícones da chamada imprensa alternativa e reunia a nata da intelectualidade progressista que lutava contra a ditadura. Quando estava em Alfenas, a gente fazia o *UAI* e também divulgava o *Movimento*. Morava perto da rua Dr. Virgílio Carvalho Pinto, onde ficava a redação do *Movimento*, e fui até lá. Conversei com o jornalista Raimundo Rodrigues Pereira, contei a experiência do *UAI* e que gostaria de trabalhar com eles. O diretor do jornal aceitou a ideia, mas disse que o salário era baixo. Não importei de ganhar pouco, pois estava interessado em participar de um órgão informativo que lutava contra a ditadura. Domingos, então, aproveitou o tempo em São Paulo e visitou o jornalista mineiro Marco Antônio Tavares Coelho, que era do PCB, foi barbaramente torturado e estava no presídio militar do Barro Branco. Ele havia escrito uma carta parabenizando o *UAI* e resolvi fazer uma visita surpresa. Naquele presídio, entrei em contato com outros presos políticos, entre eles Aldo Arantes e Haroldo Lima, que eram da direção do PC do B e foram capturados pelas forças de repressão em dezembro de 1976, na denominada “Chacina da Lapa”, quando foram executados os dirigentes comunistas Ângelo Arroyo, Pedro Pomar e João Batista Drummond. Deixemos que o Domingos continue a contar sobre seu tempo no *Movimento*, seus contatos e as voltas que o mundo dá enquanto o trovador reaparece ao versejar:

Se o mundo que julgo errado,
não conserto, não me engano:
que eu não cometa o pecado
de o tornar mais desumano.

Nesse período, o Antônio Neto Barbosa, o Barbosinha, que trabalhava no setor administrativo do *Movimento*, me procurou. Ele, que era natural de Boa Esperança, mas participou do movimento estudantil secundarista em Poços de Caldas, pela Ação Popular (AP), fazia parte da direção do PC do B de São Paulo. Acabei me integrando ao partido. Foi ele que sugeriu que fizéssemos uma edição especial do *UAI*, em novembro de 1978, apoiando candidaturas populares de Minas Gerais. Em 1979, aconteceu um fato no *Movimento* que iria me ajudar nos trabalhos de reorganização do *UAI*. O secretário gráfico, Sérgio Fujiwara, pediu demissão. Como o jornalista Raimundo Rodrigues Pereira sabia que eu já havia trabalhado em gráfica, fez uma proposta irrecusável para que substituísse Fujiwara. Eu iria ganhar três vezes mais que um repórter

e trabalharia apenas três dias por semana. Aceitei, pois poderia passar outros três dias da semana em Alfenas e região. Durante algum tempo, fiquei com uma perna em São Paulo e outra em Alfenas. Zé de Ávila dedilha trova, manuscrite dedicatória, data de 14.11.75, *Ao estimado amigo Domingos, cordialmente, Campo Verde! Campo Verde...*

**Rindo e chorando a cantar,
indo, transpus o horizonte.
Sou rio que chega ao mar,
querendo voltar à fonte.**

Antes que o caro leitor se embaralhe com informações e, descompreendido, arrie vontades de continuação, peguemos a perna do Domingos que ficava três dias em Alfenas para explicar acontecidos. Da amizade com o Antônio Neto Barbosa – Barbosinha – surgiu a ideia do relançamento do UAI em nível regional. No início de 1979, fez-se uma reunião em Poços de Caldas com mais de cinquenta participantes, ocasião em que foi sugerido o acréscimo **um jornal bem mineiro** ao nome *UAI*. Em fevereiro de 1979, era lançada a *Carta-Programa*, redigida pelo Domingos e o Barbosinha. Em maio, retornava o **UAI - um jornal bem mineiro** com tiragem de três mil exemplares, que eram distribuídos em diversas cidades do sul de Minas, e a Vilma Fazito assumia o encargo de ser jornalista responsável pelo nanico atrevido. A perna de três dias do Domingos vinha para Alfenas para coletar matérias, fazer contatos, organizar as edições e ainda percorrer cidades da região abrangidas pelo *UAI*. Chegou o momento em que as pernas dele se cansaram de tanto corre-corre e, **como havia necessidade de percorrer vários municípios para que o UAI fosse realmente regional, decidi sair do jornal Movimento. Para ter um rendimento, pois não ganhava nada do UAI, decidi reabrir meu consultório dentário à noite. Além da equipe de Alfenas e Poços de Caldas, havia alguns colaboradores em outras cidades e só. Continuávamos sem sede, sem veículo e sem telefone. Na cidade, andava a pé, e viajava para as cidades vizinhas de ônibus. Ninguém recebia pelos artigos publicados.**

E quem é o Barbosinha – Antônio Neto Barbosa –, que nasceu em Boa Esperança, que trabalhou no jornal *Movimento*, que atuou no movimento estudantil secundarista em Poços de Caldas, integrou a Ação Popular (AP) e participou da direção do PC do B de São Paulo? O jornalista José Roberto da Silva está com a palavra: **na “peruada” de calouros pelas ruas de Belo Horizonte, em 1966, um estudante de Direito de 1,55m de altura, cabelo**

117 2
JUNHO 1977
C\$ 18,00

uai

Um jornal bem mineiro.

EXISTE PETRÓLEO EM CAMPOS GERAIS?



A HISTÓRIA DE 50 ANOS DE ESPERANÇAS DE VER O PETRÓLEO SER EXPORTADO — Pág. 11

A violência do Vereador

VEREADOR DE ALFENAS AGREDIU VIOVA E SÓCOS E PORTAROS CENTRO DA CÂMARA MUNICIPAL — Pág. 5


A justa luta dos professores

ENQUANTO OS PROFESSORES LUTAM PACIFICAMENTE POR MELHORES SALÁRIOS, O GOVERNO USA BOMBAS E CASSETES PARA REPRIMÍ-LOS. — Pág. 3

117 1
MAIO 1977
C\$ 18,00

uai

Um jornal bem mineiro.



- PESCADORES PROFISSIONAIS PROIBIDOS DE PESCAR
- REDES APREENHIDAS E PICADAS NA FRENTE DE SEUS DONOS
- AGRESSÕES E INVASÃO DE DOMÍCIOS DE PESCADORES, PELOS FISCALS DA PESCA

ESTES SÃO ALGUNS FATOS QUE ESTÃO TIRANDO A TRANQUILIDADE DOS TRABALHADORES QUE VIVEM DA PESCA. ELES SO PEDEM UMA COISA:

“Deixem-nos pescar!”

Pág. 3

A GREVE CHEGOU AO INTERIOR

EM ALFENAS OS ESTUDANTES DE ESCOLA PARA MUITO PARAN POR MELHORIA DO ENSINO. Pág. 4

EM POÇOS DE CALDAS, OS OPERÁRIOS DA MUITO PARAN POR MELHORES SALÁRIOS. Pág. 5

UM NOVO PAIS NO SUL DE MINAS? FOI A INCRÍVEL RE-PUBLICA DE MONTE CARMELO, EM CAMPESINA, NA SEGUNDA DÉCADA DO SÉCULO, E QUE DIROU 88 HORAS. Pág. 11

O ÍNDIO: ESSE QUE DEVE MORRER

Por Maurício Carvalho
ÚLTIMA PÁGINA

117 4
AGOSTO 1977
C\$ 18,00

uai

Um jornal bem mineiro.

A BUROCRACIA ESTÁ MATANDO OS DOENTES NOS HOSPITAIS



Melhor clinica o Estado pelo próximo atendimento nos hospitais, em departamento exclusivo ao HAI. Pág. 3

MAIS LAMA...

Desembolsos muita irregularidades nas Prefeituras de Alfenas Pág. 4

As “mamatas” na Prefeitura bionica

Tres enormes casos de corrupção envolvendo elementos de confiança do prefeito de Poços de Caldas Pág. 5

NESTA EDIÇÃO:

- MÚSICOS MINEIROS Pág. 7
- REVOLTAS DE ESCRAVOS EM MINAS Pág. 11
- O POVO ASSUSTA O GOVERNO ÚLTIMA PÁGINA

117 2
JULHO 1977
C\$ 18,00

uai

Um jornal bem mineiro.

CORRUPÇÃO

ESCÂNDALO NA PREFEITURA DE ALFENAS

Advogado acusa prefeito de aplicar dinheiro da Prefeitura em sua caderneta de poupança. Militares de Juiz de Fora já subem. Pág. 5



AGRESSÃO

Vereadores de Poços Alegre agredem funcionários Pág. 5

HISTÓRIA

A revolta dos escravos da fazenda Bela Cruz em Beporiti Pág. 11

GEADA

Os efeitos desta catástrofe na economia sul-mineira Pág. 4

Depoimento

O protesto de um poeta mineiro: “Nossa cultura está sendo adulterada” Pág. 9

GREVE

VITÓRIA! PROFESSORES DERROTAM O GOVERNO

Pág. 3

117 6
OUTUBRO 1977
C\$ 18,00

uai

Um jornal bem mineiro.



A Verdade Sobre o Bandido da Cartucheira

Um dos mais notáveis criminosos paulistas no Salento de Minas não conseguiu escapar a ação de caçadores das três fazendas de Poços. Pág. 3 e 4

YAMIRO MATILDES SIQUEIRA (Bandido da Cartucheira)

Justiça do cão

CAPATAZ DE FAZENDA ATIRA COM “SUA” CARTUCHEIRA A QUINZA NOVA EM UM BOMBO DE 15 ANOS. Pág. 5

O QUE PENSAM OS FAZENDEIROS

“UAI” FEZ UMA MESA REDONDA COM ALGUNS FAZENDEIROS, QUISSE ELIS EXPLICAR OS SEUS PROBLEMAS. PÁGS. 10 e 11

117 5
SETEMBRO 1977
C\$ 18,00

uai

Um jornal bem mineiro.

PREFEITO E SEU CAPANGA AGRIDEM EMPREGADO ALGEMADO

O PREFEITO DE ALFENAS, QUE JÁ AMEAÇOU O DIRETOR DO “UAI”, AMEAÇOU O PROPRIETÁRIO DA AGRICOLA, AGORA AGREDIU UM EMPREGADO QUE FOI RECALHAR O PAGAMENTO ATRASADO. Pág. 3



A greve na Alcominas:

PRAÇA DE GUERRA EM POÇOS DE CALDAS Pág. 5

O QUE PENSAM OS BOIA-FRIA

ESTES TRABALHADORES BOMAS MOSTRAM O SEU DESCONTENTAMENTO EM ENTREVISTA AO “UAI” ÚLTIMA PÁGINA

loiro em topete de Elvis Presley, manquitolando sobre duas mirradas, porém bravas pernas, encarou o peême e, face contra o revólver, gritou:

- Atira, atira... gorila da ditadura!

Esse era o Netinho em franca transformação para Barbosinha. O Netinho poços-caldense, “reacionário”, porque a simples menção da reforma agrária janguista-brizolista na lei ou na marra fazia espumar de ódio o filho de pacíficos fazendeiros de Boa Esperança/MG. Já nessa época, convertera-se no Barbosinha da Ação Popular radicalizada em marxista-leninista. Creio que Netinho simboliza a tragédia da geração 1968: os autoritários de 1964, os nossos próprios pais, ao destruírem a frágil democracia também com a ajuda do populismo destrambelhado dos janguistas, criaram um muro de ferro que clamava por ser derrubado. Não havia uma herança política democrática enraizada para ser defendida com sangue e lágrimas. Tenentismo, Integralismo, Sovietismo, Populismo... Cuba e o Chê sim, a Grande Marcha e a Guerra Popular certamente. Um dia, alguém bateu na porta do meu apartamento na rua Dona Viridiana, Vila Buarque. Era o Netinho, o mesmo Netinho, cabelo entopetado, ar esfuziante e cheio de energia em um corpo assombrado. Passou dias e semanas sem sair do quarto. Eu nada perguntava, ele pouco dizia, os rins sempre inimigos, e apenas disse que estava voltando do “trabalho no campo”. Não clamava, não exhibia olheiras e sempre foi assim caminhante ético sobre fios de navalha. Luis Nassif, nosso democrata incompreendido da geração privilegiada de alunos maristas em Poços, conta que esteve com ele após sua saída da prisão. Não soube disso, não me recordo. Só sei que, em outro dia, a mesma mão ousada bate à minha porta em Poços de Caldas em meados de 1979. Incrível, nem os rins e nem a ditadura conseguiram derrubar Netinho/Barbosinha. Domingos de Abreu Miranda encerra a biografia do Barbosinha: quando eu ia a São Paulo para imprimir o jornal, ficava na casa dele. Infelizmente morreu por causa de seu problema nos rins, agravado com as torturas.

Caro leitor, outro personagem na história desta segunda fase do *UAI - um jornal bem mineiro*, por ele mesmo, jornalista José Roberto da Silva, responsável pelo jornal em Poços de Caldas:

- Cuidado, companheiro! Não escreva, não deixe pistas...

Devia ser um daqueles dias de inverno nublado em São Paulo, mas era o maldito ano de 1969 e as sombras também habitavam dentro de todos nós por serem medo e corriam pelas ruas e havia sangue e balas por ser o Ano do Terror. Em uma sala de aulas do Sedes Sapientiae reunia-se um

December 1979
N.º 7
CR\$ 12,00

uai

Um jornal bem mineiro.



Um Comandante Guerrilheiro do Sul de Minas

Página 2 e 4

A VOZ DOS METALÚRGICOS E DE UM BANCÁRIO

Dois metalúrgicos de Poços de Caldas e um bancário de Casimiro explicam ao "uai" os problemas de suas classes. Páginas 10 e 11

Ditadura na Faculdade

Universitários da faculdade em Alfenas, entram nas ruas de um diretor propõe. Página 5

NESTA EDIÇÃO:
O 2o GOLPE DO PREFEITO
 Prefeito de Alfenas tenta nova manobra de expansão da favela da cidade. PÁG. 2
UM DELEGADO DOS DIABOS
 Um líder de culto, a verdade sobre o "batalhão" de Alfenas. PÁG. 4
AJUDANDO OS PASSAROS
 Um aviãozinho sopra sobre as penínsulas de Alfenas e se cingiu ao céu de manhã. PÁG. 5
MAL DE CHACAS: NAO TEM CURA?
 Quanto mais gente sofre com a "batalha", mais gente se propõe ao "batalhão". ÚLTIMA PÁGINA

NOVEMBRO 1979
N.º 7
CR\$ 12,00

uai

Um jornal bem mineiro.

A DURA VIDA DOS TECELOES

AS DIFÍCILS CONDIÇÕES DE TRABALHO NUMA TECELAGEM DO INTERIOR. PÁG. 2



Estudantes falam sobre o ensino e a política

PÁG. 10 e 11



Um Prefeito Fora-da-lei

A população de Alfenas está revoltada com o prefeito que não respeita as leis e manda construir propriedades alheias. As eleições municipais já representam no Congresso Nacional. PÁG. 2 e 4

Violência policial em Guaxupé

POLÍCIA DESMORALIZADA MATA SEU COLEGA E SE SUICIDA. PÁG. 5

Menores torturadas

MENORES ALICIADAS EM POÇOS DE CALDAS SÃO TORTURADAS EM SÃO PAULO. UMA DILAS MORTE DO HOSPITAL. PÁG. 8

January 1980
N.º 9
CR\$ 12,00

uai

Um jornal bem mineiro.

O "DOCA STREET" DE SERRANIA

O exemplo da Docca Street chega ao interior. Desde que foi na cidade de Serrania até hoje na cidade. PÁGINA 2



O Menor, Esse Desconhecido

Apresentar o Ano Internacional da Criança, UAI entrevista o advogado Arthur Tricelli, de Vargem, especialista do Direito da Criança. Páginas 10 e 11

EXCLUSIVO:
Entrevista com o deputado Edgard Amorim
 PÁGINA 5

Será o Prefeito um Marginal?

É a investigação de um vizinho ao chegar em Alfenas e esbarra com uma turma de prefeito. PÁGINA 2

FEVEREIRO 1980
N.º 10
CR\$ 12,00

uai

Um jornal bem mineiro.



Um Amigo dos Animais

Favelado transforma sua favela em refúgio dos animais. PÁGINA 2

Prefeito de Ipuutua vende até as ruas

PÁGINA 5



Bando de marginais à solta em Alfenas

Prefeito e seu grupo tentam aliviar a UAI pela violência. PÁGINA 2

Trabalhadores sem segurança

Agentes que fazem a limpeza de Alfenas não possuem nenhuma segurança, quanto ao seu futuro. PÁG. 4

POÇOS DE CALDAS **ALFENAS** **POUSO ALEGRE**
 Marginais podem fazer o delator. Escondidos passam fome nas ruas. Professores aposentados já estão de "falta" e fazendeiros gananciosos começam a ser discriminados. PÁGINA 4

ABRIL 1980
N.º 12
CR\$ 12,00

uai

Um jornal bem mineiro.

1o ANIVERSÁRIO

Apesar das ameaças, das pressões e dos boicotes oficiais, completamos um ano de circulação regional. (Páginas 2 e 3)

POÇOS DE CALDAS

ADEUS GENERAL!
 HOSPITAL NAO E QUARTEL E MEDICO NAO E RECRUTA. GENERAL NAO APRENDEU ISTO E CAIU FORA DO HOSPITAL. PÁGINA 3

ALFENAS

O CRIME DO MERCADO
 PÁGINA 4

ECOLOGIA
Passatas contra poluição do lago
 POPULAÇÃO DE BOM ESPERANÇA REVOLTADA COM A OMISSÃO DAS AUTORIDADES. PÁGINA 4

ECONOMIA
A Bataticultura no sul de Minas
 UMA CULTURA DE "GENTE POBRE" QUE SE TORNOU MONOPÓLIO DOS GRANDES FAZENDEIROS. PÁGINA 5

SINDICALISMO
O Sindicato vai ao campo
 A IMPORTANCIA DO SINDICATO PARA OS TRABALHADORES RURAIS. UAI ENTREVISTA O PRESIDENTE DO SINDICATO. PÁGINA 11

MARÇO DE 1980
N.º 13
CR\$ 12,00

uai

Um jornal bem mineiro.

ALFENAS

CAI O ASSESSOR DO PREFEITO

Primeira vitória do UAI contra a "Máfia dos Terrenos". PÁGINA 5

EXCLUSIVO:
Fagner e a nossa música
 Em São Paulo, o vereador Fagner fala para os ministros do UAI. PÁGINA 5

SAÚDE:
Fila: o mal do doente do INPS
 Doentes padecem nas filas de INPS uma construção absurda. PÁGINA 3



Rui César fala sobre a UNE
 De São Horizonte, o presidente da UNE, diz a que pensa de aliança de voto com o UAI. Última página.

POÇOS DE CALDAS
Vereador vai a Recife mostrar a corrupção
 O debate sobre corrupção pega fogo na Câmara. PÁGINA 4

petit comité da UNE na clandestinidade, o pouco que sobrara – José Genoíno e Honestino Guimarães. Eu não era nada, apenas um jornalista-estudante do XI de Agosto, sem mandato a não ser a imensa repulsa ao atrabiliário regime em pleno uso da força totalitária. Madre Cristina dava apoio, não apenas moral, pois arriscava-se, discutia, aconselhava – era o início de uma campanha pelos presos políticos, que depois tomou corpo e vozes, sussurrou pela anistia e saiu às ruas gritando em tom de multidão – Diretas Já! O que era uma forma mais avançada e mais ampla e menos radical do que o nosso grito de guerra em 1968: O Povo na Luta Derruba a Ditadura. Em São Paulo, o XI de Agosto revoltou-se contra a pauleira mineira contra os estudantes. Saímos às ruas, as bocas cobertas por um pano negro a simbolizar a mordada do regime. Adhemar de Barros era o governador e, por já estar em desgraça defronte o mesmo regime autoritário que liderara para destruir a democracia, mandou a Guarda Municipal à frente da passeata do XI de Agosto. Na falta de um pano preto, usei foi mesmo a velha gravata. Nesses três anos (1966/68), o regime tremeu nas bases e creio que não foi o temor às organizações armadas que levou ao golpe do AI-5. Foi, sim, o clamor da juventude, os intelectuais, jornalistas, artistas, enfim, as ruas tomadas pelas passeatas contra o pacto reacionário de 1964 que foi melado pelos pós-tenentes integralistas radicais contra os “civis” golpistas. Genoíno me passava nomes em pedaços de papel, beiras de guardanapos, fiapos de nomes, vislumbres de pessoas presas, pois era pega geral e a palavra escrita deixava rastros e pistas para as famílias, aos poucos valentes advogados que se arriscavam na porta do DOPS e, depois da OBAN e da máquina assassina do AI-5, nem isso era mais possível. Com apoio do José Roberto Maluf, presidente do XI, eu levava tudo à impressão clandestina, a pequena offset nos porões da Casa do Estudante do XI. Era uma luta contra a amnésia, contra o sumiço físico praticado pelo regime. Pois então correu muito sangue até que fosse possível, por exemplo, criar a imprensa nanica, contra-atacar com a maior arma que uma democracia pode propiciar: a palavra livre, a palavra escrita, a palavra dita em alto e bom som nas tribunas, nos bares, nas rádios, nas ruas. É dessa gênese libertária o jornal *UAI*. Jornalista semiclandestino – após sair da Folha de São Paulo no final de 1969 por não suportar uma redação e os demais jornais do grupo “doados” sob pressão ao comando dos tiras radicais, talvez para purgar os tempos de 1968 quando tanto a AP quanto a Dissidência controlavam, cada uma delas, um jornal do grupo, com apoio (e ótimas vendas) dos proprietários Frias & Caldeiras – mais ainda fiquei após a prisão na OBAN em 1972. Era *freelancer* para as

LEIA SEMPRE
OU
FAÇA UMA ASSINATURA
DO

UAI Um Jornal
Bem
Mineiro

À VENDA NA BANCA DESTA CIDADE
JORNAL INDEPENDENTE
DA
REGIÃO SUL DE MINAS
REPRESENTANTE EM SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO
JOÃO B. DA SILVEIRA
Avenida Dr. Delfim Moreira, 1415 - CEP 37.950 - Cx. Postal, 150

uai
Um jornal bem mineiro.

MAYO 1989
N.º 13
Cr\$ 15,00

**DENÚNCIAS SOBRE
O HOSPITAL
DE ALFENAS**
TRES PACIENTES E O PROVEDOR DA SANTA CASA FALAM SOBRE O HOSPITAL
PÁGINA 3

1.º DE MAIO
PÁGINAS 4 e 9

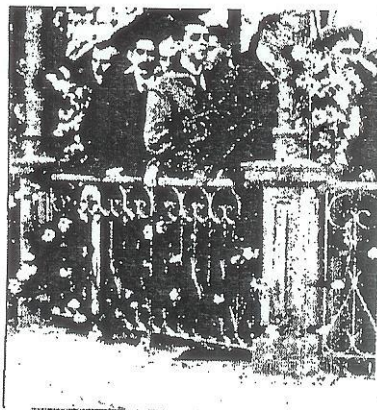
**O "DOCA STREET"
DE TRÊS CORAÇÕES**
Comerciante mata sua ex-esposa covardemente
com cinco tiros e causa revolta
na população da cidade
Página 5

**UM MÉDICO
ESPECIAL**
DEPOIMENTO DO MÉDICO ROGUE
TAMBUKIN, EDUCADOR E PESQUISADOR
HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO
PÁGINAS 10 e 11

Um século de paradas

Iniciado num golpe, sucedido em outros, o ciclo republicano repete-se na confraternização da espada com a elite, em defesa do status quo. Mesmo quando se disse "civilista", como na campanha presidencial de Ruy, em 1909, a elite tinha um pé na caserna

MIRLANDO BEIRÃO



Comemora 100 anos, neste dia 13, a mais
Isto É Senhor, 15 nov 1989 n.º 1052
nia fardada sobre os propósitos democráticos

revistas técnicas da Abril e só recentemente vim a saber, pelo prontuário do próprio SNI, que figurava em uma “lista negra” de jornalistas inimigos do regime que sempre vetava, misteriosamente, os esforços de David Moraes, presidente do nosso Sindicato, para me contratar. Eu voltara de Brasília a Poços, deprimido e estressado, após um ano como repórter de economia na sucursal do JB. Produzira uma matéria que denunciava os desmandos políticos na Caixa Econômica, e tome pressão dos “homens” e editorial do Estadão e CPI no Senado, liderada pelo próprio Orestes Quércia que, anos depois, abrigou parte de um grupo sobrevivente de esquerda ao qual Barbosinha se ligou. Domingos Miranda levava os jornais impressos em São Paulo. Eu distribuía escrupulosamente de banca em banca, anotava, cobrava, recolhia os não vendidos.

Vilma Fazito matutava lembranças e mistérios na praça central de Alfenas. Domingos de Abreu Miranda foi ao seu encontro. Mais alguns passos, adentraram o Bar Brasileiro, do Maurício Lomonte. Uniram-se mesas, jovens entusiastas, estudantes, e ali mesmo se fez reunião de pauta do *UAI*. Jornal sem redação, sem telefone, sem meios de locomoção, sem dinheiro. Sustentado somente no idealismo e, na descrição da Vilma, por **meninos jovens como eu, talvez um pouco mais jovens, cheios de vida e de vontade de mudar. Meninos que, juntos a outros meninos de todo o País, fariam a diferença anos depois. Foi por meio do sangue derramado de muitos desses jovens nas prisões e nas torturas que o Brasil elegeu o seu primeiro presidente operário. As mortes de muitos desses jovens não aconteceram em vão, embora elas ainda necessitem ser justicadas. E hoje, vasculhando o baú da memória, lembro-me o quanto foi importante aquela reunião, não somente por ter feito parte daquela equipe, mas, principalmente, por ter deixado uma marca na história da cidade e essa marca se chama *UAI*.** Na primeira edição do jornal, em maio de 1979, o mostrengo do Ato Institucional nº 5 já tinha ido para as calendas desde janeiro, porém sempre a sensação de que sua sombra planava sobre as cabeças. Na última página, temas sobre a

Realidade nacional

abordavam assuntos que dificilmente ocupavam algum espaço na imprensa interiorana e até mesmo em grandes jornais e revistas de circulação nacional. Então, caro leitor, nesta última página, o *UAI* retornava com denúncia, reflexão e informação sobre o – *Índio, esse que deve morrer: dos quase 5 milhões de índios da época do descobrimento,*

UAI - outubro 1979, nº 6

ÍNDIO BOM É ÍNDIO MORTO

O INDÍGENA NA CONSCIÊNCIA URBANA EM MINAS GERAIS

Por SÔNIA DE ALMEIDA MARCATTO

O "problema" indígena em Minas Gerais não existe e o vice-povo brasileiro, a população que se concentra nas áreas urbanas do Estado e, por extensão, no resto do País, indistinto torna uma consciência "incômoda" ou pelo menos

Ora, considerando-se que o estudo do habitante de Minas Gerais foi, por ocasião da colonização, indistinto quanto à referência, das mais expressivas evidências do mundo rural e urbano, não são

IstoÉ Minas - 10 março 1993

Vidas sem rumo

Espécie quase em extinção, os índios mineiros estão reduzidos a quatro grupos que querem a demarcação de suas terras

BIANCA ALVES (TEXTO) E ALAN RODRIGUES (FOTOS)

Quando as entradas e bandeiras vieram do Espírito Santo e São Paulo para desbravar o território mineiro, não encontraram aqui apenas o ouro e as pedras preciosas. Estavam também em Minas Gerais, há milhares de anos, mais de 100 nações indígenas que receberam dos colonizadores a alcinha de carijós - termo que significava índio escravo. E foi escravizando, fomentando guerras, ocupando e devastando terras e transmitindo suas doenças que o homem branco impôs seu domínio e, em nome da civilização e da interiorização do progresso, quase conseguiu exterminar culturas de tempos imemoriais.

Neste processo, desapareceram povos como os purús, que viviam no sul de Minas, ou os caiapós e boanos, no oeste. Da centena de nações que já povoou o Estado restam quatro grupos indígenas. São eles os krenaques - instala-

dos em Resplendor, no vale do rio Doce; os maxacalis, em Bertópolis, no vale do Jequitinhonha; os xaxialés, em Itacarambi, no vale do São Francisco, e a colônia panaxó, que se estabeleceu em Camésia, também no vale do rio Doce. Juntos, formam uma micropopulação de 5.961 índios, em diferentes estágios de aculturação. Apesar de sucessivamente expulsos de seu território ao longo do tempo, os krenaques, por exemplo, mantêm sua língua nativa, seus cultos, as crenças nos espíritos, as formas de casamento - ou de separação, sempre discutidas em reuniões com o cacique - e a coexistência da chefia masculina com a forte liderança feminina.

Os maxacalis são o grupo que apresenta maior resistência ao processo de aculturação. Falam a língua maxacali, conservam a organização familiar, os rituais de cura, de plantio, de

ISTOÉ MINAS-103483

Lúcio Flávio,
administrador
da Funai
em Minas:
"A questão
do índio é
de toda a
sociedade,
que ainda
não entendeu
que eles
têm cultura
e valores
diferentes"

esta ilha. Causa essa que desde esse tempo deu motivo a que os índios procurassem meios para lançar os espanhóis fora de suas terras e se pusessem em armas: mas que armas? São tão fracos e de tão poucos expedientes que suas guerras não são mais que brinquedos de crianças que jogassem com canas ou instrumentos frágeis. Os espanhóis, com seus cavalos, suas espadas e lanças começaram a praticar crueldades estranhas; entravam nas vilas, burgos e aldeias, não poupando nem as crianças e os homens velhos, nem as mulheres grávidas e parturientes e lhes abriam o ventre e as faziam em pedaços como se estivessem golpeando cordeiros fechados em seu redil. Faziam apostas sobre quem, de um só golpe de espada, fenderia e abriria um homem pela metade, ou quem, mais habilmente e mais destramente, de um só golpe lhe cortaria a cabeça, ou ainda sobre quem abriria melhor as entranhas de um homem de um só golpe. Arrancavam os filhos dos seios da mãe e lhes esfregavam a cabeça contra os rochedos enquanto que outros os lançavam à água dos córregos rindo e caçoando, e quando estavam na água gritavam: *move-te, corpo de tal!* Outros, mais furiosos, passavam mães e filhos a fio de espada. Faziam certas forcas longas e baixas, de modo que os pés tocavam quase a terra, um para cada treze, em honra e reverência de Nosso Senhor e de seus doze Apóstolos (como diziam) e deitando-lhes fogo, queimavam vivos todos os que ali estavam presos. Outros, a quem quiseram deixar vivos, cortaram-lhes as duas mãos e assim os deixavam; diziam: *Ides com essas cartas levar as notícias aos que fugiram para as montanhas.* Dessa maneira procediam comumente com os nobres e os senhores; faziam certos gradis sobre garfos com um pequeno fogo por baixo a fim de que, lentamente, dando gritos e em tormentos infinitos, rendessem o espírito ao Criador.

O Paraíso Destruído, pág. 32
Frei Bartolomé de Las Casas
(1474-1566)

MARINA - As tribos que foram contatadas foram no intento de preservação, porque os homens de fora iam chegar ali de qualquer maneira. Teriam sido dizimados.

ORLANDO - Quando o índio passa a ter confiança na gente, e a gente retribui essa confiança, é uma coisa fantástica. O grande benefício que trouxemos ao índio foi mostrar para a sociedade brasileira que estamos em contato com um povo que não tem nada de selvagem. O índio raciocina melhor do que nós. Vivemos 40 e tantos anos entre eles e nunca vimos um homem discutir com outro, nunca vimos um marido brigar com a mulher.

ZIRALDO - Nem bater em filho?

ORLANDO - Nem puxar a orelha.

ZIRALDO - Os índios são todos monogâmicos?

ORLANDO - Podem ter até três mulheres. A primeira concordando, ele casa com uma segunda. As duas concordando, ele casa

Orlando Villas Bôas
entrevista revista
Bundas - fev 2000

restam agora cerca de 150 mil, em sua maioria nas regiões inacessíveis da Amazônia. (...) Numa palavra, Funai é a Fundação Nacional do Investidor, de latifundiário, que, com o dinheiro do povo carreado através de incentivos fiscais, vai desalojando o pequeno proprietário, o posseiro, o índio. Perseguição, tortura e espoliação são ações bandidas do homem branco e ocupam o título e subtítulos de outra abordagem no *UAI* outubro/1979 - *Índio bom é índio morto: O índio estava abaixo do negro escravo na pirâmide social – Por resistir à invasão de suas terras, os Botocudos foram exterminados – Para os colonos, o indígena era o bicho do mato – O indígena só aparece como acessório na história brasileira.* E por aqueles tempos antes mesmo de *UAI*, por volta de 1967, sabemos agora, caro leitor, o que revela o relatório Figueiredo, investigação feita pelo procurador Jader de Figueiredo Correia, que **detalha o uso de metralhadoras e dinamites atiradas de aviões nas chamadas “caçadas humanas”.** Para dizimar tribos indígenas isoladas, empresas e agentes públicos distribuíram aos índios açúcar misturado com estricnina, um veneno poderoso para matar ratos. O Estado também foi conivente, de acordo com o documento, com a inoculação proposital do vírus da varíola para dizimar populações inteiras de índios. E mais ainda: até hoje sabemos das perseguições e matanças por terras a demarcar. Quinhentos anos antes, na América Espanhola, Frei Bartolomé de Las Casas (1474-1566) deixava para a posteridade narrações do Paraíso Destruído: **Entravam nas vilas, burgos e aldeias não poupando nem crianças e homens velhos, nem mulheres grávidas e parturientes e lhes abriam o ventre e faziam em pedaços.** Percorrer as últimas páginas das edições do *UAI – Realidade Nacional –* é tomar conhecimento sobre a situação da Amazônia, a ação das multinacionais, a insegurança dos boias-frias no sul de Minas, necessidade da reforma agrária, a situação, também no sul de Minas, da doença de Chagas, manifestação pela anistia ampla, geral e irrestrita, a necessidade da emancipação da mulher. Manusear o *UAI* é acompanhar a trilha que o jornal sempre seguiu, desde quando apareceu em 1977, ao defender os trabalhadores urbanos e rurais. Nesta segunda fase, o horizonte se alargou e, ao tornar-se

regional

o *UAI* interligou diversas cidades do sul de Minas com informações, ocorrências culturais, descabros políticos e administrativos nas prefeituras, movimentos sociais. Na **Página Aberta**, correspondências de leitores e assinantes incentivavam o jornal, repassavam notícias e torna-

BRASIL-1959

DEPUTADOS ROUBAM TERRAS DE ÍNDIOS

Reportagem de HAROLDO HOLLANDA

ESTA é a história de como os deputados ambiciosos e sem escrúpulos resolveram roubar as terras de uma pequena população de pobres índios. Os deputados são da Assembleia Legislativa de Mato Grosso. Os índios são os Cadiueus. Esta é uma das histórias mais tristes e mais vergonhosas do Brasil de hoje e espelho de uma realidade que só desolação pode trazer a todos os espíritos. Vejamos os fatos, simplesmente os fatos: em 1791 a Coroa portuguesa reconhece, pela primeira vez, a posse dos Cadiueus às terras em que ainda hoje vivem. Documentos posteriores só fizeram confirmar o que de direito pertencia àquela gente, como, por exemplo: o Regime de Posses de 1822, o Decreto nº 426, de 1841, a Lei de Terras de 18 de setembro de 1850, e o Regulamento de 1854, não incluídas aí as Constituições republicanas de 1934, 1937 e 1946.

54 mundo ILUSTRADO 13 junho 1959, pág. 54

UAI - junho 1979 - nº 2

A UNE ESTÁ DE VOLTA

Depois de dez anos praticamente desarticulada, reuniu-se em Salvador nos dias 29 e 30 de maio o 31.º Congresso da UNE (União Nacional dos Estudantes), passo decisivo para a reorganização dos estudantes brasileiros a nível nacional. Com a presen-

rante 13 anos, seguido por vários outros oradores, entre eles, o líder camponês José Basílio de Cerqueira, 63 anos, de Conceição do Araguaia.

Criada em 1937, durante a ditadura do Estado Novo, a UNE sempre esteve ao lado do povo

questionamento de toda a cultura brasileira. Nesta época também é criado o teatro volante (a UNE volante), em que se percorria grande parte do Brasil promovendo debates entre os estudantes.

Há quinze anos, um dos primeiros atos do atual re-

UAI fevereiro 1980 nº 10

DEPOIMENTO

O ESTUDANTE E A SOCIEDADE

As dificuldades enfrentadas pelo estudante no seu dia a dia e suas perspectivas profissionais discutidas por eles próprios.

No cotidiano diário com os estudantes sempre se ouvem inúmeras reclamações dos estudantes, tanto com relação ao ensino como o desinteresse das instituições em resolver seus problemas. O UAI, diante deste quadro, resolveu reunir alguns universitários de Alfenas e fazer um debate sobre eles postumum e aqui se-

Alerta aos estudantes

Ou simplesmente, uma maneira de conscientizar o homem para nossa realidade.

curar, e que é mais importante, que se conscientize. Para ser possível um atendimento adequado dentro a realidade de desenvolvimento de uma sociedade, é necessário que o indivíduo tenha um conhecimento da realidade em que vive. O UAI sempre tem um olhar voltado para a realidade, para a realidade dos estudantes, e sempre tem um olhar voltado para a realidade dos estudantes, e sempre tem um olhar voltado para a realidade dos estudantes.

UAI setembro 1979, nº 5

FATOS

A GREVE NA ALCOMINAS

Mais de uma centena de soldados da PM foram deslocados de Passos para Poços de Caldas para combater uma greve pacífica dos operários da Alcominas. As autoridades ainda continuam achando que a "questão social é um caso de polícia".

— que você faz?
— Ora bolas, eu tenho pé, mão, cabeça... são eles que fazem o trabalho. Quem sou eu para escolher? (Zorba, o Grego).



de bumbang na ponte popularmente conhecida como "sacacina". E tome por...

UAI - outubro/1979, nº6

AS LIÇÕES DAS GREVES

O clima em Belo Horizonte atualmente já não é o mesmo de algum tempo atrás, quando passeatas e concentrações públicas estavam virando rotina na vida do mineiro. O sentimento de revolta reprimado e acrescido durante todos estes anos pelo arrocho salarial, as enchentes do início do ano, que pioraram ainda mais as condições de vida e trabalho do povo e o sentimento de estar sendo injustiçado foram dando origem a manifesta-

escala, a única considerada vitoriosa foi a greve dos metalúrgicos de Divinópolis, que depois de 20 dias parados e depois de continuarem o movimento mesmo ele sendo considerado ilegal, conseguiram aumentos razoáveis.

Em termos de conquistas salariais, aparentemente, os ganhos foram reduzidos, já que o índice de aumento conquistado por categoria, em média, foi pequeno. Contudo, no decorrer...

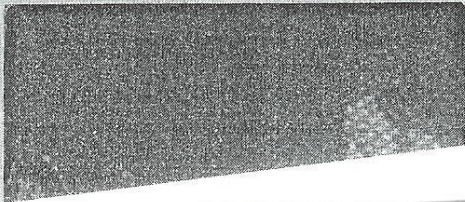
vam-no mais uma referência na crítica à ditadura militar, na necessidade de liberdade política, respeito aos direitos humanos e um novo rumo na vida social e política do Brasil. Dessa maneira, os leitores sabiam que, em Poços de Caldas, ***Os operários da Mitsui param: é a greve – Fábrica de Fertilizantes da Mitsui, 22 horas, dia 18 de março (1979) – Os operários dos turnos da noite e da madrugada só esperavam o envelope de pagamento. Quando ele veio, a reclamação foi geral. A insatisfação já vinha de longe, e, naquele momento, não houve quem se animasse a enfrentar mais uma madrugada de trabalho. Greve. Não houve nada combinado, nem sindicato havia na fábrica dos operários da Mitsui de Poços de Caldas, uma das maiores multinacionais do Japão e do mundo.*** E mais uma vez, Poços de Caldas é assunto com *A greve na Alcominas*, e texto logo abaixo do título: **Mais de uma centena de soldados da PM foram deslocados de Passos para Poços de Caldas para combater uma greve pacífica dos operários da Alcominas. As autoridades ainda continuam achando que a “questão social é um caso de polícia.** No corpo da reportagem, reprodução de texto do jornal *Zero Hora*, do dia 22 de agosto de 1979, com questionamentos sobre reação e respeito aos operários: **Na greve que durou 7 longos e angustiantes dias, os operários da Alcominas em Poços de Caldas (Alcoa Corporation+governo de MG+Paulo Egydio Martins e família Pérola Byington) também colocaram em discussão a mais importante questão do nosso momento histórico: os operários podem fazer política? Eles têm o direito de parar, esgotados todos os canais de conciliação? Seus líderes devem merecer a triste sorte de terem a cabeça cortada como peru de Natal? A anistia anistiará o povão que trabalha?** Em Alfenas, os estudantes reivindicavam e obtinham êxito depois de 17 dias de greve, também em março de 1979, *A greve dos estudantes de Alfenas: Os estudantes da Faculdade de Engenharia de Alfenas conseguiram uma brilhante vitória em defesa dos seus direitos. Com a greve que durou 17 dias, os estudantes conseguiram que fossem atendidas todas as suas 25 reivindicações. (...) Os estudantes de todo o País, ultimamente, vêm conseguindo obter grandes avanços na sua luta pela melhoria nas condições de ensino e pelas liberdades democráticas.* Na edição de julho/1979, manchete da reportagem e *lead* difundiam o movimento dos professores: *A justa luta dos professores – contra as bombas de gás lacrimogêneo, jatos d’água e cassetetes que o governo usa contra os professores, estes respondem pela continuação da greve e de suas justas reivindicações: Os movimentos grevistas que, nos últimos meses, atingiram as principais regiões do País, particularmente São Paulo, começam a repercutir em outros Estados. Em Minas, mais de 40*

UAI - maio 1979, nº 1
ESTUDANTES

A GREVE DOS ESTUDANTES DE ALFENAS

Os estudantes da Faculdade de Engenharia de Alfenas conseguiram uma brilhante vitória em defesa de seus direitos, em marco último. Para que seu movimento saísse vitorioso lutaram unidos e cossos em torno de suas reivindicações. Com a greve, que durou 17 dias, os estudantes conseguiram que fossem atendidas todas as suas 25 reivindicações.

A greve teve início no dia 5 de março e prosseguiu até o dia 21, sendo que todos os



clamentos na Assembléa e no Congresso por deputados e senadores em solidariedade aos estudantes de Alfenas. Na cidade os estudantes lançaram uma carta aberta à população explicando o movimento e ganhando o apoio da maioria dos moradores.

UAI maio 1979 nº 1

TRABALHADORES

Os operários da Mitsui param: é a greve

Fábrica de Fertilizantes da Mitsui, 22 horas, dia 18 de março. Os operários dos turnos da noite e da madrugada só esperavam a

paralisação. Os funcionários dos escritórios também pararam! O clima de trabalho era tão adverso, que não houve nem se animasse a

rários elegeram por indicação sua primeira representação de classe. A reunião terminou sem solu-

os trabalhadores começaram a se aglomerar defronte à sede. Chegavam em ônibus, trazendo o pes-

UAI - junho 1979, nº 2

GREVE DOS PROFESSORES

A justa luta dos professores

CONTRA AS BOMBAS DE GAS LÁCRIMOGENIO, JATOS D'ÁGUA E CASSETETES QUE O GOVERNO USA CONTRA OS PROFESSORES, ESTES RESPONDEM PELA CONTINUAÇÃO DA GREVE E DE SUAS JUSTAS REIVINDICAÇÕES.

Os movimentos grevistas que

como paródia a música "emigo" de Roberto Carlos, a depois de

UAI, novembro 1979 - nº 7

A Hora e a Vez dos Estudantes

ESTUDANTES DO INTERIOR DÃO A SUA OPINIÃO SOBRE O ENSINO NO PAÍS

Após dez anos desarticulado pela repressão, no dia 11 de outubro tomou posse no Largo São Francisco, em São Paulo, a nova diretoria da UNE, eleita por votação direta. Na solenidade de posse não estava presente o último presidente da União Nacional dos Estudantes, Honestino Guimarães, que deveria passar o cargo à Rui César Costa e Silva, o novo presidente da entidade. Honestino não compareceu por um motivo simples: foi preso pela repressão em 1973 e até hoje, é dado como desaparecido, sendo uma das inúmeras vítimas dos torturadores dos DOI-CODI e outras organizações da repressão espalhadas pelo Brasil.

A UNE foi criada em 1937, na época do "Estado Novo" e sempre esteve na vanguarda das principais lutas em defesa dos interesses do povo brasileiro. Em 1942 lançou uma campanha para a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial contra o nazi-fascismo. Mais tarde participou da campanha pela anistia aos presos políticos, em 1945, e da campanha "O País é Nosso".

Com o golpe militar de 64, como todas as outras organizações populares, a UNE sofreu inúmeras perseguições, mas conseguiu se manter na clandestinidade durante alguns anos. Com a decretação do AI-5, em 1968, o Brasil entrou numa fase de repressão governamental



Faça assinatura de um jornal que não tem medo de dizer a verdade.

UAI

Um jornal que não veio do Piauí
Assinatura anual
Cr\$ 120,00
Rua General Carneiro, 201
37130 — ALFENAS — MG

mil professores de 1º e 2º graus das redes oficial e particular começaram a entrar em greve a partir do dia 17, depois de uma assembleia que reuniu cerca de 1.700 professores... (...) Subestimando o espírito de luta das professoras, o governo mineiro desconheceu o documento enviado pela classe, reivindicando melhoria salarial e melhores condições de trabalho. Na mesma página, mais informação: *A UNE está de volta: Depois de dez anos praticamente desarticulada, reuniu-se em Salvador, nos dias 29 e 30 de maio, o 31º Congresso da UNE (União Nacional dos Estudantes), passo decisivo para a reorganização dos estudantes brasileiros em nível nacional.* Na edição de maio de 1980, sob o título *Fala o presidente da UNE: Rui César Costa e Silva, presidente da União Nacional dos Estudantes – UNE – fala ao UAI, quando de sua visita a Belo Horizonte, durante o III CONEG em fevereiro.* E se retornamos ao UAI nº 7, de novembro/1979, ali encontramos *A Hora e a Vez dos Estudantes* e podemos ler, e sabe-se lá quantos também leram, que **na solenidade de posse não estava presente o último presidente da União Nacional dos Estudantes, Honestino Guimarães, que deveria passar o cargo a Rui César Costa e Silva, novo presidente da entidade. Honestino não compareceu por um motivo simples: foi preso pela repressão em 1973 e, até hoje, é dado como desaparecido.** Na edição anterior, de fevereiro, o UAI reunia universitários de Alfenas para debater problemas e questões que afetavam os estudantes da cidade e pelo País: ***O estudante e a sociedade – Não estão fazendo nada para o estudante – O estudante não tem nenhuma opção de lazer – o governo é esperto, mas o estudante não é bobo – o estudante cai na realidade quando ele sai da faculdade.*** Em outra página, em destaque na seção **Fatos**, vinha de Pouso Alegre o ***Clamor das professoras aposentadas na declaração da presidente da Associação de Professoras Inativas: “a professora inativa já morreu”.*** Na edição nº 6 do UAI, outubro/1979, no artigo *As lições das greves*, um balanço parcial de como a ditadura militar enfrentava os movimentos reivindicatórios e, também, a postura do governador mineiro, Francelino Pereira, nesse momento que estamos percorrendo: **A partir de determinado momento, vendo-se acuado por tantas greves, o regime muda de tática. A repressão, que estava atuando por meio de subterfúgios e demagogias, passa, a partir da greve dos funcionários da prefeitura (Belo Horizonte) e da greve dos bancários, a ser clara e aberta. O governo Francelino Pereira proíbe, a partir de 22 de agosto, todas as concentrações e desfiles populares pelas ruas e praças de Belo Horizonte. Em decorrência disso tudo... os bancários não conseguem le-**

UAI - dezembro 1979, nº 8

DEPOIMENTO

A VOZ DOS METALÚRGICOS

Depoimento de dois metalúrgicos grevistas da Alcominas, em Poços de Caldas, que contam suas experiências da greve.

"UAI" tomou dois depoimentos, menos do que pretendia, para

— "O problema do falar "bonito", o pessoal superior, a burguesia, conside-

UAI novembro 1979 - nº 7

A VIDA DURA

As difíceis condições de trabalho dos operários de uma tecelagem

A grande concorrência da mão-de-obra e a maior combatividade dos operários nos grandes centros urbanos, levou muitos donos de indústrias a instalarem suas fábricas em pequenas e médias cidades do interior. Nestas cidades encontrariam uma mão-de-obra farta, barata e desorganizada como classe. Muitos trabalhadores ainda nem sabem o que seja um sindicato e para que serve.

Se por um lado este pequeno surto de industrialização trouxe suas vantagens financeiras aos municípios interioranos e evitou que mais contingentes de trabalhadores se deslocassem para zonas industriais à procura de serviço, por outro lado, pelo fato da classe operária não estar unida, o grau de exploração no trabalho se tornou maior. Dos inúmeros casos deste tipo, espalhados pelo interior, podemos citar o exemplo da Tecelagem Saliba, em Altéras.

Nesta tecelagem, que fabrica tecidos de seda, trabalham cerca de 700 operários. Praticamente é a única indústria deste porte na cidade, monopolizando a mão-de-obra industrial. Não existe um sindicato da classe na cidade e o horário normal de trabalho são 12 horas por dia, das 5 às 18 horas. Acontece, que para efeito de fiscalização, os cartões de ponto são "batidos" às 15:00 horas pelos funcionários da portaria, ficando marcado 8 horas de serviço. O operário trabalha por produção (mas não pode sair antes do horário) e não recebe extra por

Com um ritmo de trabalho desses, não é de se estranhar que sempre tenham operários internados nos hospitais com esgotamento físico e psíquico. Nas farmácias é grande o número de pessoas que vão em busca de remédios para sintomas alérgicos, vômitos e intoxicações. Os operários sempre reclamam do barulho insuportável no local de trabalho, sem que usem nenhum aparelho de proteção nos ouvidos. O salário-insalubridade não existe.

O contingente de trabalhadores é formado em grande parte por moças. A rotatividade no emprego é muito grande. Como o trabalho é

ano passado alguns operários tentaram pedir aumento salarial mas foram repreendidos pelos diretores. O último reajuste salarial foi em novembro de 1978, mas por sua vez, o metro da seda para venda, passou de Cr\$ 250,00 em fevereiro último para Cr\$ 425,00 em outubro.

Mas uma das coisas que mais causa descontentamento nos tecelões é o pagamento sair com mais de 20 dias de atraso. A folha de pagamento fecha no dia 25 de cada mês e o operário vai receber, geralmente no dia 17 do mês seguinte. Caso o operário faça um "vale" durante o mês e não pode ser descontado na sua folha de pagamen-

UAI outubro 1977 nº 1

Secção dos Trabalhadores

O papel do movimento sindical

A revista "ISTO É" entrevistou o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, Luiz Inácio da Silva, o "Lula". Aqui vão algumas das opiniões deste líder dos metalúrgicos de 31 anos, torneiro mecânico, formado pelo Senai e que defende os interesses de 120 mil trabalhadores.

— No momento que vivemos, qual é o papel do movimento sindical brasileiro?

LUIZ INÁCIO — Fazer o que ninguém quer fazer pelos trabalhadores. Não podemos ficar parados, esperando que alguém venha cuidar dos nossos problemas. Ninguém quer resolvê-los, quem vai resolver seus problemas é a própria classe. Ela está muito subestimada. E eu até aviso a quem a está subestimando que ela vai acordar a partir do momento em que seu estômago estiver doendo. Os monstros como Hitler e Mussolini aparecem geralmente num estado de execução, onde uma certa classe é dominada e pressionada, sem ter direito a participar de nada. E, quando consegue, parte para o revanchismo. Não somos revanchistas, só queremos ser participantes. Estamos bastante maduros para saber que os problemas dos trabalhadores devem ser resolvidos, dentro do possível, através do diálogo e conversando com quem de direito, ou seja, com os patrões. E isto é possível. (...)

— Qual seria o significado de uma greve, atualmente?

LUIZ INÁCIO — Confunde-se muito greve com baderna, trabalhador na rua quebrando tudo, mas todos esquecem que nos países industrializados, onde existe direito de greve, isto não acontece. Quan-

Retrato do Brasil, nº 3, pág. 29

Uma campanha maléfica

Em pouco mais de 60 anos, a propaganda brasileira transformou o leite em pó em uma ameaça à saúde pública, por levar as mães a abandonarem o aleitamento

Para as pessoas de classe média, que alimentaram seus bebês com leite em pó em quantidades generosas e mais papinhas e outros complementos, talvez não seja fácil aceitar a conclusão, mas ela é científica: a promoção do leite em pó como substituto da amamentação natural, feita ao longo da maior parte da nossa história republicana, foi um esforço publicitário amplo e maléfico.

Confirmou-se também que as mães abandonavam o aleitamento natural, em grande parte, devido à influência da propaganda do leite em pó.

A partir de 1920, durante o governo Epitácio Pessoa (1919-22), um poderoso esquema promocional foi montado no País para vender os leites industrializados, terminando literalmente por colocá-los no lugar das mães como fonte de alimento para os filhos. Essa

var à frente a greve... O presidente do sindicato, Arlindo Ramos, é afastado do cargo e obrigado a responder a processo. Os banqueiros não deram até hoje uma resposta satisfatória às reivindicações... Em Nova Lima, os mineiros que pararam 16 dias voltaram ao trabalho, sem terem recebido qualquer contraproposta dos patrões... quase dois mil operários da construção civil de Belo Horizonte foram despedidos por terem participado da greve... em termos de conquistas salariais, aparentemente, os ganhos foram reduzidos, já que o índice de aumento conquistado por categoria, em média, foi pequeno... Assim era o tempo do *UAI*, assim se vivia sob a exclusão do Ame-o ou Deixe-o, tempo ufanista do “Ninguém Segura Este País”, do “milagre econômico” que fazia aumentar pães e peixes... nos balaios da elite, dos poderosos empresários. Nas páginas do *UAI*, em referência à origem do governador Francelino Pereira, a irônica propaganda: *UAI – UM JORNAL QUE NÃO VEIO DO PIAUÍ*.

As difíceis condições de trabalho dos operários de uma tecelagem são assuntos da reportagem *UAI* nº 7, novembro/1979, *A vida dura: O dia para o operário da Saliba começa às 3:30 ou 4 horas da manhã, dependendo da distância que ele resida da fábrica. Tem uma hora e meia de almoço e só sai do serviço às 18 horas. Mas quando o serviço aumenta, é comum ter de ficar trabalhando até mais tarde... Se o tear dá um determinado número de defeitos, é descontado no salário do trabalhador... No ano passado, alguns operários tentaram pedir aumento salarial, mas foram repreendidos pelos diretores. O último reajuste salarial foi em novembro de 1978, mas por sua vez, o metro de seda para venda passou de Cr\$250,00 em fevereiro último para Cr\$425,00 em outubro... Uma das coisas que mais causam descontentamento nos tecelões é o pagamento sair com mais de 20 dias de atraso. A folha de pagamento fecha no dia 25 de cada mês, e o operário vai receber, geralmente, no dia 17 do mês seguinte. Caso o operário faça um “vale” durante o mês e não pode ser descontado na sua folha de pagamento, a firma cobra 30% de juros mensais. Neste momento, voltamos para o Domingos de Abreu Miranda e conhecemos seu depoimento sobre tempos de *UAI*: Como havia uma exploração desumana contra os operários da Tecelagem Saliba, a maior fábrica de Alfenas que, naquela época, tinha cerca de 800 operários, eu decidi ajudar e organizar o sindicato dos têxteis. Entrei em contato com alguns operários, expus a necessidade de criação de um sindicato para tentar barrar os abusos, tais como a jornada de trabalho de 12 a 14 horas diárias sem pagamento de horas-extras. As reuniões eram feitas à noite,*

Saúde: a cada dia mais difícil

As filas aumentam nas portas de INAMPS, enquanto a medicina preventiva continua engavetada

Saúde e educação são dois setores que deveriam receber especial atenção por parte dos governantes, por influir de uma maneira especial no bem-estar de um povo. Hoje, infelizmente, não podemos afirmar que o brasileiro está bem servido nestes dois setores. Basta vermos alguns dados para comprovar a precária saúde do brasileiro. Além de 75% da população não ter condições de ter uma alimentação mínima necessária, 10 milhões de brasileiros sofrem da Doença de Chagas, 12 milhões de esquistossomose, as verminoses atingem 30 milhões de pessoas e são cerca de 30 a 40 milhões de infectados pela tuberculose.

cional de Previdência Social — INPS. Em 1977 é criado o SINPAS — Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social, englobando o INPS, LEA, FUNABEM, etc. E ao INAMPS (Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social) compete prestar a assistência médica aos segurados.

No Brasil, o trabalhador em geral e as pessoas de baixa renda, não tendo condições de se servir do atendimento médico particular, são obrigados a se dirigirem ao INPS e aí tem de enfrentar longas e cansativas filas. O médico Carlos Gentile de Melo, mostrou através de dados, que em todo o recanto do Brasil intervenções, hospitaliza-

UAI março 1989 - nº 11

MÉDICO X COMPUTADOR

O que está acontecendo com nosso sistema médico? Em toda País, o panorama é o mesmo, uma aguda crise nos hospitais, sem vagas e mergulhados no dilema entre uma medicina empresarial e a desesperada tentativa de fazer sobreviver o indispensável caráter humanitário da assistência.

No sul de Minas, várias cidades — Caldas, Botelhos, Campestre, Andradas, Palmeiral, Serrania, Cabo Verde, e outras mais — ou melhor, os trabalhadores rurais desses Municípios podiam valer-se de um convênio do Fuz Rural com a Santa Casa de Misericórdia de Poços de Caldas. Há 2 anos, no entanto, o convênio foi denunciado. Bazoço lapidar: o hospital, sem substancial ajuda oficial, levava um prejuízo mensal em torno de Cr\$ 80 mil. Hoje, a verba do Fuz Rural mal dá para o atendimento nos leitos,

UAI - agosto 1979 - nº 4

Jornal Opinião, 07 fevereiro 1975

Opinião, 7 de fevereiro de 1975

INVESTIGAÇÃO EM TORNO DA ESQUISTOSSOMOSE NO BRASIL II — O LANÇAMENTO MULTINACIONAL DE UMA DROGA PERIGOSA

Bernardo Kucinski

O Etronal chegou ao Brasil evitando em cada país o que suas leis tinham de desfavorável e utilizando em cada país o que elas ofereciam de conveniente.

antigo comitê paravário por uma revisão formal dentro de algum tempo... (6) Obteve esse certificado na Grã-Bretanha, a Sterling-Winthrop imediatamente recebeu registro do SINPAT — obtido logo depois a 2 de outubro. Na verdade, o SINPAT em-

U estropo regular de labor que finalmente, foi considerado o mais poderoso e mais eficaz antiesquistossomose, registrado no Conselho Nacional de Fiscalização de Drogas e Farmácias com o nome de Etronal, em 2 de outubro de 1974.

Retrato do Brasil, nº5, pág. 54
ECONOMIA/AGRICULTURA: os efeitos do uso de agrotóxicos

A terra envenenada

O outro lado da política que despejou mais de 1 milhão de toneladas de agrotóxicos para fazer do Brasil um dos maiores produtores de soja do mundo

Em junho de 1984, donas-de-casa do Rio Grande do Sul receberam pelo correio uma insólita propaganda. Era um pacotinho de "amostra grátis", contendo 5 miligramas de inseticida Diazinon, produzido pelo laboratório Ciba-Geigy e muito utilizado contra pragas na agricultura. Considerado medianamente tóxico, o Diazinon, porém, em contato com umidade, transforma-se num produto altamente tóxico. A dose recebida pelas mulheres gaúchas era potencialmente capaz de matar 55 crianças.

no meu consultório dentário, logo após atender os pacientes. Encaminhamos, sigilosamente, os nomes dos membros da diretoria para a delegacia do Ministério do Trabalho, em Belo Horizonte, pedindo o registro do sindicato. Alguém da própria chapa denunciou os organizadores, e todos foram demitidos antes que a chapa fosse registrada e adquirissem estabilidade. Foi desencadeada uma campanha de terror dentro da fábrica, ficando proibida qualquer reunião entre operários. O sonho do sindicato foi sepultado naquele momento, e só dez anos mais tarde a mobilização retomou e ele foi criado, quando a ditadura já havia desaparecido. Entretanto, o *UAI* continuava com as denúncias, e isso deixava os diretores da Saliba indignados. A insensibilidade patronal era fato indiscutível, e os trabalhadores tinham que aceitar, em silêncio e resignados, a exploração da mão-de-obra, como está no *UAI* nº 8, dezembro/1979. Nessa edição, o jornal entrevistou dois metalúrgicos da greve da Alcominas, e a revoltante constatação: **No interior, as condições de atuação do operário são, talvez, mais duras (?) do que nos grandes centros. Em Poços de Caldas, embora não haja provas palpáveis, a maioria dos demitidos na recente greve da Alcominas está enfrentando horrores para conseguir novo emprego. Mesmo em fábricas distantes 250 ou 300 quilômetros da sede da multinacional, seus trabalhadores dispensados (arbitrariamente, sem pagamento previsto em lei) ficaram marcados com a pecha de “grevista”. Isto é um fato. Fala-se que a empresa fez circular um “memorando” com os nomes.**

E sobre as condições de atendimento à saúde, caro leitor? Algumas reportagens do *UAI* nos dão um retrato assustador da situação da saúde pública no Brasil e, particularmente, no sul de Minas. Na reportagem *Saúde: a cada dia mais difícil – as filas aumentam nas portas do INAMPS enquanto a medicina preventiva continua engavetada – UAI* nº 11, março/1980: **Hoje, infelizmente, não podemos afirmar que o brasileiro está bem servido nesses dois setores (saúde e educação). Basta vermos alguns dados para comprovar a precária saúde do brasileiro. Além de 75% da população não ter condições de ter uma alimentação mínima necessária, 10 milhões de brasileiros sofrem da doença de Chagas, 12 milhões de esquistossomose, as verminoses atingem 80 milhões de pessoas e são cerca de 30 a 40 milhões de infectados pela tuberculose. No texto, o leitor do *UAI* toma conhecimento histórico da assistência previdenciária, no Brasil, desde o começo do século XX, um desfile de si-**

UAI - março/1980 - nº 11
REALIDADE NACIONAL

DOENÇA DE CHAGAS: UMA ENDEMIAS POLÍTICA

Em Minas Gerais, de cada 100 mortos, vinte são provenientes da Doença de Chagas. Este mal só não foi ainda erradicado em nosso país por culpa dos políticos que detêm o poder.

Reportagem de Marco Antonio Soares de Oliveira.

Minas. Participante de Congresso "Café na Várzea" hoje

UAI - setembro 1979, nº 5

A insegurança dos bóias-frias

Sem sindicatos, sem contratos de trabalho, com salários baixos e sujeitos a graves acidentes, o "bóia-fria" é fruto de um sistema econômico injusto.

Acidentes com caminhões carregados de bóias-frias não é coisa rara, não só em nossa região como em todos os Estados onde existem grandes contingentes desses trabalhadores. O que acontece

é quando a caminhão dirigido por Geraldo José da Costa, da cidade de Machado, trafegando em alta velocidade descontrola a direção e atropela

Na época da panha, quando conseguem ter um rendimento acima da média eles percebem cerca de Cr\$ 700,00 por semana, trabalhando aproximadamente 12 horas por dia. No dia de trabalho comum

em 03/09/80. Mas, tendo morrido Paulo Oreste Justino, de 22 anos, casado com Dalcilene que sofreu fraturas no crânio. Na sexta-feira, dia 10, morreu Antônio

UAI setembro, 1979, nº 5

A opinião dos fazendeiros

UAI - Como está a situação do pequeno e médio agricultor atualmente?

GUY - A situação tanto do médio, do pequeno e do grande fazendeiro é praticamente idêntica, a não ser as grandes empresas, porque estas encontram crédito fácil, tem mais poder político, enquanto que os pequenos não conseguem simplesmente ao que o banco pode oferecer, aos financiamentos normais.

RAMON - Tanto faz o pequeno como o médio produtor, a situação é idêntica, todos dependendo do banco, todos entorpecidos. Entretanto, o que acontece

Com o objetivo de dar uma visão geral de nossa sociedade o UAI está procurando ouvir vários segmentos de nossa população, onde damos total liberdade aos entrevistados de exporem as suas opiniões. No número passado, os trabalhadores bóias-frias expuseram os seus pontos de vista. Agora convidamos alguns fazendeiros e, em uma mesa-redonda, falaram sobre vários problemas que os afetam. Os três depoimentos são de médios produtores rurais dos municípios de Alfenas, Machado e Serrania. (Guy Carlos Teixeira possui uma fazenda de café e criação

aquele que tem uma fazenda ele não possui dinheiro, não tem capital de giro suficiente para fazer esse negócio. E é que acontece quando ele não tem o crédito e mais limitado e tem outro problema. Quando se consegue sacar no banco uma importância tão pequena, quando chega ao momento de liquidar o produto não tem recurso e já está tomado nossos bancos e ele tem que procurar os agiotas. Aí a coisa piora ainda, porque em vez de ir para o banco que os bancos estavam cobrando, evidentemente o agiota vai ter de cobrar 8,10%, dependendo do caso. Há

UAI janeiro 1989, nº 9

DEPOIMENTO

O MENOR, ESSE DESCONHECIDO...

Ao terminar o Ano Internacional da Criança, um especialista do menor no Interior fala sobre o assunto

Reportagem de Marco Antonio Soares de Oliveira

Um problema grave que deveria ser resolvido pelas autoridades do país é o menor. Antes mesmo de entrar em vigor, no próximo dia 11 de fevereiro, o novo Código do Menor já está recebendo críticas de juristas em todo o país.

O advogado trabalhista e civilista de Varginha, dr. AYLTON JOSÉ TRÓCOLLI, participou de 6 a 10 de novembro último, do "I Congresso Nacional do Direito do Menor", realizado em Porto Alegre, RS, e respondeu à reportagem de UAI sobre a problemática do menor, na entrevista que se segue.

UAI - Dr. Aylton, quais as posições tomadas em Porto Alegre



glas e nomes que em nada resolveram. **No Brasil, o trabalhador em geral e as pessoas de baixa renda, não tendo condições de se servir do atendimento médico particular, são obrigados a se dirigirem ao INPS e aí têm de enfrentar longas e cansativas filas. O médico Carlos Gentile de Melo mostrou, através de dados, que, em todo o recanto do Brasil, intervenções, hospitalizações e procedimentos diagnósticos em massa acabam tendo como única finalidade o lucro, aos quais se aliam os casos de evidente fraude e corrupção.** Em Alfenas, a realidade: **Na manhã do dia 3 de março, segunda-feira, em frente ao prédio do INAMPS em Alfenas: uma fila com cerca de 100 pessoas para receber fichas para atendimento odontológico e outro tanto para o atendimento médico.** Em outra reportagem, *UAI* nº 4, agosto/1979, a situação calamitosa e desumana da assistência médica: *Médico x Computador – No sul de Minas, várias cidades – Caldas, Botelhos, Campestre, Andradas, Palmeiral, Serrania, Cabo Verde e outras mais –*, ou melhor, os trabalhadores rurais desses municípios, podiam valer-se de um convênio do Funrural com a Santa Casa de Misericórdia de Poços de Caldas. Há 2 anos, no entanto, o convênio foi denunciado. Razão lapidar: o hospital, sem substancial ajuda oficial, levava um prejuízo mensal em torno de Cr\$90 mil. Hoje, a verba do Funrural mal dá para o atendimento nos leitos.

Talvez o caro leitor, neste momento, já esteja ruminando conjecturas de que o *UAI* se preocupava em condenar e criticar o momento político, desgarrado de outros segmentos da sociedade e anseios mais. Não, caro leitor. O jornal também procurou referências representativas da sociedade, das comunidades, e pôs em pauta temas que os anos mostraram tão importantes e necessários à vida, como veremos agora. Se na edição de setembro/1979, nº 5, *A insegurança dos boias-frias*, era repetitiva ladainha de indefinida classe social, **sem sindicatos, sem contratos de trabalho, com salários baixos e sujeitos a graves acidentes, o “boia-fria” é fruto de um sistema econômico injusto**, e onde lemos, no corpo da matéria, a descrição da dura realidade de vida: **A situação de serviço lá é péssima. Nós sai daqui às seis horas da manhã e chega de volta às nove da noite. Vai cento e tantas pessoas dentro de um ônibus caindo aos pedaços que mais parece uma funerária. Ali vai tudo espremido, mulher com crianças, vai tudo. Quando você pega um café ruim, eles aumentam; quando você pega um café bom, eles abaixa. Você não pode ganhar mais dinheiro do que a tabela, não.** – também temos, em longa entrevista, na edição seguinte, outubro/1979, nº 6, *A opinião*

UAI, maio -980 - nº 13

DEPOIMENTO

O Médico, a Ciência e o Homem

Um médico que se dedica ao estudo da parapsicologia para aplicá-la na cura do ser humano

UAI — Como foi o início de sua carreira?

DR. ROQUE — Trabalho e difícil. Parto da linha da classe média. Tive sempre, portanto, apoio, estímulos e carinho de minha família, principalmente de meus progenitores, que tiveram como ideal fixar seus dias, entregando a continuidade uma numerosa descendência, honesta e laborosa, que pudesse colaborar com ela, sem pretensões, mas, progredindo sempre por sua harmonia e evolução. Fui, assim, meu jovem ainda, em 1938, conciliar o curso farmacêutico II, em 1953, o de medicina, sem diploma, em muito contribuindo para isso a abnegada colaboração de minha esposa Olyra. Fui ainda algumas décadas do magistério secundário e superior, criando também vários estabelecimentos de ensino secundário na região do Estado, nestas 4 décadas em que minha esposa faleceu.

UAI — O que o levou a se interessar por essas coisas?

Atualmente a parapsicologia é uma das ciências que mais tem apalancado o homem, pelo fato de ter diante de si um campo vasto e com descobertas fantásticas. As duas grandes superpotências — EUA e URSS — cientes da importância destas descobertas para o futuro da humanidade, têm procurado dar total apoio à ciência parapsicológica, que já se tornou matéria de "segurança nacional" naqueles países.

Aqui no Interior, com as eternas dificuldades, algumas pessoas há longos anos vêm se dedicando ao estudo da parapsicologia e outras ciências correlatas. Podemos sentir sombra de dúvida afirmar que o médico e professor Roque N. Tamburini é uma das pessoas que mais se destaca no estudo da parapsicologia no Brasil.

Hoje com 79 anos, Roque Tamburini diz que aos 14 anos já se interessava pelos fenômenos parapsíquicos, ciência que naquela época era conhecida por metafísica. Nascido em 1901, na cidade de Sobradade de Minas, em fevereiro de 1916 mudou-se para Alfenas, onde mora desde então. Nesta cidade cursou a Faculdade de Farmácia e mais tarde formou-se em medicina pela Faculdade de Niterói. Alguns anos mais tarde adquiriu o Ginásio S. José (hoje Colégio de Alfenas), consolidando como um catálogo de renome no região.

Após cumprir o seu papel como educador, passa-se a dedicar com

ênfase, a que poucos países escapam, não admitir que estes fenômenos, também, a insuscitabilidade, de quem recebe de Deus o divino dom de "ver". É mais um ser humano, que nenhuma culpa tem de haver sido chamado a vir testemunhar as inconcebíveis maravilhas. Para acobertar um mal menor, talvez se um maior.

A não ser, excepcionalmente, quando está em perigo a vida própria ou, nas lamentáveis ocorrências de estupro, e em raríssimos outros casos, previstos na ética médica, não se justifica essa verdadeira aberração do caráter. Onde não haja consciência. Quando, sob hipnose, procedemos à regressão de memória e levamos um paciente à sua vida intrauterina, pode ele relatar as vivências dessa fase, desde os primeiros momentos do seu gestado. A parapsicologia penetra essas condições, pois em certos casos obtêm-se vivências tão anteriores à concepção, as quais envolvem muitos da constituição e possuem em dada que revelam suport. Vozes progressas,

ECOLOGIA

UAI fevereiro 1980 nº 10

UM AMIGO DOS ANIMAIS

O fazendeiro Jairo Barbosa transformou sua fazenda num refúgio seguro para os animais

Em um momento em que a preservação da fauna brasileira já começa a ser debatida agressiva, pelo interior algumas, ainda que poucas, são o caminho para preservar o que ainda resta de variada fauna animal.



extinção. Mostra um casal de mutum e explica que este pássaro expulsa os filhotes que cria, enquanto que o jacará é um pássaro conhecido pelo nome de "cachorro-de-matão", porque eles gritam quando alguém se aproxima e dá o sinal de alerta para os índios.

Outros pássaros estão ali: ia-

mente para servir de alimento para filhotes de passarinhos.

Mas Jairo Barbosa tem amigos, que todos as manhãs tardes vêm aos bandos se aliam no seu quintal: são os coos, pacas e cutias. Os x-pregos chegam pulando de seu galho pelas árvores em busca de frutas, deixa

UAI - março 1980 nº 11

DEPOIMENTO

Cosmobiologia: uma nova ciência

A força de atração dos corpos celestes no ser humano já preocupava

Ao longo da história o homem sempre teve a preocupação em desvendar o desconhecido, revelar os segredos da natureza, enfim, essa "curiosidade" do homem é que foi o motor das grandes descobertas para o homem. Desde que começou a fazer uso de suas faculdades mentais, o homem vem tentando decifrar esta intrincada malha de planetas, estrelas, asteroides, galáxias, que formam o universo. Dos mitos e lendas até os primeiros dados científicos se passaram milhares de anos. Apesar dos grandes avanços da ciência, ainda constatamos que nossos conhecimentos em relação ao universo continuam precários.

os sábios da antiguidade; hoje os cientistas redescobrem sua importância

estas forças do universo sobre o homem. Esta ciência que estamos nos referindo é a cosmobiologia.

Dentro da cosmobiologia, a dra. Ana Graziella Prodan Campos é uma das pessoas mais capacitadas no país. E atualmente está desenvolvendo um tipo de trabalho pioneiro em Alfenas, junto com outra figura de nome na parapsicologia, o médico dr. Roque Tamburini. O trabalho dos dois consiste em fazer a psicoterapia dos pacientes observando o biocronograma destas pessoas e que juntamente com a hipnoterapia abrevia o tempo do cura do doente. O biocronograma detecta com precisão os momentos traumáticos, portanto ajuda o terapeuta a melhor conhecer o seu paciente.

dos fazendeiros, que destaca **“O sistema bancário agente financeiro dos agiotas” – “Se não houver providências, haverá um colapso no campo” – “Os especuladores deveriam sofrer uma punição” – “Os boias-frias consideram o patrão seu inimigo” – “A reforma agrária deve ser baseada na tributação” – “O movimento de 64 deveria ter sido mais humano”**. Após o 1º Congresso Nacional do Direito do Menor, realizado em Porto Alegre, RS, em novembro/1979, a edição do *UAI*, janeiro/1980, nº 9, no título *O menor, esse desconhecido...* publicava entrevista com participante do congresso de onde extraímos as respostas para algumas perguntas: **qual a porcentagem de menores abandonados no País e no sul de Minas? Pela comissão Parlamentar de Inquérito, em 1975, tínhamos 25 milhões de menores em situação irregular. Hoje, chega à casa de 40 milhões. – E qual ou quais as atitudes do governo diante do grave problema? Deficitária. Falta executar as diretrizes já existentes. Integração de todos os órgãos que atendem o menor. – Não é maltratando e torturando os menores que vamos diminuir a criminalidade.**

De Serrania, a edição de fevereiro/1980, nº 10, trouxe informações de *Um amigo dos animais – o fazendeiro que transformou sua fazenda num refúgio seguro para os animais*. Naquele momento, começavam debates sobre a proteção da fauna brasileira e a preocupação ecológica se tornava novidade na conscientização dos cidadãos, proibição da criação de pássaros em cativeiro, constantes incêndios que devastam florestas, poluição dos rios, uso abusivo de pesticidas e inseticidas na lavoura. Na fazenda, reportagem elenca inúmeros pássaros protegidos pelo fazendeiro de Serrania que, ao final, desabafa sobre o principal causador de mortes de pássaros: **o que mata passarinho não é a chuva de pedra, nem caçador, é o inseticida para lavoura. O Aldrin é um terror para os passarinhos: mata o inseto e o passarinho come o inseto morto e morre.**

O caro leitor já deve ter ouvido falar de *Cosmobiologia: uma nova ciência*, ou até mesmo sabe o significado do termo, assim acreditamos, que, afinal, precisamos sempre acreditar em algo e o caro leitor é nosso respeitável público, não é mesmo? **Os antigos já sabiam que o universo é altamente organizado e obedece a leis que podem ser encontradas tanto no exame de uma gota de orvalho, de um grão de areia, como no corpo humano. (...) Hoje, uma nova ciência procura estudar as ligações existentes entre o ser humano e o cosmo, os astros, procurando relacionar as influências de todas essas forças do universo sobre o homem – é a Cosmobiologia,**

UAI maio 1979 - nº 1

HISTÓRIA

Quem se lembra da "República do Monte Carmelo"?

O Sul de Minas não é o que se

O Sul de Minas não é o que se pode dizer uma "região pacífica". Apesar da mentalidade generalizada de que o sulmineiro é o arquétipo do "homem cordial", que fundamentou durante anos as pesquisas históricas sobre o nosso País, para justificar a "índole pacífica" do povo brasileiro, basta voltar nosso olhar para a história do sul de Minas, e concluímos justamente o contrário: nossa região não só é rica em manifestações culturais, como ostenta um passado onde se registraram os mais variados movimentos políticos, muitos violentos, outros carregados de idealismo e até misticismo.

Mas ainda carecemos de pesquisas, que ultrapassem as "histórias oficiais" registradas em calhamacos, onde se renegou a plano secundário ou simplesmente, se renegou, as lutas políticas mais ferrenhas, envolvendo a população de municípios inteiros e exigindo a intervenção de forças estaduais ou federais.

Os livros sobre a história da região, contam, quando muito, histórias das "famílias tradicionais" que aqui viveram. O povo, os líderes realmente populares, são postos de lado. Não se obedece, pelo menos,

UAI julho 1979 nº 3

O LEVANTE ESCRAVO DA BELA CRUZ

A HISTÓRIA DA REBELIÃO DOS ESCRAVOS CONTRA SEUS SENHORES NA
FAZENDA BELA CRUZ, NO MUNICÍPIO DE BAEPENDI, NO ANO DE 1833.

"O levante da Bela Cruz! Ainda hoje não desapareceu da memória dos baependianos.

De um distinto bisneto de Gabriel Francisco Junqueira recolhemos as seguintes informações referentes à revolta dos escravos da Bela Cruz:

Em 13 de maio de 1833, exatamente 55 anos antes da Lei Áurea, deu-se o levante dos escravos, iniciado na fazenda Campo Alegre, no lugar denominado Mata, hoje pertencente à fazenda Cacipolera, distrito de Emeruilhada e outrora distrito de São Tomé das Letras, ambos, em nossos dias, do município de Baependi.

Campo Alegre, naquela época, pertencia ao mencionado Gabriel Francisco Junqueira, mais tarde barão de Alfenas,



tas. Descendo do animal, dirigiu-se à casa, onde apanhou uma espingarda de dois canos e, assim armado, saiu abrindo a porta do paiol e gritando para os escravos: — "Todos para dentro do paiol! O que se recusar a entrar ou quiser fugir será atirado!" Os escravos obedeceram. Todos dentro do paiol, a porta do mesmo foi fechada.

TODOS OS CHEFES FORAM ENFORCADOS

Quando se recolhiam os negros, um de nome Carlos, ao entrar, disse a João Cândido:

— "Senhor, estou à sua disposição!"
Gritou-lhe, então, João Cândido:

entrevista detalhada, em Alfenas, que encontramos no *UAI* nº 11, março/1980. Essa matéria, de certa maneira, posteriormente se prolonga, ainda em Alfenas, na edição de maio/1980, nº 13, com o título *O Médico, a Ciência e o Homem*, entrevista com respeitável médico, educador, que se destacava no estudo da parapsicologia e se envolvia, também, **no conhecimento da psicoembriologia, psicologia especializada no evoluir da gestação, tendo em grande conta a conduta futura do nascituro. Em verdade, a psicoembriologia é uma associação de conhecimento de psicologia, parapsicologia e medicina, tratando especificamente da gestação humana.** Na sua voz calma, na sua energia para o trabalho, apesar do avanço da idade, o educador e estudioso deixa mensagens de otimismo que animam nosso espírito inquieto, inseguro, insensível: **O homem não se deixará atrofiar pelos progressos da máquina e da técnica – No amanhã, ninguém temerá a velhice.** Que Deus o tenha ouvido, amém.

História

mal contada gera desconfiança, não é mesmo, caro leitor? E ela, a história de um país, é contada pelos vencedores, e os vencidos, não importa heroísmo, ideal e sonhos, são lançados na vala-comum do esquecimento e, às vezes, na difusão revoltante da vergonha e maldade. Neste nosso Brasil altaneiro, onde cantam sabiás, músicos populares e sertanejos, a história de vencedores, quase sempre brancos e bem postos na vida, em profusa escala de valores preconceituosos e racistas, próprios de uma cultura colonial enraizada após séculos, impõe-se, difunde-se, povoa em todos os cantos, abrigos, urbes. Aqui, óbvio, nas “Sombras da Vila Formosa” a relembração ***você não pode ficar no Clube, não é sócio. Então o rapaz desce as escadas carregando humilhação e descontentamento, deixando para trás neste salão os bailarinos da perdida noite de sábado, empoeirada no tempo.*** Desprezados, ridicularizados heróis, sonhadores com ideais de liberdade, repousam na terra fria – alguns até no calor de fornos de usinas, como está revelando-se agora – banidos para o esquecimento... voluntariamente. Neste ponto, caro leitor, o *UAI* surge e incomoda e... putz! *ninguém merece*, como na expressão popular, e no ânimo ou aborrecimento de algum leitor impaciente. Paciência, por favor. Os tempos de hoje são de hoje, queiramos que sejam. Mas, *Quem se lembra da República do Monte Carmelo?* Por estas bandas das Gerais, por estes lados das Minas? (neste momento, antenado na Internet, corro para o Google e constato que nem essa ferramenta, nas quatro primeiras pági-

UAI agosto 1979 nº 4

REVOLTAS DE ESCRAVOS EM MINAS GERAIS

Existe uma parte da história brasileira que não é contada nas escolas. É a parte que se refere às lutas do povo brasileiro. É conveniente aos poderes do lado, à classe dominante, esquecer estas lutas, apagar da memória popular, e substituí-las pelo mito da condicionalidade do homem brasileiro. Quando os ideólogos oficiais negam a tradição de luta do povo brasileiro, eles estão querendo nos convencer a não lutar para superar o atual estágio de organização da sociedade brasileira. Contudo, o estudo da história do nosso povo mostra que, entre as tradições do povo brasileiro, destacamos justamente sua combatividade. Combatividade que se expressa, desde a Colônia, nas lutas dos negros escravizados, pela sua liberdade.

OURO E ESCRAVIDÃO EM MINAS GERAIS

Desde a descoberta do Brasil, mas, em particular, a partir das descobertas em Minas Gerais, os historiadores não encontram muitas pesquisas, tendo sido organizadas várias expedições com esse objetivo. Já, em 1600, os bandeirantes paulistas encetaram com um grande sucesso, na região de atual Mariana. Esta descoberta provocou o povoamento da Capitania de Minas Gerais e, como na época todo o trabalho era feito por escravos, estes passaram a constituir a maioria da população.



A nossa história não foi tão pacífica como tentam nos mostrar nossos historiadores oficiais. Prova disso foram as inúmeras rebeliões de escravos que houve em nosso Estado.

Por JOSÉ CARLOS RUY

sempre pela resistência dos escravos de Portugal. Em pouco mais de 150 anos de ouro, Pedro e João do Morro, além da Cavalaria Armada e Fuzilamento, os revoltosos usavam das suas tradições "combater os habitantes de Parai Arzabal de Santa Bárbara contra o movimento". Além de outras e a situação, que lhes eram imediatas. Malavaca seu nome mesmo, não se contradições com as das escravizadas, na esteira e, em estapas d'outra" (5).

Além de fotografar este assunto é extremamente que a luta contra também a luta pela O atualidade torça-se de Brasil a luta pela Casa além, o transformada sociedade democrática, mas presentes além, que de organizações, lures.

"Nossa História", Marco Morel, pág. 60 O grito dos humilhados março 2006

Ocorrida em 1910 na baía de Guanabara, a Revolta da Chibata acabou com os castigos físicos na Marinha, mas os donos do poder jamais perdoaram os revoltosos

seu nome, pretexto da insubordinação.

Tudo parecia terminado da melhor maneira possível. Quatro dias depois de iniciada a revolta, os marujos retiraram os lenços vermelhos do pescoço e devolveram as embarcações, de forma pacífica, aos oficiais. Entretanto, meses depois, uma rebelião (forjada, na opinião de João Cândido) foi pretexto para uma repressão das mais cruéis. João Cândido e mais 17 companheiros de revolta foram jogados numa masmorra da Ilha das Cobras feita para receber apenas dois presos. Ficaram ali três dias sem comer e beber, e cobertos de cal, que era atirado pelos carcereiros para "higienizar" o ambiente. No final havia apenas dois sobreviventes, soterrados entre os cadáveres dos companheiros: João Cândido e outro marujo apelidado de "Pau da Lira".

Depois disso ocorreu a impressionante viagem do navio *Satélite*, que seguiu carregado de prisioneiros para a Amazônia. A maioria era de marujos que participaram da revolta. Ao longo do trajeto, vários foram fuzilados e seus corpos lançados ao mar — ninguém foi punido pelas mortes. Os que restaram foram deixados na floresta, realizando trabalhos forçados para a Comissão Telegráfica comandada pelo então capitão Cândido Rondon (1865-1958).

A Revolta da Chibata foi com que os castigos corporais na Marinha fossem abolidos, mas as famílias dos revoltosos ainda esperam do governo uma reparação definitiva. Há cerca de 100 anos, o "Zimara" (na foto) foi o navio que transportou os revoltosos para a Amazônia.

O que foi, afinal, a Revolta da Chibata? Qual o sentido de se lembrar tal movimento quase um século depois? Certamente, antes de mais nada, a sua atualidade. A rebelião de marinheiros eclodida em 22 de novembro de 1910 nas águas da baía de Guanabara toca em pelo menos quatro temas até hoje mal resolvidos na sociedade brasileira: a democratização das Forças Armadas, a violência cotidiana do Estado sobre as camadas pobres da população, o racismo e a noção de que existiria uma tradição pacífica e sem violência na História do Brasil. O tema ainda hoje incomoda, desperta tensões e paixões, atira contradições.

O movimento serviu como um golpe de misericórdia nos resquícios de escravidão que ainda permaneceram arraigados na sociedade brasileira duas

décadas após a Lei Áurea (1888). Os castigos corporais continuavam frequentes na Marinha mesmo depois da Proclamação da República (1889) — foram extintos na Espanha em 1823, na França em 1860, nos Estados Unidos em 1862, na Alemanha em 1872 e na Inglaterra, em 1881. Junte-se a isso a prática dos alistamentos forçados e o fato de que a maior parte da marujada era composta por homens pobres e negros, enquanto que a oficialidade tinha origem social privilegiada, composta por homens brancos, ou que se pretendiam como tal.

Os marinheiros estavam dispostos a matar e a morrer. A rebelião foi preparada com antecedência em comitês clandestinos que se reuniam nos bairros de Santo Cristo, Saúde e Gamboa, e também nos arredores da Praça Onze, no centro do Rio. Os maru-



nas de pesquisa, se lembra da República do Monte Carmelo (também a origem dele não é no nosso rincão verde-amarelo). No *UAI* de maio/1979, nº 1, confirmação e constatação primeira de que **os livros sobre a história de região, contam, quando muito, histórias das “famílias tradicionais” que aqui viveram. O povo, os líderes realmente populares, são postos de lado. Não se obedece, pelo menos, a uma norma elementar da pesquisa: o levantamento de todas as informações sobre um fato, seus personagens, principais ou secundários, para que se possa aprender, juntamente no contexto socioeconômico da época, a totalidade do fato histórico. (...) O que foi a República do Monte Carmelo? Ou a “República dos Carmelos”?** Pelas esparsas informações a seu respeito, e os depoimentos – alguns contraditórios – de parentes ainda vivos de seus líderes, ou simplesmente de quem já ouviu falar dela algum dia, foi o resultado de um movimento separatista, possivelmente de inspiração monárquica, iniciado na famosa Fazenda da Pedra, no município de **Campestre**. Assim explicado, a leitura da reportagem nos conta sobre a aventura de independência **durante a Primeira República (1889-1930), tempo dos coronéis, da política ‘café com leite’, que já estava em decadência, e do tenentismo.** Campestre, na época, era palco de luta entre duas forças políticas contrárias e, quando uma delas perdeu as eleições, não aceitou a derrota e os planos dos vitoriosos eram mais radicais, **tratava-se de separar efetivamente Campestre do Estado, do País, ou seja, proclamar uma República.** Versões contraditórias, fantásticas, resistências em abordar o assunto com receio do ridículo, que constroem a história, tudo isso mantém, até a data da reportagem, um manto obscuro sobre o episódio separatista no sul de Minas.

O levante escravo da Bela Cruz - na edição de julho/1979, nº 3, *UAI* transcreve parte do livro “Baependi”, cuja edição estava esgotada havia mais de 20 anos, o relato sangrento da revolta escrava nas fazendas do município de Baependi por volta de 1833, **Os negros vingam: matam os brancos – E lá, aos golpes impiedosos da escravatura revoltada, perdeu a vida aquele filho do futuro barão de Alfenas.** Os olhos acompanham mais um trecho da movimentação da tragédia na leitura do livro que narra a colonização de Baependi e Caxambu: **José Junqueira era homem de idade e estava cego. Nessa fazenda, os revoltados deram largas a seus instintos sanguinários. José Junqueira foi morto e sucumbiram quase todos os de sua família, escapando apenas um seu filho, que estava ausente, no colégio, e também uma sua neta, escondida atrás de uma roseira na horta.** Depois do relato de mortes, segue-se a resistência de um fazendei-

UAI dezembro 1979, nº 8

HISTÓRIA

De Minas ao Araguaia

A história de Osvaldo Orlando Costa, um sul-mineiro que comandou a guerrilha do Araguaia



Entre abril de 1972 e meados de 1974, cerca de uma centena de guerrilheiros, na região do baixo Araguaia (sul do Pará e norte de Goiás) enfrentaram mais de 10 mil soldados das Forças Armadas brasileiras. Este movimento armado, considerado o mais importante do continente americano, depois da ação vitoriosa das forças de Fidel Castro em Cuba, permaneceu em sigilo durante mais de seis anos. Devido à férrea censura à imprensa na época, nada foi noticiado sobre a guerrilha do Araguaia e somente a partir de julho de 1978 começaram a aparecer as primeiras reportagens na imprensa brasileira.

O relatório do general Bandeira omitiu o uso de napalm durante a Operação Papagaio, mas o documento assinado pelo tenente-coronel Flarys Guedes Henriques de Araújo, chefe da 3ª Seção do EMG/11, registra o bombardeio do desfolhante na floresta amazônica — o que não havia sido previsto no planejamento inicial. O texto do coronel Flarys diz:

As missões pretendidas pelo CMP, aqui mencionadas no item 1, foram executadas no decorrer das operações; há a acrescentar àquele repertório o bombardeio de três áreas com bombas "napalm" e de emprego geral.

O repertório original repassado à Aeronáutica limitava-se ao transporte de tropas e cargas, reconhecimento da área e controle de tráfico. Napalm é uma bomba incendiária, largamente usada pelos militares norte-americanos na Guerra do Vietnã. Consiste, segundo o dicionário Aurélio, de "gasolina gelatinizada e espessada por sais do ácido naftênico e palmítico".

Operação Araguaia, os arquivos secretos da guerrilha - pag. 351

Taís Morais e Eumano Silva

Br História - nº1 março 2007

Páginas de sangue

Preservada por um militar, cópia dos diários do comandante dos guerrilheiros revela um cotidiano duro, em que doenças, privações e morte se misturavam à ideologia

Era o dia 30 de abril de 1972 quando um senhor de 59 anos, nariz adunco, trajas rotos e barba por fazer, pegou um desses cadernos de capa dura usados para fazer a contabilidade de mercearia e começou a fazer anotações. Seus companheiros de armas,



COMUNICADO DAS FORÇAS GUERRILHEIRAS DO ARAGUAIA

Ao povo

JULGADO PELO TRIBUNAL DAS FORÇAS GUERRILHEIRAS DO ARAGUAIA, FOI CONDENADO À MORTE, O PISTOLEIRO CONHECIDO PELA ALUNHA DE PEDRO IV NEIRO, ASSALARIADO DO FACINOROSO CAPITÃO OLÍMPIO, MEMBRO DO GRUPO CANALHÃO "CAPINGO" PROTEGIDO PELA DITADURA.

ro, auxiliado por um dos seus escravos, e posterior prisão dos escravos revoltosos cujos chefes, julgados, foram enforcados. No início da reportagem *Quem se lembra da “República do Monte Carmelo”?*, encontramos a afirmação: **O sul de Minas não é o que se pode dizer uma região pacífica**, e essa assertiva também se estende por todo nosso Estado na página 11, *UAI* nº 4, agosto/1979, onde tomamos conhecimento das *“Revoltas de escravos em Minas Gerais”*. Essa matéria mostra-se atualíssima, espelho dos movimentos sociais que, neste momento, sacodem o País em inúmeros protestos contra a exploração econômica dos cidadãos, exigindo investimentos sociais e de estrutura, e contra a corrupção. No *UAI*, agosto/1979, a introdução diz: **Existe uma parte da história brasileira que não é contada nas escolas. É a parte que se refere às lutas do povo brasileiro. É conveniente aos poderes de hoje, à classe dominante, esquecer essas lutas, apagá-las da memória popular, e substituí-las pelo mito da cordialidade do homem brasileiro. Quando os ideólogos oficiais negam a tradição de luta do povo brasileiro, eles estão querendo nos convencer a não lutar para superar o atual estágio de organização da sociedade brasileira. Contudo, o estudo da história do nosso povo mostra que, entre as qualidades do povo brasileiro, destaca-se justamente a sua combatividade. Combatividade que se expressa, desde a Colônia, nas lutas dos negros escravizados pela sua liberdade.** Após esse início, *“Revoltas de escravos em Minas Gerais”* elenca inúmeros movimentos e rebeliões, alguns extremamente violentos, dos negros escravos em diversos pontos do Estado de Minas. A exploração das minas de ouro era feita em condições desumanas, dentro d’água, nas galerias subterrâneas, sujeitas a desabamentos e a matar por asfixia devido aos gases venenosos, além da má alimentação. Ficamos sabendo, nesse relato do *UAI*, que já em 1711 havia notícias de rebeldia dos escravos contra a opressão, que se estenderam por todo o período colonial. Nos bancos escolares, não se informa sobre essa realidade histórica. Nas bibliotecas, livros que abordam esses fatos repousam em paz nas prateleiras, edições não são relançadas.

CARO LEITOR

Muitos assuntos levantados pela imprensa causam polêmicas. Isso é normal e até salutar, pois é do debate que nascem as melhores decisões. Devido à censura, que tentou acabar com a dinâmica da Imprensa, muitos fatos foram ignorados pela opinião pública. E um desses fatos foi a guerrilha do Araguaia, ocorrida recentemente em nosso País. Neste nú-

O crime contra Tenório -
pág. 203 - Frederico
Mendonça de Oliveira

"Tenório foi interrogado e torturado até o dia 22. Depois, não sabíamos o que fazer com ele. Neste período o ministro-conselheiro da embaixada brasileira falou com ele. Então, chegou-se a uma conclusão. O SNI brasileiro sabia que ele era um inocente, mas 'sabia' também que ele tinha amigos comunistas. Tenório disse os nomes de alguns músicos brasileiros que tinham idéias políticas, mas que não eram ativistas. Para nós, ele já não interessava. Já estávamos perdendo tempo. Mas não sabíamos o que fazer. Libertá-lo? Mandá-lo para a prisão? Mas por qual delito? Qual era, então, o caminho a seguir? Já havíamos matado tantas pessoas que uma morte a mais... Como dizíamos: 'uma mancha a mais no tigre não altera nada...' Decidiram que ele tinha que morrer. Tenório já tinha visto o major Batista e sabia que ele era um oficial brasileiro; já tinha falado com o ministro-conselheiro da embaixada do Brasil. Se fosse solto, ele podia comprometer o governo argentino e o governo brasileiro."

O repórter Maurício Dias então perguntou: "Foi uma decisão tomada em conjunto? Com a aprovação do SNI?" E Vallejos respondeu na lata: "Exatamente. O SNI brasileiro não o queria trazer para o Brasil e nós não o podíamos manter preso. Que outro caminho havia?"

OS ESTATUTOS DO HOMEM

(Ato Institucional Permanente)

A CARLOS HEITOR CONY

- ARTIGO I. Fica decretado que agora vale a verdade,
que agora vale a vida,
e que de mãos dadas,
trabalharemos todos pela vida verdadeira.
- ARTIGO II. Fica decretado que todos os dias da
[semana,
inclusive as terças-feiras mais cinzentas,
têm direito a converter-se em manhãs de
[domingo.
- ARTIGO III. Fica decretado que, a partir deste instante,
haverá girassóis em todas as janelas,
que os girassóis terão direito
a abrir-se dentro da sombra;
e que as janelas devem permanecer, o
[dia inteiro,
abertas para o verde onde cresce a es-
[perança.

Faz escuro mas eu canto
pág. 19 - Thiago de Mello

UAI junho 1979 nº 2

À ESPERA DO PETRÓLEO

HÁ MAIS DE CINQUENTA ANOS O PETRÓLEO TEM TRAZIDO POLÊMICA NA CIDADE DE CAMPOS GERAIS. ALGUNS MORADORES AINDA GUARDAM GARRAFAS COM A ÁGUA OLEOSA TENTANDO PROVAR QUE EXISTE O PETRÓLEO. AQUI ESTÁ A HISTÓRIA DA DESCOBERTA DESTES LÍQUIDO QUE TROUXE ESPERANÇA A MUITA GENTE.

mero do *UAI*, estamos focalizando uma das figuras centrais deste acontecimento do sul do Pará. Muitos irão dizer que é um assunto que não cabe ser tratado em um jornal regional, que o artigo é uma apologia da guerrilha, etc., etc. A essas afirmativas desde já respondemos não. Dentro do que nos propusemos desde o primeiro número, estamos procurando contribuir para um melhor conhecimento de nossa história, retratando vários personagens e acontecimentos esquecidos pela nossa “História Oficial”,... O *UAI* nesta segunda fase, como também ocorreu na primeira, sempre manteve o editorial com posição ideológica definida, ideias claras e objetivas sobre os fatos do momento. Na segunda fase, que estamos percorrendo, o editorial passou a ser encabeçado pelo título CARO LEITOR, motivo pelo qual desde o início da nossa prosa por tantas páginas, usamos, e até mesmo abusamos, propositadamente, da interlocução “caro leitor”. Explicado está tantos “caro leitor” a fustigar a paciência do leitor. O editorial de que acabamos de ler um trecho está no *UAI* dezembro/1979, nº 8, paralelo à reportagem *De Minas ao Araguaia – história de Osvaldo Orlando Costa, um sul-mineiro que comandou a guerrilha do Araguaia. (...) A reportagem UAI foi encontrar Elza e Albertino, irmãos de Osvaldão, numa casa simples e antiga em Passa Quatro. E a história desse personagem então se conta na página 3 do UAI, e também da aventura de dezenas de jovens que, inspirados nas trilhas da revolução cubana, sonharam transformar nosso País numa terra de mais justiça social, menos afronta aos deserdados, de respeito aos direitos de todos os homens. Sabemos hoje, apesar de justificativas que querem esconder o manto da impunidade, da barbárie, da covardia, que em seu livro “Guerra de Guerrilhas no Brasil”, Fernando Portela relata no primeiro capítulo a morte de Osvaldão: ...num dia qualquer de abril de 1974... (...) Ele, como a sua guerrilha, está no fim: os companheiros estão quase todos mortos, ele febril de muitas malárias, e com centenas de homens ao seu encalço. Assim, foi muito fácil para um dos filhos da família Piauí, uma das mais antigas de São Domingos, lugarejo ali perto, aproximar-se do comandante guerrilheiro naquele campo de milho. (...) Um cumprimento em voz alta e o negro responde com um aceno, não dá importância, já perdeu os reflexos. Logo depois, é alvejado com tiros de espingarda. (...) O pequeno Piauí vai receber o dinheiro que os oficiais aquartelados em São Domingos, como em toda região, lhe prometeram. Toma um susto: as notas (ninguém sabe quanto) lhe são oferecidas, e quando vai apanhá-las, recolhidas. O rapaz é humilhado: “Ajoelhe-se e peça pelo amor de Deus”, dizem alguns oficiais. Ele obedece, sabe o que quer. (...) O corpo de Osvaldão é amarrado ao esqui de um helicóptero e*

"MAR-DE-LAMA" NA PREFEITURA

Há já algum tempo comentários correntes pela cidade de Alfenas — confirmados posteriormente por denúncia por escrito — sobre certas irregularidades administrativas e malversação de dinheiro público na Prefeitura. A primeira denúncia pública contra estas irregularidades ocorreu no final do ano passado, quando o ex-prefeito Hesse Luiz Perceira, na época Assessor de Planejamento da Prefeitura Municipal, dirigiu uma carta-aberta ao atual prefeito, José Wurfemberg Manso, em que pedia demissão de seu cargo junto ao prefeito, por "perfebeir inúmeras infrações à lei e à moral administrativa". Nesta carta, o ex-prefeito afirmava que durante seu tempo como assessor da Prefeitura pôde constatar malversação de dinheiro público ou a utilização indevida de bens e serviços municipais, como vinha acontecendo.

Foram feitas estas graves acusações, mas nenhuma medida concreta foi tomada. Segundo o presidente da Câmara dos Vereadores, Antonio Camilo Neto, em declaração ao jornal UAI, afirmou que não foi constatado nada contra o prefeito (sic). Mas durante todo este tempo não foi levada a público nenhuma investigação a respeito. E de se perguntar por que não foi instituída uma Comissão de Inquérito para apurar tais acusações? A dúvida fica no ar.

As coisas haviam se acomodado novamente até que no dia 12 de junho passado, o advogado Guilherme Barbosa, em depoimento na Auditoria da 4.ª Circunscrição Judiciária Militar em Juiz de Fora, fez graves denúncias sobre corrupção contra o atual prefeito de Alfenas. Nesta denúncia o advogado afirmava, perante os militares, que o prefeito cotoca dinheiro dos cofres municipais na sua Caderneta de Poupança particular. Afirmou ainda que tem condições de provar outros casos de corrupção na Prefeitura. Estas acusações deixaram bastante impressionado o Juiz-Auditor que imediatamente mandou que se enviasse um ofício ao promotor de Alfenas a respeito do assunto.

Tendo em vista estas acusações e já tendo alguns dados em mãos, a reportagem UAI investigou alguns outros fatos acontecidos na cidade e descobriu várias irregularidades. Entre elas podemos citar algumas:

* **Compra de terreno para o matadouro municipal.** A prefeitura comprou um terreno de aproximadamente dois alqueires e meio por 800 mil cruzeiros, sendo a mais de 300 mil cruzeiros o alqueire. Outros terrenos confrontando com o anterior, nas mesmas condições, sem qualquer propriedade, foram comprados na mesma época pela prefeitura por preços que variavam de 70 a 130 mil cruzeiros o alqueire. Portanto houve uma escandalosa variação dos preços destes terrenos vizinhos de mais de quatro vezes mais.

* **Doação de lotes de terrenos irregularmente.** Vários lotes foram e têm sido doados irregularmente inclusive a funcionários da prefeitura. Nenhum desses terrenos doados teve autorização da Câmara Municipal. Este fato irregular soloca o prefeito em contradição, pois há mais de um ano ele disse que todas as pessoas que tinham terreno aforado teria que comprar seus lotes. Como a repercussão foi muito negativa, em abril de 78, o prefeito soltou um aviso dizendo que ninguém era obrigado a requerer

haste pública. Mas ultimamente as vendas de terrenos da Prefeitura têm sido feitas de uma forma avassaladora. O prefeito alega que necessita de recursos financeiros, mas se for assim, dentro de algum tempo é perigoso que ele leve a leilão as praças da cidade ou mesmo o prédio da Prefeitura.

* **Avaliações suspeitas de terrenos.** Nas avaliações de terrenos públicos ocorrem absurdos, como lotes um ao lado do outro, do mesmo tamanho e nas mesmas condições, ser avaliados por preços muito diferentes, como um ser avaliado pelo dobro do preço do outro. Um outro caso flagrante destas irregularidades foi a tentativa, no ano passado, de se trocar um terreno da prefeitura, que seria permutado com um terreno que seria destinado ao Distrito Industrial. Este terreno da prefeitura foi avaliado em €\$ 40.000,00, mas antes da troca ser consumada já estava sendo vendido por €\$ 150.000,00. Como o escândalo estourou e foi denunciado por dois vereadores do MDB, o negócio não foi realizado. O mesmo terreno foi levado recentemente a hasta-pública pelo lance mínimo de €\$ 160.000,00.

* **Monopólio do transporte coletivo urbano.** O atual prefeito da cidade é dono da única empresa concessionária de transporte coletivo urbano da cidade, que por sinal apresenta sérias deficiências no atendimento às reais necessidades da população. Recentemente uma empresa de Alfenas solicitou documentos junto à prefeitura para estudar a possibilidade de também servir a população com uma outra linha de ônibus urbano. Mas aconteceu que o prefeito se negou a remeter à Câmara os documentos solicitados. Suspeita-se que a empresa de ônibus urbano do prefeito esteja com a sua concessão de exploração vencida.

* **Irregularidade no asfaltamento da cidade.** A construtora CIAMCO, que venceu a concorrência para asfaltar 10.000 metros quadrados de vias públicas, já asfaltou mais do dobro desta extensão, sem que fosse feita nova concorrência.

Além destes fatos existem inúmeros outros que não citaremos para não nos alongarmos muito. Enquanto estes acontecimentos vinham ocorrendo, todas aquelas pessoas que se puseram no caminho do prefeito contra estas sérias irregularidades foram transferidas de seus cargos, ameaçados ou pediram exoneração. A Câmara dos Vereadores enquanto isso vai dando seus "votos de pesar e de louvor" e esquecendo os atos do prefeito. Enquanto isso o vereador que agrediu uma viuva (ver n.º 2 do UAI) continua impune. Os moradores vizinhos das casas de prostituição, algumas de propriedade do vereador Armando Pacheco, foram até a Câmara pedir que os vereadores tomassem providências no sentido de retirar para fora da cidade estas "hostes". João Bento, um dos moradores, afirmou perante a Câmara que "o vereador Armando Pacheco é o maior fabricante de cabarés da cidade". Os vereadores simplesmente responderam que não poderiam tomar nenhuma atitude a respeito.

Esperamos que esta matéria sirva para alertar a população contra os desmandos praticados pela Prefeitura contra o patrimônio público e que haja uma investigação honesta sobre estes fatos, que poderá inclusive levar a um "impeachment" do prefeito os a penas mais rigorosas.

UAI

julho
1979nº
3ze
es
pc
to
dc
e
ag
é
Ed
fude
M
de
ju
raPr
au
pe
re
pr
do
vr
en
di
ric
o
es
ur
ra
ricch
C
M
ca
para
C
C
prni
re
pc
fá
—te
m
25
re
A
le
ta
cc
50do
asi
pr
da
ca
pe
da
tivca.
ra
ra
ba
rei
pr
asHa
Pr
da
do
se
ta
a
ta

desfilado por São Domingos e outros lugares do Araguaia. Na página do *UAI*, ficamos sabendo também que, além de Osvaldo, estava outra guerrilheira da região do sul de Minas: **Áurea Elisa Valadão, natural de Areado, onde fez o curso secundário, indo em seguida estudar Física Nuclear na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Lá, casou-se com Arildo Valadão, em 1970, e seguiram para o Araguaia. Arildo foi morto e degolado pelas forças do governo e Áurea é dada como desaparecida.** Deixemos que nossa consciência, por alguns segundos, miseráveis que sejam, perpassem as tristezas narradas.

Agora, um momento de descontração para a pergunta que o *UAI* de junho/1979, nº 2, faz aos seus leitores, teimosos alguns, renitentes outros, esperançosos tantos: *Existe petróleo em Campos Gerais? O caso do petróleo começou em 1925. Naquela ocasião, uma criança que estava lavando roupa junto com sua mãe num córrego, ao beber aquela água, notou um gosto diferente. A sua mãe achou a água com gosto parecido com querosene.* A reportagem revela, então, a presença do engenheiro que comprovou a existência do valioso líquido numa extensão de 8 léguas, porém a exploração não era compensadora. Jornais e revistas noticiaram a importante descoberta, algumas com viés sensacionalista. Entrevistado pelo *UAI*, **Amado Teixeira, morador de Campos Gerais que esteve com um engenheiro da Petrobrás no local há cerca de 6 anos,** dissera que **realmente existe petróleo. (...) Pela posição do terreno (subsolo) deve ir até perto de Alfenas.** No seu teatro, Waldir de Luna Carneiro faz referência ao petróleo na peça “O zebuzeiro”, escrita originalmente em 1947 e levada ao palco, no mesmo ano, com o nome “Meu zebu morreu”. Do palco, entremos no escurinho do cinema para acompanhar a cena do filme “Assim caminha a humanidade”, de 1956, quando o personagem interpretado por James Dean, ao encontrar petróleo abundante em suas terras, deixa-se lambuzar do óleo e, com essa imagem cinematográfica, imediatamente retornamos ao *UAI* naquela edição que mancheteia a surpreendente notícia que arrepiou cabelos, humores e revoltas no *establishment* da comuna alfenense com o

Mar de lama

e a estarecedora, inaceitável e lambuzada chamada na primeira capa: *Corrupção – Escândalo na prefeitura de Alfenas – Advogado acusa prefeito de aplicar dinheiro da Prefeitura em sua caderneta de poupança. Militares de Juiz de Fora já sabem* – e vamos todos, ávidos e curiosos, para a página

A Pedido Prefeitura Municipal de Alfenas

Seção Livre

Alfenas, 22 de novembro de 1978.

Exmo. Sr.
Dr. Felmo Magalhães Fernandes
DD. Presidente da Câmara Municipal de ALFENAS

Senhor Presidente:

Inconformado diante de versões distorcidas e mentirosas quanto ao meu afastamento, por minha livre e espontânea vontade, do cargo de Assessor de Planejamento da Prefeitura Municipal de Alfenas, vejo-me na contingência de dirigir-me a V. Excia., bem como aos demais ilustres membros dessa Câmara, para desfazer intoleráveis mentiras que vêm sendo divulgadas por pessoas inescrupulosas, numa ação delatéria com a qual pretendem denegrir o meu nome.

Inicialmente, devo esclarecer que só aceitei a minha nomeação para o referido cargo face às inúmeras e insistentes solicitações do Exmo. Sr. Prefeito Municipal, Dr. José Wurttemberg Manso, após repetidas recusas de minha parte, e, eis que, sinceramente, não desejava aceitar tal investidura.

Como Assessor de Planejamento, procurei desempenhar a minha missão de forma a corresponder à confiança com que fui distinguido pelo Chefe do Executivo Municipal, empenhando-me ao máximo para ajudá-lo a governar esta cidade, não obstante minhas naturais limitações que reconheço e proclamo sem falsa modéstia.

No exercício daquele cargo, sempre

A Prefeitura Municipal de Alfenas, reiterando avisos anteriores, comunica aos senhores proprietários de terrenos vagos que o prazo para a construção de muros na parte confrontante com a via pública, bem como para a construção de passeio, onde exista meio-fio, expirar-se-á no dia 31 de março de 1979.

Após aquela data serão tomadas as medidas cabíveis.

Alfenas, 19 de fevereiro de 1979.

Dr. José Wurttemberg Manso
Prefeito Municipal

procedi com lealdade e com humildade, colocando-me na verdadeira posição de mero colaborador. Sempre procurei mostrar ao Exmo. Sr. Prefeito Municipal quais seriam os melhores caminhos ou as soluções mais adequadas ao desenvolvimento de sua ação administrativa, sem qualquer pretensão de dar ordens ou impor decisões, por conhecer o limite das atribuições que me foram conferidas.

Em conformidade com esse ponto de vista, sempre respeitei suas medidas administrativas, desde que não fossem ilegais ou espúrias, mesmo aquelas conflitantes com o meu entendimento em contrário, por reconhecer que ao Chefe do Executivo cabe a última palavra, o ato decisório, quanto à definição de prioridades e metas ou no tocante aos rumos de sua atuação governamental.

(Conclui na 2ª página)

25-02-1979 — Página 0

FOLHA DE ALFEN

(CONCLUSÃO)

A Pedido

Seção Livre

Entretanto, a partir do momento em que passei a perceber inúmeras infrações à lei e à moral administrativa, manifestei a minha discordância, veementemente, de modo franco e honesto, procurando mostrar ao Exmo. Sr. Prefeito Municipal, com toda a lealdade, as diversas irregularidades que estavam ocorrendo e com as quais eu não poderia concordar, pois elas contrariavam os princípios de austeridade, de legalidade e de moralidade que devem presidir a correta ação do administrador público.

Por diversas vezes, em diferentes ocasiões, levei ao conhecimento do Chefe do Executivo as anormalidades que me foram dadas a conhecer através de comentários e informações, muitos dos quais também se tornaram conhecidos dos ilustres Vereadores. Sempre ouvi, como resposta, a alegação de que tais notícias não procediam ou não eram verdadeiras.

Quando das últimas denúncias recebidas, eu mesmo tomei a iniciativa de investigar os casos, como realmente o fiz, com a honesta intenção de levá-los à consideração do Exmo. Sr. Prefeito Municipal, as expectativas de sua providência a sua extensão e, a seguir, informando o Chefe do Executivo do ocorrido e, mais uma vez, solicitando-lhe sua ação enérgica e moralizadora para coibir, definitivamente, a malversação do dinheiro público ou a utilização indevida de bens e serviços municipais, como estava acontecendo, conforme pode constatar.

Lamentavelmente, as medidas moralizadoras que me foram prometidas pelo Exmo. Sr. Prefeito Municipal não se concretizaram. Ao contrário, eu vi adotadas medidas coercitivas ou punitivas contra pessoas que, sem qualquer culpa, foram involuntariamente envolvidas nos trabalhos de averiguação por mim realizados, por minha iniciativa e sob a minha exclusiva responsabilidade, com o nobre propósito de ajudá-lo a escla-

Documento Extraviado

MARIA LUIZA LEMOS comunica que se encontra extraviado seu certificado do CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS registrado na UFGM sob o n.º 1291, no Livro CGHI, folha 121, processo n.º 0018621-75 em 05-11-75.

reecer as irregularidades verificadas.

Profundamente decepcionado, acabei por concluir que o Chefe do Executivo Municipal não tomaria nenhuma providência sancionadora, como realmente não tomou até o presente momento. Por isso resolvi sair, por minha livre e espontânea vontade, volto a repetir. Preliminarmente, solicitei licença para gozar as férias regulamentares a que tinha direito, através do requerimento protocolado, em 23 de setembro próximo passado, sob o número 2682/78, o qual foi deferido com a condição de que eu as gozasse à época do recesso da Câmara; face a esta decisão, não mais voltei a trabalhar e, em 11 de outubro último, por intermédio do requerimento protocolado sob o número 2682/78, solicitei e obtive a minha exoneração do cargo de Assessor de Planejamento.

Os documentos anexos provam, irrefutavelmente, que minha exoneração foi concedida em atendimento ao meu pedido. Não fui demitido por iniciativa do Chefe do Executivo, como maliciosamente andam falando, com o acréscimo de verões ditamantes e caluniosas, as quais repilo energicamente.

Ao encerro destes esclarecimentos, com os quais estou relutando as alvos as acusações contra mim, coloco-me ao inteiro dispor dos caros representantes do povo, subscrevendo-me com protestos de grande admiração e sincero apreço.

Respeitosamente,

Heide Luiz Pereira

As opiniões em nossas crônicas, comentários e artigos assinados, mesmo sob pseudônimos, não representam obrigatoriamente o ponto de vista deste jornal, podendo até ser contrárias a este. A opinião da FOLHA DE ALFENAS acha-se expressa nos editoriais e comentários não assinados. — DIREÇÃO

Folha de Alfenas - 29/julho/1979

Seção Livre

A verdade sobre o 'Mar de Lama' na Prefeitura de Alfenas

Em reunião com os mais significativos representantes da comunidade alfenense, realizada dia 17 no edifício-sede da Prefeitura Municipal, Sua Excia., o Prefeito Municipal, Dr. José Wurttemberg Manso, fez saber a todos os presentes que fora acusado pelo jornal independente 'UAI', em matéria publicada em sua última edição, de cometer sérias irregularidades administrativas.

Leu item por item, refutando item por item, com farta documentação, à qual todos os presen-

tes à reunião tiveram acesso, comprovando-se, com votos de solidariedade, no final, de que as infundamentadas. Se, portanto, progresso for 'mar de lama', o que não será um verdadeiro 'mar de lama'?

Posteriormente, o Sr. Prefeito afirmou que, caso se publiquem mais reportagens a respeito, nem tomará conhecimento. Estaria tranquilo, cons-

ciente de que nenhuma acusação será com vada.

Estamos publicando, na F.A.C.I. A 2, a At Reunión convocada por Sua Excelência, metete a qual, o povo tomará conhecimento, o q todo direito seu, e também terá as necessá explicações para perfeito conhecimento das fundadas notícias produzidas pelo senaacion mo do 'UAI'.

5 do *UAI*, julho/1979, nº 3, para tomar conhecimento do “*Mar-de-lama*” na prefeitura: **Há já algum tempo, comentários corriam pela cidade de Alfenas – confirmados posteriormente por denúncia por escrito – sobre certas irregularidades administrativas e malversação de dinheiro público na Prefeitura. A primeira denúncia pública contra essas irregularidades ocorreu no final do ano passado, quando o ex-prefeito Hesse Luiz Pereira, na época assessor de Planejamento da Prefeitura Municipal, dirigiu uma carta-aberta ao atual prefeito, José Wurtenberg Manso, em que pedia demissão de seu cargo junto ao prefeito, por “perceber inúmeras infrações à lei e à moral administrativa”.** Apesar das denúncias do ex-prefeito Hesse Luiz Pereira, a Câmara Municipal de Alfenas não tomou providências, e em declaração ao *UAI* o presidente do Legislativo, Antônio Camilo Neto, **afirmou que não foi constatado nada contra o prefeito**, apesar de não ter sido instituída uma Comissão Parlamentar de Inquérito. No entanto, no mês anterior à publicação do “mar de lama”, dia 12 de junho, **o advogado Guilherme Barbosa, em depoimento na Auditoria da 4ª Circunscrição Judiciária Militar, em Juiz de Fora, fez graves denúncias sobre corrupção contra o atual prefeito de Alfenas. Nessa denúncia, o advogado afirmava, perante os militares, que o prefeito coloca dinheiro dos cofres municipais na sua caderneta de poupança particular. Afirmou ainda que tem condições de provar outros casos de corrupção na prefeitura.** Na continuação do texto, **a reportagem do *UAI* investigou alguns outros fatos acontecidos na cidade e descobriu várias irregularidades:** compra de terreno para o matadouro municipal, doação irregular de lotes, avaliações suspeitas de terrenos, monopólio do transporte coletivo urbano, irregularidades no asfaltamento da cidade.

Com a repercussão da reportagem, o jornal *O Alfense*, na edição de 20 de julho, sob o título “Mar de Lama”, desmerecia o *UAI*, defendia e enaltecia o chefe do Executivo Municipal: **As expressões usadas para atacar a atual administração provocaram não só espanto como tristeza, pois raramente esta cidade viu um prefeito que se dedicasse com tanto afinho e entusiasmo à causa pública. Se este jornal, na edição do dia 17.07.79, transcreveu tópicos do suposto ataque foi para mostrar ao leitor a insensatez do ato. (...) E no que dará tudo isso? Satisfação secreta de uns poucos magoados ou invejosos? Não, tudo resultou em total apoio do povo ao Prefeito, ARENA E MDB solidários.** Em seguida, *O Alfense*, de 22 de julho, sob o informe *Secção Livre* na primeira página, mostrava ao leitor as providências que foram tomadas para rebater a re-

O Alfenense - 20/julho/1979

«Mar de Lama»

Uma publicação recente, a respeito de supostas irregularidades havidas na Prefeitura local, motivou uma série de adesões ao Senhor Prefeito, inclusive de seus próprios adversários políticos, igualmente chocados, e todos unânimes em afirmar que na história administrativa da cidade nada de semelhante ocorreu, em época alguma, em quaisquer circunstâncias.

As expressões usadas para atacar a atual administração provocaram não só espanto como tristeza, pois raramente esta cidade viu um prefeito que se dedicasse com tanto afincio e entusiasmo a causa pública.

Se este Jornal, na edição do dia 17.07.79, transcreveu tópicos do suposto ataque foi para mostrar ao leitor a insensatez do ato. Já tivemos por aqui acerbas e bravas disputas políticas, inesquecíveis batalhas eleitorais que, findas, acabavam por irmanar ganhadores e perdedores em benefício da comunidade. Em toda a história do jornalismo alfenense nada de semelhante houve, nada que se comparasse ao que foi dito pelo então simpático e hoje infeliz representante da chamada «imprensa nanica», que acreditamos ter sido mais vítima que culpada, pois ao leitor perspicaz fácil lhe será concluir que aquelas páginas foram sub-repticiamente usadas para ataques pessoais. Ali não é o povo que contesta, protesta ou critica, não é este ou aquele qualificado cidadão que fala, mas tão-somente uma sombra fugidia, um ressentido que ninguém sabe de onde veio ou quem é.

E no que dará tudo isso? Satisfação secreta de uns poucos magoados ou invejosos? Não, tudo resultou em total apoio do povo ao Prefeito, ARENA e MDB solidários. José Wurtemberg Manso, já elogiado pelas obras que realizou, cresceu ainda mais no conceito de todos, e de maneira tão categórica que vários colaboradores da própria publicação que o atacou, lhe manifestaram sua simpatia. Acreditamos mesmo que os responsáveis diretos ou indiretos pelo injurioso artigo acabarão por reconhecer a tremenda injustiça que cometeram.

O Alfenense - 22/julho/1979

A Pedido
Câmara esclarece Sobre «Corrupção na Prefeitura»
Ofício ao «UAI»

«Exmo. Sr.
Domíngos de Abreu Miranda
DD, Diretor do Jornal UAI
Rua General Carneiro, 201
Alfenas - MG

Em 19 de julho de 1979

Senhor Diretor:

A propósito de comentários divulgados por esse consultado órgão da imprensa mineira, envolvendo o Executivo e Legislativo de Alfenas, causando uma verdadeira celeuma na população, esta Casa Legislativa vem prestar-lhe os seguintes esclarecimentos:

1. Na sessão legislativa que antecedeu a esta Presidência, o sr. Dr. Hessa Luiz Pereira, ex-Prefeito e ex-Assessor do atual Prefeito, enviou um memorial à Câmara, expondo os motivos que o levaram a se demitir do cargo, tendo o documento sido examinado e discutido pelos senhores edis, item por item.

Como as alegações do signatário do memorial nada mais foram do que a exteriorização de um ponto-de-vista contrário à atual administração, a Câmara Municipal, após averiguar as anotações deontológicas contidas no documento, fez realizar algumas reuniões com o Senhor Chefe do Executivo, colocando-o a par dos acontecimentos e exigindo do mesmo as explicações necessárias à clarificação do caso, no que foi atendida satisfatoriamente.

Agindo de acordo com o Regulamento Interno, a Câmara Municipal, que desde sua instalação vem acompanhando atentamente a atuação do Executivo, chegou à conclusão de que todos os comentários, proferidos à época e levados a público através de uma carta, nada mais foram do que pontos-de-vista conflitantes entre os envolvidos.

Com outros objetivos, porém, a carta foi divulgada por um dos jornais locais, posteriormente, como matéria paga, visando conturbar a opinião pública sobre uma administração onde as realizações do Executivo têm sido flagrantes, incontestáveis.

2. Quanto ao caso que envolveu, de forma lamentável, o Vereador Emmedeusta, Armando Pacheco, a notícia foi publicada maliciosamente, com completa distorção dos fatos. A ocorrência, nunca nas proporções comentadas, se deu FORA do recinto da Câmara e muito antes da instalação da sessão pelo presidente da Casa, que só o fez após serenados os ânimos lá FORA, não tendo participado da mesma o vereador envolvido e nem os cidadãos exaltados. Os trabalhos transcorreram normalmente e num clima de absoluta harmonia (até compra). O Legislativo nada tem a ver com atividades particulares de seus componentes.

3. No que diz respeito à avaliação de terrenos, esclarecemos que todos os projetos de lei relativos à venda de imóveis em hasta pública, oriundos do Executivo, foram estudados criteriosamente pela Comissão, discutidos e votados. Alguns casos — raríssimos, é bom que se diga — em que a Comissão verificou não haver

interesse na aprovação conforme foram apresentados, os projetos foram devolvidos ao Executivo, o qual, por sua vez, determinou a verificação e correção.

4. No que concerne à doação de imóveis, não é do conhecimento da Câmara a doação ilegal de nenhum lote. Todos os imóveis doados na atual administração o foram através de projetos de lei aprovados pelo Legislativo e publicados pela imprensa local, tendo toda população conhecimento dos mesmos.

E o que o Legislativo de Alfenas tinha a manifestar com referência a matérias publicadas por esse jornal, uma vez que não correspondem à verdade.

Antonio Camilo da Silva Sobrinho,
Presidente da Câmara

Dinheiro (Sem Limite)

SOLUÇÃO RÁPIDA

- Financiamos máquinas de qualquer tipo
- Veículos novos e usados.
- Crédito pessoal.
- Letras de câmbio.
- Pagamentos: mensal, trimestral ou semanal.

(6 a 24 meses)
Visão — Aes. Financeira Crédito, Financiamento e Investimento,
Rua Cônego José Carlos, 56 — Sobretudo Alfenas, MG

portagem *“Mar de lama”*: Face às várias acusações de que o Prefeito Municipal de Alfenas foi alvo, por um jornal que mensalmente circula em Alfenas, a Administração Municipal, a bem da verdade, no dia 17 de julho de 1979, convocou para uma Reunião na Prefeitura local várias Autoridades, Funcionários, Líderes, Políticos, Industriais, Representantes do Clero, etc. – O Dr. José Wurtemberg Manso, baseando-se nos diversos tópicos do jornal acusador, respondeu a todos os itens, lendo todas as acusações e refutando-as uma a uma – logo abaixo, transcrição da Ata da reunião, assinada por expressivos nomes da comuna alfenense. Ainda na primeira página, publicação – *A Pedido* – Câmara esclarece Sobre **“Corrupção na Prefeitura” – ofício ao UAI** – e onde se explica a análise das denúncias do ex-prefeito Hesse Luiz Pereira: **nada mais foram do que a exteriorização de um ponto de vista contrário à atual administração (...)** a Câmara Municipal, após averiguar as supostas denúncias contidas no documento, fez realizar algumas reuniões com o Senhor Chefe do Executivo, colocando-o a par dos acontecimentos e exigindo do mesmo as explicações necessárias à elucidação do caso, no que foi atendida satisfatoriamente. Ainda nesse ofício, o presidente da Câmara relacionou denúncias do UAI e justificou as medidas do Legislativo. No jornal *Folha de Alfenas*, de 29/julho, como *Secção Livre*, matéria da reunião do dia 17: **Posteriormente, o Sr. Prefeito afirmou que, caso se publiquem mais reportagens a respeito, nem tomará conhecimento. Estaria tranquilo, consciente de que nenhuma acusação será comprovada.**

Neste parágrafo, caro leitor, afastemo-nos daquele mar e, sem a melancolia do saudosismo, mas com proveito da verdade, de esclarecimentos e costura dos acontecimentos que aqui se relatam, rebobinemos o tempo para encontrar Hesse Luiz Pereira elegendo-se à prefeitura de Alfenas no distante outubro/1967. Ali ficou até 1970. Depois, retornou para segundo mandato de 1973 a 1976. De 1983 a 1988, é o tempo para governar Alfenas pela terceira vez. Em 1997, pela quarta vez, ocupou a cadeira do Executivo municipal até 2000. No entanto, após dois mandatos como prefeito, suas denúncias foram desprezadas, não mereceram apuração responsável e mesmo órgãos de imprensa se recusaram a dar-lhe crédito e espaço. Ao solicitar seu afastamento do cargo de assessor de Planejamento do governo José Wurtemberg Manso, em 1978, enviou à Câmara Municipal correspondência em que explicava sua decisão e os fatos desabonadores que ocorriam no âmbito do Executivo municipal. Na carta, dizia-se **Inconformado diante de versões**

Ano 48 - N. 1.591 - 37.130 - Alfenas, 22 de Julho de 1979

O ALFENENSE

Fundado em 1931
Amaral & Carneiro

Porto Pago, Portaria Nº 1.253. Redação e Oficina: Praça Getúlio Vargas, n.º 16 - Telefone: 321 1147 - C. Postal: 165
ALFENAS - SUL DE MINAS

Instituto de Neurologia e Neurocirurgia do sul de Minas
Dr. Antônio José Bone Ribeiro

- Eletroencefalografia (Sistema Berger)
- Tratamento das Epilepsias
- Doenças do Sistema Nervoso
- Neurocirurgia (Cirurgia Cerebral)

Horário: 2ª a 6ª feir: das 14.00 às 18.30
Rua Rui Barbosa, 811. Fone: (035) 021-1355
Cx. Postal 195. Alfenas - (MG).

Plantão de Domingo, Farmácias:
São Geraldo - Rua João Paulino Damasceno, 55
Santa Rita - Rua Artur Bernardes, 889

Face às várias acusações de que o Prefeito Municipal de Alfenas foi alvo, por um jornal que mensalmente circula em Alfenas, a Administração Municipal, a bem da verdade, no dia 17 de Julho de 1979, convocou para uma Reunião na Prefeitura local várias Autoridades, Funcionários, Líderes, Políticos, Industriais, Representantes do Clero, etc.

O Dr. José Wurttemberg Manso, baseando-se nos diversos tópicos do jornal acusador, respondeu a todos os itens, tendo todas as acusações e refutando-as uma a uma.

Abaixo, a pedido do Senhor Chefe do Executivo, a ATA da Reunião:

ATA da Reunião Convocada pelo Exmo. Sr. Prefeito Municipal de Alfenas, Dr. José Wurttemberg Manso.
Às dezessete horas, do mês de julho, de um mil novecentos e setenta e nove, no Gabinete do Sr. Prefeito Municipal, às dezessete horas, foi realizada uma reunião por convocação, do mesmo, a fim de se examinar e esclarecer as acusações publicadas pelo jornal "UAI", em seu nº 3, de julho de 1979. Fizeram-se presentes as seguintes convidadas: Dr. Geraldo Thiers Vieira, Vereador da Loja Maçonica "Alfenas-Livre"; Dr. Edison Antônio Rabelo, representante da Clínica Médica Psico-técnica de Alfenas Ltda.; Sr. Heródoto Landra, representante do

Laurindo Filho, funcionário da Prefeitura e representante do Jornal "Folha de Alfenas"; Sr. Mário Líbano da Silveira Massoli, Tesoureira da Prefeitura Municipal de Alfenas; Srta. Gessy Viana da Silva, funcionária da Prefeitura Municipal de Alfenas; Sr. Linderley Geraldo Maida, Diretor e repórter do Jornal "O Alfenense"; Sr. João Lourenço Salgado, Presidente do Lyons Clube de Alfenas; Dr. Orlando Antunes de Oliveira, DD, Delegado Regional de Polícia em Alfenas; e Reynaldo Antônio Bellini, Diretor da Escola Municipal de 1ª e 2ª Gradas de Alfenas. O Sr. Dr. José Wurttemberg Manso iniciou a reunião com a leitura do texto intitulado "MAR DE LAMA NA PREFEITURA", publicado

receo rentabilidade de qualquer espécie; Negativa do Banco Real S.A. - Ag. Alfenas e Negativa da Caixa Econômica do Estado de Minas Gerais - Ag. Alfenas. Constatou-se que todas as declarações fornecidas pela rede bancária negam a existência de cadernetas de poupança em nome da Prefeitura, bem como em nome do Sr. Dr. José Wurttemberg Manso; comprovantes da regularidade da compra do terreno destinado à construção do novo Matutório Municipal; declaração do Sr. Domingos Munhoz Gago, datada de 17 de julho de 1978, relativa à doação de terrenos para construção de casas populares, pela qual se comprova a sua concordância com as referidas doações; uma "vaz" que os terrenos

apoiou ao Sr. Prefeito Municipal, dizendo, entre outras, as seguintes palavras: "Todos aqueles que não acharem que o Prefeito está sendo um bom administrador, dêem uma volta pela cidade para verificar as melhorias que vêm sendo feitas pela atual administração". O Prof. Dr. João Baptista Pereira Bastos solidarizou-se com o Sr. Prefeito, parabenizando-o, inclusive, pela construção da moderna praça Reclib B. Salbu; o Vereador da Loja Maçonica "Alfenas-Livre", Dr. Geraldo Thiers Vieira, disse desconhecer qualquer das notícias publicadas; o Sr. Dr. Orlando Antunes de Oliveira disse que não havia necessidade de ter examinado os documentos que lhe foram apresentados, por confiar plenamente na atual

manifestada pelo Sr. Dr. Lincoln Wesslin da Silveira, antes da circulação do jornal "UAI", esclarecendo-lhe inclusive sobre a publicação que iria ser feita pelo referido jornal, e da qual desconhecia. Encerrando a reunião o Sr. Prefeito, Dr. José Wurttemberg Manso, agradeceu aos presentes reafirmando seu propósito de lutar ainda mais em prol do desenvolvimento de Alfenas. Eu, Reynaldo Antônio Bellini, convidado para secretariar a reunião, levarei a presente ata que vai assinada, por mim, e, após lida e aprovada, pelos demais presentes.

Alfenas, 17 de julho de 1979.

FATOS

UAI - junho 1979, nº 2

A VIOLÊNCIA DE UM VEREADOR

Em Alfenas, vereador agride viúva que protestava contra a instalação de casa de prostituição no centro da cidade.

Nos últimos tempos, problemas sérios têm se abalado sobre a cidade de Alfenas sem que sejam resolvidos. Os vereadores que deveriam se preocupar com o assunto silênciam. Não é desconhecida da população a inoperância desta Câmara Municipal em resolver questões graves do município.

Um exemplo claro disso tudo, e

O problema todo começou quando se instalou em uma casa de propriedade do vereador Armando Pacheco uma casa de prostituição, no centro da cidade e junto a casas residenciais. Então, recentemente, os moradores vizinhos desta "boate", fizeram um abaixo-assinado pedindo a interdição do funcionamento daquele cabaré naquele local.

Logo depois, um dos assinantes

No dia 16 de maio, Aurora em companhia de dez vizinhos, foram até a Câmara Municipal pedir uma providência para acabar com aquela situação, que havia tirado a tranquilidade dos moradores da vizinhança do prédio onde funcionava aquela casa de prostituição.

Depois que os vereadores entraram, os moradores foram con-

e nenhuma medida concreta contra o vereador tinha sido tomada.

Aurora nos contou que antes de ser agredida, foi em companhia de outros moradores conversar com o delegado José Luiz Ribeiro, a respeito do funcionamento daquela casa de prostituição. Este respondeu aos moradores que o prefeito tinha lhe pedido pessoalmente para dar a alvará de funcionamento de

UAI julho 1979 nº 3

MAIS UM VEREADOR AGRESSOR

Quando os políticos que deveriam zelar pelo patrimônio público e o bem estar da população começam a agir despoticamente, onde as agressões pessoais tomam o lugar na sua pauta de debates dos problemas que afetam a comunidade, e muitas vezes chegando ao extremo da agressão física contra elementos do povo, é sinal de que estes representantes da Edilidade já não conseguem cumprir a função para os quais foram eleitos.

Um exemplo característico deste tipo de atuação vem ocorrendo na Câmara Municipal de Pouso Alegre, que teve seu desfecho mais grave na noite de 11 de junho último. Neste dia houve uma acirrada discussão entre os funcionários da Prefeitura que pediam a aprovação de

Cine Alfenas

Domingo e segunda

A notável produção da United

UM TREM DO INFERNO

Charles Bronson

distorcidas e mentirosas quanto ao meu afastamento, por minha livre e espontânea vontade do cargo de Assessor de Planejamento da Prefeitura Municipal de Alfenas. Hesse prossegue com as justificativas de aceitação do cargo e o respeito que norteava sua conduta ante o chefe do Executivo. No entanto, ele acusa: **a partir do momento em que passei a perceber inúmeras infrações à lei e à moral administrativa, manifestei minha discordância, veementemente, de modo franco e honesto, procurando mostrar ao Exmº Sr. Prefeito Municipal, com toda a lealdade, as diversas irregularidades que estavam ocorrendo e com as quais eu não poderia concordar. (...) Lamentavelmente, as medidas moralizadoras que me foram prometidas pelo Exmº Sr. Prefeito Municipal não se concretizaram.** Essa correspondência, de 22 de novembro de 1978, teve sua publicação recusada pelo jornal *O Alfense*, apesar de se dispor a pagar pelo espaço da matéria. Hesse Luiz Pereira levou a carta para o jornal *Folha de Alfenas* e o diretor Francisco Navarro do Prado se comprometeu a publicar espontaneamente. Porém, só após muita insistência, a *Folha de Alfenas* publicou a carta na edição de 25 de fevereiro de 1979, três meses após a data da correspondência. Mesmo assim, a edição contrapôs manchete na primeira página: **Alfenas – a cidade de um novo tempo.**

Retornemos, caro leitor, para o alvoroço provocado pelo *UAI*, ao marulho das ondas do mar de lama. Ouçamos a narração dos fatos pelo Domingos de Abreu Miranda, que relembra: **os políticos situacionistas entraram em pânico, fizeram reunião onde o *UAI* foi proibido de participar, e disseram que a acusação visava “conturbar a opinião pública sobre uma administração onde as realizações do Executivo têm sido flagrantes, incontestáveis”.** Logo após a publicação das denúncias, telefonei, do escritório do Guilherme Barbosa, para o prefeito, solicitando uma entrevista para que ele pudesse dar explicações. A sua resposta foram palavras de baixo calão e ameaças. Devido a isso, impetramos um *habeas corpus* preventivo para evitar que as ameaças se concretizassem. Na mesma proporção em que aumentavam as vendas do *UAI*, crescia o ódio da elite encastelada no poder contra a nossa equipe. Alfenas era uma cidade sem lei, onde o prefeito fazia o que bem entendia sob a complacência das autoridades. As denúncias do *UAI* eram reflexos da impunidade que assolava o país, agentes políticos e civis que compactuavam com a arbitrariedade e usufruíam de vantagens imensas no trato da coisa pública. A certeza da impunidade e de liberdade nas ações arbitrárias e condenáveis também se apoiava na indecência dos ali-



CÂMARA MUNICIPAL DE ALFENAS

Exm. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Alfenas.

REQUERIMENTO N.º 75/78

Os vereadores que este subscrevem, na forma regimental e ouvida a Casa, requerem de Vossa Excelência seja registrado na Ata dos trabalhos de hoje um voto de solidariedade ao Senhor Prefeito Municipal em virtude das acintosas críticas de que - tem sido alvo a Administração, por parte do cidadão, Sr. JOÃO LUIZ LACERDA, através de sua coluna no Jornal "Folha de Alfenas", onde, também, tem atacado o Legislativo, de maneira injusta e indelicada.

Requerem, outrossim, que o mencionado "comunista" seja considerado pelos poderes Executivo e Legislativo, - "Persona non grata" e de idéias perniciosas à comunidade.

Manifestam, ainda, à direção do jornal - que tem à frente um profissional ponderado, experiente e que sempre fez jornalismo sério - sua surpresa pela acolhida que vem dando à matérias parciais e que visam confundir a opinião pública, com referência a fase de desenvolvimento por que passa o município.

Solicitam, por fim, da Presidência da Casa que seja o Senhor Diretor do jornal cientificado da presente proposição.

Sala das Sessões, 30 de agosto de 1978

Antonio Camilo da Silva Sebrinho
 Telmo Magalhães Fernandes
 José Paulo da Costa Netto
 Pedro Antonio de Oliveira
 Dorival Mário Peroto
 Avolino Batista de Andrade
 Francisco Silveira
 Emilio Soares



cerces das instituições, prostituídas por um regime político ditatorial, corrupto e sustentado por forças antidemocráticas e de interesses escusos. Na edição de junho/1979, nº 2, surgia denúncia da violência de um vereador de Alfenas, que agredira uma cidadã a socos e pontapés dentro do recinto da Câmara Municipal em revide às reclamações e abaixo-assinado contra a casa de prostituição que o vereador instalara nas imediações das residências e onde também funcionava um colégio. Na edição seguinte, julho/1979, vinha de Pouso Alegre a notícia de agressão moral de um vereador aos servidores da prefeitura **que pediam a aprovação do aumento salarial de 40% (já aprovado pelo Executivo Municipal)**. No nº 4, agosto/1979, manchete do *UAI* **As “mamatas” na prefeitura biônica – Três rumorosos casos de corrupção envolvendo elementos de confiança do prefeito de Poços de Caldas – e, sob o título *A falência das “Prefeituras Biônicas”*, a explicação dos desmandos: Nenhum caso de corrupção acontece porque Deus fez alguns bons de berço, e outros maus por educação. A culpa é do próprio sistema, sem uma estrutura democrática que coloque no povo a fiscalização da “res pública”**. Na página 4, setembro/1979, nº 5, a pergunta ***E Caxambu, quando terá um prefeito?: Já se passaram quase cinco meses que a ditadura colocou à frente da direção dos Estados seus governadores biônicos, de proveta, o rótulo não nos interessa, o que nos interessa é que é ilegítimo, como é ilegítimo quem os colocou no poder***, e o texto traz também um rosário de queixas e denúncias contra o poder político da cidade. A nomeação de políticos e cidadãos para ocupar cargos no Senado, na governança dos estados e nas prefeituras de acordo com o interesse do regime acirrava os ânimos da oposição, facilitava os escaninhos da corrupção e contrariava projetos de liberdade de escolha de lideranças em diversos setores da vida social e política. Nas edições seguintes, o *UAI* continuou denúncias contra o prefeito José Wurtemberg Manso: *Mais lama...* (agosto/1979) – *Prefeito e seu capanga agridem empregado algemado* (setembro/1979) – *Um prefeito fora da lei* (novembro/1979) – *O 2º golpe do prefeito* (dezembro/1979) – *Será o prefeito um marginal?* (janeiro/1980) – *Bando de marginais à solta em Alfenas* (fevereiro/1980). Na edição de março/1980, nº 11, o jornal anunciava *Cai o assessor do prefeito, primeira vitória do UAI contra a “máfia dos terrenos”*, e em página interna, a publicação de crônica com a informação de que me tornara ex-colaborador, sem a explicação de que meu afastamento fora forçado pela empresa que me empregava. A imposição para não mais colaborar com o *UAI* repetia ação da Câmara Municipal de Alfenas que, anteriormente, em reunião de 30 de agosto de

Alfenas (MG), 22 de agosto de 1979

À
Câmara Municipal de Alfenas
Alfenas - (MG)

Prezados Senhores

Comunicamos a esta egrégia Casa que, em virtude da divulgação das irregularidades na Prefeitura de Alfenas, temos recebido diversas ameaças que nos obrigaram a um início de ação judicial.

Informamos, também, que estamos levando ao conhecimento de diversos órgãos de imprensa do país, associações de imprensa e de proteção aos direitos humanos os fatos que aqui se sucedem, pedindo-lhes apoio para em frentarmos as ameaças, caso se concretizem.

Ao dar conhecimento a essa respeitável Casa sobre os nossos atos, fazemo-lo conscientes de nossas responsabilidades e convictos da função social e política que temos na comunidade de quem esta Casa recebeu a incumbência de legislar.

Apresentando-lhes nossos mais elevados protestos de estima e consideração, subscrevemo-nos

Respeitosamente,

Domingos Abreu Miranda
Diretor Responsável
-Jornal "UAI"-

A ditadura da corrupção

Com os poderes Legislativo e Judiciário praticamente desarmados como instrumentos de fiscalização e punição, a corrupção e os desmandos do poder aumentam no período mais fechado do Regime Militar

Corrupção não decorre apenas dos atos individuais, mas tem causas que o regime Militar estava na sua fase de maturidade limitada.

Retrato do Brasil - pag. 37, nº 4



A ditadura da corrupção - Ziraldo
Retrato do Brasil, nº 4, pag. 40

"Em política é melhor não falar; se falar, é bom não dizer; se disser, é bom não escrever; se escrever, convém não assinar; se assinar, assinie com a mão errada"

conselhos do coronel Idalino Ribeiro,
lendário chefe político do Norte de Minas.

1978, melindrada com críticas aos edis e também à administração municipal pelos mesmos motivos que nortearam posteriormente o *UAI*, solidarizou-se com o **Senhor Prefeito Municipal em virtude das acintosas críticas de que tem sido alvo a Administração** – em referência à coluna que eu mantinha no jornal *Folha de Alfenas* - **onde, também, tem atacado o Legislativo, de maneira injusta e indelicada. Requerem, outrossim, que o mencionado “colunista” seja considerado pelos poderes Executivo e Legislativo, “Persona non grata” e de ideias perniciosas à comunidade.** Ao mesmo tempo, os vereadores que subscreveram o requerimento manifestam à direção do jornal **surpresa pela acolhida que vem dando à matérias parciais e que visam confundir a opinião pública, com referência a fase de desenvolvimento por que passa o município.** Na edição nº 13, o

1º de Maio de 1980

em Alfenas, assim ficou relatado: **Às 9 horas da manhã, foi celebrada missa na Igreja Matriz de São José e Dores. Após o ato religioso, os trabalhadores (cerca de 400) se dirigiram para frente da igreja onde iriam ter início as solenidades. Convidado especialmente para a festa, falou o professor e jornalista Marco Antônio Soares de Oliveira, (...) Eram 9h50min quando aconteceu o imprevisto. Estava falando o eletricitista José Sebastião de Miranda, quando foi preso o professor Marco Antônio Soares de Oliveira e, em seguida, prenderam a “manu militari” o dentista Domingos de Abreu Miranda, diretor deste jornal. Também foram detidas as irmãs deste último. (...) Às 13 horas, já era noticiado pela TV Globo sobre as detenções em Alfenas. (...) O diretor do jornal *UAI* ficou detido incomunicável até às 17 horas, quando prestou depoimento e foi solto. Segundo comentários que circulam pela cidade, duas pessoas ligadas à direção da Tecelagem Saliba pediram a intervenção na Festa dos Trabalhadores. Nas comemorações do 1º de Maio no País, as únicas detenções foram na cidade de Alfenas.**

Domingos de Abreu Miranda relembra os acontecimentos do 1º de Maio de 1980 em Alfenas: **A comemoração estava prevista para ser no campo do Alfenense, mas, na última hora, a autorização foi cancelada e tivemos que transferir o evento para a Praça Getúlio Vargas. Enquanto lideranças sindicais faziam seus discursos, policiais civis e militares, sem nenhuma ordem judicial, prenderam o professor Marco Antônio Soares de Oliveira. Eu corri até a viatura onde o professor e colaborador do jornal**

FATOS

O 1.º DE MAIO EM ALFENAS

A 1.ª Festa do Trabalhador noticiada pelos principais jornais do país

O dia 1.º de Maio representa uma data especial para os trabalhadores, pois neste dia está presente todas as lutas e reivindicações dos trabalhadores ao longo da sua história, por melhores condições de vida. Visando manter aceso este espírito de união e contra-ternização entre os trabalhadores, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alfenas e a Associação dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Alfenas, com apoio do Jornal UAI e outras entidades, foi programada a 1.ª Festa dos Trabalhadores em Alfenas.

As 9 horas da manhã, de 1.º de maio, foi celebrada missa na Igreja Matriz de São José e Dorcas. Após o ato religioso, os trabalhadores (cerca de 400) se dirigiram para a frente da Igreja onde iria ter início as solenidades. Convidado especialmente para a Festa, falou o professor e jornalista Marco Antonio Soares de Oliveira, dissertando sobre o significado da data para os trabalhadores.

Em seguida foram homenageados pela Comissão Organizadora e pelo Jornal UAI, com uma placa de prata, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Arlindo



Adolfo Azarias e o operário João Batista de Oliveira, pelos relevantes serviços prestados à classe trabalhadora. Nesta oportunidade Arlindo Azarias fez um discurso falando sobre as dificuldades do trabalhador do campo.

Após esta homenagem, foi feito um minuto de silêncio em memória dos trabalhadores mortos na defesa de seus direitos. Eram 9:50 horas quando ocorreu o imprevisto. Estava falando o electricista José Sebastião de Miranda, quando foi

preso o professor Marco Antonio Soares de Oliveira e em seguida prenderam a "mau militaris" o dentista Domingos de Abreu Miranda, diretor deste jornal. Também foram detidas as duas irmãs deste último: Ione e Maria Abreu Miranda. Neste momento a festa foi encerrada com o povo indignado.

Imediatamente a população se mobilizou para libertar os presos. A delegacia ficou guarnecida por homens armados. As 13 horas já era noticiado pela TV Globo sobre as detenções em Alfenas. Vários advogados se mobilizaram e um deles, Guilherme Barbosa, se deslocou para Belo Horizonte a fim de tentar a liberação nos altos escalões. O professor e as duas irmãs foram liberadas por volta do meio-dia. O diretor do Jornal UAI ficou detido incomunicável até as 17 horas, quando prestou depoimento e foi solto.

Segundo comentários que circulam pela cidade, duas pessoas ligadas à direção da Tecelagem Saliba pediram a intervenção na Festa dos Trabalhadores.

Nas comemorações do 1.º de Maio no País, as únicas detenções foram na cidade de Alfenas.

nos Estados Unidos, precisamente onde nasceu o 1º de Maio. Os americanos mudaram a data de luta e de festa para um dia qualquer de setembro, se não estou enganado (mas também não me importa saber que dia é esse), provavelmente envergonhados pelo fato de ter-se dado em sua terra o assassinato de operários que deu origem ao 1º de Maio.

Falar em *Dia do Trabalho* é esconder a verdade reivindicatória de uma classe social que a data representa. É diminuir o valor da luta operária. O dia 1º de maio é o Dia do Trabalhador.

Dir-se-á que o assunto está deslocado neste minidicionário que trata de questões de linguagem. É eu diria no entanto, que nada

A Imprensa e o caos na ortografia
Marcos de Castro - pág 154

havia sido colocado e, imediatamente, os policiais me imobilizaram e me colocaram em outra viatura. Minhas duas irmãs, Ione e Maria Lúcia, também foram detidas quando protestavam contra aqueles sequestros. Henrique de Souza Miranda estava presente e descreve o alvoroço em frente à igreja matriz: **corremos até ao escritório do Dr. Guilherme Barbosa que, imediatamente, entrou no seu carro e foi à delegacia de polícia, onde não lhe informaram que o Domingos estava lá e ele seguiu para o Dops em Belo Horizonte. Depois, juntamos outros participantes do Ato e iniciamos um processo de denúncias para a imprensa de São Paulo, como os jornais *Folha de São Paulo*, *Estado de São Paulo*, *TV Globo*, dentre outros.** Retornemos ao Domingos de Abreu Miranda para relato de outro fato naquele 1º de Maio: **Decidi escrever uma peça teatral, dentro dos parâmetros do livro de Augusto Boal, “Teatro do Oprimido”. O personagem principal, o Doutor Jegue, era um político corrupto, que tomava terreno das famílias pobres, numa clara referência ao prefeito Beg. O grupo, composto por estudantes de engenharia, ensaiou a peça e fez uma única apresentação sobre um barranco no bairro Santa Luzia, um dos mais pobres da cidade e onde o prefeito estava fazendo suas negociatas. Os moradores se empolgaram e, na cena final, onde o Doutor Jegue sai correndo, alguém do bairro jogou um torrão de terra nas costas do ator. Logo que a polícia tomou conhecimento do “teatro dos subversivos”, foram enviadas viaturas para o bairro. Os policiais queriam saber quem eram os atores, mas nenhum morador contou. Diante da repressão, não foi possível fazer outras montagens. Raimundo Célio Pedreira era um dos artistas, e conta que a apresentação foi iniciada logo após a missa. As pessoas saíam da igreja e, desconfiadas, não se aproximaram de início. Começamos a encenação e as pessoas desconfiadas, e nós também. A peça começava ambientada num boteco, o assunto era “formação de sindicato”. O pequeno público começou a gostar da peça, depois a cena passou a ser em um escritório, conversa entre o “Dr. Jegue” e seu capataz, quando um “camburão da polícia” circulou pela igreja e todos, atores e público, saíram correndo por um mato atrás da igreja. Deixamos lá parte do cenário. Retornamos com o Domingos para a praça defronte a igreja matriz que continua o relato sobre o sucedido após ser colocado na viatura policial: **Fui levado para uma estrada rural, atrás do aeroporto, enquanto os policiais ameaçavam de “dar uns tiros na minha cabeça”. Depois de um interrogatório, dentro da viatura, para saber quem estava passando informações sobre a prefeitura, os “sequestradores” me enviaram para a****

MANIFESTO-DENÚNCIA AOS ALFENENSES

Enquanto os meios de comunicação continuam falando sobre a propalada "abertura" do governo Figueiredo, os fatos vem mostrando que para os trabalhadores as coisas continuam as mesmas como nos últimos 16 anos de ditadura. Os trabalhadores, aqueles que fazem a riqueza da nação vivem a cada dia em situação cada vez mais precária e os seus direitos não são respeitados.

Queremos através deste manifesto denunciar as pressões que vem sendo feitas contra os operários da Tecelagen Saliba de Alfenas. No final do ano passado vários operários daquela tecelagen se reuniram a fim de organizarem um Sindicato da sua categoria, afinal, coisa permitida por lei. Logo que a diretoria da fábrica tomou conhecimento da mobilização dos trabalhadores visando a melhoria das condições de trabalho, a fábrica começou a demitir os elementos que estavam organizando o sindicato e outros que já faziam parte da Associação dos Tecelões. O presidente, vice-presidente, secretário e tesoureiro da diretoria da Associação foram os primeiros a serem demitidos sem nenhum motivo, a não ser com o objetivo de desmobilizar os operários.

Não contente com isto, a direção da fábrica continua com suas ameaças, através de comentários que circulam entre os operários dizendo que irá demitir os trabalhadores que tentarem organizar o sindicato. Vários operários, muitos deles pais de família, hoje estão desempregados, somente porque tentaram lutar legalmente pelos seus direitos e em benefício de sua classe.

Nós, representantes das entidades abaixo discriminadas, vimos trazer a público mais este ato de arbítrio acontecido em nossa cidade e também queremos deixar bem claro o nosso repúdio contra estas injustiças que vem ocorrendo contra os trabalhadores alfenenses.

Alfenas, 23 de março de 1980.

* Diretório do PMDB de Alfenas; * Jornal UAI; * Diretório Acadêmico de Engenharia Civil; * Diretório Acadêmico de Filosofia; * Comissão de Representantes do Curso de Ciências Agrárias; * União Estadual dos Estudantes (MG) Regional Sul; * Núcleo de Base do Bairro Vista Grande; * Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alfenas; * Pelo Comitê Brasileiro de Anistia: Guilherme Barbosa.

delegacia regional de polícia. Fui interrogado pelo delegado Orlando Antunes de Oliveira por duas vezes. Por volta das 13 horas, o noticiário da TV Globo falou das prisões em Alfenas, e aí notei mudança na atitude dos interrogadores. A minha mãe, assim que soube da prisão dos filhos, correu à delegacia, mas foi impedida de entrar por soldados armados de fuzis e escopetas. À tarde, como havia aglomeração de populares à frente à delegacia, me transferiram sigilosamente para o quartel da Polícia Militar. No início da noite, me soltaram sem dar nenhuma explicação. Tranquilo e às vezes entusiasmado, Domingos crispa as mãos e as movimenta em pequenos gestos para auxiliá-lo nas descrições e lembranças do tempo. Faz questão de nomear apoios de lideranças respeitáveis como os advogados Lincoln Westin da Silveira e Guilherme Barbosa na orientação jurídica. O ex-prefeito Hesse Luiz Pereira, discreto colaborador, com importantes informações de dentro da prefeitura. Olinto de Oliveira, ex-presidente da União Operária que, idoso, caminhava pelas ruas da cidade angariando assinaturas para o *UAI*. **Até do exterior recebíamos pedidos para que enviássemos exemplares do nosso jornal. Ficávamos orgulhosos de saber que o *UAI* estava sendo estudado na Universidade de Austin, no Texas; na Universidade de Boulder, no Colorado, ambas nos Estados Unidos, e na Biblioteca Bastos Tigre, da Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro.** Domingos revela a emoção com a carta que recebeu do jornalista José Maria Rabelo, que criou, em 1952, em Belo Horizonte, o *Binômio*, antecessor do *Pasquim*. **Com o golpe militar de 1964, a redação foi invadida pela tropa de um general que havia sido denunciado pelo jornal. Seu diretor foi obrigado a fugir do País e passou 16 anos no exílio (Bolívia, Chile e França). Em 1979, de Paris, Rabelo nos escreveu, incentivando o nosso trabalho e falando do período em que estudou em Alfenas (década de 1940). Suas palavras foram proféticas: “Não podemos nos iludir. Reconquistando o jogo democrático, uma dura luta se abrirá para o movimento popular. Os interesses conservadores brasileiros, acostumados a estes largos anos de arbítrio e exploração sem limites, vão reagir a todo avanço das forças populares. Será necessário muita firmeza, muita inteligência, um conhecimento permanente da correlação de forças, para evitar erros que poderão levar-nos a um novo 1964, muito pior que o outro”. Domingos finaliza: Com a violência do 1º de Maio, a situação ficou insustentável para mim, e decidi me afastar de Alfenas.**

Em 1989, José Wurtemberg Manso assume a prefeitura de Alfenas pela segunda vez.

"NOSSA CULTURA ESTÁ SENDO ADULTERADA"

A vida do poeta Zé de Avila contada por ele mesmo. Este homem que com 75 anos de idade afirma ser vívido o dobro. Suas andanças e seu protesto contra o "capitalismo sem pátria" e a desfiguração de nossas tradições populares.

O poeta e trovador Zé de Avila, atrás de seus 75 anos de idade ainda conserva seu humor característico, uma sede de aventuras e o amor pelas mulheres. Confessa que começou a gostar da poesia desde que tomou conhecimento das coisas, e a partir daí começou a fazer versos. Mas, com quase 1 metro e noventa de altura, Zé de Avila nos faz lembrar um Dom Quixote andando pelas montanhas das Minas Gerais e fazendo seus loucos saltos, lerias criticando esta sociedade que a cada dia se torna mais consumista e deixa seus reais valores culturais de lado.



menagem a este estadista vietnamita que lhe traz muita admiração.

"Eu considero a Semana de Arte Moderna uma das coisas mais importantes acontecidas na nossa literatura, porque eu sou muito nacionalista. Em primeiro lugar eu sinto o "yankée", o americano do norte, porque eu também sou americano. Enquanto o norte-americano é largamente nacionalista, eles fazem uma campanha subjetiva contra a América latina hoje, para que seja enfeitado o nosso nacionalismo. Não esse nacionalismo doentio, mas esse que é necessário para a sobrevivência da nação. Não temos que conscientizar e não limitar ninguém. É vergonhoso o que anda por aí. Na música por exemplo, esses pobres elementos mol-fabets, analfabets outro sortido, indivíduos inconscientes. Pegam, arrumam um instrumento, adotam um nome americano e vão cantar música americana. Eu acho aquilo nojento, ridículo, vergonhoso, de maneira que é necessário uma campanha contra isso".

"A AMÉRICA LATINA TODA É EXPLORADA PELO

demagogo. Ou as mãos me perdoem, mas cidadãos, inconscientemente ou por necessidade, eles prezam a demagogia. Então a mãe fala que vai dar um brinquito pra criança e não dá, não é porque ela não quer, é porque não pode. Porque geralmente é isso que acontece com a mãe pobre, que a rica não precisa promover, ela vai comprando e jogando lá, estufando o a criança com indignação de brinquedos. Enquanto isso, os outros lá nascem agonizando, lá nascem passando fome e não conseguem nada. E assim começa o término o drama do pobre".

Tocando bolada pelo interior de Minas, trabalhando como jardineiro, esculpindo madeira ou engraxando sapato, Zé de Avila conta que "por obra do acaso, por felicidade, eu vim me realizando da maneira que Pedro Alvares descobriu o Brasil: por acaso". Sentado no sofá da sua casa e com um "Espaldão" aberto nas páginas de esporte, o nosso Zé, porque não gosta que o "charnem de José", continue contando a sua vida. "Eu tinha uma vontade doída de

mezar numa cidade grande. Eu

soz, entre eles e Burle Marx, que respeito muito e admiro, mas as plantas me existiram tanto quanto me ensinou o Burle Marx.

"Mais tarde fui procurar uma profissão que eu pudesse trabalhar com mais tranquilidade sem que eu pudesse tomar sol ou tomar chuva. Fui mexer com madeira e acabei fazendo trabalhos comerciais de madeira, escultura. Eu costumo fazer que eu sou vigarista em madeira. Até hoje não sou artista, porque faço pra vender, eu quero o dinheiro, porque se eu for fazer arte em madeira é demorado e não compensa. Então eu faço arte comercial, que eu não considero arte, mas sim comércio. Muito tarde eu fiquei doente, com deslocamento da retina e não podia mais trabalhar com madeira e aí fiquei parado.

"Quando desicou a retina pela segunda vez, eu tive lá de repouso e não podia fazer serviço pesado. Ai, por minha conta mesmo, eu vi que se eu fosse engraxato, se eu fosse lá na praça, aínda que eu não fizesse nada, eu passava o dia inteiro a me distrair. E fui. Lá eu trabalhei por seis meses. Trabalhando lá eu

UAI - maio, 1979 - nº 1 LITERATURA

MAIS UM FENÔMENO NA LITERATURA BRASILEIRA

Sérgio Braga

Segundo o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda, fenômeno tem a ver com extraordinário, com algo de anormal.

Na literatura brasileira vem ocorrendo um fenômeno cada vez mais frequente que, pelo menos a mim muito espanta.

Pela página, um escritor brasileiro deveria sempre ser publicado aqui no Brasil. E os estudos sobre os nomes importantes de nossa literatura, antes de serem feitos no exterior, deveriam ser realizados por críticos nacionais, que tornariam contato com essas obras antes de qualquer outro.

E aí então vem a constatação: a cada dia que passa, surgem novos nomes de escritores brasileiros editados no exterior e ainda desconhecidos aqui. Ou então, quando vamos ler algum livro pensando que é novo, verificamos que apesar de seu autor ser brasileiro, a obra já foi editada fora do Brasil.

E não tem só isso: aumentam diariamente o número de estudos sobre destacados da nossa literatura, feitos por críticos estrangeiros. O lamentável é que muitos desses escritores estrangeiros, aqui no Brasil ainda não chegaram a merecer algumas atenções maiores, embora suas obras reclamem muita dedicação.

"Zero" continua proibido para nós

Os exemplos podem ser dados com facilidade.

Ignácio de Loyola Brandão, um dos nomes mais destacados da ficção moderna, teve seu mais importante livro, "Zero" (Romance Excêntrico), inicialmente editado em Itália. Depois, foi feita uma tra-

dução em francês e agora suas romances está sendo filmado nos Estados Unidos.

Mas o que quero destacar é que Paulo de Carvalho Melo é autor de um excelente romance pirotécnico, uma obra divertidíssima e no mesmo tempo extremamente rica, "Meu Tio Atahualpa". Este romance foi publicado em 1972, ao que me parece, primeiramente no Equador ou no México. Já foi traduzido para o holandês, o inglês, o espanhol e ainda para o alemão.

No entanto, aqui no Brasil, a edição de "Meu Tio Atahualpa" somente saiu no final de 78, pela ed. Salamandra.

Outro caso: Raulo Lima Lima, autor de um livro sobre o qual há 71 variações referências etimológicas, "Os Grandes Sábios".

Nosso espanto cresce ainda mais quando vemos uma notícia divulgada nos jornais do Rio, informando que nos Estados Unidos acabaram de ser feitos mais cinco estudos sobre nada mais nada menos do que Jorge Amado.

O assunto deste artigo não é o nosso escritor italiano. Quer queiram, quer não queiram, é um nome importante. Muito importante. Quando do lançamento de seu último livro "Dieta de Agreste" (ed. Record), se não fosse a vez abalizada de Ferreira Gullar sair em sua defesa, quase que Jorge Amado teria sucumbido ante a malheta crítica que lhe foi imposta.

Jorge Amado, estudado fora,

mais, robes e gaúcho Money Belyer, o excelente contista que é José J. Veiga, o mineiro Geraldo França Jr. e mesmo o paranaense Dalton Trevisan e o paulista Ignácio de Loyola Brandão.

Mas, porém, espantadamente, que estou indignado com estes críticos estrangeiros. Pelo contrário, como brasileiro fico até arrependido de não ter importância que estão sendo dar à nossa literatura.

O que me faz ficar algo assim como que indignado é o descaso, principalmente oficial, com que continuamos a ver tratada nossa cultura.

As Faculdades de Letras: nada de produtivo

As faculdades de letras não ensinam nada de produtivo sobre nossa literatura, com raríssimas exceções. Poucos são despertados, nestas faculdades, para a riqueza de nossa literatura, e imbuídos do seu estudo.

Os fatos falam por si só. É preciso que nós brasileiros leiamos mais nossos escritores.

Ótimo que se estude literatura brasileira no exterior. Ótimo que nossos autores sejam editados e lidos lá fora.

Mas tudo seria bem melhor se aqui entre nós também houvesse a mesma repercussão, no respeito a um edifício de nossos escritores.

É certo de que o Estado, mais precisamente o Ministério da Educação e Cultura, pouco tem feito para resolver esta situação atual de coisas.

Mas todos sabemos que nem sempre as soluções oficiais são as

Em 1991, a Câmara Municipal de Alfenas cassa o mandato do prefeito José Wurtemberg Manso por improbidade administrativa.

Em 2001, José Wurtemberg Manso assume, pela terceira vez, a prefeitura de Alfenas.

Em 2004, a Câmara Municipal de Alfenas cassa, pela segunda vez, o mandato do prefeito José Wurtemberg Manso por improbidade administrativa.

Em 2012, o Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais impugna a candidatura a prefeito de José Wurtemberg Manso para a eleição daquele ano.

Cultura

Retorna o trovador, que filosofa: **Muda o tempo nossa vida,
mas conosco vai à frente
uma criança escondida
brincando dentro da gente**

e de sua vida conta tempo e contratempo, vivência e conhecimento, nos seus 75 anos no ano de 1979, **magro, com quase um metro e noventa de altura**, e vi mãos grandes, ásperas na primeira vez visto que não sei quando e de. No *UAI* nº 3, julho, lamenta *Nossa cultura está sendo adulterada*, e lista 5 livros de trovas que ele próprio editou porque **cheguei à conclusão que a trova a pessoa lê sem querer, sem saber que está lendo. O poema longo, por causa da falta de tempo, desta vida desesperada e agitada que nós estamos vivendo, o indivíduo passa por cima, não dá conta de ler.** E próprio daquele tempo de falação, ao *UAI* confessa, **eu tenho muito que me queixar do americano, porque eu, o Brasil, a América Latina toda é explorada pelo capitalismo sem pátria.** E se biografava e no papel do jornal deixa marca do que foi, do que poderia ter sido, **tocando boiada pelo interior de Minas, trabalhando como jardineiro, esculpindo madeira ou engraxando sapato**, morou em cidade grande, teve bar, porém reconhece que **quando era engraxate, fiz meu curso de pós-graduação da vida.** Simples, modesto, Zé de Ávila se revela:

**Numa ansiedade de louco,
estudei muito! O bastante
para saber que sei pouco...
Ah, como sou ignorante!**

Antes, caro leitor, no *UAI* de maio/1979, nº 1, o colaborador se diz surpreso com o desprezo pela obra e pelos autores desta terra de Vera e

A VOZ DOS MÚSICOS MINEIROS

LOYOLA: "FESTIVAL É UMA GUERRA FRIA"

Mileno Loyola é um compositor e cantor que tem participado de vários festivais pelo interior e já se tornou conhecido nestas apresentações por suas canções vitórias. Aqui vai o depoimento deste artista, que mais prefere cantar do que extrair dentes.

UAI — Vamos começar do começo, diga-me onde você nasceu e como iniciou sua carreira como compositor?

MILENO LOYOLA — Eu nasci em Cachoeira do Itapicuru, estou com 31 anos, depois mudei para Campestre. Foi lá que eu comecei a mexer com música. Foi época dos Beatles, começou aquele negócio de cantar em conjunto. De lá eu parti para Alfenas e peguei um pedacinho do Wagner Tiso e Milton Nascimento aqui; eu cheguei e eles me apresentaram para eles, recebi aquela influência deles vindo eles fazendo música. Depois veio a jovem Guarda, começou a desenvolver o negócio e comecei a tentar mexer com música. Aí pintou um festival em 1968 ou 69, aí eu fiz uma música, mais por brincadeira, que chamava Feira Permanente da Música Popular Brasileira. Coquei a música, mas não sei que lá se classificou. Mas também me telefonaram dizendo que tinha sido classificada e fiquei numa alegria louca, pois eu não esperava aquilo. Aí comecei a participar de outros festivais.

UAI — Nessa época você já tinha influência de algum compositor em suas músicas?

M.L. — As primeiras músicas eram quase literárias, caio em cima de Chico Buarque e Beatles.

UAI — Como é que foi esta experiência em seu festival?

M.L. — Festival é um negócio em que você atrai, muito amigo, hoje já não se pode falar mais porque veio uma guerra fria. Um dos primeiros festivais que houve por aqui foi no época do então governador de Alfenas (1969), Tinha o Chico Tiso, o Jaime, do Tóp. Pontas. Tinha um

UAI — Você adoeceu?

M.L. — Eu resmungo e canto.

UAI — Qual é o maior êxito da trajetória de um compositor, principalmente aqui no interior, onde há uma maior dificuldade da música ser descoberta por falta de uma maior divulgação, o que você acha que devia haver no sentido da divulgação das artes musicais e musicais?

M.L. — Nada gravadora devia ter uma equipe que sondasse e descobrisse novos valores. Mesmo nos dias de "Moda" devia ter um cara que ficasse nos bares, porque o festival aí só é lá dentro do clube, o festival é mais bar, o cara vai lá cantar, mas é só no dia hora, depois ele sai e daí não tem mais uma cerveja ou uma pinga. Devia ter pelo menos um clube pra ficar mais tempo e conhecer seus músicos. Aí vem o cara tem uma música que entra no festival que não agrada, mas tem uma bagagem de 50 que agrada. Então começa esse gosto que eu começo que tem experiência pra ser do tamanho de Milton Nascimento ou Chico Buarque, é o caso de João São Jorge e Elton Nascimento. São de Belo Horizonte e sempre estão aqui comigo. São caras que têm capacidade e estão tentando de que nem Jovina. Precisa de dinheiro, tem ideias geniais. É o caso de Aimer por exemplo, que sempre tá duro, tá batalhando, tem ideias geniais, compositor nato, chega na hora, vende e o cara fala pra ele que aquela música não é comercial. Tem um outro, o Fátio, do São Leopoldo, que conseguiu gravar um disco e me mandou alguns desses discos me pedindo pra ajudar ele a vender estes discos, pois a gravadora não queria gravar o disco, com a condição que ele vendesse 2500 discos pra tirar as despesas. Isso é uma chantagem, eles me recomendem o valor do cara e não é aquele voto de confiança. Então esses dois compositores que chegaram até a pagar para poder gravar.

UAI — Você disse que não recebeu influência de Chico Buarque e

SIRLAN: "O MÚSICO É UM SOCIALISTA"

Sem dúvida uma nota de música que mole sofreu com a tábua de censura da gravadora após o golpe de 64 teve a atenção Sirlan entre seus admiradores. Finalmente, agora ele pode soltar sua voz e começar a mostrar seu trabalho a partir do seu álbum "Profissão de Fé" lançado pela gravadora Continental.

A trajetória de Sirlan Antonio da Jesus não foi fácil, apesar de ter sua grande oportunidade logo aos 21 anos quando ganhou 30 mil pesos no Maranhão ao apresentar sua música "Viva Zapáta" no sétimo e último Festival Internacional do Caricão, o FIC promovido pelo Pedro Góes e da Telo Verde. Sirlan se contentou com uma simples menção honrosa enquanto a descompreensão "Flo Maravilha" ganhou o primeiro lugar, aliás o festival estava decadente e precisava algo mais que um "simples" o desconhecido compositor.

Mas a oportunidade foi valiosa. Sirlan parecia destinado a uma ascensão rápida e gloriosa mas a censura burguesa assa uma pedra no seu caminho. — O festival abriu barragem, meu universo abriu de ser Belo Horizonte mas criou uma imagem e uma expectativa. Sirlan se tornou um cara novo, e a censura caiu sobre mim. Em 75 lá fazer meu primeiro álbum e a censura veio logo em 13 músicas. No ano seguinte mandei 14 outras músicas e foram novamente veladas sob as alegações mais absurdas. Uma música foi vetada por não ter o quê e outras veladas e o cara fala pra ele que aquela música não é comercial. Tem um outro, o Fátio, do São Leopoldo, que conseguiu gravar um disco e me mandou alguns desses discos me pedindo pra ajudar ele a vender estes discos, pois a gravadora não queria gravar o disco, com a condição que ele vendesse 2500 discos pra tirar as despesas. Isso é uma chantagem, eles me recomendem o valor do cara e não é aquele voto de confiança. Então esses dois compositores que chegaram até a pagar para poder gravar.

Mesmo depois de ouvir alegações absurdas como estas, Sirlan não parou seu trabalho, embora tenha a sofrer em

Victor, que não quiseram se arriar a lançar discos deste artista mas visio pela censura. Enquanto trabalhava suas músicas no "estúdio", o Sirlan segurava a barra da sobrevivência fazendo negócios comerciais e vivia novas experiências como a criação de bilhete sonoras para teatro e cinema em São Paulo e Belo Horizonte, ou uma o outro aparição em discos de artistas como Milton Nascimento, o mineiro Lô Borges e Elis Regalado, até que ao ano passado, depois de fazer seu segundo show individual em BH surgiu a oportunidade de gravar pela Continental.

"Profissão de Fé", seu primeiro álbum tem algumas músicas anteriormente censuradas e mostra trabalhos de letras como Fernando Brant, Murilo Antunes e Humberto Carneiro e arranjos de Wagner Tiso e Alípio Patrus, todos mineiros. Sua música tem de tudo um pouco o que sua geração absorveu nos últimos anos visitando desde o rock à guarnição aos ritmos mais atuais e que desovou nos últimos anos. Mas música como "Profissão de Fé", "Bom dia está" ou "Viva Zapáta" agora gravadas são boas amostras de seu manejo musical.

"Apesar não quero nunca me esquecer que é muito pouco ser feliz quando só a gente é feliz", diz Fernando Brant em "Profissão de Fé", a música que deu nome ao álbum. É o que estaria Sirlan pensando de sua profissão de músico?

— Eu não quero ser visto apenas como uma vítima da censura, quero mostrar que faço música. Acho importante fazer o homem pensar como participante de um todo. O músico é um socialista porque tem com um mundo diferente. Eu me sinto como toda pessoa que está necessitando de coisas políticas. E todo brasileiro tem necessidade de mudanças políticas. O músico precisa viver este momento, deve refletir o sentimento de todos porque o músico é parte da vida. Temos que lutar pelas coisas que precisamos. Estamos num momento de nos organizarmos. As coisas estão tomando forma e temos que lutar pelas coisas que precisamos; por isso estão acontecendo as greves e lutas que lutar, para desmontarmos as estruturas. Então, que participar de

UAI agosto 1979 nº 4

UAI setembro 1979 nº 5

CARRICO: CINEMA PARA O POVO

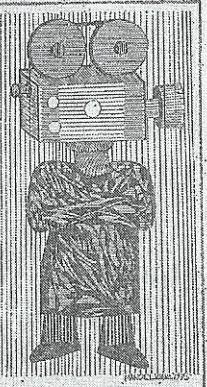
João Gonçalves Carrico documentou a vida de Juiz de Fora com seus filmes durante 35 anos. Seu slogan: "cinema para o povo".

Por MARTHA SIRIMARCO GUEDES

Se hoje, um empresário se dispusesse a fazer filmes sobre os fatos jornalísticos de uma cidade, com dinheiro "dos próprios bolsos" — sem visar lucro — e inaugurasse um cinema a preços reduzidos para operários, estudantes, comerciantes... não seria, no mínimo, um bom capitalista.

O cine-jornal de João Gonçalves Carrico (1906-1979) que retratou a cidade de Juiz de Fora durante três décadas (30/40/50) não foram subvencionados por nenhuma elite política ou financeira. Com recursos retirados de sua empresa funerária, ele cobria os gastos com as filmagens. Em 1927, ele inaugura uma sala modesta — o Cine Popular — que tinha como slogan "cinema para o povo". Seus programas (programação da melhor qualidade) continham a observação: "Cine Popular, o amigo do povo".

João Carrico vai documentar a vida da cidade durante 30 anos (um ou dois cine-jornais por mês) que são revelados, copiados e montados no seu estúdio, em 8 horas. O período áureo da Juiz de Fora que se industrializava está presente; gritos dos políticos eminentes da época (Getúlio Vargas, Juscelino



os operários. E os militares em uma época em que pareciam bem mais próximos do povo. Nas festas, nas paradas de 7 de setembro, principalmente antes da II Guerra.

era na base de nitro e pólvora, possível de deterioração e alburno inflamável, muitos filmes foram jogados no rio Paraíba, que certa Juiz de Fora. O crítico da imprensa, Décio Lopes, e outras pessoas, levantaram vozes em protesto contra o despejo municipal, e em 1977/78, os cine-jornais foram está jogados e hoje estão na Fundação Cinematográfica de São Paulo para serem recuperados. O último cine-jornal foi filmado por seu filho, Manuel Carrico, que o acompanhou a vida inteira. Ele foi um dos seus cinegrafistas. A filmagem do enterro de João Carrico, em 1933, encerra um ciclo de cinejornalismo em Juiz de Fora.

LUTANDO CONTRA AS MULTINACIONAIS

O Cine Popular sofreu pressão das distribuidoras vinculadas às empresas estrangeiras e esta foi uma das maiores causas de seu fechamento em 1968. Carrico venceu multinacionais. E precisou ser muito

"santo guerreiro" para tanto "deságio da maldade".

Em 15/3/64, o Cine Popular, o amigo do povo, cedeu suas instalações para o último comício de Miguel Arraes. O cinema é protegido pela PM contra os elementos da UDN e outras correntes que querem incendiá-lo, caso o PTB se reúna. Duas fações principais se defrontam nas ruas próximas ao cinema. As portas se fecham para evitar uma invasão. O Cine Popular está lotado. A Cia. Mineira de Electricidade (UDN) apaga as luzes por instantes, em sinal de protesto. Manuel Carrico (filho de João Carrico) pede calma.

A atividade de Carrico foi uma forma de descentralização cinematográfica, que hoje está sendo posta em relevo. Esta tradição de cine-jornais se interrompeu e a produção se dá a nível nacional: são filmes super 8 que foram "cinemas" mineiros estão realizando. É provável que nova fase se inicie.

Humberto Mauro: 30 anos de cinema

Quase todos os artistas, mais voltados à cultura brasileira, já covaram falar de Humberto Mauro, 30 anos de serviços

for, onde toma passagens e invenção vão desde o registro da cultura popular. Num momento tão longo são 30

também Santa Cruz, e denuncia, irônico, *Mais um fenômeno na literatura brasileira: pela lógica, um escritor brasileiro deveria sempre ser publicado aqui no Brasil (...)* E aí então vem a constatação: a cada dia que passa, surgem novos nomes de escritores brasileiros editados no exterior e ainda desconhecidos aqui. No *UAI*, o leitor fica sabendo que, de Ignácio de Loyola Brandão, o livro “Zero” foi editado na Itália primeiro, fez-se uma tradução e o livro apareceu no Brasil, **mas logo a censura veio e o proibiu. E tem mais, outro caso gritante: Paulo de Carvalho Neto, antropólogo, autor de dezenas de trabalhos** sobre folclore, professor em universidade nos Estados Unidos, autor de quatro romances, e um deles está sendo filmado por lá, e, no entanto seu romance “Meu Tio Atahualpa”, escrito em 1972, traduzido em diversos idiomas, por aqui só apareceu em 1978. E a lista se estende por Ronaldo Lima Lins e sua obra “Os Grandes Senhores”. Arthur José Poerner, já conhecido na Europa, que ainda deverá ter seu livro “Nas Profundas do Inferno” editado no nosso Brasil cor de anil. De Jorge Amado, a informação de que cinco estudos sobre ele estavam sendo feitos nos States. E tantos escritores que por aqui são somente mencionados em resenhas, uma ou outra notícia, e sem merecerem análise de suas obras, como: Moacir C. Lopes, Moacyr Sclyar, José J. Veiga, Osvaldo França Júnior, Dalton Trevisan e o próprio Ignácio de Loyola Brandão.

Por aquele tempo de *UAI*, segunda fase, 1979/1980, de muitos compositores e músicos se ouvia falar, e deles ainda escutamos sons e louvores. Porém o *UAI* abriu espaço para *A voz dos músicos mineiros* na edição nº 4, agosto/1979. Ali, Loyola, Heleno Loyola, nascido em Cachoeiro do Itapemirim, morou em Campestre, se achegou em Alfenas para ser dentista no futuro, trouxe inspiração dos Beatles, pegou um pedacinho do Wagner Tiso e do Milton Nascimento das alfenadas nas boleias de caminhão, serenatas talvez, que ele, não mais terreno, aqui está para confissões e revelações de dantes. Das influências do quarteto de Liverpool, mais Chico Buarque e mais outros “feras”, percorreu festivais e arrebanhou prêmios. No mesmo *UAI*, história de Sirlan Antônio de Jesus, de dezenas composições censuradas, e censuras tão cômicas, ridículas, que até monstros do cinema mudo gargalhariam: **uma música falava em pulo do gato, e então eles queriam saber que gato é esse. “Montanhês Danças” foi vetada porque tinha uma frase em espanhol “porteña madre nuestra”, então o censor alegou que a letra falava em Sierra Maestra, onde Fidel Castro iniciou sua luta. Outra música dizia “canta o que ficou atrás do sol”, então foi proibida sob alegação de que**

CULTURA

Malhação do Judas: ontem e hoje

1.º DE MAIO

A "Malhação do Judas" constitui, junto com diversas outras expressões da cultura folclórica brasileira, um levantamento das festas pagãs que sobreviveram por milênios e resistem, à impondo massificante da cultura antemoderna e tecnocrata do mundo atual, constituindo-se como substrato da criação cultural renovadora do futuro. A sua raíz pode ser encontrada nas festas conhecidas como "Complantes Romanas" (Festas em honra aos deuses Larte das encruzilhadas, espíritos tutelares, consideradas como as almas dos mortos, encarregados de proteger e cuidar, as ruas, a cidade), mas que se fundamentam em expressão muito anterior da cultura etrusca.

Velha tradição herdada do colonizador, onde uma cerimônia com características hebraicas é revivida com a participação dos Judeus Escarlates. Cerimônia esta reforçada em Portugal pela Inquisição, onde milhares de judeus foram perseguidos, mortos e os que sobreviveram foram transformados, à força, em cristãos, considerados como crianças novas, constantemente sob a vigilância do Santo Ofício.

A Inquisição Espanhola ficou célebre pelas montanhas que promovia, estabelecida em 1480 por Fernando e Isabel, os "Reis Católicos", a fim de vigiar os líderes mórnicos e relapsos, ou seja, considerados falsos cristãos, aplicando no século seguinte castigos contra os mouros.

Os autos-de-fé realizavam-se com verdadeira ritual, sendo um condenado queimado vivo, na presença das autoridades e do povo. Perseguidos na Espanha, os judeus procuram refúgio em Portugal onde até então ainda que existisse a Inquisição, não funcionava em forma tão organizada como na Espanha. Mas, então, com o casamento de Maria II, em 1580, com o príncipe espanhol, a Inquisição portuguesa também se tornou ativa.

Tifa - Maria José de Souza
Da Comissão de Cultura do Chico Rei Clube e da Comissão Regional de Feticioneiros de Póços de Caldas.

O povo, perseguido pelas autoridades religiosas ou não, à força, aprendeu a mascarar os que queriam utilizar violando o seu direito humano de liberdade.

Um judeu serviu de símbolo para caracterizar todos os outros que tinham a fé católica: Judas de Escarlates que terminou a Inquisição em 1821, após o movimento liberal de 1820, continuando sendo mascarado figuradamente. Este espetáculo é conhecido e praticado em todo o Brasil como a "Malhação do Judas", realizado no meio-dia do "Sábado da Alalala". É feito um bonaco de pano, do tamanho de um homem, que bem cedo é amarrado em um poste num lugar central e com uma corda no pescoço como que enforcado. O tempo e a duração de cada peça, começam a se reunir ao redor dele e o grupo vai se tornando cada vez maior e ao meio-dia do soar da Alalala, muita gente hincada se lança contra o Judas dando-lhe casteados e estracalhando-o. Enquanto isso vazio à fóra, vão dizendo palavrões e singulares, chamando-o de malvado, traidor, alto pecador, filho do diabo etc.

Após as casteadas arrastam o que sobra pelo chão deixando-o em pedacos e depois colocam fogo no que resta. Outras vezes, após as casteadas, antes que o bonaco se estrague é lhe atado fogo e, como o seu interior está recheado com bombinhas, os estouras fazem espalhar a malhação.

Esta caracterização parece comprovar os seus resultados com as condenações e execuções do Santo Ofício. Ainda mais, além da malhação do Judas, quer castigar, mas em aquele que é humanamente culpado.

A malhação hoje pode ser compreendida como um meio para entretecer temas, como uma espécie de catarse, tanto da criança como do adulto. É este último um no bastamento uma sílaba dos costumes. É uma tentativa de libertação à repressão, principalmente à política. O enforcamento simbólico o desejo suprimido, de extinguir um elemento prejudicial à sociedade.

O que se pode ao fazer esta análise de uma expressão da cultura do povo é não perder os fundamentos básicos e acontecimentos da existência humana. Todos os fatos que enriquecem uma cultura estão sancionados pelos fenômenos econômicos, políticos, sociais, religiosos ou ideológicos de qualquer época. O povo tem o seu modo de representar, reagir, e lutar pelos seus interesses e pelo futuro que almeja. É através dessas expressões, denominada como solísticas, como substrato, que o homem mostra suas tendências e aspirações. Esta espécie de cerimônia do origem tão remota, como o aqui colocado, depois de readaptado por uma situação nova surgiu após a festa Média — e que representa a maneira que um grupo, utilizando-se do povo, puniu aquele que não se submisso a ele, caracterizado pelo personagem bíblico que entregou Jesus aos seus algozes. Mas, hoje, ele vem caracterizar uma nova tradição e um novo traço dos costumes e do gênio humano.

Para ilustrar o proposto se coligará experiência vivida ainda este ano. Fomos ao Centro Social Urbano a convite de sua coordenadora e competente professora Maria Antarcia Bonifácio assistir a "Malhação do Judas", pela ocasião. Espectáculo proposto como

Há mais de cem anos atrás, no dia 1.º de maio, na cidade de Chicago, nos Estados Unidos, quatro operários eram enforcados, simplesmente porque lutavam por melhores condições de trabalho. Mais tarde, em honra a estes valerosos trabalhadores mortos, a data de suas execuções passou a ser comemorada como o Dia Internacional dos Trabalhadores.

No Brasil também, todos os benefícios que os trabalhadores possuem hoje foram conseguidos com muita luta e sacrifício. Foi o exacerboamento pelas injustiças e a exploração salarial o maior aliciente para forçar o trabalhador a se agrupar e lutar, dando início às reivindicações, criando nele, no mesmo tempo, uma consciência de seus direitos, situando-o não como coisa ou animal rudo e submisso do trabalho, mas como ser pensante, como indivíduo capacitado, como labor de progresso social — atitude essa considerada como inaudita, audácia pela oligarquia capitalista do começo do século.

Esses militantes operários das primeiras décadas de nosso século foram os verdadeiros heróis dessa primeira etapa, aqueles que lutaram pela causa da emancipação do trabalhador nacional e cujos esforços se tornaram anônimos, pois com exceção de alguns, bem poucos porcurto, os nomes desses

José Dumont - O Pasquim 21
02 março 2004, nº 10

autor de *Vins em Columbine*
Dumont - Foi a coisa mais séria que vi nos últimos dois milênios da ansos!

Ziraido - Voltando à coisa do ator. Quando você faz uma novela você passa um ano vivendo seu personagem, todo dia. Num filme você vive o personagem durante três meses e de maneira entrecortada. Você cria com o personagem?

Dumont - Posso receber o personagem, mas como sou sensível e complicado, me quebro todo. Realmente me faz mal. Hoje tô procurando uma intuição e não uma vivência. Agora, tem cenas que você tem que deixar baixar, não pode ser de outra forma, só que isso deixa resquícios. Meu organismo produz muitos minerais pesados, uma quantidade absurda de ferro e ácido úrico. Sai de *Abail Despedaçado* totalmente secp.

Maudia - Quando você encontra essa verdade: na hora de ler o roteiro, na hora de falar com o diretor, na hora de entrar no set?

Dumont - Geralmente me toca quando leio o texto.

Ziraido - Quando você chora, você chora mesmo, se emociona?

Dumont - Sim, mexo no bad que tem lá atrás. O importante é a emoção ser verdadeira. Mesmo numa comédia, eu tenho que acreditar no que tô fazendo.

Fernando - Você é religioso? Acredita em Deus?

Dumont - Sou místico e cético. Acredito em qualquer coisa desde que me praxem.

Dumont - Minha opinião sobre o mundo é que essa economia virtual vai entrar em colapso dentro de três ou quatro anos.

A GLOBALIZAÇÃO É UM ENGODO, É BOA SÓ NO SENTIDO DE FACILITAR A TROCA E A VENDA. A COISA MAIS IMPORTANTE NUM POVO É A SUA CULTURA. SE A GENTE NÃO TEM UMA CULTURA PRA VENDER, COMO VAMOS QUERER SER RESPEITADOS?

Se não temos uma cara, como vão nos conhecer? O indiano é forte porque gosta do cinema indiano. Mas antes do mercado externo, o Brasil precisa pensar no mercado interno. Se houver uma quebra no mundo, com tanto dinheiro inventado sendo jogado de lá pra cá, como o Brasil vai sobreviver? Se houvesse um mercado interno com capacidade de comprar e de vender, o Brasil não precisaria de ninguém. Só que, pelos seus signos de vasatagem, a gente acaba não entendendo esse tipo de coisa. Para ter esse mercado interno teria que se mudar muita coisa, leis trabalhistas, uma reforma agrária que não começasse pela terra mas pelo transporte e pela água... Todas as fontes de água no Brasil deveriam ser consideradas públicas.

desprovido de dentes, boca de chupar ovo, ensinou o caminho da fazenda de Antônio Alves:

"Cê podi bestia ladera abaixo e quando topá com a tapera vêia do Zé Furmiguento quebra pra banda de lá. Dispos que atravessá o mata-burro da cava vira pro lado de riba e droba o espigão e dispinguela intê no corgo. At vancê já vê a casa da Sá Maricota...

Castro não entendeu nada, porém, Amâncio de Souza, que acompanhava a gesticulação do caboclo e conseguia traduzir o linguajar serrano compreendeu e tocou em frente

Mandassaia, pág. 303
Ildeu Manso Vieira

era insurrecional “por lembrar um passado presente”. E todas foram proibidas na íntegra. De São Sebastião do Paraíso, o relato do Grupo Minas e a sua luta para divulgar a boa música brasileira. Por sua vez, no *UAI* agosto/1989, nº 11, o compositor e cantor Raimundo Fagner cospe crítica em compositores e cantores consagrados, na Bossa Nova, sentiu-se bem no Tropicalismo, metralha sem dó: **os críticos são todos uns picaretas**, e como produtor musical, fala de artistas que ajuda na produção, orienta.

De Juiz de Fora, *UAI* nº 5, setembro/1979, dá conhecimento com a reportagem *Carriço: cinema para o povo* - **João Gonçalves Carriço**, que documentou a vida de Juiz de Fora com seus filmes durante 30 anos. Seu slogan: “cinema para o povo” – Os cinejornais de João Gonçalves Carriço (1886-1959) que retrataram a cidade de Juiz de Fora durante três décadas (30/40/50) não foram subvencionados por nenhuma elite política ou financeira. Na última edição do *UAI* nessa 2ª fase, nº 13, o texto *Malhação do Judas: ontem e hoje* – A “**Malhação do Judas**” constitui, junto com diversas outras expressões da cultura folclórica brasileira, um reavivamento das festas pagãs que sobreviveram por milênios e resistem à imposição massificante da cultura sistematizada e tecnocrata do mundo atual, constituindo-se como substrato da criação cultural renovadora do futuro – aborda as imposições da Igreja e as perseguições aos judeus e aos mouros sob o tacape da Inquisição em Portugal e também na Espanha, e destacamos: **O povo, instigados pelas autoridades religiosas ou não, à força, aprendeu a massacrar os que queriam utilizar vivenciando o seu direito humano de liberdade (...)** A malhação hoje pode ser compreendida como um meio para extravasar tensões, como uma espécie de catarse, tanto da criança como do adulto. E este último tem no testamento uma sátira dos costumes. É uma tentativa de liberação à repressão, principalmente à política. O enforcamento simboliza o desejo reprimido de extinguir um elemento prejudicial à sociedade.

Pausa de tempo

Então, o *UAI* deixou de aparecer nas bancas a partir de junho/1980. Mãos ficaram órfãs do papel do jornal, olhos e raciocínios perderam contato com a informação, a denúncia, a cultura. O país começava a dar alguns passos rumo à rota democrática, um pouco capenga, sabemos. Mas é assim que se faz a história e se constroem estruturas sociais e políticas.

Para muitos, a lembrança histórica é lida com olhos baixos, cabisbaixos. Para muitos outros, é lembrada de cabeça erguida, tranquila, consciente. Onde estivemos, estamos e estaremos todos, caro leitor?

TERCEIRA FASE

1983 a 1986

Edições: 1 a 26

BEM MINEIRO

Bem começo de 1983 quando, mais uma vez, e pela terceira vez, o *UAI* ressuscitava nas bancas e mãos dos leitores, mormente alfenenses, precisamente no mês de abril, e, como sempre, alternando tamanho, gráficas, abraçando gentes, e quase sempre jovens, que sonham juventude eterna, aspiram a mundo e mentes melhores, todos nós esquecidos de que os humanos são desumanos, já que animais são mais honestos na sobrevivência. Assim, caro leitor, trinta e cinco meses passados desde a violência do 1º de Maio de 1980, retornava a luta por um Brasil melhor, preocupação com os cidadãos desassistidos e explorados, a busca da manifestação cultural diversificada, o grito constante contra desmandos políticos e administrativos – *UAI*, parafraseando Drummond poeta, você não morre, você é duro, *Uai...* No editorial ***Caro Leitor, o UAI volta a circular em um momento em que mais da metade do Brasil está sendo dirigida por governadores de oposição. Isso representa um avanço na luta pelo fim do sistema atual que jogou o País na maior crise econômica de sua história. Uma situação dessas abre grandes perspectivas de organização dos trabalhadores para enfrentar a crise, o arrocho salarial e o desemprego. E junto com os trabalhadores, todos os democratas têm um papel importante na defesa da soberania nacional, hoje mais ameaçada do que nunca.***

Alfenas

Neste agora desta leitura que avança páginas, fatos e cousas que explicaremos, se assim a musa nos for paciente e benigna, também leremos lembranças de alguns que assumiram o renitente jornal **Bem Mineiro**. Localizado, contatado, nem tão distante de Alfenas, Carlos Alberto Alves resume tempo de vida, lembra que **tínhamos um grupo que era muito engajado politicamente, de esquerda, com raízes fincadas no PC do B** – Partido Comunista do Brasil – e assim novo retorno do jornal *UAI* em abril de 1983. Carlos Alberto, tratado sem cerimônia por Carlinhos, revela que, em edição de 1979, escreveu texto de opinião no qual o Domingos tanto insistia, tomou gosto e acabou à frente do nosso jornal de incansável sobrevivência. Por sua vez, Domingos esclarece, para bom entendimento do que se conta aqui, que, desde meados de 1980,

Veja - 1º de maio 1991, pág. 60

HISTÓRIA

A bomba na abertura

Dez anos depois, Figueiredo diz que o Riocentro foi coisa do CIE e Maximiano acha o IPM de Job uma palhaçada



“Dizem que foi o SNI, mas o Riocentro foi coisa do CIE”, diz o ex-presidente João Figueiredo, sentado num banco de praia em São Conrado, num belo domingo de sol carioca. “O inquérito que apurou a explosão da bomba no Riocentro foi uma palhaçada”, informa o almirante Maximiano da Fonseca, o único dos três ministros militares de Figueiredo ainda vivo. Dez anos atrás, na noite de quinta-feira 30 de abril de 1981, uma bomba explodiu dentro de um automóvel Puma no estacionamento do Riocentro, onde se realizava um show de comemoração do 1º de Maio. A bomba matou o sargento Guilherme Pereira do

relacionamento chamado “amizade colorida”, mas o Brasil estava numa encruzilhada. Leonel Brizola era presidente do PDT, e quem dissesse que ele venceria a eleição para governador do Rio de Janeiro no ano seguinte era ridicularizado. Fernando Collor era prefeito nomeado de Maceió, estava no PDS e em seu peito pulsava um coração malufista. A encruzilhada era política e dizia respeito à “abertura” conduzida por Figueiredo, que ameaçava prender e arrebentar quem fosse contra ela. E havia gente agindo contra a abertura. A Lei da Anistia havia sido promulgada em 1979, concedendo perdão a terroristas de esquerda e de direita até aquela data. Mas o terrorismo continuava.

Da Anistia ao Riocentro foram feitos onze atentados (foto com

Retrato do Brasil, nº 3, pág. 25

ECONOMIA/CAPITAL ESTRANGEIRO: a história da dívida externa brasileira

Os grilhões que nos forjaram

Sob o Regime Militar, a dívida brasileira galopou de 3 para 100 bilhões de dólares. Porém, na história do País, essa dívida sempre foi um mecanismo que retardou, ao invés de promover, nosso desenvolvimento

“A história dos denominados empréstimos brasileiros é uma história de (...) dívidas contraídas para pagar dívidas, num curso infinito de operações de crédito, por tal forma que, na realidade, revendo esse passado financeiro,

das políticas de endividamento dos governos anteriores. A situação das contas externas nacionais era aflitiva: entre 20 e 30, particularmente, as exportações brasileiras, primeiro, estancaram e, em seguida, declinaram. Na mesma

não em obras públicas, como achava que deveria ter ocorrido. Pensava ainda que o País tinha de parar de tomar emprestado para pagar empréstimos e deveria pagar a dívida com seus

FOLHA DE S. PAULO

Domingo, 2 de outubro de 1983 — ECONOMIA — 4.º caderno — 35

Cresce consenso sobre nova renegociação

Nos bastidores da reunião do FMI/Bird, houve quem sugerisse a medida para “amanhã mesmo”

WASHINGTON (Do enviado especial Teodoro G. Meissner) — Fazer um balanço do que representou a reunião anual conjunta do FMI/Bird para o Brasil significa dividir a reunião em duas. A primeira foi a pública, que todos os jornais noticiaram e cuja consequência prática é o “pacote” financeiro de US\$ 11 bilhões que está sendo coordenado pelo FMI. Nessa reunião pública, falou-se sempre que o problema de estrangulamento cambial se resolverá.

Tudo muda de figura quando se trata da outra reunião, paralela, realizada secretamente inramuros ou nos corredores. Conversando com pessoas bem informadas é possível detectar que poucos duvidam que a atual solução significa apenas retardar a explosão da bomba-relógio por mais alguns meses. Há um consenso cada vez maior, mesmo entre banqueiros — como relata o presidente do Banco

Reescalonar tudo

Essa é também a opinião do presidente da subsidiária brasileira de uma das maiores empresas do mundo: “Se a atual política prosseguir, nos matam em 5 ou 6 meses. É preciso conseguir uns 5 anos de carência e reescalonar tudo, juros e o principal para 20 ou 30 anos. Ou se faz isso ou é debacle.”

Outra voz concordante é a de um importante banqueiro que tem bilhões de dólares investidos no Brasil: “O acordo com o FMI tem de ser feito e cumprido. Mas todos nós sabemos que ele não é a solução para o caso brasileiro. É preciso uma renegociação mais ampla. Mas o primeiro passo tem de ser do seu governo. Nós podemos sugerir a renegociação, mas não podemos propô-la publicamente. A situação é extremamente delicada e preocupante. Se o Brasil entrar em

aritméticas para se ver que a situação brasileira é muito mais grave do que nos querem fazer crer autoridades brasileiras e internacionais.

Para esse exercício aritmético aceitam-se como verdadeiros os números fornecidos pelo ministro Eronane Galvão, quando na verdade se suspeita que eles são muito mais amargos. De acordo com o ministro da Fazenda, o Brasil precisa de US\$ 4,5 bilhões para fechar o balanço de pagamentos de 83 e mais US\$ 14,8 bilhões para 84, num total de US\$ 19,3 bilhões, sem contar a dívida de curto prazo (empréstimos que vencem em menos de um ano e não são contabilizados pelo Brasil, hoje em torno de US\$ 10 bilhões. É o deve do Brasil, para usar uma linguagem contabilística).

O haver é o seguinte: US\$ 6,5 bilhões dos bancos comerciais, US\$ 1,5 bilhão do Eximbank norte-americano.

Para chegar a eles, Galvão prevê — todos os números foram dados durante a última reunião do Conselho Monetário Nacional — um superávit comercial de US\$ 9 bilhões em 84 mediante exportações de US\$ 25 bilhões (crescimento de 13% sobre os US\$ 22 bilhões a serem obtidos em 83) e importações de US\$ 16 bilhões (mesmo valor nominal deste ano).

Saudades de 83...

A meta de conter as importações no mesmo valor nominal deste ano é claramente recessiva e joga por terra qualquer veleidade que alguém porventura tivesse de ver a economia brasileira voltar a crescer após três anos de estagnação, o mal maior de qualquer economia. Considerando-se a inflação média mundial, manter as importações no mesmo valor nominal de 83 significa, na prática, arrochar

quando ameaças o obrigaram a sair de Alfenas, foi chamado para trabalhar no jornal *Tribuna Operária*, em São Paulo, **onde fiquei até 1988, portanto não participei diretamente da terceira fase do UAI**. Outro personagem, Henrique Souza Miranda, continuou na batalha por muito tempo até que, por discordância ideológica e de método, afastou-se das páginas do jornal quando se falou de Diretas-já. Veremos isso a qualquer momento. E outros colaboradores e entusiastas com os passos do *UAI* se apresentaram e, mais uma vez, pinçaremos suas andanças e histórias.

Neste ponto, necessário se torna um apanhado, rápido para não exaurir paciências, de alguns antecedentes que circularam de maio de 1980 até abril de 1983. A ditadura militar cambaleava e as hidras da violência, intolerância e radicalismo perverso se revelaram na explosão inesperada de um carro no Riocentro, no Rio de Janeiro, local de eventos, em 1981, durante um show artístico. As justificativas e o inquérito para o carro nas proximidades, a bomba, os militares envolvidos, foi um vergonhoso espetáculo de mentira e hipocrisia. Depois, na proposta do ex-presidente Geisel de abertura do regime de maneira lenta, lentamente, gradual, gradualíssima, ocorreram eleições no ano seguinte, 1982, e a oposição, centrada no PMDB, ex-MDB, saiu-se vitoriosa na eleição de governadores e prefeitos. E mais ainda havia na agonia da ditadura militar quando este Brasil – que ufanamente em propagandas ilusórias ninguém segurava – teve que recorrer ao Fundo Monetário Internacional, FMI, para arrumar alguns trocados em dólares a fim de saldar compromissos da dívida externa. Quando 1983 chegou, e com as exigências cada vez maiores da sociedade por liberdades democráticas, reaparece o *UAI* e nossas atenções agora se fixam na Alfenas, cidade dos lagos, paraíso dos pescadores, Atenas sul-mineira, *et coetera, et coetera*, que seja somente *etc.* sem mais delongas, e pronto!

Na alfeneira Alfenas de 1980, desceu o pano sobre o personagem *UAI*, enquanto no palco do Teatro Municipal, acanhado, inadequado, porém único, personagens continuavam a difícil travessia histórica, e tradicional, do nosso teatro. Nas anotações de 1981, escrito está que nada de relevante acontecera na alfenança de Alfenas. Quando termina o ano de 1982, jornal *O Alfense* registra Hesse Luiz Pereira eleito prefeito da comuna pela terceira vez, e o fim do Cine Alfenas em dezembro. Chegamos a 1983, de novo o Teatro Municipal acolhe apresentação do “Fogão de lenha”, aqui mencionado em momentos à frente, oportunos, e



uai

Um jornal bem mineiro.

Afenas, Abril de 1983 — N.º 1 — Ano 3 — Cr\$ 50,00

UAI entrevista Hesse :

«Administração anterior foi um descalabro»

— Veja o que pensa o novo prefeito sobre a administração anterior; os problemas que enfrenta nestas horas iniciais de sua administração, o relato se encontra nas páginas 6, 7 e 8

UAI n.º 1, abril 1983 Entrevista | Hesse Luiz Pereira

UAI — Hesse, por que a mudança sua do partido, da ex-filial ARENA, do PDS atual para o PMDB?

Hesse — A escolha de um novo caminho, de um novo partido, deu-se principalmente por sentir que aquela posição anterior já não estava mais em consonância com os meus pontos de vista e com a situação, principalmente em relação ao que vivíamos em nossa cidade, pois eu discordava profundamente da administração municipal anterior e também discordava da situação a que chegou o nosso país, principalmente no que diz respeito à situação econômica, cujos problemas, agora mais do que nunca, estamos sentindo. Isso tudo fez com que eu procurasse agaschar-me dentro de uma legenda diferente, e foi por esse motivo que eu encontrei no PMDB a alternativa que esperava.

UAI — Que facções políticas e segmentos sociais o apelaram nas eleições?

Hesse — Evidentemente que o apoio maior, aquele que pesou substancialmente, foi dado pelo partido no qual me filiei e que me deu toda cobertura durante a campanha. Mas é claro, também, que eu pude contar com o decidido apoio de segmentos sociais que me incentivaram com o seu voto.

mente ao administrar a cidade de Afenas. Não assumi qualquer compromisso, a não ser aquele de servir ao povo de Afenas durante este mandato que me foi confiado.

«Antes mesmo de aceitar minha candidatura já sabia o que o futuro prefeito ia enfrentar»

UAI — Antes havia o PP e o MDB, houve a fusão dos 62 partidos, você estava filiado ao PP ou ao PMDB, ou filiou-se após a fusão dos 62 partidos?

Hesse — Eu me filiei após a fusão.

UAI — Antes da fusão, qual era o partido mais forte, o PP ou PMDB?

Hesse — Eu não tenho condições para avaliar seguramente em termos eleitorais qual seria mais forte.

UAI — Como você encontrou a Prefeitura? A situação, a realidade.

Hesse — Esta pergunta, para respondê-la convenientemente eu seria demasiado longo, mas vou procurar sintetizar. Na verdade, mesmo antes de ter designado a campanha política, antes de aceitar a

função que me possibilita uma avaliação a respeito por exemplo dos contratos em andamento, dos convênios em execução, ou relativamente ao patrimônio da Prefeitura, ou até mesmo quanto a outros aspectos rotineiros de uma administração municipal. Estou procurando conhecer, estou procurando verificar, mas apesar desse meu esforço, falta muita coisa ainda para que eu saiba exatamente qual é a situação atual. E por que isso acontece?

«Aqui existia até arquivado desvinculado da secretaria»

Porque no tomar posse, ao ser investido no cargo de Prefeito de Afenas no dia 1.º de fevereiro eu não recebi aquela documentação que normalmente deve acompanhar o termo de transmissão de cargo, não há ainda nesta data, 50 dias decorridos da minha posse, nem mesmo uma posição quanto aquilo que constitui o patrimônio e os bens pertencentes à Prefeitura. Isso está sendo verificado, temo a impressão que dentro de poucos dias esta situação, principalmente em relação a este aspecto, deverá estar devidamente formalizada, mas no momento ainda não disponho de tais elementos, não te-

novembro/1983 - n.º 6

BEG AGRIDE JORNALISTA

O ex-prefeito José Wurtemberg Mar- za (BEG) voltou a cometer novamente mais um ato de violência. Desta vez a vítima foi Elóiário de Paula Reis, jornalista do "Jornal dos Lagos", que foi agredido dentro do escritório do ex-prefeito, dia 1.º de novembro.

Tudo começou quando Elóiário tentou investigar o por que do exorbitante aumento no preço das passagens da empresa de ônibus urbana Transbez, que saltou de Cr\$ 10,00 para Cr\$ 100,00. O jornalista foi até a prefeitura e o prefeito Hesse Luiz Pereira lhe informou que este aumento estava irregular e que se autorizaria depois de ouvir a COM-TAREC (Comissão de Controle de Tarifas das Empresas de Transporte Coletivo).

De posse destes dados Elóiário foi até o escritório da Transbez, mas não encontrou o seu responsável, José Wurtemberg. Mas na rua encontrou com o BEG, que o convidou a entrar no carro e ir até

seu escritório. Lá o ex-prefeito o injuriou, dizendo que ele não tinha nada a ver com o aumento das passagens. Em seguida o agrediu com lapas e empurrou. Mas ainda o jornalista contou do que ainda foi ameaçado de morte.

É um absurdo que casos como aconteceu na cidade sem que seus responsáveis sejam punidos. O ex-prefeito BEG é acusado de corrupção e violação durante seu período de administração municipal. Os vereadores da atual Câmara prometem abrir uma Comissão Inquérito para apurar as irregularidades cometidas por ele, mas infelizmente, não sabemos porque motivos — ainda foi levada à frente. Seguro de sua impiedade o ex-prefeito voltou à carga no momento. O júri popular, a executiva municipal e a câmara dos vereadores devem tomar providências para proteger a integridade física e os bens dos cidadãos afenenses.

Página

oportunamente com explicações do porquê e tais. Também de bom alvitre anotar o surgimento do *Jornal dos Lagos* quando veio setembro. E, claro, óbvio, o jornal *UAI* como viventes que teimam em sobreviver enquanto há força, esperança e fé.

No retorno do retorno, o *UAI* se mostrou mais próximo do poder municipal, explicado fica no depoimento do Carlos Alberto Alves: **éramos parte da aliança que elegeu Hesse prefeito. Fazíamos parte do PMDB e dividíamos o comando com o Sanico, um “coronel” com alto espírito democrático que aprendi a admirar.** Na primeira edição, abril de 1983, o jornal reinicia a vida e entrevista o prefeito Hesse, que integrara partido de apoio ao regime militar, a Arena (Aliança Renovadora Nacional), depois travestida de PDS (Partido Democrático Social), e se reelegia para terceiro mandato pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB. Na primeira página, manchete: **Administração anterior foi um descalabro** – prefeito Hesse desnuda o caos ao dizer que **a realidade da prefeitura de Alfenas é tão séria em matéria de dificuldades que se colocam para atual administrador que, ainda hoje, decorridos 50 dias da minha posse, não tenho condições sequer de afirmar com segurança qual o total da dívida da prefeitura. (...) Aqui existia até arquivo desvinculado de secretaria – Mais ou menos 50% do orçamento foi aplicado indevidamente durante o ano passado.** Desnecessário dizer, caro leitor, que a administração que legou o descalabro tinha sido do José Wurtemberg Manso. Ao lembrar aquele período da terceira fase do *UAI*, Carlos Alberto Alves diz que **Beg era o símbolo do atraso político, mas era muito carismático. Populista, parece ter adotado para a sua vida pública o slogan: rouba, mas faz. Se tivesse só feito, seria imbatível sempre. Na época, tínhamos razão para fazer oposição. Pegamos – e registramos – o Beg muitas vezes com a boca na botija.** Em novembro/1983, nº 6, o ex-prefeito era notícia com agressão e ameaça ao jornalista do *Jornal dos Lagos*: **Tudo começou quando Eloésio tentou investigar o porquê do exorbitante aumento no preço das passagens da empresa de ônibus urbano Transbeg (...) na rua, encontrou com o Beg, que o convidou a entrar no carro e ir até seu escritório. Lá, o ex-prefeito o insultou, dizendo que ele não tinha nada que ficar procurando saber por que ele aumentava os preços das passagens. Em seguida, o agrediu com tapas e empurrões. Mais tarde, o jornalista contou ao *UAI* que ainda foi ameaçado de morte.** Passados tantos anos, Eloésio se recorda de quando veio de Areado. A família, que tinha parentesco com o Beg, pediu-lhe emprego e **ele me botou como cobrador da circular, assim como meu irmão. Foi uma experiência muito**

uai

Um jornal bem mineiro.

ALFENAS-MG, JANEIRO DE 1986

N. 18 (3.a FASE)

Cr\$ 1,200

Tribunal de Contas do Estado Comprova Trambiques do ex-Prefeito

Dois bilhões e meio de cruzeiros. Este é o montante total, em valores atuais, da diferença das contas da administração do ex-prefeito José Wurttemberg Manso. O UAI sempre denunciou. Quem ainda não acredita, veja a reportagem completa a partir da página 3.

Coluna da câmara

Um fato importante marcou a última reunião da Câmara: a Receita Federal foi retirada de Alfenas.

A RECEITA FEDERAL FECHADA

Alfenas, e mais cinco cidades foram suscrevidas com o ato do governo Federal, o fechamento da Receita Federal, sem qualquer informação prévia, cerraram-se as portas - e o pouco que a cidade tem está indo embora.

Porém os vereadores se mobilizaram imediatamente e o Sr. Francisco Bruzadelli, juntamente com o presidente da Câmara Wilson Silveira, foram os primeiros a se movimentarem.

"O Wilson telefonou para o Sanico para que, ele interfiria junto ao Tancredio Neves para que nos que nos juntaríamos ao primeiro a se movimentar.

ram os transformos que tal medida trará para a cidade, como despesas de viagem, impossibilidades de conseguir documentos com rapidez, entre outras.

Realmente a mobilização é grande. O prof. Edson Velano se dirigiu a Brasília onde solicitará que seja reconsiderada a atitude do governo Federal.

José Maurício, vereador, propôs a formação de uma comissão de alto nível, com pessoas ligadas ao assunto e vereadores, para reivindicar junto ao governo, que a Receita permaneça aberta.

A REGIÃO SE UNE

Toda região prejudicada está se unindo na luta em prol

CONVERSA COM O PREFEITO

A partir deste número o UAI lança uma nova seção, "Conversa com o Prefeito" nós transmitiremos ao prefeito as perguntas que estão na boca do povo, para que ele as responda, através deste jornal.

Pergunta: Estando a dívida da Prefeitura, quase toda paga, por que as ruas da cidade ainda não foram consertadas devidamente?

Prefeito: Esta pergunta merece duas respostas. Em primeiro lugar, não é correto entender que a dívida da Prefeitura já se encontra "quase toda paga". Na verdade, quando tomei posse, em 01 de fevereiro último, a dívida da Prefeitura alcançava Cr\$ 183.528,45, quase toda ela vencida. Os servidores municipais tinham quatro meses de vencimentos ou salários atrasados a receber. Muitos fornecedores ou prestadores de serviços não recebiam suas contas há muito

com novos prazos para pagamento, embora com o acréscimo de juros e correção monetária. A Prefeitura também continua devendo - contra parte da dívida encontrada, que não se achava vencida e que deve ser quitada de conformidade com os prazos contratados. Portanto, é preciso que fique bem claro que o Município ainda continua com sérios problemas financeiros, além de muitos outros de caráter administrativo advindos da gestão anterior.

Em segundo lugar, com referência à pergunta feita, devo esclarecer que as vias públicas locais estão sendo consertadas de acordo com as possibilidades da Prefeitura que, atualmente, não dispõe de recursos para executar o reaparelhamento asfáltico dos locais mais necessitados. Na total impossibilidade de fazer tal serviço, pois a Municipalidade ainda está devendo e também a arrecadação municipal

Julho 1983 - nº 3

Entrevista

UAI entrevista Edson Velano

Um das figuras mais controversas em Alfenas e cuja atuação causa polémicas diversas, é o prof. Edson Velano. UAI na intenção de mostrá-lo por inteiro, realiza esta entrevista.

UAI — Por que o Sr. escolheu o PDS?

Velano — Em primeiro lugar nenhum motivo de natureza ideológica.

Na verdade eu pensei que seria, na época, o veículo mais apropriado, mais indicado, para que eu pudesse carrear para a cidade de Alfenas benefícios que necessariamente, haveriam de passar pelo governo Federal.

UAI — Na sua opinião como a política partidária pode ajudar a resolver os problemas educacionais?

Velano — Os problemas educacionais são muito amplos e muito complexos, isto não é novidade nenhuma, mas acredito que a política partidária poderá resolvê-los na medida que cada um pudesse contribuir com sugestões, com projetos novos, de tal maneira que os problemas pudessem

UAI — Neste caso, por ser parte interessada, com que intenção o senhor defendeu a criação do 2.º grau no Colégio Municipal, já que como político o senhor defende a causa pública?

Não tenho esse espírito de competição

Velano — Ah! Quanto a isso, inteiramente, porque não tenho esse espírito de competição, acho que há lugar para iniciativa pública e iniciativa privada nesse campo. Acho até que iniciativa pública na área de 1.º e 2.º graus é até mais prioritária do que a iniciativa privada. A nossa participação só para preencher lacunas e alarcs que nós julgamos ter encontrado no ensino de 2.º grau da cidade e da região.

Por tanto fui um dos primeiros a estimular a criação, através de lei do 2.º grau na Escola Municipal e que, digamos de passagem, nasceu por o-

Velano — Num certo sentido talvez, mas acontece que se nós comparamos o número de escolas e de estudantes com demais países Latinos-Americanos, nós notamos que estamos em situação consideravelmente inferior, basta dizer que, para entrar no seu campo, o número de Engenheiros que tem na Argentina é bem superior ao número de engenheiros existentes no Brasil. Isso é devido a fase conjuntural de falta de perspectivas em relação ao mercado de trabalho, campo de emprego, essas coisas todas, mas o que está faltando é emprego, não está sobrando escola.

UAI — Quem é crédito educativo beneficia, a Caixa Econômica Federal, o país, ou Estudante carante.

Velano — Ele beneficia o estudante quando em primeiro lugar, porque mantém o atual sistema de se adquirir sem implicações de juros e correção monetária, evi-

nas universidades Federais. A verdade é essa.

E as classes menos favorecidas estão na rede privada e a consequência é que sem o crédito educativo ele não pode estudar e a escola privada não terá lucro.

UAI — Por outro lado, principalmente aqui em Alfenas se nota que o ensino tem sido utilizado, o senhor concorda com isso?

Velano — Utilizado no sentido de...

UAI — ... De que as classes mais abastadas pudessem estudar.

"O ensino superior não pode ser ministrado indistintamente a toda população"

outros Há que ter uma visão de conjunto e se comparado se faz em termos de quantidades, pode-se fazer também em outras circunstâncias. Basta dizer que a Fundação é a que mais constrói no Brasil, é a que mais investe no Brasil, também, é a que mais dá bolsa de Estudos e assim por diante, é a que mais bem paga os professores, são comparações, que se pode fazer estatísticas, sem dados concretos.

Na verdade é que sem essas anuidades seria fatalmente impossível a manutenção de nossas atividades.

UAI — Os salários, na sua opinião, são então bem colocados?

Velano. Ah! sim, com toda certeza, são superiores aos salários pagos pelas universidades Federais.

UAI — Mesmo assim existem oniepas: os alunos recha-

rica, trabalhei naquilo cerca de um ano, fazendo a linha Pôr-do-Sol quando o bairro estava começando. Eloésio detalha a agressão: ...continuou a me xingar e ameaçar, até que eu resolvi ir embora. Então ele veio atrás de mim e conseguiu me acertar um tapa no peito. Eu não era de briga, era só um moleque magrelo. Saí correndo e ele veio de carro atrás, então eu virei na Cônego José Carlos e devia estar branco de medo quando o Carlinhos, do *UAI*, que trabalhava na padaria ali, me *asilou* atrás do balcão. Eu levei a sério as ameaças, mas hoje sei que era tudo covardia... Fiquei asilado na casa do Daniel, lá na Vista Grande, por **uns dois dias**. Carlos Alberto Alves conta que enfrentou muitas pressões dos adversários políticos e recorda **leve uma surra em 1987 a mando de alguém que, na época, tinha poder. O prefeito era o Beg**. Para encerrar tristes e desanimadoras notícias do José Wurtemberg Manso, e comprovar a veracidade das reportagens do *UAI*, a edição de janeiro/1986, nº 18, trazia a manchete ***Tribunal de Contas do Estado comprova trambiques do ex-prefeito***. Nas páginas 3 e 5, **Quando a corrupção imperou**, o relato do parecer do Tribunal de Contas sobre a administração do ex-prefeito. Também na reportagem, a omissão e o silêncio que pairou sobre a Câmara Municipal. **Após tantos anos, os fatos vieram mostrar que tínhamos razão** – lê-se no editorial do *UAI*.

Ao longo dessa terceira fase, quase todas as edições traziam matérias da prefeitura de Alfenas, periódicas entrevistas com o prefeito e a constante coluna ***Conversa com o prefeito***. A credibilidade administrativa e pessoal de Hesse Luiz Pereira abriam páginas no jornal, reconhecimento do apoio e fornecimento de informações que auxiliaram as denúncias contra José Wurtemberg Manso na segunda fase. Também a Câmara Municipal se fazia presente na ***Coluna da Câmara***, participação que se explica pelo voto de confiança no jornal e pelo momento político com os movimentos e manifestações que se espalhavam pelo país, exigindo eleições diretas para presidente da República e eleição de uma Assembleia Constituinte que pudesse dar nova orientação constitucional à Nação. Personagens políticos de Alfenas e região e empresários ocuparam páginas com entrevistas em diversos momentos. Edson Antônio Velano aparece na edição nº 3, julho/1983, **Uma das figuras mais controvertidas em Alfenas e cuja atuação causa polêmicas diversas** – e responde à pergunta: **Por outro lado, principalmente aqui em Alfenas, se nota que o ensino tem sido elitizado, o senhor concorda com isso? – Elitizado no sentido de... - ...de que as classes mais abastadas pudessem estudar – É. Aliás, o ensino superior deve ser elitizado no sentido intelectual e cultural, porque o en-**

UAI - agosto 1983 nº4

Cine Carlos Gomes - Onde?

Magro, mancando e quase sempre quebrando a formalidade dos ambientes com sua voz alta e expressões características, José Resck além de ser uma figura folclórica em nosso meio é, também, parte da história de Alfenas. E tudo começou lá pelos idos de 1955 quando veio de Três Corações para cá, fixando-se definitivamente nesta cidade. Naquela época, Alfenas possuía apenas um cinema, o "Cine Carlos Gomes" — lembram-se? Já ouviram falar? Pois é, José Resck se entusiasmou e assumiu o cinema e escreveu uma página na história. Recorda, com muito orgulho, do trabalho que desenvolveu naquele período.

Cidade pequena, no interior das Minas Gerais, luz elétrica que concorria com as lamparinas, e lampeões, passou a ter no Cine Carlos Gomes a distração p/ as noites solitárias e pacorrentas. E José Resck começou o movimentar a paze com a propagação dos filmes, suas promoções para encher o cinema. E conta como fazia a propaganda: "punha banda de música na rua, fazia faixas e até fantasiava alguém para fazer barulho, como aconteceu com um filme que tinha um homem de lata: vestiu um homem de lata que saiu pelas ruas de Alfenas anunciando o filme". E continua: "naquela época fazia cartazes com quarenta ingressos que davam direito a assistir a qualquer filme quantas vezes quisesse... no

comprava o ingresso e dava direito a mais um para assistir ao filme. Muitas vezes, fala o José Resck, mandava a família toda entrar, pai, mãe e filhos.

O teatro é uma tradição em Alfenas e muitas vezes o "Cine Carlos Gomes" foi cedido para os nossos amadores que usavam o palco, sem despesas. E até mesmo baile era feito no interior do cinema. Mas José Resck guarda também suas mágoas, suas tristezas. Recorda, por exemplo, de quando Juscelino Barbosa inaugurou o "Cine Alfenas" e começou a concorrência com o seu cinema. Filmes que ele alugava por com contos passou a alugar por mais porque o Cine Alfenas cobria o valor do aluguel que já estava acostumado a pagar. Fala da campanha que o Jornal "O Alfense", naquela época, moveu contra o seu cinema. Dizia que o cinema estava caindo, era taxado de cinema da "rua do mercado" e por aí afora... de nada adiantaram as promoções, os melhoramentos que fazia. Com o tempo não agüentou a concorrência, a elevação dos aluguéis dos filmes, e foi se endividando. Por fim ficou sem o cinema e perdeu tudo o que tinha para cobrir os prejuízos...

"Cine Carlos Gomes" — onde? para quem não sabe, era ali onde hoje é o Cine Paraíso, não mais a rua do mercado.

E olhando os cartazes anunciando filmes pornográficos, lamenta o veterano do número

UAI novembro 1983 nº 6

ALFENAS ONTEM E HOJE

A. A. CRUZ PRETA — GLÓRIAS E RECORDAÇÕES

Lá pelos idos de 1953, quem chegava a Alfenas certamente já era pé, vindo do lado onde hoje está o trevo, via um cruzeiro e, perto dele, um humilde campo de futebol. Ficava onde hoje está o "Posto Patineira". Naquela local se jogava um futebol desprezível até que, um dia, o América e o Alfense convidaram o time da Cruz Preta para participar de um campeonato local que reuniu, naquele tempo, 16 times de futebol. Nascia oficialmente, a ASSOCIAÇÃO ESPORTIVA CRUZ PRETA e que, mais tarde, tomou o registro de ASSOCIAÇÃO ATLETICA CRUZ PRETA por simples suposição!

A Família Paulino dominava o time de futebol, comprovado pelos estatutos do time onde foram colocados sessenta e oito assinaturas. E fazendo crescer a legião da Cruz Preta estavam Romeu Paulino, Zé Paulo Paulino, Nico Paulino, Genaro Paulino e Paulo Paulino. Estes honrosos resolveram fazer da Cruz Preta um grande time e fizeram mesmo. De 1951 a 1957, a Cruz Preta dominou o futebol em Alfenas e na região e se tornou um símbolo de vitórias e orgulho da cidade. Cruz Preta 1 x 0 Clará (Rio), vitória de alegria e torcida de Machado; Cruz Preta 1 x 1 Portuguesa do Rio de Janeiro, e os torcedo-

res de outros setores da atividade do Clube, estavam: massagistas, o João e o Joaquim (que trabalhava no posto de saúde); roupeiro, Antonio; Eletricista; médico, Dr. Plínio do Prado Coutinho; Advogado, Dr. Antonio Maciel.

A voz ouansa de Romeu Paulino vai por aí agora, contando a glória de um time de futebol: "Cruz Preta 4 x 2 Fluminense (do Rio), neste jogo estreou o goleiro Ita que, mais tarde, jogou pelo Vasco da Gama e Teó não marcou 4 penálmis, o último foi chutado para fora". Lembra também detalhes do Cruz Preta 1 x Baugu 4: "Zizinho tinha como marcador o Carlos que não conseguia fazer nada. Ai, então, o nosso técnico Sebastião Soares, no segundo tempo, tirou o Carlos e colocou o Marcel que era estudante, com ordem de acertar uma bola na cabeça de Zizinho. E foi o que Marcel fez. Daí pra frente o Zizinho parou em campo a sumir..."

E continua o Sr. Romeu Paulino a história da Cruz Preta: "o Juventus perdeu de quatro a zero e tinha o Mengálvio. A Ponte Preta vinha batendo em todo mundo de goleada e aqui perdeu de um a zero. O Guarani (MG) deu de um a zero com muita confusão. Mas na segunda partida, a Cruz Preta en-

trou no Banco Nacional e de Carna Datado, do Dr. Plínio do Prado Coutinho, do Sr. Francisco Navarro do Prado que era Diretor do Jornal "O Alfense" e criador oficial do Clube, e também do Dr. Antonio Marcel Para. Fala de alguns jogadores: "O Esquerdinha fazia muito gol de falta como faz o Ester hoje. Já estava velho para o futebol e tomava comprimidos antes do jogo. Mas meu pai gostava muito dele, ele contava muitos casos e isso agradava meu pai que pedia para ele jogar". Recordava o atacante Nelsinho: "O Nelsinho foi o melhor atacante que conheci. Lutador, esperto, malandro. Insultava o adversário, dava bofetada e quando a Cruz Preta jogava fora de Alfenas sempre arruava confusão. Hoje mora lá pelos lados do triângulo mineiro. Era um bom profissional e, além de tudo, tinha um

saio de barbeiro onde trabalhava. Era muito trabalhador e é por isso que deve estar bem de vida." E o Sr. Romeu acrescenta: "a Cruz Preta ajudou muito estudantes a se formarem". Conta que o Diretor da EFOA, o Dr. Pedro Siqueira, tirou aborrecido quando reprovoou o Marcel por meio ponto e não sabia que era jogador da Cruz Preta.

Fala do jogo Cruz Preta 1 x Rosário Central da Argentina 0: "jogo no meio do jogo, na primeira jogada do Nelsinho, o treinador mandou sinal para que dois marcassem o Nelsinho. O Rosário Central jogou na Beirã e o time ficou preso no vestiário, escondendo-se da torcida. Com o Corintianos outra pancadaria. Em Lavras até um jogador teve o braço fraturado. E aqui em Alfenas foram recebidos maravilhosamente.

E TUDO ACABOU...

A Cruz Preta não tinha campo de futebol. Então era alugado, por um ano, o campo do América (onde é hoje o campo da Saliba) e, também, o campo do Alfense, onde o time treinava. "Com o América nunca tivemos problemas, mas o Alfense certa feita criou problemas e então deixamos de usar o

Romeu vendeu muitos bens, muitas animais. Mas pagou tudo. "Quem pega dinheiro emprestado, támpa um buraco mas abre outro maior" — ensina e fala dos juros altos que pagou para honrar compromissos com aqueles que exigiam pressa. Vendeu até a sua casa na cidade.

sino superior não pode ser ministrado indistintamente a toda população de um modo geral. Mas sobre o aspecto econômico, não. É verdade que a sociedade deve dar oportunidade a todos sem distinção de classes ou credo. É um dispositivo constitucional. Nesse sentido, a sua observação está correta, agora também isto se insere no grande contexto latino-americano e brasileiro. Indagado em qual área de atuação ele teria prioridade – Educação, Política e Comunicação –, Edson Velano responde: **A atividade política para mim é inteiramente secundária, é geralmente um instrumento, que eu acho válido, para atingir a outra meta, que é a educação, sobretudo e, secundariamente, as comunicações. Então, acredito que, prioritariamente, a educação, em seguida a comunicação, e a segunda em decorrência da primeira.**

Algumas entrevistas, caro leitor, enquadram-se nos tópicos que serão abordados ao longo deste capítulo e, neste momento, convido-o a caminhar pela rua Direita, a rua do Mercado, perdão, denominação tão antiga quanto e, ao mencioná-la, ultrapassa-se a nostalgia e descamba-se para saudosismo renitente. Rua Presidente Artur Bernardes, sejamos diretos na localização, e caminhemos por ali onde, tempo houve, houve cinema e cinema há fincado na esquina. E perto, ao lado destes intermeios, lemos no *UAI* de agosto/1983, nº 4, **magro, mancando e quase sempre quebrando a formalidade dos ambientes com sua voz alta e expressões características, José Resck, além de ser uma figura folclórica em nosso meio, é também parte da história de Alfenas. E tudo começou lá pelos idos de 1955, quando veio de Três Corações, fixando-se definitivamente nesta cidade. Naquela época, Alfenas possuía apenas um cinema, o Cine Carlos Gomes – lembram-se? Já ouviram falar? José Resck se entusiasmou e assumiu o cinema... e registrado está em *Cine Carlos Gomes, onde?* Depois, em novembro/1983, nº 6, o *UAI* relembra: lá pelos idos de 1950, quem chegava a Alfenas, curtindo lama e pó, vindo do lado onde está o trevo, via um cruzeiro e, perto dele, um humilde campo de futebol. Ficava onde está hoje o posto Paineira. Naquele local se jogava um futebol despretensioso até que, um dia, o América e o Alfenense convidaram o time da Cruz Preta para participar de um campeonato local que reuniu 16 times de futebol. Nascia oficialmente a Associação Esportiva Cruz Preta, que mais tarde tomou o registro de Associação Atlética Cruz Preta por simples superstição! Na reportagem *A. Cruz Preta - Glórias e Recordações*, Romeu Paulino conta em detalhes a trajetória do time que, de 1951 a 1957, movimentou Alfenas e região, marcou época. Relaciona jogadores, placares, ali, onde é hoje o Café Cam-**

uai

Um jornal bem mineiro.

ALFENAS — FEVEREIRO 1984

N.º 8 (3.ª FASE)

Cr\$ 100,00

Alfenas sai na frente na campanha das diretas

Já se prepara grande comício em 16 de março

A CAMPANHA PRO-DIRETAS, QUE EMPOLGA TODO O BRASIL, TOMA FORÇA NA CIDADE. PLEBISCITO MOSTRA QUE 90% DOS ALFENENSES QUEREM VOTAR PARA PRESIDENTE. LÍDERES NACIONAIS E DA REGIÃO ESTARÃO PRESENTES NO COMÍCIO DO DIA 16 DE MARÇO. LEIA TUDO SOBRE AS DIRETAS NA ÚLTIMA PÁGINA.

uai

Um jornal bem mineiro.

ALFENAS — ABRIL 1984

N.º 9 (3.ª FASE)

a FASE)

Cr\$ 200,00



5 mil pessoas exigem Diretas Já no comício dia 23

A PRAÇA GETOLIO VARGAS FOI PALCO DE UMA DAS MAIORES MANIFESTAÇÕES POPULARES DE SUA HISTÓRIA. ALFENAS SOMOU-SE AO RESTO DO BRASIL NA LUTA PELAS DIRETAS JÁ. PÁGINA 8.

pinho, próximo ao campo do Alfenense, havia a boate “Bico de Lacre”, com dezesseis quartos e que passou a ser a concentração dos jogadores... (...) O Juventus perdeu de quatro a zero e tinha o Mengálvio. A Ponte Preta vinha batendo em todo mundo de goleada e aqui perdeu de um a zero. O Guarani (MG) deu de um a zero com muita confusão. Mas, na segunda partida, a Cruz Preta enfiou três a zero. O Atlético Mineiro empatou em um a um; Vila Nova perdeu de quatro a zero. (...) Fala do jogo Cruz Preta 1 x Rosário Central da Argentina 0. “Logo no início do jogo, na primeira jogada do Nelsinho, o treinador mandou sinal para que dois marcassem o Nelsinho. O Rosário Central jogou na Bahia e o time ficou preso no vestiário, escondendo-se da torcida. Com o Corinthians, outra pancadaria. Em Lavras, até um jogador teve um braço fraturado. E aqui em Alfenas foram recebidos maravilhosamente”. Ainda no perreio do futebol, o *UAI* julho/1984, nº 11, *Entrevista Waldomiro Teixeira, o Mirim* que iniciou no futebol em 1944, no Fluminense (RJ) e pendurou as chuteiras com 41 anos, em 1968, quando veio para Alfenas treinar o Alfenense F. C. Também aqui, histórias e mais histórias de um tempo do futebol brasileiro e as mudanças no esporte bretão ao longo dos anos. Em diversas edições, o *UAI* trouxe reportagens sobre a situação e problemas dos bairros, e nas suas páginas *Fala o Bairro*, Santos Reis, Santa Luzia, Pinheirinho, Vista Grande, Gaspar Lopes, Vila Formosa, moradores puderam manifestar carências e necessidades do dia-a-dia nessas áreas sempre negligenciadas pelas administrações municipais. Quando 1984 chegou, o *UAI* de fevereiro, nº 8, divulgava que *Alfenas sai na frente na*

Campanha das Diretas

Já se prepara grande comício em 16 de março – Alfenas foi a primeira cidade do interior de Minas Gerais a perceber a necessidade da luta que, hoje, o Brasil inteiro trava pelas eleições diretas para presidente. Exatamente no dia 30 de dezembro de 1983 era convocada uma reunião para a Câmara de Vereadores com a intenção de se formar o comitê unitário pró-eleições diretas. Apesar da data, o comparecimento foi massivo. O salão da Câmara estava repleto. Henrique de Souza Miranda se entusiasmou com a campanha, mormente após ter participado do grande comício em São Paulo, e conta que, nessa reunião na Câmara, o vereador do PMDB, Wilson da Silveira Oliveira, foi infeliz ao dizer que o *povo brasileiro não estava preparado para eleger o presidente da República*, tese aceita e mesmo defendida por alguns, mesmo da oposição. Ouvi quieto e me emocionei. Aguardei calmamente até que

eleito indiretamente.

São Paulo. Coube aos petistas o em razão das divisões na base civil diretas nas urnas.

deleária. (João Batista Natali)

Comício em SP lotou Anhangabaú

Da Reportagem Local

Osmar Santos, então locutor esportivo da Rede Globo e animador dos comícios pelas diretas, diz no microfone que a multidão já chegou a 1,7 milhão de pessoas.

Exagero. Anos depois, o Datafolha calculou que caberiam no Anhangabaú, no tarde de 13 de abril de 1984, no máximo 400 mil pessoas.

Mas o fato é que, a dez dias da votação da emenda Dante, em nenhum momento, em cinco meses de campanha, a cidadania tem uma opção tão nobre de sua própria forma política.

São Paulo realizou seu terceiro ato público. A multidão apinhada no centro da cidade é incomparavelmente maior numerosa que os 80 mil reunidos pelo PT, em Pacaembu, em novembro do ano anterior.

"Sabíamos que iria muita gente, mas o sucesso superou qualquer expectativa", diz José Dante, na época representante do PT no Comitê Suprapartidário.

"O comício tinha fechado seus portos e o centro ficou varado. Pensei que o comício tinha fracassado. Mas o povo voltou", diz Valdemar Chibancá, representante do PMDB na Suprapartidária.

O temor de malogro levou os organizadores a planejarem um ato mais modesto que uma grande concentração popular. Querem uma passeata, entre a Sé e o Anhangabaú.



O locutor Osmar Santos

Osmar Santos - "Rica na cultura... Pimba na gerência...".
de locutor esportivo, conhecido como "o pai da matéria", tornou-se "o porta-voz" das diretas-já, apresentando os comícios da campanha em 1984. Sabia aos palmeiras em 92, como o locutor oficial do impeachment do presidente Collor.

José Sarney - Presidente nacional da Arena em 1979 e presidente do PDS de 1980 a 1984. Foi-se no PMDB em 1984 para candidatar-se a vice na chapa de Tancredino Neves. Assumiu a presidência em 1985. Em 1990 transmitiu o cargo no presidente eleito Fernando Collor do Mello.

Paulo Maluf - Concorreu à presidência da República pelo Colégio Eleitoral em 1985. Sua candidatura provocou um racha no PDS e levou à formação da Frente Liberal, que apoiou Tancredino Neves. É prefeito de São Paulo desde 1992.

Paulista reunida por João Roberto dos Reis e José Zuanetti do Grupo de Estudos de Política.

UAI - junho 1984, nº 10

OPINIÃO

Não à conciliação - diretas já

(E ASSEMBLEIA CONSTITUINTE EM 1986)

Eloésio Paulo dos Reis

O deputado federal mineiro Manoel Costa Júnior publicou recentemente trabalho de 20 páginas intitulado "Não à Conciliação - diretas já", analisando e criticando a disposição das alas conservadoras da oposição de negociar a sucessão do general Figueiredo segundo os critérios impostos pelo partido do governo e, indiretamente, pelos interesses do capital transnacional.

Ilustrado por alguns dos melhores cartunistas do país, o trabalho apresenta as razões que os setores progressistas dos partidos de oposição vêem para se colocar numa postura rígida quanto às propostas de conciliação, já no ar antes e muito mais depois da rejeição da emenda Dante de Oliveira. Nêle o deputado expõe a desconfiança e a descrença decorrente desses setores nos resultados da política de "união nacional", cujos frutos somente acarretariam "mudanças na forma de exercício do poder e não mudanças no próprio poder" e cujo prego seria um novo estabelecimento no processo de retomada da participação do povo brasileiro nas decisões sobre seu destino.

Argumentando em torno da disposição pela negociação, Manoel Costa cita o caso do PTB, que, "sobreviveu de vez ante os acentos irresistíveis de cargos e sinecuras que o apóia no Decreto-

calizações e confrontos sangrentos. Eis um trecho:

"A luta pela Independência presenciou uma singular união entre os elementos da elite agrária, da elite comercial exportadora e da nobreza burocrática nacionalizada com as camadas liberal-sindicalistas que haviam se sublevado na Insurreição Pernambucana de 1817... os objetivos que buscavam a independência eram distintos e mesmo antagônicos... José Bonifácio e o Príncipe Pedro proclamavam a "Independência Política" do Brasil, mas como reino irmão do português. E todos, como o Andrada, jamais se alistariam "debaixo das esfarrapadas bandeiras da suja e caótica democracia...". No processo da Independência brasileira prevaleceu o espírito da conciliação... Os latifundiários e os comerciantes exportadores assumiram o poder, agregando-se à nobreza burocrática... e colocaram à testa da monarquia constitucional... nada mais nada menos do que o Príncipe Pedro, regente da monarquia colonial até então".

Ao longo do texto surge vasta e bem articulada argumentação que denuncia as alianças parciais que as classes dominantes sempre fazem com as forças renovadoras da sociedade, enquanto essas alianças servem aos seus

interesses estrangeiros".
O tópico que propõe "desmanchar as manobras do regime" expõe a clara intenção do general Figueiredo e seus assessores: só implantar as eleições diretas para Presidente da República quando já tiverem armado a carne para continuar aninhando o poder também através delas.

O parlamentar mineiro propõe a derrota das manobras conciliatórias pela mobilização popular, uma vez que a grande maioria do povo brasileiro compreende que as eleições diretas podem ser o primeiro e indispensável passo para uma mudança nessa situação de miséria e subserviência que vive o nosso país. Do contrário, mais quatro (quatro...) anos de estagnação e dissipação das nossas riquezas em delírio de dos homens que realmente deveriam ser seus donos e em favor dos cada mais gordos bolsos estrangeiros, para a realização de seus doces sonhos atômicos.

O trabalho foi publicado antes da rejeição (sob medidas de emergência, etc. e tal) da emenda Dante de Oliveira pelo Congre-

Comício Diretas-já! Praça Getúlio Vargas



Arquivo: Eloésio Paulo

chegasse minha vez de falar. Então disse: (...) com todo respeito, sou obrigado a discordar, pois tanto que o povo brasileiro está preparado para votar é que votou nele, no Hesse Luiz Pereira para prefeito e em Tancredo Neves para governador de Minas Gerais. Posteriormente, na entrevista ao *UAI* de fevereiro/1984, nº 8, o vereador Wilson Silveira repensou seu posicionamento político e, perguntado sobre o tema, respondeu sou favorável às eleições diretas, não como uma saída para a crise econômica, política e social do País, mas, sim, pelo princípio da democracia. – E a campanha pelas eleições diretas? – Participo do movimento, acho válido e elogio o dinamismo com que vem sendo empreendido. Acredito que a mobilização do povo será capaz de sensibilizar os políticos do Congresso Nacional... Em página inteira, tamanho *standard*, o jornal dedicou matérias sobre o movimento e a necessidade da alteração constitucional que deveria ser aprovada por dois terços do Congresso Nacional: *Alfenas rumo às diretas – “Eu quero votar para presidente” – Multidões nas ruas – Insulto ao povo – A farsa do colégio eleitoral*. Na edição seguinte, nº 9, abril/1984, era publicado o êxito do comício: *5 mil pessoas exigem Diretas-já no comício dia 23 – A Praça Getúlio Vargas foi palco de uma das maiores manifestações populares da sua história. Alfenas somou-se ao resto do Brasil na luta pelas Diretas-já*. E a última página, mais uma vez, foi inteiramente coberta com textos sobre a necessidade da aprovação da emenda constitucional. Ao mencionar sua participação no *UAI*, Marcos de Carvalho registra que foi no jornal meu primeiro contato com a política. Os membros do *UAI* eram muito politizados, e as reuniões para discutir o jornal eram também de discussão política. Na época, não existia PT, nem PSOL, o que havia mais à esquerda era o PMDB (imaginem só!). Mas uma ala específica do PMDB, chamada de PMDB Jovem. Foi nessa onda que participamos do movimento Diretas-84 cujo ápice foi nossa ida ao comício em Belo Horizonte. Henrique de Souza Miranda faz referência à polêmica quanto à ideia de negociação com os governistas para tornar possível a aprovação da emenda Dante Oliveira (PMDB-MT): uma grande parte das lideranças sabia que devia mobilizar a sociedade e, através dessas mobilizações, negociar a aprovação com os governistas, pois os votos dos partidos de oposição não seriam suficientes. Outra visão, defendida pelo recém-fundado PT e outros partidos, pregava a não aproximação aos governistas que apoiavam a ditadura militar. Isto acontecia em Alfenas, alguns da equipe *UAI* torciam o nariz na medida em que se defendia o apoio e a aproximação com o prof. Edson Velano,



Leia e assine
"UAI"

que, por sua vez, era ligado ao vice-presidente Aureliano Chaves, que defendia as eleições diretas-já. No entanto, a movimentação política e popular, que se tornara unanimidade nacional, não foi aprovada na Câmara dos Deputados no final de abril. Marcos de Carvalho registra o desenlace da derrota: **outro evento memorável, mas este pela tristeza, foi nossa vigília no Clube XV na noite da votação do projeto das Diretas. A derrota deixou-nos a todos verdadeiramente consternados.** Quem não se decepcionou com o fracasso da campanha foi o Eloésio Paulo que, ao elencar alguns textos publicados na imprensa por aquele tempo, inclui a publicação no *UAI* junho/1984, nº 10, ***Não à conciliação – diretas já: esse artigo eu escrevi apoiando um panfleto do deputado Manoel Costa Júnior, na época daqueles comunistas infiltrados no PMDB. Ele dizia que a história do Brasil era feita de conchavos e aquele seria mais um. Foi mesmo, tanto que terminamos com um presidente que era o Sarney, não só um notório puxa-saco da ditadura como um dos seres mais deletérios que a política do Brasil conheceu.***

Parou... por quê?

Caro leitor, surpreenda-se com mais uma interrupção na vida desse jornal teimoso, persistente. Novamente, o *UAI* deixava de circular a partir de novembro/1984. Alguns motivos sempre acompanharam a vida do *UAI*, que sobrevivia sob a graça do entusiasmo e idealismo de diretores, principalmente, e colaboradores. Porém, os custos da impressão, submissos aos espasmos da inflação, eram difíceis de serem controlados. O jornal constantemente era obrigado a procurar gráficas, sempre fora de Alfenas, para ganhar vida, respirar e repousar nas mãos dos leitores. Acrescente-se a essa situação toda dificuldade de diagramação e entrega do material nas oficinas. Nem sempre também a publicidade cobria devidamente os custos administrativos obrigatórios por lei. Em 1983, na edição de julho, nº 3, aparecia no expediente o nome da Editora Minas-Uai, responsável doravante pela edição, por obra e empenho do Domingos de Abreu Miranda, idealizador e sustentáculo do *UAI* em toda situação jornalística, moral e referência, e ele historia: **antes de sair o primeiro número do *UAI* (outubro 1977) procurei me resguardar legalmente e registrei o nome do jornal no Cartório de Títulos e Documentos e de Pessoas Jurídicas. O nome deveria ser Editora Minas, tínhamos até um logotipo. Enviamos para Belo Horizonte para ser registrada e o funcionário acabou colocando no nome da editora o Uai. Como já estava**

março 1986

A CRUZADA

Gildo José de Lima

Primeiro ato
Dia: 27 de fevereiro
Ano: 1986 de Nosso Senhor Jesus Cristo
Hora: de tarde
Edição: extraordinária
Veículo: Rede Globo
Cenário: Terra de Santa Cruz
Locutor: repórter nervoso, apavorado
Eu: matutando:

O governo cortou três zeros do cruzeiro, criando o cruzado. Cruzes, me afanaram os zeros! O zero, tão singular, tinha virado plural e não valia mais nada. Incrível! Filósofo. Cruz credo, Ave Maria. Já tinham afanado o «Ave Maria» do Godard. Só sobrou (sossobrou) o credo. Credo!!! Ocreio, Mas então criaram o cruzado? Mas já não existia? Como é que criam alguma coisa que já existe? Cruzado de direita: atinge a esquerda do adversário. Cruzado de esquerda: atinge o lado direito do adversário. Será que o cruzado é de direita ou de esquerda? Mas esta Nova República já estava quase nocauteada já nos primeiros assaltos. Vivia levando cruzados de todos os lados... O lado esquerdo já estava caindo aos pedaços. Que coisa, hem? É o último assalto, sem dúvida. E quem

cruzado: soldado: povo convocado, inimigo: maquininha diabólica de remarcação. Espada: denúncia. Cruz: credo. Depende da fé, creio. Sucesso: será do bolso, do país e do soldado (povo). Derrotado: especulação e inflação. Sacrifício do soldado: salário congelado.

Cena 2: Funaro explica, E escudeiro do rei. Tá bem explicado. Entendi. Outros ministros sentados a direita pareciam abobalhados com a corte. Era interessante.

Terceiro ato
Dia: 28 de fevereiro
Ano: 1986 de Nosso Senhor Jesus Cristo
Hora: antes da novela das oito
Edição: normal
Veículo: Rede Globo
Cenário: Brasil
Locutor: Repórter maquiado, entusiasmado e feliz
Eu: vendo a ouvindo

O povo estava nos supermercados fiscalizando, quase miudando, quase fechando, às vezes quebra quebrando. Era cruzada mesmo. Os cruzados estavam em todos os lugares defendendo o salário celestial de geladeira contra o jogo infernal da inflação. Parecia verdade. Era difícil acreditar... Idade Média de volta? Não. O povo aceitou a guerra e se alistou. É a guerra santa. Está nas ruas e em todo o lugar. Na Jerusalém do inimigo. Procurando defender o pouco ouro do bolso e por tabela fazendo o sucesso do rei, Samey.

UAI - março 1986, nº 20

as medidas econômicas

Cartilha do Banco Central orienta sobre Cruzados

Para orientar os consumidores brasileiros sobre como proceder com o novo sistema monetário, o Banco Central distribuiu uma cartilha, que contém dados sobre as adaptações a serem feitas por quem trabalha com caderneta de poupança, aluguel, salários, etc. Publicamos a íntegra da cartilha, para que os leitores guardem e apliquem, a seguir:

1 - Por que a estabilização de preços

O Programa de estabilização tem por objetivo eliminar a inflação e manter o poder aquisitivo da moeda.

Com a inflação alta, todos sentimos que a cada dia o nosso dinheiro e o nosso salário compram cada vez menos. Os reajustes e os aumentos salariais, ainda que realizados em períodos cada vez mais curtos, não defendem o poder de compra da população.

No caso da inflação brasileira recente, todos nós tentamos recompor nosso poder aquisitivo, em uma corrida sem fim entre preços e salários. A inflação é o resultado desse jogo em que todos perdem, especialmente os assalariados.

se encontram protegidos da inflação pela utilização da ORTN como padrão monetário. Por exemplo, as aplicações em cadernetas de poupança têm seu valor corrigido todo mês pela inflação ocorrida. Já os salários e outros preços não têm a mesma proteção.

A nova moeda que o governo está criando, o cruzado, tem valor constante em comparação com a ORTN. E nessa moeda que serão denominados todos os preços da economia - tanto as rendas do capital quanto do trabalho. Assim, o governo está fixando a paridade entre o cruzado e a ORTN.

Os preços vão se manter estáveis em cruzados, que é a nova moeda forte. Até à impressão das novas notas de cruzados, as notas antigas da velha moeda,

converterão para você trocar os cruzeiros de sua prestação para a nova moeda. Você vai então notar a vantagem de uma moeda estável, pois a cada prestação que tiver que pagar você vai desembolsar uma quantidade menor de cruzados.

Mas não será esta a única surpresa agradável que você terá depois da criação do cruzado e do início do Programa de Estabilização de Preços. Vamos explicar como vai ser seu dia-a-dia nestes novos tempos.

Você e seu dinheiro

A partir do dia 1.º de março, todo dinheiro que você tem, representado pelas notas do velho cruzeiro, continuará a ter valor. Bastará você cortar três zeros do número de cruzeiros para saber quantos

feito, deixamos assim – Editora Minas-Uai. Percebemos, neste momento, que a continuidade do mensário dependia de gráfica própria, cuja renda comercial cobrisse os custos do papel e da impressão. Domingos foi acionado em São Paulo, campeou prensa e instrumentos e, enquanto por alguns meses ficávamos órfãos do jornal, papelório de constituição da Alfegráfica Ltda era providenciado. Em tamanho tabloide, 0,32cm x 0,23, nanico, *UAI* retornava à circulação sete meses depois, em junho/1985. Enquanto isso, o mundo girava, o Brasil girandolava e Alfenas alfenava vida alfenante (perdão, Jovany, por tão modestas construções semânticas). Nos sete meses de interrupção, os tambores da eleição indireta para presidente da República ruflaram até janeiro/1985, tubas cadenciaram o som melancólico da agonia do civil presidente Tancredo eleito, folhas-de-flandres agitaram inquietude com Sarney José presidente deste País altaneiro de sonhos e aspirações, atolado em dívidas, poucos bilhões de dólares de reservas e inflação campeando pra lá de duzentos por cento ao ano... **foge, povo/passa ponte/ passa pasto/ passa boi/ passa boiada/ passa galho/ de ingazeira/ debruçada/ no riacho/ que vontade/...** de acreditar que o pesadelo vai acabar, e este Brasil trem de ferro/Maria fumaça... **agora sim... Virge Maria que foi isso maquinista...**

Plano Cruzado

Foi naquele fevereiro de 1986, bem no final, que **o governo cortou três zeros do cruzeiro, criando o cruzado. Cruzes, me afanaram os zeros! O zero, tão singular, tinha virado plural e não valia mais nada. Incrível!** Foi assim, na crônica **A Cruzada**, a reação do Gildo José de Lima, irônica, sarcástica, no *UAI* nº 20, março/1986, com o lançamento do **Plano Cruzado**, que congelou preços e salários. Assustados, na virada de um dia para o outro, os brasileiros passaram a viver e conviver com uma nova realidade, convocados todos para enfrentar a inflação destemida e vencê-la por decreto. Quem viveu tempos do plano Cruzado, vamos lembrar rapidamente?, percebeu esperança na nova realidade econômica e assistiu a um embate atabalhado da sociedade contra aumento de preços, repressão, denúncias, organização e tentativas de e para que o plano funcionasse. No editorial de março/1986, nº 20, o *UAI* apoiava as medidas impostas pelo governo, destacava o envolvimento do povo no apoio às medidas econômicas e publicava: **Cartilha do Banco Central orienta sobre Cruzados**. No entanto, na edição seguinte, março (?)/1986, nº 21, o editorial **Muito estranho** mencionava a importância da fiscalização dos preços, **o pacote econômico congelou salários e preços.**

UAI

Um jornal bem mineiro.

ALFENAS-MG, MARÇO DE 1986

N. 21 (3.a FASE)

MUITO ESTRANHO

CARO LEITOR:

Na edição anterior o UAI afirmava que o brasileiro iria perceber rapidamente o quanto é desorganizado. Esta desorganização é fruto de toda uma História, principalmente do período mais recente quando tivemos mais de 20 anos de arbítrio.

Este pacote econômico baixado pelo decreto 2.283 exige, para a sua fiscalização, uma grande vontade popular e também uma organização deste povo. A vontade popular não tem falta, como demonstram os noticiários. O consumidor mais esclarecido tem exigido os seus direitos no que se refere ao tabelamento e congelamento de preços. O grande problema se encontra na periferia, que abriga as camadas mais pobres e na maioria das vezes menos esclarecidas. A maioria dos analfabetos é aí que se encontra. Eles não conseguem nem ler as listas da SUNAB.

O pacote econômico congelou salários e preços. Todos sabemos como é fácil controlar salários. O mesmo não podemos dizer dos preços. O próprio Presidente pediu ajuda à população para que este controle fosse feito. E para isto ele ofereceu a retaguarda de organismos oficiais como a SUNAB, vários ministérios, as polícias civil e militar, os governos estaduais e as prefeituras.

Em Alfenas não contamos com a SUNAB e contamos com pouquíssimos órgãos federais, como o Ministério do Trabalho que está atuando e a Administração Fazendária do Estado que teve autorização para começar a agir a partir do dia 24 último. A Prefeitura criou o CONDECON (Cons. de Defesa do Consumidor) que entrou em atividade recentemente. Restava ao povo apelar para as polícias, nos casos de irregularidades. A PM, através do Capitão

Davi, não tem se negado a ajudar os reclamantes. A Polícia Civil no entanto tem apresentado um comportamento no mínimo estranho. O delegado Dr. Orlando Antunes, presente em uma das assembleias do Movimento de Defesa do Consumidor, alegou que o decreto presidencial não havia sido regulamentado e por isso não podia agir. Estranhamos esta atitude uma vez que a lei n. 1521 de 26.12.1951 garante esta legalidade. Estranhamos mais ainda porque a legalidade nem sempre foi o forte do Dr. Orlando. Em 19.05.1980 ele agiu ilegalmente ao prender o diretor e vários membros ligados ao jornal UAI.

Estranhamos que este delegado tenha declarado ao Jornal dos Lagos que o povo vai desanimar. Sabemos que o sucesso esperado pelo presidente Sarney depende do ânimo do povo. No mínimo o sr. delegado está em dissonância com o Pres. da República, autoridade máxima.

Estranhamos que quando um «fiscal do Sarney» comunica à Delegacia a irregularidade de alguns preços, o referido preço é mudado antes que a polícia chegue, evitando assim o flagrante.

Estranhamos que algumas 'donas de casa desta cidade tenham recebido sugestões do mesmo delegado para que abandonassem a fiscalização sob o argumento de que o poder econômico neste país sempre dominou.

Estranhamos ainda que quando a polícia civil começou a atuar infratraz, isto ocorreu na maioria das vezes com pequenos comerciantes.

Estranhamos que, aos olhos da população, o delegado esteja mais próximo de alguns comerciantes que revitentemente não querem cumprir a lei quando deveria estar ao lado da mesma.

Aguardamos uma ação mais coerente da sr. Delegado Regional Dr. Orlando Antunes, para que não continuemos achando tudo muito estranho.

A Luta a Inflação

Mulher trabalhadora Encontro

ENTREVISTA

Andre Montalvão da FETAEMG

UAI LITERÁRIA a literatura

Donas de Casa Fundam sua Associação

Em reunião realizada terça-feira, no teatro municipal, com a presença da presidente das Donas de Casa, Lucía Pacifico Homem, a casa de Alfenas fundará

A ideia vinha amadurecendo desde que começou a luta por preços, em função do que as donas de casa sentiram necessidade de se organizarem para a participação na luta mais efetiva.

Finalmente, terça-feira, fundaram sua associação.

Todos sabemos como é fácil controlar salários. O mesmo não podemos dizer dos preços. O próprio Presidente pediu ajuda à população para que esse controle fosse feito. E para isto ele ofereceu a retaguarda de organismos oficiais como a Sunab, vários ministérios, as polícias civil e militar, os governos estaduais e as prefeituras. Nos parágrafos seguintes, o editorial destacava importância e necessidade das ações policiais para coibir desrespeito ao congelamento e se apresentar como retaguarda dos cidadãos no combate ao aumento dos preços. Porém... todavia... contudo... após enaltecer a atuação da polícia militar, o jornal destacou: **Muito estranho: a Polícia Civil, no entanto, tem apresentado um comportamento no mínimo estranho. O delegado, Dr. Orlando Antunes, presente em uma das assembleias do Movimento de Defesa do Consumidor, alegou que o decreto presidencial não havia sido regulamentado e por isso não podia agir.** E mais parágrafos de questionamentos: **estranhamos que algumas donas de casa desta cidade tenham recebido sugestões do mesmo delegado para que abandonassem a fiscalização sob o argumento de que o poder econômico neste país sempre dominou. Estranhamos ainda que quando a polícia civil começou a autuar infratores, isto ocorreu na maioria das vezes com pequenos comerciantes. Estranhamos que, aos olhos da população, o delegado esteja mais próximo de alguns comerciantes que renitentemente não querem cumprir a lei quando deveria estar ao lado dela.** Na edição de 19/04/1986, o *Jornal dos Lagos* publicava ***Delegado regional acha críticas infundadas: Segundo o delegado regional Orlando Antunes de Oliveira, “a Polícia está funcionando normalmente e as queixas são muitas, mas algumas delas não são procedentes...”*** (...) **“Pessoas com o espírito imbuído de querer anarquizar”**, assim é como se expressa dr. Orlando sobre quem o critica. (...) Ele considera as críticas que vem recebendo como perseguição pessoal e revanchismo, aliado a recalque e **“atraso jornalístico”**, explicando que, em 1980, por determinação do então ministro da Justiça, Armando Falcão, a Polícia tinha a incumbência, em todo o País, de coibir a infiltração de **“agitadores”** na comemoração do 1º de Maio, Dia do Trabalhador. Uma semana depois, o *Jornal dos Lagos*, na edição de 26/04/1986, na página *Do Leitor*, publicava carta da equipe do *UAI* rebatendo críticas do dr. Orlando Antunes, corrige o nome do Ministro da Justiça à época, Ibraim Abi Ackel, e não Armando Falcão: **Na reportagem ele cita o jornal “UAI” como o órgão que intencionalmente fez-lhe críticas com o objetivo de desestabilizá-lo na cidade (isso só fica claro para quem ouviu a entrevista da Rádio Atenas. Na reportagem do “JORNAL DOS LAGOS” o nome “UAI”**

Delegado regional acha críticas infundadas

O congelamento de preços decretado pelo governo federal no final do mês de fevereiro vem provocando em Alfenas uma insatisfação generalizada por parte da população, principalmente das donas-de-casa, quanto à ação prática contra os comerciantes infratores. A Polícia Civil, particularmente o delegado regional, Orlando Antunes de Oliveira, vem sendo criticado e acusado de omissão nos casos de autuações a grandes comerciantes da cidade.

Segundo o delegado regional Orlando Antunes de Oliveira, a Polícia está funcionando normalmente e as queixas são muitas, mas algumas delas não são procedentes, portando sem subsídios necessários para que se possa autuar o estabelecimento. O delegado diz que já foram feitas 12 autuações em Alfenas mas não cabe à Polícia efetuar a multa, o que já é de responsabilidade da Justiça, segundo os policiais "apenas criminalmente". Este fato poderia ser apontado como o causador das críticas dirigidas à Polícia Civil e ao delegado, mas, segundo ele declarou, isto não ocorre porque na verdade as pessoas estão criticando "ou por ignorância ou por que estão sendo insufladas por ter

lhador.

Na ocasião alguns elementos ligados à imprensa local foram impedidos de falar aos trabalhadores além de serem retirados do local, segundo o delegado. Ele disse ainda que suas declarações ao Jornal dos Lagos quanto à atuação da Polícia na fiscalização do congelamento foram "taxativamente distorcidas" pelo jornal a que esses elementos estão ligados, tomando na mão o que ele havia dito de positivo. A Polícia não mudará seu ritmo de ação, dando continuidade à fiscalização com o mesmo zelo e dedicação para autuar quem realmente estiver enquadrado e também liberando e orientando aqueles que porventura foram denunciados e não foram objeto de autuação, segundo disse o delegado.

"Uma notícia saída de âmbito nacional, que esclarecesse a população o real papel da Polícia nos casos de autuação, poderia ser útil para evitar críticas infundadas como vem ocorrendo", declarou o delegado. Ele



O J

afirmar sempre ocorre da em midor ção, de qu ontas DESP. ra re; assum estão tí oc do ob, estare o que clarec. Ele da que

na e "não seria reporta- e representantes

Senhor Diretor,

O "JORNAL DOS LAGOS" traz, em sua edição do dia 9 deste, matéria onde dr. Orlando Antunes, delegado regional, refuta críticas feitas à sua atuação em relação ao peço econômico.

Na reportagem ele cita o jornal "UAI" como o órgão que intencionalmente fez-lhe críticas com o objetivo de desestabilizá-lo na cidade (isto só fica claro para quem ouviu a entrevista da Rádio Atenas. Na reportagem do "JORNAL DOS LAGOS" o nome "UAI" é suprimido).

Acusa elementos ligados ao jornal de revanchistas e recalca e diz que isto se deve ao fato de ter prendido em 1980, no primeiro de maio, pessoas do jornal e informa que tinha esta incumbência do Ministro da Justiça Armando Falcão. Gostariamos de lembrar que o Ministro da Justiça na época era Ibrahim Ibi Ackel.

Dito isto, gostaríamos de fazer alguns reparos às colocações feitas pelo Delegado Regional, dr. Orlando Antunes. Achemos correta a refutação de críticas que, a critério de cada um, são consideradas injustas. Esta é uma garantia das democracias. Estamos vivendo em uma. Porém não concordamos que as críticas e as refutações sejam colocadas sem fundamento e sem embasamento.

Sabemos discernir bem o nosso papel de profissionais, jornalistas e cidadãos. Não negamos a nenhuma a nossa ligação com o "UAI", assim como não ne

gamos nossas vinculações políticas. Somos do PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro, estamos em seu diretório, ocupamos postos na sua direção, além de sermos delegados à convenção regional. Contudo repudiamos a pecha de revanchistas. O passado para nós é uma referência histórica. Nunca um ponto a ser sanado.

A prova maior disso é que o nosso partido ganhou as eleições de 1982 em Alfenas e no Estado e jamais pedimos a renção de quem quer que seja, embora pudéssemos fazê-lo. Esta, todavia, não é nossa prática.

Queremos a democracia no sentido mais amplo. A democracia do direito, do respeito às leis, da participação e a democracia econômica, com liberdade. Alguns passos já damos. Temos consciência de que muitos ainda terão que ser dados.

As críticas veiculadas pelo nosso jornal de março de 1986 constam do editorial "Mito Estranho" (conforme exemplar anexo). Nada mais há que confirme o fato de termos desvirtuado reportagem do "JORNAL DOS LAGOS". Tudo o que cremos estão nas páginas do "UAI".

Não estamos contra pessoas, mas nos reservamos o direito, como cidadãos que pagam impostos, de questionar, de estranhar, as atitudes das autoridades. Ainda mais que vislumbramos uma chance de acabar com a inflação, com a especulação, e, de sobra, eliminar

a corrupção, que sempre cercaram estas hazelas da vida nacional.

Atenciosamente,

pela equipe do UAI: Carlos Alberto Alves, Glido José de Lima, Antônio Teodoro Filho e João Luiz Lucardi.

UAI - junho 1986, nº 23

CIDADE

Partido e Entidades lançam Candidato com Propostas

Já está nas ruas a campanha do professor Antônio Teodoro Filho (Toninho), candidato do PT (Partido dos Trabalhadores) e do movimento de organização popular de Alfenas. A candidatura nasceu da necessidade de Alfenas e as cidades vizinhas terem um candidato realmente identificado com seus interesses e necessidades.

O que Acontece

Cerca de 30

Toninho começou sua militância em

é suprimido). (...) Sabemos discernir bem o nosso papel de profissionais, jornalistas e cidadãos. Não negamos a ninguém a nossa ligação com o “UAI”, assim como não negamos nossas vinculações políticas. Somos do PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro, estamos em seu Diretório, ocupamos postos na sua direção, além de sermos delegados à convenção regional. Contudo repudiamos a pecha de revanchistas. O passado para nós é uma referência histórica. Nunca um ponto a ser sanado. (...) Não estamos contra pessoas, mas nos reservamos o direito, como cidadãos que pagam impostos, de questionar, de estranhar, as atitudes das autoridades. Gildo José de Lima lembra a imagem do editorial do *UAI* no Jornal Nacional e afirma: **nesse período, sofreremos diversas perseguições**. Na edição de maio/1986, nº 22, reportagem do *UAI* - *Em Alfenas o Pacote Econômico vai mal* – descrevia os problemas para a sobrevivência do Plano Cruzado, situação que se reproduzia pelo Brasil: **A política econômica do governo e o bolso do consumidor têm sido vítimas de dois grandes crimes: a sonegação de nota fiscal e a majoração dos preços,...** Retornamos ao Gildo José de Lima, que deu início a este parágrafo com a crônica ***A Cruzada***, na qual descreve três cenários imaginários, históricos, e reproduzimos o terceiro e último ato: **O povo estava nos supermercados fiscalizando, quase multando, quase fechando, às vezes quebra-quebrando. Era cruzada mesmo. Os cruzados estavam em todos os lugares, defendendo o salário celestial de geladeira contra o jogo infernal da inflação. Parecia verdade. Era difícil acreditar... Idade Média de volta? Não. O povo aceitou a guerra e se alistou. É a guerra santa. Está nas ruas e em todo o lugar. Na Jerusalém do inimigo. Procurando defender o pouco ouro do bolso e por tabela fazendo o sucesso do rei, Sarney.** Aos poucos, o Plano Cruzado foi rodopiando, mercadorias em falta nas prateleiras do comércio, gado sumindo do pasto, atritos, críticas... houve um tempo, e outro ainda viria, em que se enfrentava a inflação com imagens na televisão e ações bombásticas, corajosas, impiedosas, “doa a quem doer”...

Habemus candidato

Partido e Entidades lançam candidato com propostas – com essa manchete, o *UAI* junho/1986, nº 23, anunciava a presença de Antônio Teodoro Filho como candidato a deputado estadual na eleição em novembro/1986, escolhido pelo PT e o movimento de organização popular de Alfenas. Antônio Teodoro era filiado ao PMDB, foi entusiasta condutor do comício pelas Diretas-já na praça Getúlio Vargas, deixou o partido, **esse**

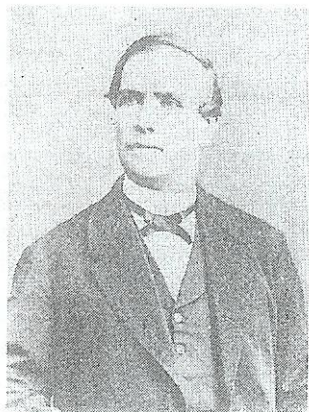
Retrato do Brasil nº 26, pág. 307
POLÍTICA/HISTÓRIA: a interpretação oficial da história brasileira

Apologia do poder

Escrita geralmente sob o ponto de vista do elitismo e do reacionarismo, a história do Brasil começa, nos anos 80, a superar a mentira e o crioulo doido

As vítimas prediletas do impiedoso reacionarismo de nossa educação histórica são as crianças. Em muitas escolas brasileiras, talvez a maioria, elas ainda aprendem que os índios de Pindorama eram "preguiçosos" porque se recusavam à escravidão; ou que dom Pedro proclamou a Independência porque era "romântico e arrebatado"; ou que a princesa Isabel deu de presente a abolição da escravatura; ou que Getúlio Vargas "inventou" os sindicatos e os deu de presente aos trabalhadores.

Mas a pobre criança que, ao crescer, quiser verificar se tudo o que aprendeu não era mentira, terá também dificuldades: se se meter à árdua tarefa de abater os milhares de páginas da *História do Brasil* de Rocha Pombo, vai encontrar uma maçaroca imensa de fatos e datas, poucas explicações e a persistente ideologia oficialista de que a



Ata da Reunião do PT
realizada no vitico
em frente à casa
aos onze (11) de Novembro
de 1981 (dia da "Voluntariedade")
Presentes: Antônio Lima,
José Arnaldo, César,
Hilário, Walfrido F.,
Otávio Bomba e o
Presidente (eventual)
do Diretório de Alfenas
Guilherme Barbosa (GB)
Iniciada a Reunião às
20 horas + ou -, pediu
a palavra o companheiro
José Arnaldo para
falar da candidatura de

PMDB que eu vejo hoje não é aquele que eu já defendi, não tem mais a mesma bandeira, juntou-se ao PT. Carlos Alberto Alves era vice-presidente do PMDB-Alfenas e participava na organização do movimento popular: a nossa oligarquia não deu ouvidos a ninguém, procurou mandar sozinha. A prática da divisão em “feudos” predominou. Em área tal, manda sicrano, na outra manda beltrano. E vamos tocar o barco, que pode ser só quatro anos (UAI-junho/1986). E ele conta que minha casa era a sede da oposição e das reuniões “inconfidentes”. Fizemos muitas reuniões ali na rua Tiradentes. Olha aí o nome da rua. No entanto, havia um motivo fundamental para que se lançasse uma candidatura de oposição. José Wurtemberg Manso era candidato e sua vitória, inadmissível, uma afronta aos valores éticos a que a sociedade alfenense aspirava. No editorial, UAI julho/agosto-1986, a falta de ideologia e princípios do candidato: **Em Alfenas, observamos a dança do Beg, saindo do PDS, namorando o PFL, filiando-se ao PMDB, e enfim voltando ao PDS... Na mesma edição, na coluna *Curtas*, **Eis que Alfenas corre o risco de eleger um homem que quer apenas se arrumar na vida – repete-se o giro partidário e termina: Tudo isso em cerca de um mês. Os alfenenses não merecem passar essa vergonha.** Na realidade, a candidatura do Antônio Teodoro visava colocar obstáculos à eleição de José Wurtemberg Manso, retirar-lhe votos que pudessem ser necessários. **Era uma articulação para derrotar o Beg. Tivemos sucesso. O Toninho foi muito guerreiro. Acho que até em alguns momentos ele acreditou que daria para vencer. Mas não soubemos dosar. Ali, tinha que ter nascido uma candidatura para o próximo pleito, as eleições municipais. Perdemos o bonde da história e o nosso grupo desarticulou-se,** analisa Carlos Alberto Alves. Eloésio Paulo detalha aquele momento após desfiliar-se do PMDB e se tornar presidente do PT: **Para o nosso pessoal, e nessa época eu já estava bem engajado no UAI, isso seria uma derrota e um desastre. Fizemos um protesto na Câmara contra a admissão do Beg no PMDB, pedi para rasgarem minha ficha de filiação. Fizemos algumas reuniões na casa do Gildo, ou uma só, não lembro, e concluímos que a gente deveria lançar um candidato. A escolha recaiu sobre o Toninho Teodoro, um cara novo, professor, com imagem boa, a antítese perfeita de um ex-prefeito que todo mundo considerava ladrão. Acontece que a candidatura deveria ser pelo PT, e o pessoal do PT era meio brigão. Por isso vieram atrás de mim, o Lito e o Petrônio (Martelli) me convidar para entrar no PT, e então eles fariam uma eleição e eu seria presidente. Eu não tinha****

UAI - outubro 1983, nº 5

As azzas do André

GILDO

Dizia-se anfibio, o estranho animal. Na água chegou a coronel e não a almirante como era de se esperar. Construiu pontes uma sobre o mar. Litou ex-capital de estado a ex-capital federal. Singrou mares de águas claras e pescou em águas turvas. Viu tubarões e se transformou num deles. Comeu peixes pequenos e inocentes. Jogou gente ao mar para outros peixes comerem. Fingiu que não viu e não deixou que publicasse. Construiu sua mansão à beira da bafa, no pé da ponte. Bronzeou-se qual marinho de longas viagens. Seus olhos azuis apareceram no meio da tez queimada e queria ser Presidente. Conquistou os votos femininos mas não os fardados.

A coroa inglesa, não a rainha, financiou a aventura. Recebe em pedágio a perder de vista. O povo continua atravessando a bafa como sempre fez: de barca.

Mudou a paisagem. Antes o mar era maior. O sol se punha mergulhando nele. Agora a ponte partiu o mar, e, o sol se esconde antes da hora mostrando a sombra de concreto trando a sombra de concreto nas águas poluídas.

A noite, a ponte iluminada, une as duas cidades, que con-

tinuam destitidas pela própria história.

Ele mandou publicar que o monumento custou US\$ um bilhão. Alguns jornais da época falaram em US\$ dez bilhões. Se for verdade, onde está a diferença?

Em terra, foi do exército. Chegou a ministro. Construiu estradas, destruiu matas, entupiu estradas, não plantou matas. Queria que os nordestinos fossem buscar água no Amazonas e que os índios fossem tomar sol no seco sertão. Ele mesmo só cruzou o norte nos jatinhos especiais. A estrada seria para outros aventureiros menores, famintos, sedentos, sobreviventes. Não tinha povo para seguir pela estrada. Esta foi arumando pela enxurrada tropical. A mata de Deus e dos nativos foi se reaprumando, reconquistando o terreno perdido pelas misteriosas máquinas. Muitas dessas máquinas, dizem que centenas, outros, que milhares, sumiram nos aguçados sombrios e turvos não fiscalizados. O povo pagou, a fiação, está pagando. Caro, com juros, correção monetária e em dólares.

Agora, liga Brasília ao Nordeste no jatinho do povo. Falou em levar o São Francisco

mais para o meio do sertão. Tá certo que este Santo gostava de pobre, mas não consta que chegasse a tanto, ainda mais com o dinheiro do povo.

Não pôde usar os afogados do sul para autopromoção. O Presidente em exercício, que como bom marinho e presidenteável, não é bobo.

Tá certo que o país está afundando. O Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Sul do Paraná já sentiram água no queixo. Mas aparecer um ministro para fazer onda, numa hora daquela, era demais.

Dizem até que é o preferido do Presidente. Um ex-presidente não quer vê-lo nem pintado. Por que será? Da o ex-presidente, não faz aliança até com o diabo (Maíuf) para não vê-lo administrando a já combalida nação.

O povo que comprou a ilusão da casa própria está financiando a compra do Colégio Eleitoral com os 130% de aumento.

Civil? Desde quando? continua um militar à paisana. Só a Salomé mesmo para se spaxionar por tal anfibio monstruoso.

Se cortarem logo as azzas do André vai sobrar mais dinheiro para a saúde, educação e habitação.

Presidente tem que ser por eleição e não por corrupção.

UAI - abril 1984, nº 9

A luta dos professores mineiros pela dignidade

No dia 29 de março os professores, em Assembleia Geral, resolveram parar as aulas em protesto, pois suas reivindicações, feitas já há algum tempo, não obtinham nenhuma resposta por parte do governo estadual.

O que no início parecia uma coisa localizada em Belo Horizonte se alastrou por todo o Estado sendo que o quadro final foi o seguinte: 210 cidades com escolas paralisadas, totalizando mais de 2.300 escolas e 130.000 trabalhadores em greve.

Em Alfenas foram realizadas Assembleias a partir do dia 30/03, onde as escolas paulatinamente foram aderindo à greve. Num ambiente altamente democrático os professores mineiros fizeram sua opção de lutar por 100% de aumento para todos, democracia nas escolas, com eleições para diretor, estabilidade no emprego para os contratados, 130% salário, mais verbas para a escola, acesso na carreira, progressão horizontal (promoção de 8 em 3 anos),

Desenho de Zéquin Vasquez



conclusão magoada do pessoal do magistério. E continuaram

mos seres humanos, não nos cabe tal mentalidade", é a algum partido político". — Nos explica a professora Maria Helena, "pois sabemos que o momento é difícil, tanto é que o professorado está disposto a aceitar a proposta salarial do governo, desde que ele prove que não pode nos pagar mais", concluiu.

"É difícil separar o econômico do político, mas sabemos separar as questões de interesse partidário das reivindicações da categoria" — afirma uma professora.

Realmente é importante que o professorado tenha esta clareza de identificar que as maelas da economia do Estado de Minas Gerais, não têm origem no governo Tancredo Neves que, inclusive, aproveitou a ocasião para alertar as autoridades Federais para a necessidade premente de uma reforma tributária, onde os Estados teriam maior autonomia para resolver seus problemas.

Além disso uma greve dos professores realizada a âmbito

reuniu-se quinta-feira, 12/04, já com a decisão de voltar às aulas na sexta-feira, para avallar o movimento.

Num clima de solidariedade, mesmo para com as escolas que não haviam aderido, os professores destacaram os pontos positivos e os negativos, numa análise sincera do desempenho de todos no movimento parafidista.

Ao final e trocando abraços os professores regoziziaram-se por estarem vivendo num ambiente democrático, nem de longe lembrou-se da tensão e repressão dos governos bionicos, sem a sagração do voto popular. Numa feliz intervenção o prof. Gildo José de Lima, presidente da Comissão Municipal de Ensino, destacou "o momento de reconstrução democrática que vivemos" e do quanto é importante a participação de todos nessa tarefa.

A democracia foi evidenciada na sensibilidade do prefeito Hesse Luiz Pereira, que pediu o teatro Municipal pa-

muita vocação partidária, mas aceitei. Ele não se elegeu, mas parece que atrapalhou um pouco o Beg.

Descansemos um cadinho, caro leitor, das movimentações da cidade dos lagos. Lancemos o olhar para as paragens de Minas, para os contornos geográficos desta terra descoberta por Cabral, possuída por Portugal e subordinada aos *yankees* como vociferavam rebeldes e inconformados de algumas dezenas de anos passados. Para rápida retornância, pedimos licença ao Gildo, o Gildo José de Lima, que permeou inúmeras edições do *UAI* com suas crônicas políticas objetivamente irônicas, matreiras, agradáveis ao intelecto e ao humor. Pinçamos em ***O nosso governador***, *UAI* nº 1, abril 1983, a premonição do cronista: **Tancredo presidente? Por que não? É um dos nomes de maior peso no cenário político nacional. Nesses últimos meses, devolveu à classe política mineira aquele prestígio que lhe tinha sido usurpado nestas duas décadas. Tancredo devolveu a Minas o prestígio, a competência política, o peso, a esperança. Tudo isso em meio a um desespero geral, a um FMI nos vigiando, a uma dívida externa sem precedentes, intransponível.** Gildo recorda, a respeito dessa publicação, que a **sucessão presidencial tinha que passar por Minas. Amigo de Três Corações me escreveu, espinafrando o meu artigo, classificando-o de reacionário. Expliquei-lhe que não era meu desejo ver o Tancredo na presidência, mas o resultado natural de uma análise da conjuntura política do momento.** No *UAI* outubro/1983, nº 5, em ***As Azzas do André***, Gildo detona Mário Andreazza, coronel reformado da Aeronáutica, ex-ministro dos Transportes quando se construiu a ponte Rio-Niterói, que pretendia eleger-se presidente da República com as bênçãos do colégio eleitoral. E mais gente a manifestar-se: **Um cunhado que trabalhava no Serpro, em Brasília, me telefonou apavorado, alertando, que eu estava mexendo com gente grossa.** No segundo semestre de 1985, grande terremoto atingiu o México, devastou a capital. Em ***Por falar em terremoto***, Gildo escreveu: **Bastou a terra tremer no México e já apareceram mil vozes sugerindo o perdão da dívida externa daquele País. Concordei. Afinal de contas este terremoto foi um dos grandes, devastando uma das maiores cidades do mundo. (...) Os banqueiros internacionais têm que compreender que terremoto não é todo dia que tem e muito menos naquelas proporções. Portanto nos ouçam, banqueiros, perdoem a dívida daquela sacrificada nação. (...) Aqui não tem terremoto? Como não? E o Delfim Neto? Se aquilo não foi um terremoto, nada é terremoto. O homem estraçalhou este País com sua política de endivida-**

Os 30 anos de criação da Petrobrás

"Petróleo é nosso", página esquecida da História

Em 3 de outubro de 1953, o desenlace da mais importante manifestação popular de que se tem notícia no País

LUIS MASSIH

Há trinta anos chegou ao final, por vitoriosa, a mais importante manifestação popular da história do Brasil. Mais simples do que a Abolição, mais representativa do que a Proclamação da República, a Campanha do "petróleo é nosso" conseguiu mobilizar durante cinco anos seguidos — de 1948 a 1953 — militares, estudantes, operários, intelectuais, donas-de-casa, comunistas, conservadores, reunidos em torno da genérica denominação de "nacionalistas".

A campanha começou a tomar forma nos jornais alternativos da época. Extravagava para o espaço urbano e militar. Ganhou as ruas e, a partir daí, conquistou o Congresso. A vitória foi sacramentada a 3 de outubro de 1953, com a aprovação do projeto de lei 200, criando a Petrobrás e instituindo o monopólio estatal do petróleo.

Depois dela, o Brasil nunca mais se ria o mesmo. E não propriamente em função de Petrobrás. Naquele cinco



Foto: Zeno de Azevedo

Um sucesso garantido pelo monopólio total

A tese Floria Barbosa, que originou a campanha pela criação da Petrobrás, previa o monopólio em todas as fases da indústria petrolífera — da distribuição à prospecção e lavra. A lógica do general era simples: com os lucros provenientes da distribuição, a Petrobrás poderia investir na pesquisa, dando mais peso ao desenvolvimento de que às empresas privadas.

Trinta anos depois, contudo, as principais críticas formuladas contra a empresa referem-se ao fato de ela ter se comportado justamente com a mentalidade imediatista de busca do lucro — que Floria condenava nas empresas privadas.

De fato, homens como Roberto Campos ou Glayton de Paiva — acerbos críticos do monopólio — acusam a empresa de nos últimos anos, espe-

donado por completo os investimentos em pesquisa, para investir áreas bastante diversas — como o comércio exterior, serviços de sua Training Inter-brás.

Assim, a busca da rentabilidade e do lucro acabou por se constituir um objetivo em si. A Petrobrás acabou se tornando uma fita-lata de burocracia intransigente e controlada pelo Congresso ou do próprio Executivo.

Poder dentro de poder, mais áreas e empresas pretendendo valer-se do lema "o petróleo é nosso" para individualizar por si — em um momento em que estava estagnada a crítica social do modelo — o espírito nacionalista da

campanha dos anos 50. A campanha foi suspensa por determinação do governo. Mas certamente não deixou a sensibilizar sequer os velhos

e em libras.

O petróleo poderá dar um dia radio-oso para a pátria de amanhã. Mas há necessidade — em vista das atuais medidas restritivas — que haja campo propício para a industrialização desse combustível. A indústria petrolífera, embora em muitos casos seja compensadora, é cheia de riscos.

A experiência, em todo mundo, demonstra que o sucesso na indústria do petróleo, como em todos os demais empreendimentos humanos, está intimamente ligado ao regime de concorrência entre muitas empresas aptas, uma vez que muitos indivíduos ou empresas, estimulados pelo espírito de competição, podem sempre produzir mais e melhor do que um só. Dessa forma, para que a industrialização do petróleo no Brasil — agora urgentemente reclamada pelo seu progresso — produza êxito para o próprio país, há necessidade do advento de um clima que favoreça a competição e a livre iniciativa, para que muitas organizações possam se empenhar na maior produção do petróleo brasileiro.

A presente legislação brasileira impede a participação do capital estrangeiro nessa indústria. Mas se leis adequadas e um clima propício se estabelecerem nesse sentido, é possível que um grande número de firmas habilitadas se empenhem nesse empreendimento.

E quanto maior for o número dessas firmas, tanto maiores serão as possibilidades de o problema ser resolvido com grandes benefícios econômicos e financeiros para o país.

"Petróleo para o progresso do Brasil"
Revista Esso nº 140
jan/fev 1951 - pág.2

Retrato do Brasil, nº 24, pág. 277

POLÍTICA/RELAÇÕES EXTERNAS: as relações Brasil-EUA

A dominação americana

No início do século, a hegemonia inglesa no Brasil começa a ser contestada pelos americanos. A partir daí e sobretudo após a Segunda Grande Guerra, os EUA consolidam a sua dominação sobre o País, da economia à cultura

"O BRAZIL QUEM USA SOU EUUU"

(Gravê em um muro de São Paulo)

Para os brasileiros envolvidos em conspirações contra o poder colonial português, a vitória dos Estados Unidos na luta pela independência da Inglaterra, em 1776, serviu como um grande estímulo. Alguns deles chegaram a pensar que a nascente nação republicana

EUA, na forma de tropas, navios e navios. Jefferson recusou qualquer compromisso. Mas iramano que, eleivada a independência, os americanos poderiam enviar apoio, se os brasileiros se comprometessem a comprar deles trigo e bacalhau.

Foi na Inglaterra, porém, a maior potência econômica da época, que o Brasil teve de se apoiar no seu processo de emancipação. Os ingleses favore-

riava país. O Brasil, já nascia endividado.

Em 1824, dois anos depois da independência, o Brasil tinha seu primeiro empréstimo, no valor de 3 milhões de libras. Vários empréstimos se seguiriam e, no seu ocaso, o Império devia 30 milhões de libras, em sua esmagadora maioria a bancos ingleses.

No plano comercial, a Inglaterra ob-

Política - Arte de Minas Carmo Chagas - pág. 49

FRASES DE TANCRIDO NEVES

NA POLÍTICA mineira, nem sempre a menor distância entre dois pontos é a linha reta.

SÃO AS idéias que brigam, não os homens. Se é mineiro, não é radical. Se é radical, não é mineiro.

O PROCESSO ditatorial, autoritário, traz consigo o germe da corrupção.

O QUE existe de pior no processo autoritário é que começa desfigurando as instituições e acaba desfigurando o caráter do cidadão.

ESCREVO pouco, porque a palavra escrita significa compromisso formal e, em política, a gente tem que ser muito flexível.

LIBERDADE é outro nome de Minas.

UM PARTIDO deve ser como um buquê de flores. Deve ter cravos, rosas e até flor de defunto.

ESTOU cada vez mais convencido de que a intransigência, a intolerância e posições irredutíveis são interferências funestas à composição psicológica do nosso povo.

A ARTE do político é evitar que as crises atinjam momentos extremamente agudos, que só se resolvam com o uso da força.

UMA IDÉIA só se combate com outra.

DISCURSO não muda voto.

mento. E tivemos mais terremotos nestes 20 anos de autoritarismo. Tivemos Andreazza com sua ponte e sua transamazônica. Tivemos Maluf com sua Paulipetro e sua candidatura. Tivemos Geisel com sua Itaipu e Angra. Tivemos ainda o terremoto Capemi, Coroa-Brastel, Inamps, etc. etc. (...) Portanto, banqueiros, perdoem os mexicanos em nome do grande terremoto e depois perdoem a nossa dívida em nome dos inúmeros terremotos. Em suas palavras de tom baixo e calmo, Gildo conta causos saborosos, a militância política em São Paulo, a vinda para Alfenas, entusiasmado com o *UAI* que recebera das mãos de um amigo logo que o jornal começou a circular. Destaca nessa terceira fase o apoio e divulgação dos movimentos de luta dos professores mineiros por melhores salários e dignidade do magistério.

Arte, Cultura

Poltrona do teatro municipal, filmadora apoiada no braço, do escuro da plateia imagens são tragadas enquanto o som de violões e vozes, músicas, causos, poesia constroem a apresentação da mostra musical ***Fogão de Lenha, um maço de cigarro de palha...*** canta o cantor/compositor, plateia reverbera refrão *...na beira do fogão...* no *UAI*, outubro/1983, nº 5: **A cultura nasce e reflete do modo de viver e as aspirações de um povo, além de desempenhar fator essencial de unidade e identidade de uma nação – Nascimento y Pedreira: cantores do povo.** Depois, no ano seguinte, no *UAI* julho/1984, nº 11, a história que juntou José Alfredo Nascimento e Raimundo Célio Pedreira na construção musical, na expressão poética que ocupou espaços na arte e cultura deste lado direito do córrego da Pedra Branca, dos fazendeiros Martins Alfenas, viventes no século dezenove: **a estrada de José Alfredo e Raimundo Pedreira começou em 1980. Nessa época, eles integravam o Grupo Última Hora juntamente com outros 6 companheiros (...) e realizou seu primeiro show no Teatro Municipal de Alfenas, chamava-se “Libertação”.** (...) Em 1981, o Grupo Última Hora realizava seu segundo show “Galope de Vaqueiro”. (...) Em 1982, a primeira mostra musical especificamente de Nascimento y Pedreira, “De Furnas ao Tocantins”. Depois de “Fogão de Lenha”, em 1983, Nascimento y Pedreira retornavam, em 1984, com a mostra “Cantares”. Em diversas edições do *UAI*, sempre algum texto do José Alfredo Nascimento sobre cultura popular e fol-

<p>Cantares</p> <p>4 anos de Nascimento y Pedreira</p> <p>MOSTRAS MUSICAIS:</p> <p>80 - LIBERTACÃO *</p> <p>81 - GALOPE DE VAQUEIRO *</p> <p>82 - DE FURNAS AO TOCANTINS</p> <p>83 - FOGÃO DE LENHA * COM O GRUPO ÚLTIMA HORA</p> <p>... não há povo que não tenha a sua cultura... (NASCIMENTO)</p>	<p>Roteiro de Cantares</p> <p>O lugar Utópica solidão urbana Aos companheiros da viola Rio do porto Realiza Folia de Reis Geraes De Minas a Gerais R. A. G. músicas de Nascimento y Pedreira</p> <p>Cuitelinho - Recolhido por Vanzolini Viruçãõ - Kleiton e Kleiton Ai que saudade de você - Vital Farias</p> <table border="1"> <tr> <td>NASCIMENTO - VIOLÃO 6 - VIOLÃO 12</td> </tr> <tr> <td>PEDREIRA - VIOLÃO 6 - VIOLA 10</td> </tr> </table> <p>ALFENAS - 12 - SETEMBRO - 84</p>	NASCIMENTO - VIOLÃO 6 - VIOLÃO 12	PEDREIRA - VIOLÃO 6 - VIOLA 10
NASCIMENTO - VIOLÃO 6 - VIOLÃO 12			
PEDREIRA - VIOLÃO 6 - VIOLA 10			



FOGÃO DE LENHA
MOSTRA MUSICAL

NASCIMENTO Y PEDREIRA

DIAS 21 e 22 DE SETEMBRO/83

TEATRO MUNICIPAL

20H30MIN.



clore. No encarte *UAI Literário*, poemas da dupla se faziam presentes. Na Universidade de Alfenas (Unifenas), então alunos do curso de Medicina, vestidos com trajes peculiares à faculdade, instrumentos de corda, cantoria, trouxeram a tradição dos fins do século dezanove de Espanha e Portugal, que avança no vinte, e surpreenderam com a musicalidade da Tuna, marcaram uma época importante nas lides culturais d'antes Atenas sul-mineira. Ainda no palco do teatro municipal, o Teatro Alfenense de Comédia (TAC) continuava a presença do dramaturgo Waldir de Luna Carneiro, que vinha desde 1942. Também no *UAI*, agosto/1985, nº 14, está **entrevista com o Grupo Guarani de Teatro: existindo há 14 anos, o grupo teve, nestes longos anos, uma trajetória polêmica. Encenando peças diversificadas, sem se prender a um tipo de linha, algo comum em grupos amadores, o grupo resolveu ser ousado.** Na edição *UAI*, outubro/1983, nº 5, ***Jornalista de Alfenas lança livro – “Eu não tenho onde morar”*** é o livro lançado por nosso diretor Domingos de Abreu/Olívia Rangel/L. C. Leite – este livro é indispensável leitura a todos que se preocupam com a situação em que vive o povo brasileiro. Serve de guia e orientação para quem não tem onde morar...

UAI Literário

Urge o tom que pacifique as fomes/ Ruge o rouge. Encanamentos venais;/ O branco virgem-se, recônditos etéreos./Reais? (...) Eloésio Paulo

O medo pernoitava no casarão./ Carregava o oxigênio,/ O pouco que ali existia./ Mas que medo é esse,/ Que a gente não vê? (...) José Alfredo Nascimento

A moça/ do hímen artificial/ e o rapaz ingênuo/ de ecumênica alma/ selam, no altar, seu amor/ de matiz apostólica. (...) Marcos de Carvalho
Tira o cavalo da panela/ põe nela o poeta/ até esturricar/ a saudade que ele tem da rima. (...) Raimundo Célio Pedreira

(...) De repente, deu-se conta de que estava nu. Como seria Yolanda nua? Não podia ser, estava ficando maluco. Mas era verdade: um canto de galo varou a semiescuridão da aurora. Um canto límpido, cristalino, sobrevoando a selva de prédios. Um canto daqueles galos de Minas. Saltou a janela e foi verificar de onde vinha aquele mágico canto. João Batista Cruz



UAI

literário

No. 1

Editado pelo Grupo Tempoésia
Separata do UAI n.º 11 - Não pode ser vendido separadamente

CORRIOLA

Alomar Santos Vianna
Eloésio Paulo dos Reis
Francisco Assis de Carvalho
João Batista da Cruz
José Alfredo Nascimento
Marcos de Carvalho
Raimundo Célio Pedreira
Rocha Antônio
Sérgio Dias Orsi

TEMPOESIA II A CAMINHO

A poetânea da poesia alfe-
nense, TEMPOESIA II, já es-
tá no prelo. O mês de agosto
foi escolhido para o lança-
mento. O livro, que terá a ca-
pa em offset duas cores e 94
páginas também em offset,
será vendido ao preço de dois
mil cruzeiros.

Biblioteca Municipal

Se você nunca esteve na nossa
biblioteca pública não sabe o que
está perdendo. Desde que parte
das instalações, que estavam cre-
denciadas sendo ocupadas por
um órgão tributário, foram libe-
radas, ocorreram grandes altera-
ções. Foi reativada a sala de
leitura - um verdadeiro paraíso
para os jovens que não dispõem
de um local de estudos, ou mes-
mo do material necessário. O a-
rquivo literário, sobre o qual am-
plamente graças ao doação de par-
ticulares e do Instituto Nacional
do Livro.
Por todos estes motivos, abri-
mos esta seção, que terá por in-
tuito, levar ao público leitor uma
relação de obras literárias que nos
a biblioteca, junto com uma bre-
ve explicação do acervo de li-
teratura que possui. A
leitura é o meio de adquirir
Canto - "Contos de Andrade" de
Carlos Drummond de Andrade,
uma felicíssima incursão de
Drummond pelo campo da pro-
sa. Destacue para "A Doida",
Crônicas, "Vida Úrbana" de Li-
ma Barreto, são crônicas e arti-
gos publicados em diversas for-
mas de mídia, Osmar Pedreira,
Rio de Janeiro, no período de
1911 a 1922.
Quem não for sócio da bibliote-
ca e leitor, interessado, vá até a
você, pode fazer uma ficha de
leitor, portando um documento de
identidade ou equivalente e aval-
iar um mês anexo. Os livros
são emprestados pelo período de
dois meses, duas obras podem
ser retiradas em cada vez.

Palanfrório

TEMPOESIA II



ALOMAR SANTOS VIANNA - ALONAR SANTOS VIANNA - ARNALDO LUIZ LEONARDO - BEATRIZ RODRIGUES DOS SANTOS - DANIEL DE CARVALHO - DELMO PEREIRA DIAS - DIVA DE PAIVA - ELOÉSIO PAULO DOS REIS - FRANCISCO ASSIS DE CARVALHO - JOÃO SEM PULO - JOSÉ ALFREDO NASCIMENTO - LUIZ FERNANDO COLTRO - MARCOS DE CARVALHO - RAIMUNDO CÉLIO PEDREIRA - ROCHA ANTÔNIO - SÉRGIO DIAS ORSI - SÉRGIO DIAS GARCIA

TEMPOESIA

GRUPO PALAVRAS OPORTUNAS



ALOMAR SANTOS VIANNA - ARNALDO LUIZ LEONARDO - BEATRIZ RODRIGUES DOS SANTOS - DANIEL DE CARVALHO - DELMO PEREIRA DIAS - DIVA DE PAIVA - ELOÉSIO PAULO DOS REIS - FRANCISCO ASSIS DE CARVALHO - JOÃO SEM PULO - LUIS CLAUDIO VIEIRA DE OLIVEIRA - LUIZ FERNANDO COLTRO - MARCOS DE CARVALHO - RAIMUNDO CÉLIO PEDREIRA - ROCHA ANTÔNIO - SÉRGIO DIAS ORSI

TROCOS TRACOS E TROCAS

poemas

Marcos de Carvalho
Eloésio Paulo dos Reis
Francisco Assis de Carvalho



UAI Literário começou na edição nº 11, julho/1984, editado pelo grupo Temposia. No ***Palanfrório***: Este suplemento quer mostrar o que se vem fazendo de novo na literatura de Alfenas, há tanto tempo caracterizada erroneamente como Atenas Sul-mineira por obra e graça de pessoas que entendem a cultura como mais um fator de destaque social. Destina-se a servir de caminho às pessoas que vêm produzindo, aqui, uma literatura de ação social, de produção de uma mentalidade social. Então, caro leitor, o *UAI Literário* começou a acompanhar o *UAI* de teimosa existência e insistente resistência política. Ao comentar o suplemento do *UAI*, Eloésio Paulo, um dos editores, diz que o *UAI Literário* foi também muito positivo. Nós, de certa maneira, fizemos em escala mais modesta o que a “Póstudo” não poderia ser. Publicamos literatura alfenense por várias edições, promovendo aquilo que nos parecia bom. Outro editor, Marcos de Carvalho, destaca: o mais interessante no *UAI Literário* penso que era a autonomia para publicarmos o que quiséssemos. Era possível escrever um texto, hoje, e tê-lo impresso no dia seguinte. Isso que é de praxe nos textos jornalísticos, reveste-se de alto risco nos textos literários e, principalmente, na poesia. A poesia tem de descansar um tanto na gaveta, como diria Drummond. Olhar o momento, saborear com os dedos o impresso do tempo, desentender que andei pela vida, catei o que a vida me dava. Agora que assoseguei corpo e vontades, leio lembranças esparsas, sinto dentro do peito, não entendo, o perfume das flores que não vi, leiamos passos, caro leitor, que nos explicam, esparsamente, as voltas que o mundo dá, vida de cada qual. Eloésio, no curso de Letras mais fácil de ser pago que o jornalismo de ideia na cabeça. E, veja só, caro leitor, no primeiro mês de faculdade, emprego na FETA (Fundação de Ensino e Tecnologia de Alfenas), e lhe sobra a redação no início do *Jornal dos Lagos*, e lhe assenta bem virar repórter, também fotógrafo, também redator. Nos vaivéns da vida, em 1983, eu e o Marcos inventamos o “Temposia”. A revista “Póstudo”, feita em parceria com o Marcos de Carvalho, foi uma viagem na maionese minha e do Marcos. A gente recebia um monte de publicações alternativas de literatura e resolvemos fazer a nossa também. Mas não tínhamos nenhuma condição de fazer o troço, então ficou só no primeiro número. O padrão gráfico da revista, principalmente, era um lixo. Bom, alguns fracassos servem para a gente calcular melhor a nossa proporção no mundo, né? Marcos de Carvalho “culpa” João Batista Cruz pela colocação dele de maneira irreversível na trilha da poesia, quando publicou, na Página Literária que editava no jornal *O Alfenense*, alguns poemas, e em letras enormes. O João Batista é, sem dúvida, o maior culpado de eu tentar escrever poesia até hoje.



UAI literário

N. 9

— Editores: Eloísto Paulo dos Reis e Marcos de Carvalho —
— Parte integrante do UAI n. 21 — ALFENAS, Março / 1986 —

PALANFRÓRIO

manifesto relâmpago dos lipoaspirantes à academia alfenense de letras

queremos trepar ao clímax da soberba cultura dominante, futuros poetas rotoneiros e leoninos adiposos encerquilhados portadores de valistas e varizes. Usar nas reuniões honrando analfabetos cuja lembrança cola feudo nos peitos outrora varonosa, cadê a glória a que fazemos jus ao publicar poemas castiços e virtuosos e morigerados e aclemados pelos eds do parlamento municipal queremos porque queremos ser alinhados ao papismo burocrático, geralmente desempunhado sobre os olhos sonolentos

estescos, de cultos ledores de orelhas e consumidores cívicos de bestsellers bancarias e afetadores de manancial de informações sem eco no mais recôndito de ser, e curriculum vitae público coletivo e notório dos galeitos, pensamos, os eleva à categoria de reis representantes do senil pensamento alfenense, queremos contribuir para o engrandecimento pré-dial e territorial desta urbe incultura, nem mesmo pela peladice extensiva novelo televisiva, ao mesmo tempo, apresentamos nossas primeiras ingerências iluminadas

da virilidade e da ignorância, característica dos seres interiores não intelectualizados, continuamos a pairar sobre nossas cabeças cabecinhas e cabeceiras, ameaçando a integridade do latimote talentoso sobrenada na cabeça e nos corações de nossos milhões de advogados e meteoristas de praça, frequentemente contemplados com o título de doutor, nestas plagas, esperamos ver concretizados nossos propósitos, e firmamos a participação e, nesta disposição de subscriver perdidos e implorantes a deputados puxassardinha regamente remu-

PÓSTUDO

Alfenas, final de 85 / início de 86

1º ano / nº 1



visuais
contos
poemas
et
coetera
num
estudo/
balanço
da
novíssima
criação
brasileira

entrevista exclusiva com augusto de campos

poética

TESÃO

A boca
e o beijo da boca
no céu de tuas pernas
no céu de tua boca
irradia na tarde morena
chuva sol e tesão.

As coxas
e as coxas nas minhas coxas
dançam sexta baile
e o dançar colado
do teu colo no meu colo
irradia na tarde morena
vinho som e tesão.

No meio da cama
os teus olhos embriagados
fotografam nus
e o cinza dos teus olhos
irradia na tarde morena
pele suor e tesão.

Manoel Alves Calixto

PENETRANTE

xico sá

gemes, sussurro.
tremes inteira
"e instinto da penetração já despertado
era como uma seta de fogo".
hastelas no meu mastro
versos de Bandeira.

Numa Tarde GLOBAL

luz alberto corrêa

arriscarinhávamos
ousadias readolescidas
ao quente solalheios.

passou preto plando

desistiu quando
viu que nem vimos

Eloísto Paulo dos Reis

Em cada cabeça
há um PLIN - PLIN
descomunal
fazendo festa.

Tentação

Levante a barra da sala,
mostre as coxas e se abane,
deixe no ar seu cheiro de lêmea.
Se refresque e me tente.
Mas depois me agunte.

(Ruddy, do livro
"Trilhas Poética")

Convergência

E disse o ditador:
Ide a mim!

Raimundo Pedreira

Volta Completa

etáudia bia

Não há muito para explicar
não há muito para explicar
eu me abraço, eu me entaço
eu me sanguessugo
eu me sangro e suco.

Perdão, caro leitor, se insisto em anotar publicações que foram discutidas, geradas, porém não vieram ao mundo, ao conhecimento de olhos e mãos dos leitores, como foi o caso do jornal *ALERTA*, em 1973, na EFOA, o Domingos envolvido, o Henrique... lembra dessa citação na primeira fase do *UAI*? Marcos de Carvalho viveu situação semelhante, quando estudante de jornalismo da Unifenas, e conheceu Rômulo Villas Boas. Ambos, então, uniram-se para exigir solução dos problemas do curso de jornalismo. Diante do fracasso do diálogo, **num ato de ousadia final (uma espécie de “vai ou racha”) fizemos, eu e o Rômulo, um jornalzinho extremamente agressivo contra a Unifenas e contra a figura do próprio reitor, Edson Velano. Era coisa para dar cadeia, no mínimo. Publicamos mil exemplares do *PORRA* (esse era o nome).** Um dia antes de o jornal chegar da gráfica, fizeram mais uma tentativa de diálogo e **lembro-me bem da cena: o professor Edson Velano pegou um bloco de papel e pediu que enumerássemos os problemas do curso.** E ele atendeu as reivindicações, inclusive a renovação do quadro de professores. Diante dessa nova situação, Marcos e Rômulo correram para a rodoviária, retiraram os volumes e queimaram todos os exemplares. Para Carlos Alberto Alves o *UAI Literário* era **uma edição de vanguarda. No interior, nunca vi algo igual em humor e qualidade.**

O *UAI Literário* abriu espaço para poetas e cronistas expressarem sentimentos, imagens e experiências literárias. Foi parte de um período fértil na produção intelectual de Alfenas e reuniu diferentes envolvidos na produção cultural de uma época. Desta maneira, caro leitor, encerramos este capítulo e leitura:

Numa tarde

arriscarinhávamos

ousadias readolescidas

ao quente solalheios.

passarou preto piando

desistiu quando

viu que nem vimos

(Eloésio Paulo – *Uai Literário* nº 9, parte integrante do *UAI* nº 21-março/1986).

BALAI

Caro leitor,

O *UAI*, em novembro de 1986, circulava pela última vez, definitivamente. Os custos de impressão e manutenção da gráfica e mão-de-obra asfixiavam nossos esforços de mantê-lo presente na vida de Alfenas.

Também os tempos começavam a mudar e se aguardavam momentos mais promissores com a eleição dos constituintes que iriam escrever a nova Carta Constitucional, mais uma com a mesma esperança de anteriores. No entanto, sabemos todos, as mudanças por aqui não atingem o âmago da sociedade, preconceituosa e protetora dos interesses de uma elite sempre consciente e vigorosa nos seus direitos, esperta, negligente e desonesta nos seus deveres.

O jornal *UAI* faz parte de um tempo, reflexo de sonhos, ideais e esforço por uma sociedade mais humana, solidária e comprometida com a valorização do cidadão e respeito ao ambiente. Mais palavras poderiam ser distribuídas neste Balaio de comentários. Deixemos que o caro leitor fique à vontade em escrever na sua memória, na sua consciência, nas suas prosas de qualquer momento, nossa expressão bem mineira: uai... um dia, existiu um jornal, um mensário que...

uai

Um jornal bem mineiro.

ALFENAS-MG, 1 a 12 de Novembro de 1986

N. 26 (3.a FASE)

Cz\$ 1,50

Caro leitor

Qualquer que seja o resultado desta eleição, ele será importante pelos constituintes que forem eleitos. Já sabemos que será um Congresso Constituinte e não uma Assembléia Nacional Constituinte, como seria o ideal. Escolha portanto, de forma criteriosa os seus candidatos ao Senado e à Câmara Federal. Os Senadores e deputados federais farão a nossa constituição que se pretende, tenha duração perene.

É verdade também que o nosso papel de cidadão não se encerra no dia 15 de novembro. O ano

importante nessa organização social. Em 87 saberemos então de forma muito clara, os constituintes compromissados com o povo. Poderemos distingui-los daqueles que estão por aí, hoje, interessados apenas em se elegerem a qualquer custo.

Antes que seja tarde, escolha agora, de forma muito consciente, o seu constituinte. Escolha aqueles que têm compromisso com a organização da sociedade. Escolha aqueles que lutam pela participação do povo em todos os momentos da vida nacional e não apenas nos momentos de eleição.

Veja nesta edição:

A partir desta edição o jornal inicia um debate sobre a Constituinte que se aproxima. Veja nas páginas 2, 3, 4 e 5.

Havia certa euforia popular por causa do crescimento econômico recorde e da conquista do tricampeonato da copa do mundo, em 1970, no México. Por outro lado, não havia nenhuma liberdade, os opositoristas eram perseguidos, presos, torturados, banidos ou mortos. Dezenas de parlamentares foram cassados e a oposição, aglutinada em torno do MDB, pouco podia fazer no Congresso diante da ampla maioria da bancada da Arena, o partido do regime militar. Uma parte da imprensa estava censurada e a outra era oficialista e não noticiava aquilo que não agradava aos generais. Neste clima, um grupo de estudantes da EFOA (Escola de Farmácia e Odontologia de Alfenas) tentou editar um jornal acadêmico em setembro de 1973. O *Alerta* não chegou a circular porque o seu primeiro número foi apreendido quando ainda estava sendo mimeografado. Uma denúncia anônima, cujo autor nunca foi identificado, temo apenas suspeitas, levou os agentes do DOPS até o local onde estava sendo impresso. Veio um delegado de Belo Horizonte especialmente destacado para interrogar os envolvidos. Essa foi minha primeira experiência como jornalista.

Domingos de Abreu Miranda

No ano de 1983, nossa Alfenas contava com o *Jornal dos Lagos*, *O Alfenense*, *Folha de Alfenas* e do mensário *UAI – um jornal bem mineiro*, e em torno dele se movimentavam intelectuais, artistas, estudantes, operários, dirigentes de comunidades de bairro e outros setores que tinham em comum a luta pela redemocratização de nosso País naquela época de chumbo, da ditadura militar implantada com o golpe de 1964.

Henrique de Souza Miranda

Era outra Alfenas. Era outro Brasil. Pensávamos enterrar o inominável que passava por política na cidade, tentávamos contribuir com a redemocratização do País. Ao mesmo tempo, nosso jornal veiculava todas as manifestações culturais da cidade. De preferência as mais críticas, e havia muitas. Certa vez, um cara escreveu, reclamando do uso de palavrões no *UAI*, imagine. Na terceira “dentição” do jornal, inventamos o *UAI Literário*, que publicava a farta produção literária da cidade. Veja: Alfenas tinha muitos poetas, vários grupos musicais e três grupos de teatro em atividade constante.

Eloésio Paulo (Blog *Alfenas Blues*, 22/10/2007)

As movimentações para a campanha das Diretas-já, em 1984, foram intensas. Tivemos capacidade para mobilizar e reunir gente que sonhava com as diretas. O movimento tinha liderança e objetivo bem definidos. Reunimos mais de cinco mil pessoas na praça Getúlio Vargas.

Carlos Alberto Alves

Em 1982, formamos um grupo musical (Grupo Nascentes), que tinha, além de mim, um primo que fazia Odonto na Efoa e alguns colegas do colégio Promove. Participamos de alguns festivais na região com relativo sucesso. Tenho algumas letrinhas de música dessa época das quais não me envergonho muito. Foi nesse período que fiquei conhecendo o Eloésio, apresentado a mim pelo Joel de Carvalho, filho do saudoso Raul de Carvalho, e que disse, bem-humorado, que eu e o Eloésio falávamos as mesmas doidices na cabeça dele e que, então, era melhor que cortássemos o intermediário.

Marcos de Carvalho

No mensário *UAI*, constava o editorial onde as liberdades democráticas eram sempre defendidas, o pluripartidarismo, a anistia política e todas as conquistas democráticas até então reprimidas pelo regime militar. Havia também uma seção onde, resumidamente e em poucas palavras, de tudo era publicado, denominada BALAIO.

Henrique de Souza Miranda

O *UAI* foi importantíssimo. Em nível de Alfenas, talvez da região. Era a expressão de coisas que aconteciam nas capitais, onde tinha uma efervescência de jornais alternativos, mais ou menos ligados às organizações políticas. O *UAI* foi um momento de jornalismo alternativo em Alfenas.

Luiz Antônio Novaes

A minha segunda experiência jornalística foi em 1975, quando passei a escrever a coluna “Mundo insólito”, na *Folha de Alfenas*, sob as iniciais de DAM. Um dia, o tenente Osvino, responsável pelo serviço militar na cidade e também pelo SNI (Serviço Nacional de Informações), procurou o Francisco Navarro para saber quem era o DAM, mas o dono do jornal não revelou o meu nome. Navarro havia se comprometido com o

tenente que o DAM não mais escreveria e ele me contou o fato. Então decidi continuar a coluna com outro pseudônimo, Sobrin Ho, em homenagem a Ho Chi Minh, conhecido como Tio Ho, líder revolucionário do Vietnã do Norte.

Domingos de Abreu Miranda

Nos anos em que o *UAI* circulou a calmaria na imprensa local deixou de existir. Com toda precariedade de recursos, o jornal deixava a sua marca, mostrando uma realidade podre encoberta por interesses escusos. Uma parte da elite dominante ficou assustada. Por isso mesmo, desde o início, sofremos boicote, perseguições e ameaças. Mas um número expressivo da população nos apoiava, o que nos dava força para continuar.

Domingos de Abreu Miranda

A parceria com o Eloésio renderia bastante. Além dos dois volumes com o grupo TEMPOESIA, fizemos o *Troços, Traços e Troças*, que tinha poemas meus, do Eloésio e do Francisco Assis de Carvalho, meu irmão. O mais interessante do livro, que já tem uns poemas bem razoáveis, é que todo o miolo foi impresso na tipografia do *UAI*. E foi uma experiência que poucos poetas puderam e poderão ter: acompanhar a montagem dos tipos com os poemas, a prova na máquina, o livro saindo do nada. Foi nessa fase, em que o jornal era impresso na salinha alugada, que também servia de local de reunião e, às vezes, de redação, que começamos a fazer o *UAI Literário*.

Marcos de Carvalho

Como foi a função de Diretor Administrativo do jornal. Isso foi no período em que estive fora do *Jornal dos Lagos*, no máximo um ano, porque eu continuei lá enquanto estava trabalhando na rádio Atenas, só deixei a função ao voltar para o *JL*. O *UAI* era deficitário e eu, na ingenuidade e energia que caracteriza todo jovem, achei que poderia fazê-lo viável. Então aceitei o encargo de vender publicidade, correr atrás de deputado em Belo Horizonte para conseguir patrocínio e tal. Talvez a gente tenha conseguido empatar o custo algumas vezes, mas pra mim foi uma experiência muito rica.

Eloésio Paulo

No Plano Cruzado, o jornal *UAI* se envolveu, e aquele editorial espinafrando o delegado regional de Alfenas foi mostrado nas mãos do ministro da Justiça na edição do Jornal Nacional. Nesse período, sofremos diversas perseguições.

Gildo José de Lima

Domingos centralizava a direção do jornal, fazia as principais reportagens, escrevia alguns editoriais, fazia a diagramação, entrevistas e levava o material para ser impresso na gráfica em São Paulo, além de vender a maioria das propagandas para financiar a impressão.

Henrique de Souza Miranda

Como havia necessidade de percorrer vários municípios para que o *UAI* fosse realmente regional, decidi sair do jornal *Movimento*. Para ter um rendimento, pois não ganhava nada do *UAI*, decidi reabrir meu consultório dentário à noite. Além da equipe de Alfenas e Poços de Caldas, havia alguns colaboradores em outras cidades e só. Continuávamos sem sede, sem veículo e sem telefone. Na cidade, andava a pé e viajava para as cidades vizinhas de ônibus. Ninguém recebia pelos artigos publicados. A repórter Vilma Fazito, que trabalhava na TV em Belo Horizonte, era a nossa jornalista responsável; o escritor e jornalista Murilo Carvalho, que trabalhava em São Paulo, e o juiz Sérgio Braga, de Juiz de Fora, eram assíduos colaboradores.

Domingos de Abreu Miranda

Alguma lição herdada do jornal? Muitas. O que eu sei sobre a política brasileira, sobre o que é o Brasil, passa pelo *UAI*. Muito de minha experiência profissional, também. Por exemplo, o Domingos me ensinou a fazer diagramação e isso até hoje me é útil. Sem contar os grandes amigos, as conversas que dificilmente teriam ocorrido sem esse motivo que foi a nossa luta. Nós fizemos um jornal de esquerda em Alfenas quando nem jornal comercial era viável.

Eloésio Paulo

Mantínhamos intenso contato com inúmeras publicações alternativas do Estado e do País. Até do exterior recebíamos pedidos para que

enviássemos exemplares de nosso jornal. Ficávamos orgulhosos de saber que o *UAI* estava sendo estudado na Universidade de Austin, no Texas; na Universidade de Boulder, no Colorado, ambas nos Estados Unidos, e na biblioteca Bastos Tigre, da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no Rio de Janeiro. Certamente, de todas as cartas, a que mais me emocionou foi a do jornalista José Maria Rabelo, que criou, em 1952, em Belo Horizonte, o *Binômio*, antecessor do *Pasquim*. Jornal de humor e denúncias, tinha a maior circulação na capital mineira no início da década de 1960. Com o golpe militar, em 1964, a redação foi invadida pela tropa de um general que havia sido denunciado pelo jornal. Seu diretor foi obrigado a fugir do País e passou 16 anos no exílio (Bolívia, Chile e França).

Domingos de Abreu Miranda

Ficou essa imagem da contestação. De repente, aparece esse jornal com essa atitude de reação contra a ditadura numa época bastante, vamos dizer assim, de pressão dos militares. É uma coisa admirável. Algo que não tem no sul de Minas, até onde eu sei.

João Batista Cruz

JORNAL DA CIDADE 02 maio 1997

"Uai", um exemplo de imprensa livre no interior

O homem, ao longo da história, sempre lutou pelo direito de expor livremente o seu pensamento. Nos tempos modernos, com as novas tecnologias, a difusão de idéias e fatos atingiu uma força inimaginável através da imprensa. Por isso a liberdade de expressão é condição essencial para a democracia. Há quase vinte anos, mais precisamente no dia 15 de outubro de 1977, surgiu em Alfenas um jornal com o intuito de expor aos leitores os fatos e opiniões da maneira mais livre possível, isto em plena ditadura militar. Além de levar a seus leitores a notícia imparcial - produto em falta naquele momento -, sua administração era feita de maneira inédita na região. Era um jornal sem patrão, onde todos que participavam da elaboração das notícias também eram seus donos. O seu nome era bastante singelo, "Uai", mas de conteúdo muito forte por expressar um jeito bem mineiro de ser.

O "Uai" surgiu com todas as debilidades inerentes a um órgão que não tinha nenhum tipo de subsídio de grupos econômicos. Mas, paradoxalmente, mostrava-se muito forte por representar o anseio da população que queria um órgão informativo para mostrar os fatos sem tergiversações. Suas primeiras reuniões eram feitas nos bancos da praça Getúlio Vargas, por falta de uma sede própria. A impressão foi feita, inicialmente em São João da Boa Vista e, depois, em São Paulo porque nenhuma gráfica da cidade aceitou executar tal tarefa.

Os fatos, colocados cruamente como realmente aconteceram, chocaram alguns acostumados com um jornalismo de meias verdades e bajulador dos poderosos. Aqueles que não tinham o rabo preso com as maracutaias denunciadas pelo jornal deram amplo respaldo ao "Uai". Na mesma média em que se aprofundam as denúncias crescem as pressões e as ameaças contra seus membros. No entanto isto não intimidava os jovens que tentavam fazer um novo jornalismo no interior. Espontaneamente surgiam novos colaboradores em toda a região. No seu auge o jornal "Uai" tinha participantes em 28 cidades, e eles não cobravam um tostão pelo seu apoio desinteressado.

O jornal "Uai" conseguiu resistir por seis anos dividido em três fases, sendo a segunda de caráter regional. Como diretor responsável das duas primeiras fases acompanhei bem de perto esta experiência inédita de jornalismo independente no Sul de Minas.

Mas, talvez, a data que mais marcou os colaboradores deste jornal foi 1º de maio de 1980, quando ocorreu o maior atentado a uma imprensa livre, a prisão de seus membros e simpatizantes. Foi durante a Festa do Trabalhador, realizado em frente a Igreja Matriz, que policiais civis, de maneira ilegal e truculenta, sequestraram quatro pessoas, inclusive um líder trabalhista que havia terminado de fazer um discurso para as 100 pessoas presentes. Três delas foram liberadas alguns minutos depois, mas eu fui levado para a zona rural pelos investigadores da polícia que queriam saber o porquê do jornal estar fazendo denúncias contra o prefeito. Depois de percorrerem vários quilômetros fazendo ameaças contra a minha vida, fui levado para a Delegacia de Polícia onde o delegado, sem apresentar nenhuma explicação sobre o motivo daquele sequestro, tentou obter mais algumas informações sobre o jornal. O prédio da delegacia foi cercado por homens armados. O advogado do jornal, Guilherme Barbosa, só conseguiu entrar na delegacia afrontando os homens armados, mas não foi possível falar comigo pois, antes que isto acontecesse, transferiram-me clandestinamente para o quartel da Polícia Militar, onde fiquei incommunicável.

A truculência só foi amenizada depois que a TV Globo noticiou as prisões e os jornalistas da grande imprensa passaram a exigir maiores informações do delegado de polícia. Depois de mais de dez horas sequestrado pelos órgãos policiais, fui solto sem ter nenhuma explicação sobre aquela arbitrariedade.

Passado este episódio não havia mais clima para realizar um jornalismo independente. Optei, então, por um exílio voluntário de minha cidade, exílio este que continua até hoje. Mas a luta não parou aí. Com a presença de novos companheiros o "Uai" continuou a sua terceira fase a partir de 1982 por dois anos, não mais em caráter regional.

Acredito que esta experiência foi muito rica, não só para nós, que fazíamos o "Uai", mas para toda a população. Afinal, as denúncias feitas contra o prefeito mostraram-se verdadeiras, tanto que mais tarde ele perdeu seu mandato devido às irregularidades na prefeitura. Os episódios serviram para mostrar que a liberdade de expressão faz mais falta do que muita gente imagina. Por isso que, pela primeira vez após a minha prisão em 1980, faço um relato público destes acontecimentos com o único intuito de reforçar a luta pela liberdade de imprensa. Pois sem ela jamais haverá democracia. Que o trabalho do "Uai" sirva de exemplo para todos aqueles que queiram praticar o jornalismo livre no interior.

*Domingos de Abreu Miranda
Ex-diretor do Jornal Uai.*

Livros, leituras

Andrade, Carlos Drummond de – *José & Outros* – Livraria José Olympio Editora, (RJ), 1967.

Ávila, Zé de – *Campo Verde! Campo Verde...* (trovas) – edição do autor, 1975.

Bandeira, Manuel – *Meus poemas preferidos* – Ediouro (RJ).

Botelho, Silsomar Massote – *Escola de Farmácia e Odontologia de Alfenas 1914-1985, Notas Históricas* – edição do autor, 1985.

Casas, Frei Bartolomé de Las – *O paraíso destruído* – L&PM, 1984.

Castro, Josué de – *Almanaque Histórico* – Mercado Cultural.

Castro, Marcos de – *A Imprensa e o caos na ortografia* – Editora Record (RJ), 1998.

Chagas, Carmo – *Política, a arte de Minas* – Carthago & Forte (SP), 1994.

Cyrillo, Benedicto – *Estrada de rosas* (versos) – Rio de Janeiro, 1939 (xerox).

Dines, Alberto – *O papel do jornal* – Summus Editorial (SP), 1986.

Domingos Abreu, Olívia Rangel, L. C. Leite – *Eu não tenho onde morar* – Centro de Cultura Operária (SP), 1983.

Fausto, Boris – *História do Brasil* – Edusp (SP), 1995.

Kucinski, Bernardo – *Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa* – Scritta Editorial (SP), 1991.

Lacerda, João Luiz – *Teatro de 55 anos* – Editora Atenas – Alfenas (MG), 1998.

Luppi, Ida Vieira – *Lampejo* – Edição da autora, 1999.

Maria Efigênia Lage de Resende, Luiz Carlos Villalta (organização) – *História de Minas Gerais: As minas setecentistas 1* – Autêntica; Companhia do Tempo – Belo Horizonte (MG), 2007.

Mello, Thiago de – *Faz escuro mas eu canto* – Civilização Brasileira (RJ), 1978.

Moreira, Hélio – *Entre o sonho e a realidade* – Editora Kelps - Goiânia (GO), 2001.

Oliveira, Frederico Mendonça de – *O crime contra Tenório* – Atenas Editorial, 1997.

Quintana, Mario – *Baú de espantos* – Editora Globo (RJ), 1986.

Rey, Jovany Sales – *Possibilidades* – Editora Minheira, 1988.

Santos, Petrônio – *Dedo rabiscando vento* – Fábrica de Livros (RJ), 2006.

Skidmore, Thomas – *Brasil: de Castelo a Tancredo* – Paz e Terra (RJ), 1988.

Starling, Heloisa Maria Murgel – *Os senhores das Gerais* – Vozes (Petrópolis), 1986.

- Taís Morais e Eumano Silva** – *Operação Araguaia* – Geração Editorial (SP), 2005.
- Marcos de Carvalho, Eloésio Paulo, Francisco Assis de Carvalho** – *Troços, Traços e Troças* – Editora Minas-Uai – Alfenas (MG), 1986.
- P. Albert e F. Terrou** – *História da Imprensa* – Martins Fontes (SP), 1990.
- Vieira, Ildeu Manso** – *Mandassaia* – Gráfica Atenas, Alfenas (MG), 2002.
- Vieira, Ilma Manso** – *Colcha de retalhos* – edição da autora, sem data.
- Tempoesia** – *diversos autores* – Ideia Publicidade & Gráfica Ltda, 1983.
- Tempoesia II** – *diversos autores* – Editora Minas-Uai, Alfenas (MG), 1984.
- Primeiras Cartas do Brasil 1551-1555* – introdução e notas: Sheila Moura Hue – Jorge Zahar Editor, 2006.
- 3ª Antologia Poética de Alfenas* – Universidade de Alfenas (MG), 1999.
- TAC – Revista do Teatro Alfenense de Comédia** (1981/1982).
- O Pasquim 21** – números 01 a 117, 2002/2004.
- Revista Bundas** – números 01 a 80, 1999/2001.
- Retrato do Brasil** – fascículos 1 a 26 – Editora Três (SP).
- Jornal dos Jornais** (revista), números 01 a 20, 1999/2000.
- UAI** – 44 edições, 1977/1986.